



SUBMIDIALOGIAS

Peixe Morto



Estimulamos que este livro seja livre para ser copiado, modificado e distribuído, sem a necessidade de permissão prévia, desde que não sirva para nenhum fim comercial, e desde que seja mantidos os nomes dos autores originais.

Obras derivadas devem manter esta mesma licença ou outra com base na filosofia do comum. Toda utilização com objetivos artísticos, educacionais e midiáticos é incentivada, assim como a adaptação para outras mídias e formatos, como canções, vídeos, audiobooks, pinturas, programas de rádio ou TV.

Este livro foi produzido por:

Produção Gráfica: Roger Borges

Organização do livro: Fabiane Moraes Borges

Capa: George Sanders

Realização: Submidialogias

Este livro foi produzido com a colaboração dos autores participantes da lista de discussão Submidialogias e alguns parceiros de redes convergentes.

Foi diagramado inteiramente com softwares e fontes livres.

ISBN 978-85-66125-00-9

Índice

- 5 - Introdução
Fabiane Borges
- 7 - Manifesto Errorista
Internacional Errorista
- 1 5 - Ciência Serena
Maira Begalli & Amanda Wanderley
- 1 7 - Inovação e tecnologias livres
Felipe Fonseca
- 29 - Copyright, Copyleft e Creative Anti-Commons
Anna Nimus
- 59 - Dos abusos da lingua
Morgana Gomes & Caio Resende
- 65 - Submidialogias - entre a mão e a contramão
Ricardo Ruiz
- 85 - Quase infinito e/ou apodrece e vira adubo submidiático
Vitoria Mario
- 94 - Decrystallization
Jonathan Kemp
- 97 - Descristalização
Jonathan Kemp
- 1 01- Um corpo Grupo Empreza
Mariana Marcassa
- 1 05 - A body Grupo Empreza
Mariana Marcassa
- 1 1 1 Sexo pela internet
Maria Llopis
- 1 1 7 - Submidialogia no Quilombo
Thiago Novaes
- 1 32 - Metareciclando comportamentos
Adriana Veloso

- 1 41- Carta a una amiga en México
Pedro Soler
- 1 42 - The big bang observatory
Pedro Soler
- 1 44 - Suavemente e ao contrário
elenaralex
- 1 48 - Manifesto para a engenharia reversa de redes
Bartolina Silva
- 1 61- Yupana Kernel: Tese - Antítese - Catacrese
Gêşù Selva
- 1 65 - O futuro do diagrama - a aprendizagem e a política nas práticas artísticas
Cristina Ribas
- 1 87 - Em decomposição ativa
Juliana Dorneles
- 1 91- A emergência do pensamento de Hannah Arendt no jornalismo.
Verenilde Pereira dos Santos
- 203 - Psico-Ativismo Neodarwinista
Edmunda Freudina e Bráuzio Varanella
- 21 1- Fluxo de Informação e Liberdade de Culto: A Cultura Livre na Subversão das Estruturas Religiosas
Pasteur Eixo dos Santos
- 21 7- 6 photos before and during the Egyptian revolution
Hamdy Reda
- 222 - War Games
Richard Barbrook
- 233 - Tecnoxamanismo, tecnomagia, ruidocracia
Fabiane Moraes Borges
- 241 - texto sub arraial
George Sander
- 245 - Four no borders notes on matter
Hilan Bensusan
- 250 - Working Woman - Uma foto novela do precarious workers brigade

Introdução

Esse livro “Peixe Morto” surge a partir da lista de emails “Submidialogia”. Tem por finalidade servir como um espaço de aprofundamento das discussões da rede. Se nos emails os debates são velozes, aguerridos, ativistas e contam com uma profusão de referências e linkanias, no livro os parceiros tem espaço para se deter mais nos detalhes, para contar uma história de forma mais reflexiva e desenvolver o raciocínio com mais tranquilidade.

O nome do livro foi inspirado no evento Submidialogias/2010, que aconteceu em três cidades do Brasil: Arraial d’Ajuda - Bahia, Baía de Paranaguá - Paraná e Mirinzal - Maranhão. As imagens de Peixe Morto da capa desse livro foi uma convergência performática, onde vários dos participantes do festival se deitaram no chão do mar de Arraial D’ajuda, escrevendo com seus corpos a frase “Peixe Morto”.

Os textos são sobre a história da cultura digital brasileira sobre os festivais de mídia como mídia tática Brasil, Digitofagia, Submidialogias, sobre questões mais filosóficas como matéria e natureza, ou ainda ecologia digital também reciclagem de computadores, rituais tecnomágicos, sexo na internet, entre outras coisas. É possível folhear o livro e se surpreender com algumas discussões de ponta, ou críticas duras à órgãos financiadores do Brasil, ou ainda um texto poético sobre a primavera Árabe.

O livro não é financiado por nenhuma instituição, ele tem esse caráter independente e os autores enviaram os textos generosamente através da lista de emails ou através de convite pessoal por parte da organizadora desse livro.

Desejo aos leitores uma boa leitura quem quiser conhecer mais os festivais Submidialogias acesse: <http://submidialogias.descentro.org/>

Fabiane Morais Borges

internacional errorista



1 – Todos nós somos Erroristas.

2 - O Errorismo baseia sua ação no Erro.

3 - O Errorismo é uma posição filosófica errada.

Ritual da negação. Uma organização desorganizada.

4 – O campo de ação do Errorismo abrange todas as práticas que tendem à
LIBERAÇÃO do ser humano e da linguagem.

5 – A falha como perfeição, o erro como acerto.

7 - O Errorismo: Não Existe e Existe.

Se aproxima e se distancia. Se cria e se autodestrói. Se assume em velhas e novas
formas.

(às vezes não dá explicações e talvez seja muito banal)

Erro Errorista: "Um Errorista Erra e ao mesmo tempo faz Erar".

ATENÇÃO: NEM TODO ERRO É ERRORISTA

O "Erro Errorista" é o "erro" que involucra ao próprio errorista no "jogo do errar".
Os Erroristas têm consciência da inconsciência "do errar" e a partir disso agemvívem.
;Impossívelcontrolar, o erro estará presente!
As consequências são sempre impredezíveisevoluem em novos erros no caminho da
Liberação Errorista.

Errorismo e Linguagem:

Responsáveis das Acadêmias de Línguas do Mundo:
Da nossa maior consideração queremos informar-lhes:
Um novo termo, uma nova "palavra-ação", irrompe nos dicionários, nasce nas grandes
enciclopédias e invade os sistemas de procura da Internet:"ERRORISMO".
"Errorismo: prática ou filosofia que fundamenta suas ações no erro. "
"Erroristas: multidões, sujeitos ou grupos que praticam o Errorismo. "
;Viva os errores de ortografia e gramática, chega de corretores de texto!
;Viva a escritura automática,
onde o "erro" pode revelar os mais profundos desejos do Espírito!
"A linguagem também é Errorista" exercício erroristaçomprove:
Escreva a palavra "Errorismo",logo aplique o corretor de texto e observe o que acontece.

Errorismo e Política:

Para o errorismo: POLITICA = VIDA.

O Errorismo é Re-EVOLUCIONÁRIO.
Suas práticas re-evolucionam em busca da autonomia e autossuficiência social.
O Sistema Capitalista tem sido e é o maior "erro" dissimulado de acertoManipula e
organiza o "erro" para seu próprio beneficio,disfarçando sistematicamente os "erros" em

acertos e os acertos em “erros”.

A internacional Errorista assume a luta contra toda forma de controle ou dominação soci al, cu l tu ração al e spi ri tu al política o econômica.

Se una às filas da Internacional Errorista para a liberação mundial do erro!

Errorismo e (t)errorismo:

-... “Foi um erro”, se justificavam os policiais.

-Na chamada “Guerra Global contra o (t)errorismo” tudo vale: arrasar moradias, cultos religi osos torturar e humilhar.

Assassinar alguém pelo brilho de seu rosto: Disparar y logo gritar: ¡ Al to!

-Então... qualquer pessoa pode ser (t)errorista?

-Sim, para depois se converter em imagem!

O conceito de “(t) errorismo” constrói uma identidade e o estereotipo do “inimigo (t) errorista” que dá visibilidade ao delito de ser “suspeito de tudo”.

-O quê você pensa?

-Toda semana os meios de comunicação identificam um novo “território de guerra”.

Um novo individuo potencialmente “perigoso”, já seja pelos atentados que se produzem, pelo temor à eles ou pelas possíveis ameaças. Todos nos vemos confinados a viver num mundo em estado de alerta y paranoia.

-OH!

...e assim incriminar de maneira generalizada às sociedades não-ocidentais, aos opositores do regime, aos pobres, aos imigrantes, aos diferentes?

-mas então... o terror disseminado no imaginário coletivo pelos meios de comunicação e a nova figura do "(T)errorismo", utilizada como justificação da guerra, o genocídio e a repressão contra os povos...

É um erro?

Errorismo e Amor:

AMOR Errorista é AMOR LIVRE de "erro".

Na luxúria Errorista o erotismo é a chave do jogo do amor.

Reivindicamos a masturbação como via à autonomia e ao autoconhecimento.

A livre experimentação da sexualidade como base da "família errorista"

Lemos o que não devemos. Tocamos o que não podemos.

Fazemos o que queremos.

Vida Errorista

A vida é: bocejo, abraço ou espirro

Você decide!

Tempo Errorista: AGORA
... olhe seu relógio! não tem?
... Então você é um Errorista!!

Espaço Errorista: AQUI
sem fronteiras nem limites.

Nós Erroristas também somos cientistas. Realizamos experimentos com nossas vidas e, principalmente com a Sociedade. Somos empíricos fanáticos e se nos deparamos com o resultado almejado. . . Melhor!

A tecnologia Errorista chegou para salvar a humanidade da utopia da máquina perfeita.

Os erros nos microchips são as mensagens do erro nos computadores.

-Aceitemos: A comunicação por chat se transformará em telepatia.”• O ciberespaço estará algum dia ao alcance de quase todos,mas cheio de erros”.

(Alguns membros da InternacionalErrorista são “psico-hackers” que lutam pela liberação da rede.)

Prova e Erro. Jamais deixaremos de errar.

Mas se há erro, pode explodir... então:que exploda!

Aos Erroristas nos enjoa ter sempre a razão.

O Teatro Errorista

A Poética do Teatro Errorista não inventa cenários fictícios nem convenções unilaterais.

Procura os Cenários Sociais e se apropria deles violentamente,irrompendo na cena.

A dramaturgia se constrói a partir da sucessão e simultaneidade de erros.

Aqui não há ensaios: A ação dramática nasce do erro.

O Teatro Errorista inclui duas categorias:

“Ator-cídios”: são atores e atrizes que pertencem à InternacionaErrorista (ou não) e que se entregam como “suicidas” à experiência teatral saltam ao vazio ou explodem. Não temem a morte, pois o teatro errorista é morte e vida ao mesmo tempo.

“Espect-atores”: são indivíduos ou multidões que se vêem involucrados na ação teatral errorista, não somente como “espectadores”,mas como “atores” participantes da performance cênica. Os espect-atores são atrapados pelos “Ator-cídios” na magia lúdica do teatro errorista.

A “Dramaturgia do Erro” desenvolvida pelos “Ator-cídios e os Espect-atores” constituem a trama central da obra. Confusão e surpresas, “lapsos” e atos falidos são as mais valiosas armas do Teatro Errorista.

Já não importa quem atua e quem observa:
“Ator-cidãos e Espect-atores” conformam uma célula viva do Teatro Errorista interagindo
no Cenário Social.

Por isso:

Não pagamos entradas, não temos entradas, não vendemos entradas!

Quem quiser entrar, que entre.

Si nós decidirmos entrar na cena, assim o faremos.

É parte do “espetáculo errorista”.

Internacional Errorista

No mês de novembro de 2005 na cidade de Buenos Aires Argentina, fundou-se a
“Internacional Errorista”, composta por membros de Argentina, Brasil, Bolívia,
Chile, Colômbia, Venezuela, México, França, Itália, Espanha, Alemanha, Áustria, Suíça,
Canadá, Romênia, Croácia, Estados Unidos e Japão; no marco das atividades
programadas para repudiar a presença do presidente de USA, George W. Bush, e a
reunião de todos os presidentes da América (Cumbre das Américas) na cidade de Mar
del Plata, Argentina.

A Internacional Errorista participou da contra-cumbre chamada “La Cumbre de los
Pueblos” onde houve um encontro internacional de organizações sociais, movimentos de
camponeses, partidos de Esquerda, ONG’s e mídias independentes, organismos de
direitos humanos, sindicatos e organizações estudantis. Realizaram-se diferentes
manifestações e atos culturais.

O contexto era a de uma cidade sitiada por policiais e militares. O centro da cidade
estava fechado, vigiado por três cordões de segurança. Também se podia ver Mariniers
de USA vigiando as ruas e as praias. Aí se realizou a primeira declaração que hoje
encabeça este manifesto: “**TODOS SOMOS ERRORISTAS**” junto à uma série de ações

erroristas que se realizaram nos protestos e manifestações de rua.

O errorismo nasceu por erro: Em tempos de censura nos vemos submetidos a forçar a linguagem, levar as metáforas ao seu ponto máximo, dizer sem nomear. Ao não poder utilizar a palavra "(T)errorismo" nem "(T)errorista" pelo peso simbólico e o "perigo" que isso representa, escapamos para jogo de palavras. Assim nasceu o Errorismo, por erro.

Alguém ao escrever o texto esqueceu de aprimir uma tecla.

Hoje, o errorismo e suas ações, recebem um amplo apoio da comunidade internacional, difundindo suas práticas e sua filosofia, se conformando de novas células autônomas da Internacional Errorista que se expandem por todo o mundo.

Devemos devolver ao Sistema um pouco de seu próprio veneno ERRO E MAIS ERRO!!

internacional errorista



Junte-se às filas da
INTERNACIONAL ERRORISTA

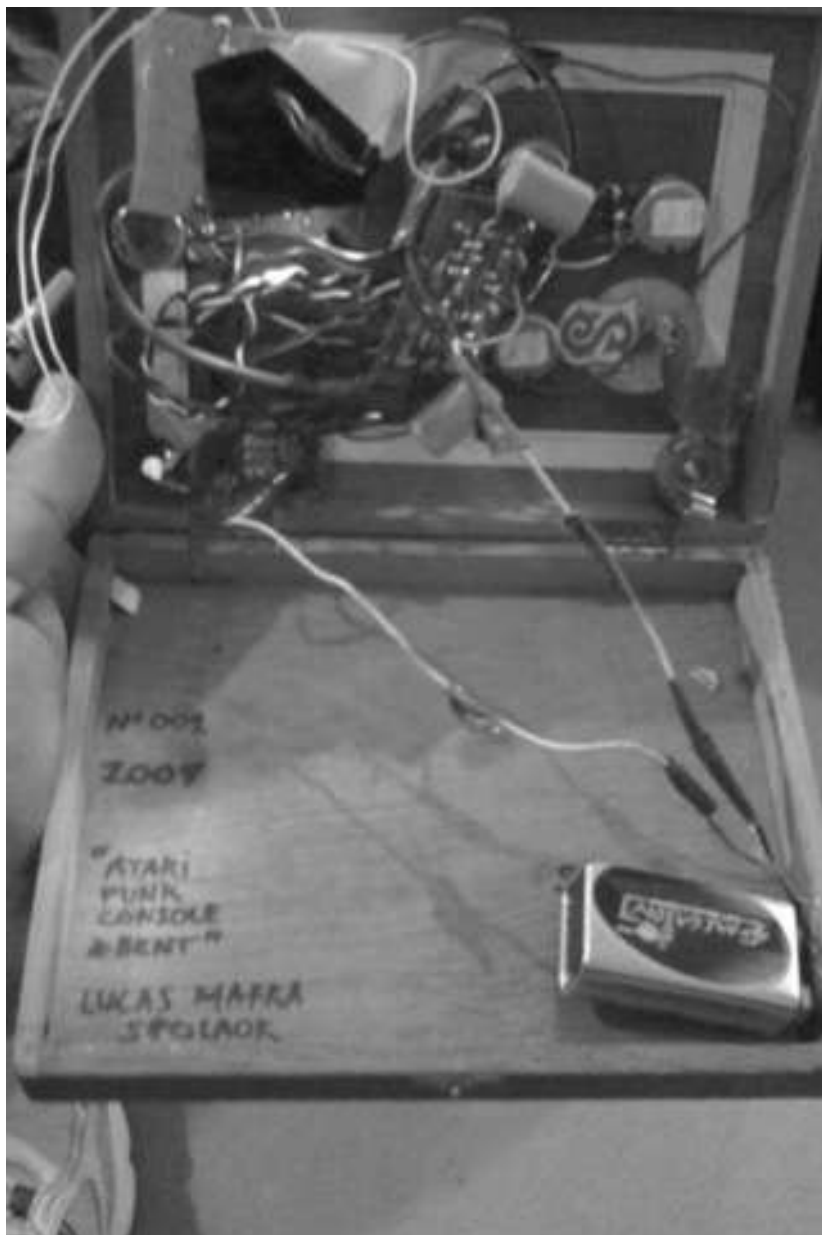


Foto de André Lemos

CIÊNCIA SERENA

como fomentar o diálogo perdido entre humanidades e ciências naturais

por Maira Begalli¹ & Amanda Wanderley²

Prólogo

No Brasil é crescente o trabalho de divulgação científica utilizando a internet. Presenciamos um movimento inverso da divulgação científica do século passado, em que grandes revistas de editoras comerciais encomendavam matérias (ou vendiam matérias) de grandes laboratórios e indústrias químicas em geral. Hoje é possível que os cientistas e pesquisadores de labs não tão grandiosos, mas com trabalhos bastante relevantes, usem a internet para propagar, multiplicar e divulgar ciência. Um dos exemplos que posso citar é o Science Blogs Brasil. Uma rede de blogs de ciência formada por cientistas e não por gente que caiu na editoria "ciência", por acaso ou por remanejamento do quadro editorial.

A sede pelo novo que antes era exclusiva ao fetiche da mercadoria passou a ser também urgente na informação. A informação vira mercadoria. Assim, a informação científica com todo seu status futurístico e tecnológico vira moeda de valor. O que pouca gente entende é que pesquisar leva tempo. Compreender e analisar as coisas como elas são, e como caminham para ser no futuro exige observação, conhecimento, espera. Itens escassos nos dias de hoje. Há ainda um novo grupo de cientistas livres, bricoleiros, experimentadores, fazedores (já que um cientista pode ser classificado como "qualquer pessoa que exerça uma atividade sistemática para obter conhecimento"). Nasceram os laboratórios experimentais, os bricolabs, os DIY Labs, os DIY Bios, os Hackerspaces. Enfim, nascem possibilidades. Por isso a importância do Manifesto que originalmente foi publicado pela The Slow Science Academy em <http://slow-science.org/>.

Manifesto da Ciência Serena

Nós somos cientistas.
Não escrevemos blogs.
Não usamos twitter.
Não nos apressamos.

Não nos leve a mal! Somos a favor da ciência dinâmica do início do século 21. Somos a favor do constante fluxo de revisões de artigos e seu impacto. Somos a favor de blogs sobre ciência e das necessidades da mídia e relações públicas. Somos a favor da crescente especialização e diversificação em todas as disciplinas. Somos a favor da pesquisa retornando como cuidados com a saúde e prosperidade futura. Todos nós também estamos nesse jogo.

Todavia, sustentamos que isso não pode ser tudo. Ciência precisa de tempo para pensar. Ciência precisa de tempo para ler e tempo para falhar. Ciência nem sempre sabe o que poderia ser no momento. Ciência desenvolve-se de maneira instável, com movimentos bruscos e saltos imprevisíveis para frente. Ao mesmo tempo, porém, ela rasteja muito lentamente na escala de tempo, para a qual deve haver espaço e justiça ser feita.

Uma ciência mais lenta era basicamente a única ciência concebível por centenas de anos. Hoje, acreditamos, ela merece um renascimento e necessita proteção. A sociedade deveria dar aos cientistas o tempo que eles precisam, porém, mais importante, cientistas devem não se apressar.

Precisamos de tempo para pensar. Precisamos de tempo para digerir. Precisamos de tempo para desentendimentos, especialmente ao fomentar o diálogo perdido entre humanidades e ciências naturais. Não podemos continuamente explicar o que nossa ciência significa, o que seria bom, porque simplesmente não sabemos ainda. Ciência precisa de tempo.

Seja indulgente conosco, enquanto nós pensamos!

[1] Maira Begalli: Mestranda em Ecologia com ênfase em Sistemas Marinhos e Gerenciamento Costeiro pela Universidade Santa Cecília, Santos (2012-2014) Pós graduada em Comunicação com ênfase em apropriação multimídia no jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero, São Paulo (2007). Graduada pelo Centro Universitário SENAC-SP, em Gestão Ambiental (2003).

[2] Amanda Wanderley: Mestra e Bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade de São Paulo. Desenvolveu projetos de pesquisa no Laboratório de Algas Marinhas do Instituto de Biociências da USP com ênfase em fisiologia, bioquímica e cultivo in vitro de macroalgas marinhas.

Inovação e Tecnologias Livres

Felipe Fonseca

01 - A década que foi

- O começo do milênio

Dez anos atrás, naquele começo de década que foi também começo de milênio, eu tinha acabado de decidir que continuaria em São Paulo. Havia me mudado para a capital do concreto no ano anterior para viver com a família de meu pai, mas ele estava retornando a Porto Alegre. Foi o coração que me convenceu a permanecer. O coração romântico, apaixonado por aquela que veio a se tornar minha amada e mãe da minha filha, mas também o coração da coragem, do desafio. Me incomodava a ideia de voltar a Porto Alegre sem ter realizado nada de relevante. Fiquei. Para pagar as contas vendi o carro, comecei a trabalhar em uma produtora multimídia e de internet, mudei para uma casinha pequena e simpática a dois quarteirões do trabalho.

A internet era cada vez mais importante na minha vida. Eu tinha a sensação de que a vivência em rede levava a modos de aprendizado, criação e sociabilidade que não tinham precedentes. Pela rede conheci outras pessoas que compartilhavam a certeza de que a internet não era só comércio, nem o mero acesso a conteúdo publicado por outras pessoas. Entendi que cada pessoa conectada à rede é também uma co-criadora, que não só acessa conteúdo (uma abstração equivocada), mas também constrói um contexto único em que interpreta e reconfigura tudo que vivencia.

Inspirado pelas conversas em listas de discussão, criei meu primeiro blog em 2001. Comecei a estudar sistemas para o compartilhamento online de ideias e referências, e esse foi meu primeiro contato com software livre. Em pouco tempo eu quase não trabalhava mais, e dedicava o dia todo a essas pesquisas. Acabei demitido da produtora, mas fiquei amigo de um dos sócios, Ike Moraes. Ele também tinha um projeto chamado

Roupa Velha, elaborado com alguns amigos e tocado pelo saudoso Adilson Tavares.

Meu foco de interesses foi mudando naquela época. Acabei deixando a publicidade de lado para trabalhar numa empresa de cursos corporativos. Alí tinha um pouco (um pouquinho) mais de liberdade pra pensar em tecnologia para educação e inovação, e no tempo livre testar sistemas livres de publicação online e colaboração. Paralelamente, participava de um monte de redes abertas. Em 2002 criamos o projeto Metá:Fora, que reuniu gente interessante como Hernani Dimantas¹, Daniel Pádua², Paulo Bicarato³, Bernardo Schepop⁴, Dalton Martins⁵, Charles Pilger⁶, Tati Wells⁷, Marcus⁸ e Paulo Colacino⁹, TupiNambá, Marcelo Estraviz¹⁰, Drica Veloso¹¹, André Passamani¹², Felipe Albertão¹³, Edney Souza¹⁴ e mais algumas dezenas de pessoas.

Foi um ano de muita efervescência experimentando com criatividade e aprendizado distribuídos, autopublicação, economia da dádiva, apropriação crítica de tecnologias, conhecimento livre, mídia tática, mobilização em rede e diversas formas de ação para transformação social. Defendíamos que imaginar uma diferença entre "real" e "virtual" era um equívoco tremendo. Operávamos em ações pontuais mas informadas, inspirados pelo imaginário das zonas autônomas temporárias¹⁵ e de redes rizomáticas. Criamos muita coisa juntos até que o projeto foi encerrado, deixando de herança para o mundo "um wiki recheadaço" e alguns projetos que tentariam se manter de forma autônoma. O mais relevante deles foi a rede MetaReciclagem.

A MetaReciclagem foi concebida genuinamente em rede, e implementada de forma distribuída e totalmente livre. Ela começou na prática como um laboratório de recondicionamento de computadores usados destinados a projetos sociais, baseado na zona sul de São Paulo. Foi uma parceria com o Agente Cidadão¹⁶, OSCIP que era a reencarnação do projeto Roupa Velha. Depois de algum tempo o foco da MetaReciclagem se tornou mais amplo. Ela se expandiu para outros lugares, em projetos independentes e autogestionados. Desde o princípio, adotamos alguns posicionamentos que à época estavam longe de ser senso comum:

- a importância central do acesso à internet como condição para transformação

social profunda;

- a viabilidade do software livre como plataforma local e remota em projetos de tecnologia para a sociedade;
- o caráter cultural das redes livres conectadas, a emergência de novas formas de relacionamento social e de inovação a partir delas;
- a urgência do debate sobre lixo eletrônico e a possibilidade de reutilização criativa de hardware;
- o potencial de outras formas de acesso à internet: redes comunitárias wi-fi, dispositivos móveis, etc.

É importante enfatizar aqui: em 2002, nenhum desses tópicos era consenso entre os principais atores institucionais dos projetos de "inclusão digital". A prioridade no uso da internet era questionada pelos projetos que só promoviam o adestramento de manobristas de mouse. Diziam que os coitadinhos só precisavam aprender a operar o teclado para preencher seu currículo e conseguir um emprego, e que qualquer outro uso era supérfluo. Acreditavam que era perda de tempo a garotada ficar (antes da era do Orkut) no bate-papo do UOL. Falavam que "ninguém quer computador velho, o lugar disso é no lixo". Afirmavam que o software livre era um equívoco, porque "o mercado não vai aceitar". Essa posição, aliás, existia no mercado de TI em geral. Eu lembro da empolgação que nos tomava a cada minúscula nota sobre software livre publicada na imprensa especializada.

Eu continuo acompanhando projetos de tecnologia e inclusão digital em diversos contextos institucionais partidários e geográficos. Tenho orgulho de dizer que influenciámos pelo menos meia dúzia de grandes projetos de tecnologia para a sociedade. Ganhamos algumas batalhas desde aquela época. Os princípios que defendíamos são hoje amplamente aceitos.

A lista de discussão ¹⁷ da MetaReciclagem tem mais de quatrocentas pessoas. O site, mais de mil cadastros. Alguns milhares já participaram de oficinas de MetaReciclagem, de forma radicalmente descentralizada. Fomos convidados a participar de eventos em diversos lugares do mundo, de Banff (Canadá) - onde Hernani Dimantas foi palestrar - a

Kuala Lumpur (Malásia), onde Dalton Martins participou de um seminário de empreendedorismo. Fomos tema de teses, dissertações e artigos acadêmicos. Inspiramos dezenas de projetos. E a rede continua pulsante, o que me deixa feliz todo dia.

- Uma Cultura Digital

Em termos de compreensão sobre o papel das novas tecnologias de informação e comunicação, o momento agora é outro. Não precisamos mais convencer as pessoas sobre a importância da internet. Das redes sociais. Do software livre. Boa parte dos figurões do mundo político, de todos os partidos, tem pelo menos um blog, usa o twitter e tem canal no facebook. Começamos a nova década em um patamar muito mais alto. A internet é entendida como recurso fundamental para uma cidadania plena. Existem iniciativas como o Plano Nacional de Banda Larga¹⁸, o programa Computador Para Todos¹⁹, o Um Computador por Aluno²⁰. A maioria dos estados tem projetos de inclusão digital com software livre. Já existem mais telefones celulares do que habitantes no Brasil. Pessoas que tinham aversão aos computadores são hoje os mais entusiasmados usuários das redes sociais. Os internautas brasileiros são os que usam a rede por mais tempo a cada mês, em comparação com outros países.

Tivemos por seis anos um Ministro da Cultura que declarou-se hacker²¹ e fomentou o desenvolvimento de uma série de projetos baseados em uma Ecologia Digital²². Os primeiros anos da ação cultural digitais Pontos de Cultura, implementada por integrantes de diversas redes e coletivos independentes²³ e orquestrada por Claudio Prado²⁴, foram um capítulo importante na construção de uma compreensão brasileira das tecnologias livres como expressão cultural legítima e extremamente fértil. Alguns dos princípios colocados naquele projeto - descentralização integrada, autonomia, identificação de catalisadores locais para replicação das redes, incentivo a uma ecologia de publicação de conteúdos livres, educação sobre ferramentas livres de produção multimídia - foram de uma inovação profunda para o mundo institucional, mesmo que - por conta do descompasso entre a velocidade necessária e a precariedade de condições de implementação - nunca tenham chegado a se desenvolver plenamente.

O Ministério precisaria de uma equipe muito maior do que é viável para gerenciar e acompanhar satisfatoriamente essa multiplicidade de contextos. Os Pontos também acabam ficando dependentes das verbas de uma só fonte (verbas que por si na nunca chegam na data prevista), e não trabalham com o horizonte de autonomia efetiva de recursos. É necessário avançar, e muito, nas questões da autogestão da rede de Pontos; dos arranjos econômicos locais; do seu impacto social, econômico e ambiental. Mas eles continuam sendo umas das experiências mais transformadoras realizadas pelo governo que se encerrou dezembro passado. Estamos esperando que a nova gestão trate de ampliar, profissionalizar e aprofundar essa experiência.

- Livre?

Uma questão que ficou em aberto no meio do caminho está ligada à qualidade do engajamento em ecologias abertas e livres. O Brasil tem se tornado de fato um grande usuário, mas estamos lá atrás no que toca ao desenvolvimento propriamente dito de software livre. De certa forma, é uma relação parasitária: estamos nos utilizando de software disponibilizado livremente, mas não estamos em retorno contribuindo com esse banco aberto de conhecimento aplicado. Não é uma situação tão desequilibrada que inviabilize o sistema como um todo (a tragédia do comum ²⁵ não se transfere totalmente para o contexto digital), mas investe de forma mais pesada no desenvolvimento de software livre seria a atitude coerente com o discurso que estamos adotando. O conhecimento livre é muito mais profundo do que a mera distribuição gratuita ²⁶. Ele engendra uma economia aberta, distribuída e descentralizada. E precisa de investimento que assegure o funcionamento dessa economia.

Os novos governos federal e estaduais que assumiram nesse momento de referenciais avançados em relação a oito anos atrás precisam entender o potencial e a importância de adotarem alguns princípios claros. O apoio à liberdade de circulação da informação (e a publicação de dados oficiais abertos, como tem defendido a Transparência Hacker ²⁷), o fomento à emergência de soluções livres e à descentralização integrada, a orientação sobre a sustentabilidade socio-econômico-ambiental da produção criativa em rede e a

escolha intransigente de protocolos abertos e livres são necessários em todas as áreas do conhecimento. Precisamos compreender que o acesso à informação não basta - precisamos é de participação, cotidianos compartilhados e aprendizado em rede. O estímulo à inovação aberta baseada nesses princípios pode promover saltos quantitativos no alcance de iniciativas das comunicações, diplomacia, educação, cidades, segurança, defesa civil, saúde, meio ambiente, transporte, turismo, di rei toshumanos, ciência e tecnologia, e por aí vai.

02 - Hoje e depois

Acesso é só o começo. Nos dias de hoje e no futuro próximo, a separação entre incluídos e excluídos digitais²⁸ está se reduzindo cada vez mais. Mas existe outra tensão à qual precisamos ficar atentos: a tensão entre tecnologias de confiança e tecnologias de controle (como exposto por Sean Dodson no prefácio²⁹ do Internet of Things³⁰, de Rob van Kranenburg³¹). Essa situação já está à nossa porta.

Por mais que tenhamos avançado substancialmente nos últimos anos, existem ameaças cada vez maiores à liberdade que em última instância é a matéria-prima para a inovação na internet. São congressistas elaborando lei para controlar a rede, invadindo a privacidade de seus usuários³². São empresas de telecomunicações que não respeitam a neutralidade da rede³³. Associações de propriedade intelectual que forçam a associação entre compartilhamento e pirataria³⁴ (e empresas jornalísticas que usam a lei para silenciar críticas bem-humoradas³⁵). Fabricantes de hardware que deliberadamente restringem o uso de seus produtos³⁶. Iniciativas que tendem a usar as tecnologias como ferramentas de controle, para o benefício de poucos. Essa é uma batalha árdua e longa que está sendo travada globalmente, e vai ficar ainda mais feia nos próximos anos. Não podemos perdê-la de vista.

Além desse quadro atual de conflitos, também é importante trazer para a reflexão as novas possibilidades das tecnologias digitais, que cada vez mais se distanciam daquela ideia equivocada que opunha o virtual ao real. A tecnologia que vem por aí não trata somente de computadores ou telefones móveis para acessar a internet. Existe um amplo

espectro de pesquisa e desenvolvimento que propõe novas fronteiras, no que pode ser entendido como pós-digital: computação física e realidade aumentada; redes ubíquas; hardware aberto³⁷; mídia locativa; fabricação digital, prototipagem e a cena maker³⁸; internet das coisas³⁹; diybio⁴⁰, ciência de garagem e ciência de bairro.

A internet deixou de ser um assunto de mesas e computadores. A cada dia surgem mais tipos de aparelhos conectados. O exemplo óbvio são os telefones celulares com acesso à internet, mas é possível ir muito além e pensar em todo tipo de objeto que pode se beneficiar de conectividade em rede. Interruptores de energia associados a sensores de temperatura e umidade, que podem prever quando a chuva está chegando e fechar janelas automaticamente. Um enfeite de mesa que avisa quando chegou email⁴¹. Chips RFI D para identificar objetos. Aparelhos que monitoram o consumo doméstico de energia elétrica e ajudam as pessoas a diminuírem a conta de luz. Graças ao hardware e ao software livres (e o conhecimento sobre como utilizá-los), esse tipo de objeto conectado não precisa mais de uma grande estrutura para ser projetado e construído. Muito pelo contrário, eles podem ser criados a custo baixo, e adequados à demanda específica de cada localidade, de cada situação.

As pesquisas sobre fabricação doméstica, impressão tridimensional e prototipadoras replicantes⁴² prometem uma nova revolução industrial: a partir do momento em que as pessoas podem imprimir utensílios, ferramentas e quaisquer outros objetos em suas casas, o que acontece? Se um dia pudermos reciclar materiais plásticos em casa - desfazer objetos para transformá-los em outros - quais as consequências disso na produção industrial? Como a conhecemos hoje? Em paralelo, quando começamos a misturar coordenadas geográficas com a internet móvel, que tipo de serviço pode emergir? Locais físicos podem ser enriquecidos com camadas de informação. E como a ciência de garagem pode enriquecer o aprendizado nas escolas públicas? Esqueça o laboratório de química: hoje em dia, com hardware de segunda mão, os alunos podem montar seus próprios microscópios digitais.

- Laboratórios Experimentais Locais

Os projetos que levam tecnologias de informação e comunicação às diferentes comunidades do Brasil não podem se limitar a reproduzir os usos já estabelecidos dessas tecnologias - acesso à internet e impressão de documentos. O que precisamos são pólos locais de inovação, dedicados à experimentação e ao desenvolvimento de tecnologias livres. Esses pólos precisam ser descentralizados, mas enredados. Devem tratar de diversos assuntos, não somente acesso à internet: dialogar com escolas, projetos sociais, ambientais e educativos. Precisam acolher coletivos artísticos, engenheiros aposentados, amadores apaixonados, empreendedores sociais, inventores em potencial. Não podem ter medo de gerar renda, criar novos mercados. Precisam configurar-se em laboratórios experimentais locais.

No ano passado eu comecei um projeto chamado Rede//Labs, que tem por objetivo entender qual tipo de laboratório experimental de tecnologia e cultura é adequado ao Brasil dos dias atuais. A pesquisa foi documentada em um [weblog](#)⁴³ e um [wiki](#)⁴⁴. Entre as conclusões, percebi que a infraestrutura é mero detalhe. Como dizia Daniel Pádua, "tecnologia é mato, o que importa são as pessoas". Ainda assim, precisamos pensar em infraestrutura, mas indo além do trivial. O modelo "computadores, banda larga, impressoras e câmera" é uma resposta adequada à demanda explícita de locais para acesso à internet. Mas temos também que tratar das demandas que não estão explícitas: criar condições para o desenvolvimento de tecnologia livre brasileira. Para isso, precisamos de massa crítica. Além de espaços configurados como pólos de inovação livre precisamos também dar as condições para o desenvolvimento de novos talentos.

Hoje em dia, jovens de cidades pequenas que têm potencial precisam migrar para grandes centros em busca de oportunidades. É raro que voltem, o que leva a uma espécie de êxodo criativo. Mesmo aqueles que chegam às cidades grandes também precisam fazer uma escolha difícil: podem vender seu talento criativo ao mercado - por vezes de maneira equilibrada, mas em muitos casos limitando-se a ajudar quem tem dinheiro a ganhar mais dinheiro; ou então trocar seu futuro por capital especulativo. Podem também tentar usar suas habilidades para ajudar a sociedade - mas para isso

precisam conviver com precariedade e instabilidade. Essa é uma condição insustentável para um país que tanto precisa de inovação e criatividade. Por que razão uma pessoa jovem, criativa, talentosa e consciente não encontra maneiras viáveis de usar essas qualidades para ajudar a sociedade? Alguma coisa está errada. E não me interessa que isso seja verdade no mundo inteiro. Estamos em uma época de transformações e de expectativas altas.

- O sotaque tecnológico brasileiro

Existem países que nos anos recentes se tornaram emblemáticos da aceleração que as tecnologias possibilitam. A China terceiriza a fabricação de hardware. Tem uma vasta oferta de mão de obra, uma população disciplinada e trabalhadora - e um estado controlador que reforça essa disciplina -, além da "flexibilidade" social, ambiental e de segurança no trabalho. A Índia tem despontado na terceirização de telemarketing - por conta também de grande oferta de mão de obra, associada à educação em língua inglesa - e no desenvolvimento de software, talvez relacionado às suas faculdades que formam mais de uma centena de milhar de engenheiros a cada ano. A Coreia do Sul promoveu grandes avanços na educação e treinamento técnicos e colhe os frutos dessa escolha. E o Brasil?

Eu tive a oportunidade de viajar algumas vezes nos últimos anos para localidades em diversos países - de Manchester a Bangalore. Em toda parte, existe uma grande curiosidade sobre o Brasil - um certo fascínio pela nossa naturalidade em encarar transformações (mais do que isso, temos um grande desejo pela transformação), pelo caráter iconoclasta de algumas de nossas realizações, pela nossa sociabilidade sem travas. Com base nisso, fico pensando: qual é a nossa característica contemporânea essencial? Antropofágica, certamente. Tropicalista, sim. Criativa, talvez?

Até há pouco tempo, se falava que o povo brasileiro não é empreendedor. Essa visão absurdamente preconceituosa está gradualmente mudando, à medida que nosso sotaque criativo é compreendido e tratado como tal. A inovação do cotidiano, presente nos mutirões e nas gambiarras⁴⁵, vem aos poucos sendo reconhecida não como atraso e sim

como vantagem competitiva. Nossa criatividade não se enquadra facilmente nos modelos pré-definidos das chamadas indústrias criativas.

Quando falo em criatividade, não me refiro somente à indústria de entretenimento e cultura baseada na exploração comercial da separação entre criadores e consumidores. Não estou falando daquele "conteúdo" que não se relaciona com o contexto. É, pelo contrário, o espírito inovador que transborda no dia a dia.

Voltando ao ponto anterior - hoje em dia é possível projetar soluções tecnológicas baseadas em conhecimento livre, disponível abertamente nas redes. Isso aliado a essa criatividade que temos no dia a dia tem o potencial de oferecer saltos tecnológicos consideráveis. A inovação tecnológica tipicamente brasileira (com um quê da sensibilidade criativa da gambiarra) pode ser fomentada em pólos de inovação baseados no conhecimento livre. Ela pode ajudar a metareciclar as cidades digitais, como sugeri em outro texto⁴⁶. Isso possibilita que o desenvolvimento de tecnologias dialogue com as diferentes realidades locais.

Todos sabemos o que acontece quando a tecnologia é desenvolvida sem contato com o cotidiano. Ela fica espetacular, alienada e homogênea. Vamos trazer a inovação tecnológica de volta ao dia a dia, fazer com que ela seja não somente lucrativa mas também relevante. Que ajude a construir a sociedade conectada que queremos. Temos a oportunidade de provocar uma onda de criatividade aplicada em todas as regiões do país. Temos a oportunidade de provar que o Brasil é digno da fama de país do futuro. Mas precisamos decidir qual é o futuro que queremos. Já deixamos de lado os futuros imaginários⁴⁷ da guerra fria. Nosso futuro pode ser um futuro participativo, socialmente justo que reconheça mérito, talento e dedicação. Precisamos da coragem para fazê-lo acontecer.

1 <http://marketinghacker.com.br/>

2 <http://imaginarios.net/dpadua>

3 <http://alfarrabio.org>

4 <http://twitter.com/schepop>

- 5 <http://daltonmartins.blogspot.com>
- 4 <http://twitter.com/schepop>
- 5 <http://daltonmartins.blogspot.com>
- 6 <http://www.charles.pilger.com.br/>
- 7 <http://baobavoador.midiatica.info/>
- 8 <http://twitter.com/#!/inovamente>
- 9 <http://colacino.wordpress.com/>
- 10 <http://www.estraviz.com.br/>
- 11 <http://dricaveloso.wordpress.com/>
- 12 <http://twitter.com/#!/passamani>
- 13 <http://shanzhaier.com/>
- 14 <http://interney.net>
- 15 Ver “TAZZonas Autônomas Temporárias” livro de Hakim Bey.
- 16 <http://agencidadao.org.br/>
- 17 <https://lists.riseup.net/www/info/metareciclagem>
- 18 <http://www4.planalto.gov.br/brasilconectado/pnbl>
- 19 <http://www.computadorparatodos.gov.br/>
- 20 <http://www.uca.gov.br/institucional/>
- 21 <http://www.cultura.gov.br/site/2008/06/16/gil-sou-hacker-um-ministro-hacker>
- 22 José Murilo, que tornou-se o coordenador de cultura digital no Ministério, escreve há anos sobre o assunto: <http://ecodigital.blogspot.com/>
- 23 Escrevi com Alexandre Freire e Ariel Foina um artigo sobre esse processo: http://pub.descentro.org/o_impacto_da_sociedade_civil_des_organizada
- 24 <http://cultura.radiogi.org.br/>
- 25 Teoria que explica o conflito entre a ação egoísta e a generosidade sugerindo que a primeira sempre prevalece sobre a última: http://pt.wikipedia.org/wiki/Trag%C3%A9dia_dos_comuns
- 26 Escrevi mais sobre isso aqui: <http://efeefe.no-ip.org/blog/processos-criativos>
- 27 <http://thacker.com.br>
- 28 Sobre “inclusão”, ver: <http://mutgamb.org/livro/O-fantasma-da-inclusao-digital>
<http://networkcultures.org/wpmu/portal/publications/network-notebooks/the-internet-of-things/the-internet-of-things-forward/>

30 Publicação editada pelo Institute of Network Cultures disponível para download em <http://networkcultures.org/wpmu/portal/publications/network-notebooks/the-internet-of-things/>

31 Fundador do conselho europeu da Internet das Coisas:

<http://www.theinternetofthings.eu/content/rob-van-kranenburg>

32 Como a infame Lei Azeredo - ver petição online aqui:

<http://www.petitiononline.com/veto2008/petition.html>

33 http://pt.wikipedia.org/wiki/Neutralidade_da_rede

<http://www.guardian.co.uk/technology/blog/2010/feb/23/opensource-intellectual-property>

35 Ver o caso “Falha de S.Paulo” <http://desculpeanossafalha.com.br/entenda-o-caso/>

36 Campanha da Free Software Foundation sobre equipamentos “defeituosos por projeto” (em inglês): <http://www.defectivebydesign.org/>

37 Ver artigo na Wired (em inglês) sobre manufatura aberta:

http://www.wired.com/techbiz/startups/magazine/16-11/ff_openmanufacturing?currentPage=all

1 1 /ff_openmanufacturing?currentPage=all

38 Minha resenha do livro “Makers”, de Cory Doctorow: <http://desvio.cc/blog/fazedorxs>

39 Ver <http://internetofthings.eu/> (inglês)

40 Biologia faça-você-mesmo: <http://diybio.org/>

41 http://laboratorio.us/new/mail_alert.php

42 Como o projeto RepRap: http://reprap.org/wiki/Main_Page

43 <http://blog.redelabs.org>

44 <http://redelabs.org>

45 Leia mais sobre gambiarra e “gambilogia” em <http://desvio.cc/tag/gambilogia>

46 <http://efeefe.no-ip.org/livro/lpd/metareciclando-cidades-digitais>

47 Referência ao livro de Richard Barbrook: <http://futurosimaginarios.midiaticas.info/>

Copyright, Copyleft e as Creative Anti-Commons

Uma genealogia dos direitos de propriedade do autor

Anna Nimus

Tradução por Miguel Caetano

O autor nem sempre existiu. A imagem do autor como uma fonte de originalidade, um génio conduzido por alguma compulsão secreta de criar obras de arte a partir de uma torrente espontânea de sentimentos poderosos, é uma invenção do século XVIII. Esta imagem continua a influenciar a forma como as pessoas falam a respeito dos "grandes artistas" da história e também se infiltra nas afirmações mais modestas do regime de propriedade intelectual segundo as quais os autores possuem ideias originais que exprimem a sua personalidade única, tendo por isso um direito natural a exercer a posse das suas obras - ou de vender os seus direitos, se o desejarem. Apesar destas ideias parecerem hoje auto-evidentes, elas foram uma anormalidade no seu tempo. As diferentes tradições pré-Iluministas não consideravam que as ideias fossem invenções originais que pudessem ser detidas uma vez que o conhecimento era mantido em comum. A arte e a filosofia resultavam da sabedoria acumulada do passado. Não existiam autores - na acepção de criadores originais e autoridades incontestáveis - mas apenas mestres de vários ofícios (escultura, pintura, poesia, filosofia) cuja função era apropriar o conhecimento existente, reorganizá-lo, adaptá-lo à sua época e transmiti-lo mais além. Os artistas e sábios eram mensageiros e a sua capacidade de revelar o conhecimento era considerada uma dádiva dos deuses. A arte era regida por uma economia da dádiva: o patronato aristocrata era uma dádiva em troca da dádiva simbólica da obra. Mesmo a visão do mundo neoclássica que antecedeu imediatamente o Romantismo considerava a arte como sendo uma imitação da natureza e o artista como um artesão que transmitia ideias pertencentes a uma cultura comum.

A revolução Romântica marcou o nascimento da autoria proprietária. Aboliu a crença de que as criações do intelecto humano eram dádivas dos deuses que podiam ser controladas por decretos reais. Mas embora tenha libertado a capacidade produtiva dos indivíduos de causas supranaturais e do controlo político, ela identificou esta capacidade na soberania do indivíduo, ignorando o contexto social de produção mais vasto. E acorrentou a produção do conhecimento à ideia de propriedade privada que dominou o discurso filosófico e político desde Locke. A redefinição do artista enquanto criador original efectuada pelo Romantismo foi um efeito da combinação de transformações políticas, económicas e tecnológicas. A produção industrial introduzida ao longo do século XVIII conduziu a uma mercantilização crescente. A vedação das terras comuns obrigou muitos agricultores que obtinham o seu sustento da terra a tornarem-se trabalhadores em cidades industriais e o domínio das relações de mercado começou a permear todas as esferas da vida. O crescimento acentuado da literacia criou um novo público de classe média composto por consumidores - um requisito necessário para a comercialização da cultura. A capacidade da imprensa de reproduzir e distribuir em massa a palavra escrita destruiu valores estabelecidos, deslocando a arte das cortes para os cafés e salões de chá. E à medida que o mundo feudal do patronato definhava, juntamente com o sistema de soberania política que o amparava, escritores e artistas tentaram pela primeira vez subsistir dos lucros gerados com a venda das suas obras.

O Romantismo surgiu a partir de uma reacção contraditória a estes desenvolvimentos. Era uma oposição ao capitalismo, embora expressa através da linguagem da propriedade privada e dos princípios herdados do discurso filosófico que legitimavam o modo de produção do capitalismo. O Romantismo denunciou a alienação e a perda da independência engendrada pela produção industrial pelas relações de

mercado e apresentou o artista em oposição heróica ao ímpeto pelo lucro. Adoptando a metáfora de crescimento orgânico utilizada por Rousseau e a noção de génio como força inata que criava a partir do interior de si empregue por Kant, os autores românticos celebraram o artista como um ser indomado e espontâneo (como a própria natureza), conduzido pela necessidade intuitiva e indiferente às normas e convenções sociais. Ao situar a obra de arte num sujeito naturale pré-social, o seu significado estava livre de ser contaminado pela vida quotidiana. A arte não era nem pública, nem social, não sendo também semelhante ao trabalho dos operários que produziam mercadorias. Era auto-reflexiva, providenciando uma janela para uma subjectividade transcendente.

Em meados da década de 1750 Edward Young e Samuel Richardson foram os primeiros a defenderem que a obra de um autor, uma vez que era fruto da sua personalidade única, pertencia na verdade mais a ele do que os objectos materiais produzidos por um operário pertenciam a este. Esta ideia encontrou os seus apoiantes mais entusiásticos entre os românticos alemães e ingleses, embora também tenha repercutido em círculos literários mais vastos. Em 1772 Lessing estabeleceu uma relação entre a originalidade e os direitos sobre as ideias e defendeu que os artistas tinham direito aos rendimentos económicos gerados pelas suas obras. Apercebendo-se de que o problema em definir ideias como propriedade consistia no facto de que muitas pessoas pareciam partilhar as mesmas ideias, Fichte sustentou em 1791 que para que uma ideia fosse considerada como propriedade ela teria que possuir alguma característica distinta que permitisse que apenas um único indivíduo tivesse a sua pretensão. Essa qualidade não residia na ideia em si própria mas na forma única que o autor empregava para comunicá-la. Ideias que eram comuns podiam tornar-se propriedade privada através da forma original de expressão utilizada pelo autor. É esta distinção entre o conteúdo (as ideias) e a forma (o estilo e expressão

específicos dessas ideias) que esteve na base do direito de propriedade intelectual. Por volta de 1830, Wordsworth introduziu na prática a noção de génio - definida como a introdução de um novo elemento no universo intelectual - em acções legais nas guerras pelo copyright. Defendendo que o génio artístico era frequentemente ignorado pelos contemporâneos, sendo apenas reconhecido após a morte do autor, tornou-se um activista pela extensão do copyright para 60 anos após a morte de um autor. A dualidade de Wordsworth ao invocar o autor não só como um génio solitário mas também como um agente económico interessado era sintomática da cumplicidade entre a estética romântica e a lógica da mercantilização. A visão romântica do mundo aspirava a elevar a arte a um espaço puro superior à produção de mercadorias, mas a sua definição da obra criativa enquanto propriedade reintegrava a arte na própria esfera que procurava negar.

A existência de "direitos de cópia" (copy rights) precede as noções setecentistas do direito do autor à propriedade. Entre os séculos XVI e XVII as licenças reais concederam direitos exclusivos a alguns livreiros de copiar (ou imprimir) determinados textos. Em 1557, a Rainha Ana da Inglaterra outorgou um monopólio exclusivo de impressão a uma corporação de livreiros de Londres, a Stationers Company, porque assim podia controlar quais os livros que eram publicados ou banidos.

Os primeiros copyrights consistiram nos direitos dos livreiros à impressão de cópias, tendo sido criados devido às necessidades ideológicas das monarquias absolutas de controlar o conhecimento e censurar as vozes discordantes. Depois do Licensing Act ter atingido o seu termo em 1694, o monopólio da Stationers Company foi ameaçado pelos livreiros de província, aqueles da Escócia e da Irlanda que eram designados de "piratas". A Stationers Company requereu ao Parlamento uma nova lei para alargar o seu monopólio sob o copyright. Mas esta era uma Inglaterra diferente daquela de 1557, o Parlamento tinha executado o Rei Carlos I em 1649, abolido a monarquia e instalado uma

república presidida por Cromwell, restaurado a monarquia com Carlos II deposto Jaime II na Revolução de 1688 e aprovado em 1689 a Bill of Rights, o primeiro decreto de soberania constitucional moderna. O Statute of Anne, aprovado em 1710 pelo Parlamento, constitui um duro golpe contra a Stationers Company. A lei proclamou os autores (e não os editores) como os proprietários das suas obras e restringiu o prazo do copyright para 14 anos no caso de novos livros e 21 anos para as obras anteriores. A lei cujo subtítulo era "Um Decreto para o Fomento da Instrução, ao conferir o direito à Cópia de Livros Impressos aos Autores ou compradores dessas Cópias, durante os períodos aí mencionados", tentava compatibilizar as ideias filosóficas do Iluminismo com os interesses económicos de um capitalismo nascente pela criação de um mercado do conhecimento assente na concorrência.

A intenção da lei não era criar um copyright do autor mas antes derrubar o monopólio da Stationers Company. Uma vez que este monopólio se encontrava excessivamente instituído para ser atacado superficialmente, a reversão da propriedade do editor para o autor proporcionou uma base sólida. Depois da aprovação do Statute of Anne, a Stationers Company ignorou as suas restrições temporais tendo-se iniciado nos tribunais uma batalha pela propriedade literária que se prolongou por mais de 50 anos. No caso *Millar vs. Taylor* (1769), um editor londrino pertencente à Stationers Company ganhou um veredicto que confirmava um direito de common law que estabelecia a perpetuidade do copyright, não obstante o Statute of Anne. Esta decisão foi revogada no caso decisivo de *Donaldson vs. Becket* (1774); A sentença favorável ao livreiro escocês Donaldson rejeitou o argumento em favor da perpetuidade do copyright e manteve os limites estabelecidos no Statute of Anne. Os editores processavam-se uns aos outros nos tribunais invocando os direitos dos autores como um pretexto na sua batalha pelo poder económico. A noção do autor como um criador com um direito natural a exercer a posse sobre ideias pode ter sido inventada

por artistas e filósofos, mas foram os editores que lucraram com ela. As leis não são redigidas por poetas, mas sim por estados e estes existem para impor o privilégio económico, adoptando qualquer legitimação filosófica que acharem conveniente a determinada altura. O Statute of Anne codificou a forma capitalista da relação autor-editor: desde o início, o copyright estava ligado ao autor, sendo contudo automaticamente assumido pelos editores através dos mecanismos "neutrais" do mercado. Em teoria, os autores tinham o direito de possuir os frutos do seu trabalho, mas uma vez que criavam ideias imateriais e que careciam dos recursos tecnológicos para produzirem, eles tinham que vender os seus direitos a um indivíduo que dispusesse capital suficiente para explorá-los. Essencialmente, isso significava ter que vender o seu trabalho. A exploração do autor estava impregnada no regime de propriedade intelectual desde a sua concepção.

As leis de propriedade intelectual mudaram com os ventos da história de forma a justificarem interesses específicos. Os países que exportavam propriedade intelectual favoreceram a noção dos direitos naturais dos autores, enquanto que as nações em desenvolvimento, que eram sobretudo importadoras, insistiram numa interpretação mais utilitarista que limitava o copyright com base no interesse público. Durante o século XIX, as empresas editoriais americanas justificaram a publicação não-autorizada de escritores britânicos com o fundamento utilitarista de que o interesse do público em dispor de grandes obras ao preço mais barato possível prevalecia sobre os direitos dos autores. Pelo início do século XX, à medida que os autores americanos se iam tornando mais populares na Europa e as empresas editoriais americanas se tornavam exportadoras de propriedade intelectual, a lei foi oportunamente alterada, passando subitamente a reconhecer os direitos naturais dos autores a possuir as suas ideias e ignorando as teorias anteriores relativas à utilidade social. Durante o século XX,

o direito de propriedade intelectual ampliou os direitos dos proprietários de várias formas: através do aumento da duração da copyright para 70 anos após a morte, mediante a padronização dos regimes internacionais de propriedade intelectual de modo a privilegiar as empresas de países economicamente dominantes (alcançada com a transferência das funções de regulação da propriedade intelectual da Organização Mundial da Propriedade Intelectual para a Organização Mundial do Comércio) e por intermédio da redefinição dos meios de protecção e tipos de propriedade intelectual que poderiam beneficiar de protecção. Até meados do século XIX, o copyright implicava apenas a protecção contra a cópia literal. Até ao final do século XIX, isto foi redefinido de forma a que (contrariando a definição de Fichte) a propriedade protegida pelo copyright consistisse não apenas na forma mas também na substância - o que significava que as traduções passavam também a ser abrangidas pelo copyright. Mais tarde, esta protecção foi alargada a toda e qualquer adaptação próxima do original, como o enredo de uma novela ou de uma peça de teatro ou a utilização de personagens de um filme ou de um livro para criar uma sequência. Os tipos de propriedade protegidos pelo copyright também aumentaram exponencialmente. No início, o copyright era uma regulamentação para a reprodução de material impresso. Mas com cada nova tecnologia de reprodução (palavras, sons, fotografias, imagens em movimento, informação digital), a legislação foi sendo alterada. Começando por proteger apenas textos, no início do século XX o copyright abrangia todo o tipo de "obras". Em 1983, no âmbito do julgamento de um caso decisivo, foi argumentado que o software informático também era uma "obra" de autoria original, sendo análoga à poesia, música e pintura na sua capacidade de captar a originalidade e imaginação criativa do autor. Isto demonstra bem os contextos completamente diferentes em que o mito do génio criativo foi invocado para legitimar interesses económicos. E em cada um destes casos decisivos, a atenção afastou-se sempre das empresas (as verdadeiras

beneficiadas) para se centrar na figura miserabilista do autor, com quem as pessoas se identificam e que desejam recompensar.

> A Propriedade Intelectual enquanto Fraude

Se como Proudhon afirmou na sua célebre frase, a propriedade é um roubo, então a propriedade intelectual é uma fraude. A propriedade é um roubo porque o detentor da propriedade não tem qualquer direito legítimo ao fruto do trabalho. Os proprietários não conseguiram extrair mais do que os custos de reprodução dos instrumentos que eles contribuíam para o processo, senão através da obstrução do acesso por parte dos trabalhadores aos meios de produção. Nas palavras de Benjamin Tucker, o credor tem direito à devolução do montante integral e nada mais. Quando os camponeses da era pré-industrial se viram impedidos pelas novas vedações de acederem à terra comum, pode-se dizer que a sua terra lhes foi roubada. Mas se a propriedade física pode ser roubada, será que a inteligência ou as ideias podem ser roubadas? Se a vossa terra vos é roubada, deixam de a poder usar, excepto segundo as condições impostas pelo novo "proprietário" privado. Se a posse de uma ideia é análoga à posse de propriedade material, ela deveria ser sujeita às mesmas condições de troca económica, confisco e apreensão - e em caso de ser apreendida deixaria então de ser a propriedade do seu dono. Mas se a vossa ideia é utilizada por outros, vocês não perdem a capacidade de utilizá-la - então, o que é que foi de facto roubado? A noção tradicional de propriedade, como algo que pode ser detido em exclusividade, é irreconhecível para bens intangíveis como as ideias. Ao contrário de um objecto material, que apenas pode existir num lugar a cada momento, as ideias não são rivais nem exclusivas. Um poema não deixa de pertencer menos ao autor por existir em milhares de memórias.

Propriedade intelectual é um conceito desprovido de sentido - as

ideias não funcionam como a terra e não podem ser detidas ou alienadas. Todos os debates sobre a propriedade intelectual travados nos tribunais e entre os panfletários ao longo do século XVIII evidenciaram esta contradição. O que estes debates tornaram óbvio é que os direitos à posse de ideias teriam que ser qualitativamente diferentes dos direitos à posse de propriedade material, e que a facilidade de reproduzir ideias colocava graves problemas à imposição desses direitos. Em simultâneo com os debates filosóficos acerca da natureza da propriedade intelectual, começou a surgir um discurso descomunal que criminalizava a pirataria e o plágio. A tirada mais famosa contra a pirataria foram os opúsculos publicados por Samuel Richardson em 1753 onde denunciava as reimpressões irlandesas não autorizadas da sua novela *Sir Charles Grandinon*. Contrastando a esclarecida indústria livreira britânica com a selvajaria e a imoralidade da pirataria irlandesa, Richardson criminaliza as reimpressões como se se tratassem de roubos. Na verdade, as suas afirmações não tinham qualquer base legal uma vez que a Irlanda não estava sujeita ao regime de propriedade intelectual da Inglaterra. E o que ele denunciava como sendo pirataria, os editores irlandeses encaravam como uma retaliação justa contra o monopólio da Stationers Company. Um ano antes dos opúsculos de Richardson, tinham ocorrido motins nas ruas de Dublin contra as políticas fiscais britânicas que se inseriam numa luta política mais vasta da independência irlandesa face à Grã-Bretanha. Ao afirmar que esta Causa era a Causa da Literatura em geral, Richardson concebeu a batalha pela propriedade literária em termos puramente estéticos, isolando-a do seu contexto político e económico. Mas o seu recurso à metáfora da pirataria reavivava a história colonial da Grã-Bretanha e a sua repressão brutal dos piratas do mar. A própria pirataria marítima do século XVIII tem sido interpretada como uma forma de guerra de guerrilha contra o imperialismo britânico, tendo também criado modelos alternativos de trabalho, propriedade e relações sociais baseadas no espírito da

democracia, partilha e assistência mútua.

A descrição que Richardson dava da originalidade e da propriedade excluía qualquer noção de apropriação e transmissão cultural. Nunca antes tinha um trabalho pertencido mais a um homem do que este é dele, argumentava, retratando a sua novela como se fosse Nova em todos os sentidos da palavra. A sua afirmação era particularmente irónica, dado que ele próprio se tinha apropriado, tanto na novela como nos opúsculos, das histórias de pirataria e plágio provenientes da literatura popular do seu tempo, bem como de O Etíope de Heliodoro, um romance do século III d. c. que foi amplamente imitado ao longo do século XVIII. A ideia de originalidade e o individualismo possessivo que engendrou criaram uma vaga gigantesca de paranóia entre os "génios" autores, cujo receio de serem roubados parecia disfarçar um medo mais básico de que a sua pretensão à originalidade não passasse de uma ficção.

A criação artística não surge ex nihilo (a partir do nada) dos cérebros de indivíduos como se fosse uma linguagem privada, ela sempre uma prática social. As ideias não são originais, elas baseiam-se em estratos de conhecimento acumulados ao longo da história. A partir destes estratos comuns, os artistas criam obras que possuem especificidades e inovações inequívocas. Todas as obras criativas combinam ideias, palavras e imagens provenientes da história e do seu contexto contemporâneo. Antes do século XVIII, os poetas citavam os seus predecessores e fontes de inspiração sem reconhecimento formal e os dramaturgos apropriavam-se à vontade dos enredos e diálogos de fontes anteriores sem atribuição. Homero baseou a Ilíada e a Odisseia em tradições orais que remontavam a séculos atrás. A Eneida de Virgílio inspira-se fortemente em Homero. Shakespeare tomou de empréstimo muitos dos seus enredos e diálogos narrativos de Holinshed. Isto não quer dizer que a ideia de plágio não

existia antes do século XVIII mas que a sua definição alterou-se radicalmente. O termo plagiador (literalmente, raptor) foi pela primeira vez usado por Marcial no primeiro século d. c. para descrever alguém que raptava os seus poemas ao copiá-los por inteiro e fazia-os circular com o nome do copista. O plágio era uma falsa usurpação do trabalho de outro. Mas o facto de que a nova obra tinha passagens semelhantes ou expressões idênticas à inicial não era considerado plágio desde que a nova obra possuísse os seus próprios méritos estéticos. Depois da invenção do génio criativo, as práticas de colaboração, apropriação e transmissão foram deliberadamente esquecidas. Quando Coleridge, Stendhall, Wilde e T. S. Eliot foram acusados de plágio por incluírem expressões dos seus predecessores nas suas obras, isto reflectiu uma redefinição do plágio em concordância com a aceção moderna de autoria possessiva e propriedade exclusiva. O "roubo" de que eram acusados consiste precisamente naquilo que todos os escritores anteriores consideravam natural.

As ideias são virais, elas associam-se a outras ideias, mudam de forma e migram para territórios desconhecidos. O regime de propriedade intelectual alrestringe a promiscuidade das ideias e encerra-as dentro de vedações artificiais, extraindo benefícios exclusivos da sua posse e controlo. A propriedade intelectual é uma fraude - um privilégio legal para representar-se a si próprio de um modo falso enquanto único "proprietário" de uma ideia, expressão ou técnica e para cobrar uma taxa a todos que pretendam captar, exprimir ou aplicar esta "propriedade" na sua própria produção. Não é o plágio que priva o "proprietário" do uso de uma ideia; é a propriedade intelectual, apoiada pela violência invasora do estado, que priva todos os restantes de usá-la na sua cultura comum. O fundamento para essa privação é a ficção legal do autor enquanto indivíduo soberano que cria obras originais a partir da fonte da sua imaginação, tendo por isso um direito natural e exclusivo de posse. Foucault desmascarou a

autoria como sendo o princípio funcional que trava a livre circulação, a livre manipulação, a livre composição, decomposição e recomposição do conhecimento. O autor-função representa uma forma de despotismo sobre a proliferação de ideias. Os efeitos deste despotismo e do sistema de propriedade intelectual que protege e preserva consistem em roubar a nossa memória cultural, censurar as nossas palavras e acorrentar a nossa imaginação à lei.

E, contudo, os artistas continuam a sentir-se lisonjeados com a sua associação a este mito do génio criativo, fazendo vista grossa ao modo como é empregue para justificar a sua exploração e alargar o privilégio da elite detentora da propriedade. O copyright coloca autor contra autor numa guerra de competição pela originalidade - os seus efeitos não são apenas económicos pois também naturaliza um determinado processo de produção de conhecimento, deslegitima a noção de uma cultura comum e danifica as relações sociais. Os artistas não são encorajados a partilhar os seus pensamentos, expressões e obras ou a contribuir para um fundo comum de criatividade. Em vez disso, protegem ciosamente a sua "propriedade" dos outros, que encaram como potenciais concorrentes, espiões e ladrões deitados à espera de surripiar e violar as suas ideias originais. Esta é uma visão do mundo da arte criada à imagem do próprio capitalismo, cujo objectivo fundamental é fazer com que as empresas possam apropriar-se dos produtos alienados dos seus trabalhadores intelectuais.

> A Revolta Contra a Propriedade Intelectual

A apropriação privada das ideias ao longo dos últimos dois séculos não conseguiu erradicar totalmente a memória de uma cultura comum ou o reconhecimento de que o conhecimento se desenvolve quando as ideias, palavras, sons e imagens podem ser livremente utilizados por todos. Desde o surgimento do autor proprietário que diferentes indivíduos e

grupos têm desafiado o regime de propriedade intelectual e o "direito" que concedeu a alguns indivíduos privados de "deterem" obras criativas impedindo ao mesmo tempo que outros as utilizem e reinterpretem. Nas suas Poésies de 1870, Lautréamont apelava a um retorno a uma poesia impessoal, uma poesia escrita por todos. O plágio é necessário, acrescentava. O Progresso assim o exige. O plágio capta o essencial da frase de um autor, emprega as suas expressões, elimina uma ideia falsa e substitui-a pela correcta. A sua definição subverteu o mito da criatividade individual, que foi utilizado para justificar relações de propriedade em nome do progresso quando na verdade, ao privatizar a cultura, travava o progresso. A resposta natural foi reapropriar a cultura enquanto esfera de produção colectiva sem reconhecer as vedações artificiais colocadas à autoria. A frase de Lautréamont tornou-se uma referência para as vanguardas artísticas do século XXO Dada rejeitou a originalidade e considerou que toda a produção artística consistia na reciclagem e remontagem - desde os ready-mades de Duchamp à regra de Tzara para a composição de poemas a partir de recortes de jornais, passando pelas fotomontagens de Hoech, Hausmann e Heartfield. O Dada também pôs em causa a ideia do artista como um génio solitário e da arte como uma esfera separada através da produção colectiva de não apenas objectos de arte e textos, mas também de notícias falsas, intervenções em encontros políticos e manifestações nas ruas. O seu ataque contra os valores artísticos era uma revolta contra os princípios capitalistas que os fizeram surgir.

As ideias dadaístas foram desenvolvidas de um modo mais sistemático numa teoria pelos Situacionistas (ainda que esta padecesse no tocante à prática concreta). A Internacional Situacionista reconheceu que o *détournement* - o desvio ou a recodificação dos significados prevalentes em obras de arte, filmes, anúncios e tiras de banda desenhada - devia muito às práticas do dadaísmo, embora com uma diferença. Eles viam o Dada como uma crítica negativa das imagens

dominantes que dependia do reconhecimento fálcida imagem negada e definiam o détournement como uma reutilização positiva dos fragmentos existentes enquanto meros elementos na produção de uma nova obraO détournement não era tanto um antagonismo à tradiçãoacentuava a reinvenção de um novo mundo a partir dos destroços do antigoE implicitamente, a revolução não era bem uma insurreição contra o passado, mas antes o aprender a viver de uma forma diferente mediante a criação de novas práticas e formas de comportamentoEstas formas de comportamento também incluíam textos colectivos,frequentemente anónimos, e uma rejeição explícita do regime de copyright mediante a afixação do rótulo "sem copyright" ou "anticopyright" nas suas obras, juntamente com as normas de uso: todos os textos contidos neste livro podem ser livremente reproduzidos, traduzidos ou adaptados mesmo sem referir a fonte.

Foram estas práticas gémeas do détournement (o plágio necessário de Lautrémont) e do anticopyright que inspiraram muitas práticas artísticas e subculturais entre as décadas de 70 e 90. John Oswald começou a fazer colagens de sons que remixavam obras protegidas pelo copyright durante os anos 70. Em 1985 inventou o termo plunderfonia (plunderphonics, ou seja, "o saque de som") para designar a prática da pirataria áudio enquanto prerrogativa composicional, que ele e outros tinham vindo a praticar. O lema de Oswald era: se a criatividade é um campo, então o copyright é a cerca. Plunderphonics, o seu álbum de 1989, que continha 25 faixas que remisturavam material retirado de Beethoven e Michael Jackson, entre outros, foi ameaçado com um processo legal por violação do copyright. Os Negativland tornaram-se a mais ínfame das bandas plunderphonic depois da sua paródia à música "I Still Haven't Found What I'm Looking For" dos U2 ter sido processada pela companhia discográfica dos U2 pela violação do direito de copyright e de marca registada. Os plundervisuais (plundervisuals, "saque de imagens") possuem também uma longa tradição. O cinema de

manipulação de imagens recuperadas de outros filmes (found footage) começa com o trabalho de Bruce Connor nos anos 50,mas tornou-se mais predominante depois da década de 70 com Chick Strand,Mathew Arnold, Craig Baldwin e Keith Sanborn. Com a invenção do gravador de vídeo,a prática do scratch video,que subvertia as imagens gravadas directamente dos programas e anúncios de televisão tornou-se muito popular durante os 80 devido à relativa facilidade de produção que oferecia em comparação com a junção de película de celulóide do found fi l mUma forma de plágio mais despolitizada e pós-modernista também granjeou ampla reputação nos círculos literários e artísticos durante a década de 90 com as novelas de Kathy Acker - o seu Empire of the Senseless plagiou um capítulo inteiro de Neuromancer de William Gibson, à parte algumas pequenas modificações - e com as apropriações de Sherrie Levine de imagens de Walker Evans, Van Gogh e Duchamp.

Stewart Home, um célebre defensor do plágio e organizador de vários Festivais do Plágio entre 1988 e 1989,em também advogou a utilização de nomes múltiplos como uma tática para desafiar o mito do génio criativo. A diferença significativa é que enquanto que o plágio pode ser facilmente recuperado como uma forma de arte - atente-se na vedetização de plagiadores como Kathy Acker ou Sherrie Levine - a utilização de nomes múltiplos exige uma abnegação que desvia a atenção do nome do autor. A utilização de nomes múltiplos retrocede ao Neoísmo, que encorajava os artistas a trabalharem em conjunto com o nome partilhado de Monty Cantsin. Depois da sua ruptura com o Neoísmo, Home e outros começaram a usar o nome Karen Eliot. A prática também pegou na Itália, onde o nome Luther Blisset foi empregue por centenas de artistas e activistas entre 1994 e 1999. Luther Blisset tornou-se numa espécie de Robin Hood da era da informação, pregando rebuscadas partidas à indústria cultural, sempre admitindo a responsabilidade e explicando que falhas no sistema tinham sido exploradas para semear uma história falsa. Depois do suicídio simbólico de Luther Blisset em

1999, cinco escritores que participavam activamente no movimento inventaram o pseudónimo colectivo Wu Ming, que em chinês quer dizer "sem nome". O nome anónimo e colectivo é também uma rejeição da máquina que transforma os escritores em celebridades. Os Wu Ming afirmam que ao desafiar o mito do autor proprietário se limitaram a tornar explícito o que há muito deveria ser óbvio - não existem "génios" e, por isso, não existem "proprietários legítimos", existe apenas troca, reutilização e aperfeiçoamento de ideias. Os Wu Ming acrescentam que esta noção, que em tempos pareceu natural mas que foi marginalizada ao longo dos dois últimos séculos, está actualmente a tornar-se predominante de novo devido à revolução digital ao sucesso do software livre e da General Public License.

A digitalização demonstrou ser uma ameaça muito maior às noções convencionais de autoria e propriedade intelectual do que o plágio praticado por artistas radicais ou as críticas do autor exercidas pelos teóricos pós-estruturalistas. O computador está a dissolver as fronteiras essenciais à ficção moderna do autor enquanto criador solitário de obras originais e únicas. A posse pressupõe uma separação entre textos, assim como entre autor e leitor. A artificialidade desta separação está a tornar-se mais evidente. Em listas de correio electrónico, grupos de discussão e sites de edição aberta, a transição de leitor para escritor é natural e a diferença entre textos originais desaparece dado que os leitores contribuem com comentários e incorporam fragmentos do original na sua resposta sem fazerem citação. Aplicar o copyright à escrita online afigura-se cada vez mais absurdo uma vez que esta é muitas vezes produzida colectivamente e imediatamente multiplicada. À medida que a informação online circula sem qualquer respeito pelas convenções do copyright, o conceito do autor proprietário parece ter-se tornado, de veras, num fantasma do passado. Talvez o efeito mais importante da digitalização consiste no facto de ameaçar os beneficiários tradicionais da propriedade

intelectu alguma vez que o controlo monopolístico exercido pelos editores de livros, companhias discográficas e indústria cinematográfica deixa de ser necessário à medida que pessoas comuns se encarregam elas próprias dos meios de produção e distribuição.

O guru do software livre Richard Stallman sustenta que na era da cópia digital a função do copyright foi totalmente invertida. Embora tenha começado por ser uma medida legal que permitia aos autores restringir os editores em benefício do público em geral, o copyright transformou-se numa arma dos editores para manter o seu monopólio pela imposição de restrições ao público em geral que agora possui os meios para produzir as suas próprias cópias. A finalidade de todo o copyleft e de licenças específicas como a GPL é reverter esta inversão. O copyleft utiliza o direito que está na base do copyright mas vira-o do avesso de modo a servir o oposto do seu objectivo habitual. Em vez de fomentar a privatização, torna-se numa garantia de que todos têm a liberdade de utilizar, copiar, distribuir e modificar software ou qualquer outro tipo de obra. A sua única "restrição" é precisamente aquela que assegura a liberdade - os utilizadores não estão autorizados a limitarem a liberdade de qualquer outro, uma vez que as cópias e derivações devem ser redistribuídas nos termos da mesma licença. O copyleft requer a posse legal apenas para renunciar na prática a esta ao autorizar que todos façam o uso que desejarem da obra, desde que o copyleft seja transmitido. A mera exigência formal da posse significa que nenhuma outra pessoa poderá colocar um copyright em cima de uma obra copyleft e tentar limitar o seu uso.

Visto no seu contexto histórico, o copyleft situa-se algures entre o copyright e o anticopyright. A atitude dos escritores em publicarem as suas obras sob anticopyright era tomada num espírito de generosidade, no intuito de afirmar que o conhecimento apenas pode prosperar quando não é detido por proprietários. Enquanto declaração de "nenhuns

direitos reservados", o anticopyright foi um slogan perfeito introduzido num mundo imperfeito. Presumia-se que os outros iriam utilizar a informação com o mesmo espírito de generosidade. Mas as empresas aprenderam a tirar partido da ausência de copyright e a redistribuírem as obras em troca de uma quantia. Stallman concebeu o copyleft em 1984, depois de uma companhia que desenvolvia aperfeiçoamentos no software que ele tinha colocado sob domínio público (o equivalente técnico ao anticopyright, mas sem a atitude evidente de crítica) ter privatizado o código-fonte, recusando-se a partilhar a nova versão. Assim, de certa forma, o copyleft representa o advento de uma nova era, uma lição difícil sobre como a renúncia a todos os direitos pode levar a abusos por parte de aproveitadores.

o copyleft e na ~~comuns~~ **commons** baseado em direitos e responsabilidades recíprocas - aqueles que querem partilhar o commons têm determinadas obrigações éticas no sentido de respeitar os direitos de outros utilizadores. Qualquer um pode acrescentar algo ao commons mas ninguém pode subtrair algo dele.

Porém, noutra perspectiva, o copyleft representa um retrocesso em relação ao anticopyright e padece de uma série de contradições. A posição de Stallman está em concordância com um consenso generalizado de que o copyright foi deturpado ao ser transformado num instrumento que beneficia as empresas em lugar dos autores, aqueles a quem originalmente se destinava. Mas a verdade é que nunca existiu uma era dourada do copyright. O copyright foi sempre um instrumento legal que associava textos aos nomes dos autores de forma a transformar ideias em mercadorias e fazer com que os proprietários do capital retirassem daí um lucro. A visão idealizada por Stallman das origens do copyright não reconhece a exploração dos autores exercida durante o sistema inicial de copyright. Esta miopia específica respeitante ao copyright insere-se numa atitude mais ampla de não-enfrentamento das questões económicas. A "esquerda" (left) no copyleft assemelha-se a um género

indistinto de libertarismo cujos principais inimigos são os sistemas fechados e opacos e as restrições totalitárias ao acesso à informação em vez do privilégio económico ou da exploração do trabalho. O copyleft surgiu a partir de uma ética hacker que aspira ao máximo o conhecimento pelo conhecimento. O seu principal objectivo é defender a liberdade de informação das restrições impostas pelo "sistema" que explica porque é que se pode encontrar um vasto leque de opiniões políticas entre os hackers. E também explica porque é que a fraternidade que une os hackers entre si - a "esquerda" no copyleft segundo a visão de Stallman - não é a esquerda tal como esta é entendida pela maioria dos activistas políticos.

A GPL e o copyleft são frequentemente invocados como exemplos do viés anticomercial do movimento do software livre. Mas esse viés não existe. As quatro liberdades exigidas pela GPL - a liberdade de executar, estudar, distribuir e melhorar o código-fonte desde que a mesma liberdade seja transferida para os outros - significa que qualquer restrição adicional - uma cláusula não-comercial, por exemplo - seria não-livre. Manter o software na sua condição "livre" não impede que os programadores possam vender cópias que modificaram com o seu próprio trabalho e também não impede a redistribuição (sem modificação) em troca de um montante por uma organização comercial, desde que acompanhada pela mesma licença e que o código-fonte permaneça acessível. Ao contrário do que alguns entusiastas do software livre afirmam, esta versão de liberdade não suprime a troca, nem é incompatível com uma economia capitalista baseada no roubo da mais-valia. A contradição inerente a este commons deve-se em parte a uma interpretação de proprietário como sinónimo de acesso fechado ou opaco. Proprietário significa que existe um proprietário que proíbe o acesso à informação, que mantém o código-fonte secreto; não quer necessariamente dizer que existe um proprietário que extrai um lucro, apesar de o facto de manter o código-fonte secreto e extrair um lucro

coincidir geralmente na prática. Desde que as quatro condições sejam cumpridas, a redistribuição comercial de software livre é não-proprietária. O problema torna-se mais evidente quando estas condições são convertidas para obras baseadas em conteúdo como poemas, novelas, filmes ou música. Se alguém lança uma novela nos termos de uma licença copyleft e a (editora) Random House a publica e retira um lucro a partir do trabalho do autor, não existe nada de errado com isto desde que o copyleft seja transferido. Uma obra é livre na medida em que pode ser comercialmente apropriada, uma vez que a liberdade é definida como a circulação ilimitada de informação e não como algo livre de exploração.

Não surpreende, por isso, que a principal revisão introduzida quando o copyleft passou a ser aplicado à produção de obras de arte, música e textos tenha sido no sentido de permitir a cópia, modificação e redistribuição desde que para fins não-comerciais. Os Wu Ming defendem a imposição de restrições à utilização comercial ou para fins lucrativos de modo a impedir a exploração parasitária dos trabalhadores culturais. Eles justificam esta restrição e a sua divergência em relação às versões GPL e GFDL (GNU Free Documentation License) do copyleft argumentando que o combate contra a exploração e a luta por uma remuneração justa pelo trabalho tem sido o princípio fundamental da história da esquerda. Outros produtores de conteúdos e editoras de livros (a Verso, por exemplo) alargaram esta restrição ao afirmarem que a cópia, modificação e redistribuição deveria ser não apenas não-comercial mas também fiel ao espírito do original - sem explicarem o que este "espírito" quer dizer. O Indymedia Roménia alterou a sua definição de copyleft para tornar mais claro o significado de "no espírito do original" depois de problemas constantes com o site neofascista Altermedia Roménia cujas "partidas" abrangiam desde o sequestro do "domínio" `indymedia.org` a cópia de textos do Indymedia forjando os respectivos nomes e fontes.

restrições do Indymedia Roménia incluem a proibição de modificar o nome ou fonte original - uma vez que vai contra a transparência pretendida -, de reproduzir material para proveito monetário - dado que constitui um abuso ao espírito de generosidade - e de reproduzir o material num contexto que viole os direitos de indivíduos ou de grupos mediante a sua discriminação com base na nacionalidade, etnia, género ou preferência sexual - na medida em que contradiz o seu empenho pela igualdade.

Enquanto alguns multiplicaram as restrições, outros rejeitaram qualquer tipo de restrição, incluindo a única restrição imposta pelo copyleft no movimento em torno da partilha de ficheiros peer-to-peer é o que se assemelha mais à atitude do anticopyright. O melhor exemplo é o blog Copyriot de Rasmus Fleischer do Pyratbiran (Bureau of Piracy), um think-tank contra a propriedade intelectual composto pelos fundadores do Pirate Bay, o tracker de BitTorrent mais utilizado pela comunidade P2P. O lema do Copyriot é "sem copyright, sem licença". Mas existe uma diferença em relação à tradição mais antiga de anticopyright. Fleischer sustenta que o copyright tornou-se absurdo na era da tecnologia digital porque tem que recorrer a todos os tipos de ficções, como distinções entre enviar (uploading) e carregar (downloading) ou entre produtor e consumidor que, de facto, não existem na comunicação horizontal P2P. O Pyratbiran rejeita o copyright no seu todo - não porque nasceu defeituoso mas porque foi inventado para regular um suporte dispendioso e unidireccional como a imprensa, tendo deixado de corresponder às práticas potenciadas pelas actuais tecnologias de reprodução

A definição original de copyleft na acepção de Stallman tenta fundar um commons informativo centrado exclusivamente no princípio da liberdade de informação - neste sentido, é uma definição puramente formal, como um imperativo categórico que requer a liberdade de

informação para que seja universalizável. O único limite que se coloca ao sentimento de pertença a esta comunidade reside naqueles que não partilham da aspiração à informação livre - eles não são excluídos, recusam-se a participar dado que se recusam a libertar a informação. Outras versões do copyleft tentaram acrescentar restrições adicionais partindo de uma interpretação mais forte da "esquerda" no copyleft, como se este precisasse de se basear não numa liberdade negativa face a imposições mas em princípios positivos como a valorização da cooperação social, a participação não-hierárquica e a não-discriminação em detrimento do lucro. As definições mais restritivas do copyleft tentaram fundar um movimento informativo que não se baseia apenas no livre fluxo de informação mas que se considera a si próprio como parte de um movimento social mais vasto que baseia o seu sentimento de fraternidade em princípios esquerdistas comuns. Nas suas várias mutações, o copyleft representa uma abordagem pragmática e racional que reconhece que os limites à liberdade implicam direitos e responsabilidades recíprocas - as diferentes restrições representam interpretações divergentes sobre o que é que esses direitos e responsabilidades deveriam ser. Em contraste, o anticopyright é uma atitude radical que recusa os compromissos pragmáticos e pretende abolir a propriedade intelectual na sua totalidade. O anticopyright afirma uma liberdade que é absoluta e não admite quaisquer limites a esta pretensão. A incompatibilidade entre estas posições coloca um dilema: afirmamos uma liberdade absoluta, sabendo que poderá ser usada contra nós ou moderamos a liberdade ao limitar o commons informativo às comunidades que não irão abusar dela porque partilham o mesmo "espírito"?

> O compromisso das Creative Anti-Commons

As contestações à propriedade intelectual tiveram uma história profícua entre os artistas de vanguarda, os produtores de fanzines,

músicos radicais e a franja subcultural. Nos dias de hoje, a luta contra a propriedade intelectual é liderada por advogados, professores e membros do governo. Para além de os estratos sociais dos actores principais serem muito diferentes - o que por si só poderia não ser um detalhe por aí além -, o contexto do combate contra a propriedade intelectual alfoi também completamente alterado. Antes de professores de Direito como Lawrence Lessig se terem interessado pela propriedade intelectual, o discurso entre os contestatários era contra qualquer espécie de posse - intelectual ou física - sobre o commons. Agora, o palco central é ocupado pelos apoiantes dos privilégios proprietários e económicos. O argumento já não é o de que o autor é uma ficção e que a propriedade é um roubo, mas sim que o direito de propriedade intelectual precisa de ser refreado e reformado porque passou a violar os direitos dos criadores. Lessig critica as recentes alterações na legislação do copyright impostas pelas transnacionais multimédia e os seus poderosos grupos de pressão, o alargamento do copyright para períodos absurdamente longos e outras perversões que constroem a criatividade dos artistas. Mas ele não coloca em causa o copyright em si, uma vez que considera que é o incentivo mais importante para os artistas criarem. O objectivo consiste em impedir o extremismo e absolutismo reinante na propriedade intelectual e preservar ao mesmo tempo os efeitos benéficos desta.

Na sua apresentação durante a conferência Wizards of OS 4 em Berlim, Lessig elogiou a cultura Read-Write da partilha livre da autoria colaborativa que tem sido predominante ao longo de grande parte da história da humanidade. Durante o último século esta cultura Read-Write tem sido contrariada pelas leis de propriedade intelectual e convertida numa cultura Read-Only dominada por um regime de controlo pelo produtor. Lessig lamenta-se das deturpações recentes do direito do copyright que censuraram o trabalho de artistas que produzem remisturas como o DJ Dangermouse (The Grey

Album) e Javier Prato (Jesus Cristo:O Musical). Os dois foram ameaçados pelos proprietários legais das músicas utilizadas na produção das suas obras, tal como John Oswald e os Negativland o tinham sido antes deles. Nestes casos, os desígnios dos artistas, que foram tratados como meros consumidores perante a lei, foram submetidos ao controlo exercido pelos produtores - os Beatles e Gloria Gaynor, respectivamente - e os seus representantes legais. O problema reside no facto de que o controlo dos produtores está a criar uma cultura Read-Only e a destruir o dinamismo e a diversidade da produção criativa. Está a promover os interesses tacanhos de uns poucos "produtores" privilegiados às custas de todos os outros. Lessig contrasta o controlo do produtor com o *commons* e defende uma reserva comum de valor que todos podem utilizar e em que todos podem contribuir. O *commons* recusa o controlo do produtor e insiste na liberdade dos consumidores. O "livre" na cultura livre não se refere à liberdade imposta pelo estado que concede aos produtores o controlo sobre a utilização da "sua" obra mas sim à liberdade natural dos consumidores de utilizar a reserva cultural comum. Em princípio, a noção de um *commons* cultiva e levoga a distinção entre produtores e consumidores, vistos como agentes com os mesmos direitos num processo em curso.

Lessig sustenta que em resultado de uma produção entre pares baseada num *commons* e, mais especificamente, da associação Creative Commons, a possibilidade de uma cultura Read-Write está a renascer. Mas será a Creative Commons o facto um *commons*? De acordo com o seu site, a Creative Commons define a gama de possibilidades entre o copyright total - todos os direitos reservados - e o domínio público - nenhuns direitos reservados. As nossas licenças ajudam-no a manter o seu copyright sem impedirem que outros façam determinado uso da sua obra - um copyright de "alguns direitos reservados. O sentido é evidente: a Creative Commons serve para ajudá-la a "si", o produtor, a manter o

controlo sobre a "sua" obra. Você pode escolher entre uma série de restrições que pretende aplicar à "sua" obra, como proibir a reprodução, a criação de obras derivadas ou a utilização comercial. Parte-se do princípio que, sendo você um autor-produtor, tudo o que crie e que afirme é propriedade sua. O direito do consumidor não é mencionado, tal como a distinção entre produtores e consumidores não é disputada. A Creative Commons não rejeita o controlo exercido pelo produtor; antes, legitima-o. E em vez de revogar a distinção entre produtor e consumidor, impõe-a. Ela alarga o quadro legal de modo a que os produtores neguem aos consumidores a possibilidade de criar valor de uso ou valor de troca a partir do recurso comum.

Se os Beatles ou Gloria Gaynor tivessem publicado a sua obra segundo o modelo da Creative Commons, o lançamento do The Grey Album ou do Jesus Cristo: O Musical seria à mesma uma opção daqueles e não do DJ Dangermouse ou de Javier Patro. Os representantes legais dos Beatles e de Gloria Gaynor poderiam ter utilizado licenças CC para, com a mesma facilidade, impor o seu controlo sobre a utilização da sua obra. E mesmo o problema apresentado por Lessig relativo ao controlo exercido pelo produtor não é resolvido pela "solução" da Creative Commons, na medida em que o produtor detém o direito exclusivo de escolher o grau de liberdade a conceder ao consumidor, um direito que Lessig nunca contesta. A missão da Creative Commons no sentido de conceder aos produtores a "liberdade" de escolher o grau de restrições a aplicar pela publicação das suas obras contradiz as condições reais da produção baseada num commons. A referência de Lessig ao DJ Danger Mouse e a Javier Prato como exemplos de forma a promover a causa da Creative Commons é uma desonestidade extravagante.

Uma desonestidade semelhante surge no elogio dirigido por Lessig ao movimento do software livre quando afirma que a arquitectura deste garante (tanto tecnológica como legalmente, sob a forma das suas

licenças) a possibilidade de usar o recurso comum do código-fonte. Apesar de sustentar que a Creative Commons alarga os princípios do movimento do software livre, a liberdade que ela concede aos criadores no sentido de escolherem como é que querem que as suas obras sejam usadas é muito diferente da liberdade que a GPL concede aos utilizadores de copiar, modificar e distribuir o software, desde que a mesma liberdade seja transferida para os demais. Stallman fez recentemente uma declaração onde rejeitava as Creative Commons na sua totalidade, na medida em que algumas das suas licenças são livres enquanto que outras não são, o que leva as pessoas a confundirem a marca comum como se fosse algo consistente quando, na verdade, não existe um critério comum e uma posição ética por detrás dessa marca. Enquanto o copyleft requer a posse legal apenas para renunciá-la na prática, as referências à posse feitas pela Creative Commons deixam de ser uma inversão irónica para passarem a ser reais. As licenças CC permitem colocar restrições arbitrárias à liberdade dos utilizadores de acordo com as preferências e os gostos particulares de um autor. Neste sentido, a Creative Commons é uma versão mais rebuscada do copyright. Não contesta o regime de copyright como um todo nem preserva o seu estatuto legal de modo a virar a prática do copyright do avesso, como o copyleft o faz.

O domínio público, o anticopyright e o copyleft são, cada um deles, esforços no sentido da criação de um commons, um espaço partilhado de não-posse que pode ser livremente utilizado por todos. As condições de utilização podem ser diferentes, de acordo com as várias interpretações de direitos e responsabilidades, mas estes direitos são direitos comuns e os recursos são partilhados equitativamente por toda a comunidade - o seu uso não é decidido arbitrariamente, caso a caso e obedecendo aos caprichos dos membros individuais. Em contraste, a Creative Commons é um esforço no sentido de usar um regime de posse de propriedade (direito de copyright) para criar um recurso culturalmente

partilhado que não é detido por ninguém. Os seus bens culturais - que no seu conjunto formam uma amálgama incoerente - não pertencem à comunidade, uma vez que a possibilidade de usá-los depende da autorização dos autores individuais. A Creative Commons é, na verdade, um anti-commons que difunde uma lógica capitalista de privatização debaixo de um nome que induz deliberadamente em erro. O seu objectivo consiste em ajudar os donos de propriedade intelectual a recuperarem o atraso diante o ritmo rápido a que a troca de informação se processa. E isto mediante a disponibilização não tanto de informação, mas de definições mais sofisticadas para vários graus de propriedade e de controlo pelo produtor.

O que começou como um movimento pela abolição da propriedade intelectual transformou-se num movimento de personalização das licenças dos proprietários. Quase sem se dar por isso, o que era antes um perigoso movimento de radicais, hackers e piratas é agora o domínio de reformistas, revisionistas e defensores do capitalismo. Quando o capital se vê ameaçado, ele coopta a sua oposição. Já vimos várias vezes este cenário ao longo da história - o seu exemplo mais espectacular é a transformação dos conselhos de trabalhadores em regime de autogestão num movimento sindical que negocia contratos legais com os proprietários de empresas. A Creative Commons é uma subversão semelhante que em vez de contestar o "direito" à propriedade privada, tenta obter pequenas concessões num campo de jogos em que o jogo e as suas regras já estão previamente determinadas. O efeito real da Creative Commons reside em confinar a contestação política à esfera do que já é admissível.

Ao mesmo tempo que reduz este campo de contestação a Creative Commons apresenta-se a si própria como radical, como a vanguarda da batalha contra a propriedade intelectual. A Creative Commons tornou-se uma espécie de ortodoxia por omissão no licenciamento não comercial e uma

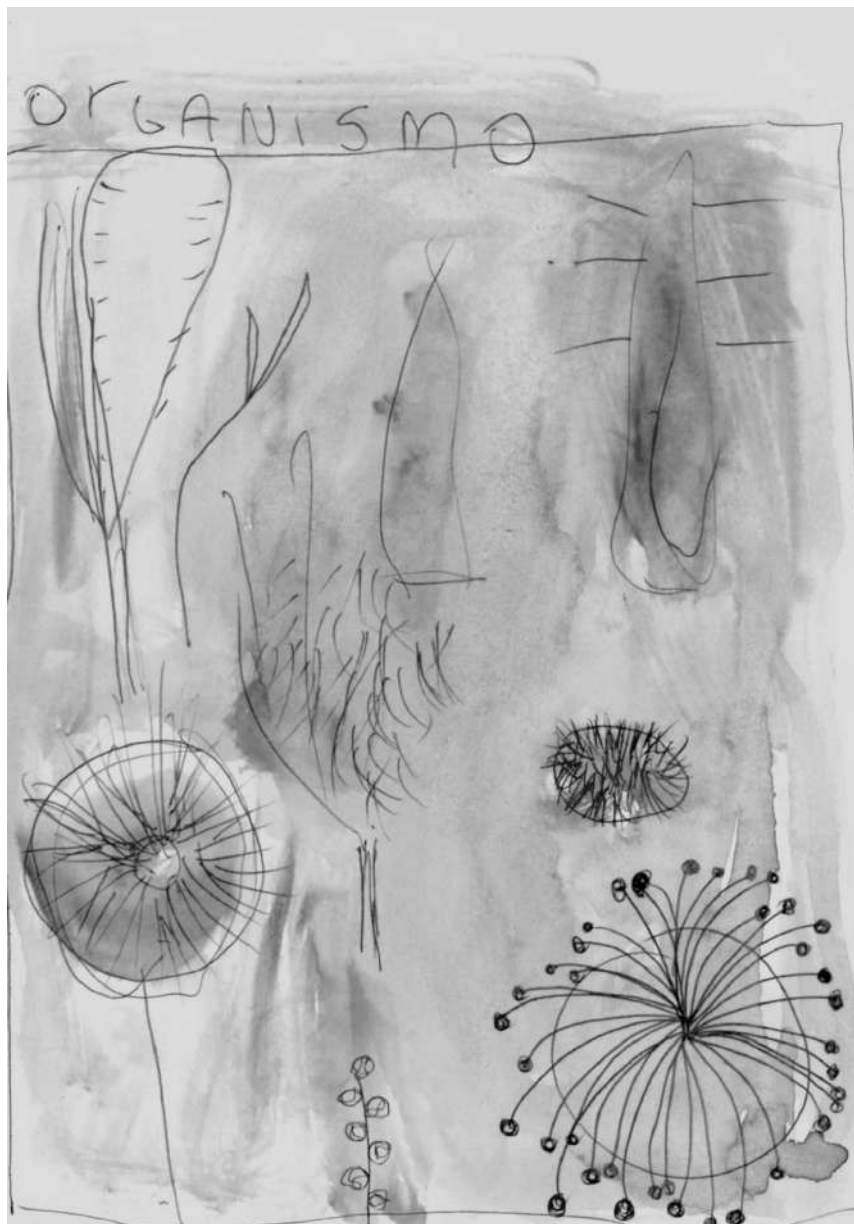
causa popular entre os artistas e intelectuais que geralmente se consideram como sendo de esquerda e contra o regime de propriedade intelectual alem particular. A marca Creative Commons é invocada de um modo moralista em inúmeros sites, blogs, discursos, ensaios, obras de arte e músicas como se constituísse a condição necessária e suficiente para a revolução iminente de uma verdadeira "cultura livre". A Creative Commons faz parte de um movimento mais vasto de copyfight, que é definido como uma luta para manter a propriedade intelectual amarrada à sua finalidade inicial e impedir que se desvie demasiado. Os indivíduos e grupos associados a este movimento (John Perry Barlow, David Bollier, James Boyle, Creative Commons, EFF, freeculture.org, Larry Lessig, Jessica Litman, Eric Raymond, Slashdot.org) defendem aquilo que Boyle designou como sendo uma propriedade intelectual mais inteligente ou uma reforma da propriedade intelectual que não ameace a liberdade de expressão, a democracia, a concorrência, a inovação, a educação, o progresso da ciência e outras coisas que são fundamentais para o nosso (?) bem-estar social, cultural e económico.

Numa repetição sinistra dos combates contra o copyright que surgiram durante o período do Romantismo, os excessos da forma capitalista de propriedade intelectual são opostos, embora através do recurso à sua própria linguagem e pressupostos. A Creative Commons preserva as ideias de originalidade, criatividade e direitos de propriedade do Romantismo e, de forma semelhante a este, considera que a "cultura livre" é uma esfera separada que existe num estado fenomenal de isolamento em relação ao mundo da produção material. Desde o século XVIII que as ideias de "criatividade" e de "originalidade" têm estado inextricavelmente ligadas a um anti-commons de conhecimento. A Creative Commons não é excepção. Não há dúvida que a Creative Commons pode chamar a atenção para algumas das questões da luta permanente contra a propriedade intelectual. Mas ela é insuficiente na melhor das hipóteses e, na pior, apenas mais uma tentativa dos defensores da

propriedade de confundir o discurso, envenenar o poço e excluir
qualquer análise revolucionária.

Este texto resultou de uma série de conversas e de trocas de correspondência entre Joanne Richardson e Dmytr Kleiner. Muito obrigado a tod(x)s os que contribuíram para a sua elaboração: Saul Albert, Mikhail Bakunin, David Berry, Cri ti ca Art Ensemble, Johann Gottlieb Fichte, Michel Foucault, Martin Fredriksson, Marci Hamilton, Carla Hesse, Benjamin Mako Hill, Stewart Home, Dan Hunter, Mark Lemley, Lawrence Lessig, Karl Marx, Giles Moss, Milton Mueller, Piratbyran, Pierre-Joseph Proudhon, Toni Prug, Samuel Richardson, Patrice Riemens, Mark Rose, Pamela Samuelson, a International Situacionista, Johan Soderberg, Richard Stallman, Kathryn Temple, Benjamin Tucker, Jason Toynbee, Tristan Tzara, Wikipedia, Martha Woodmansee, Wu Ming.

Berlim, 2006. Anticopyright. Todos os direitos dispersos.



Silia Moan

dos (ab)usos da língua

Morgana Gomes & Caio Resende

O uso da língua assume funções sociais diversas, desde legitimar discursos dominantes a ameaçar suas estruturas. O que move este texto é uma força que não obedece à classificação gramatical da linguística, nem diz respeito à razão teórica ou ao itinerário técnico dos modos de alcançar o discurso que desejamos. Transbordamos com dedos e saliva na insinuação da pragmática como política da língua. Para além da filosofia da linguagem, existe uma necessidade de lhe atribuir vida, deixá-la existir intensamente e fazê-la intervir nas circunstâncias, livre das constantes formais, tê-la como instrumento estético-político, a imanência de um pensamento inquirido que há muito abusa os guardiões dos discursos instituídos. São muitos os controles sobre a língua como forma de dominação política, e acreditamos na experimentação dos seus usos como possibilidade de subversão dos discursos dominantes, pequenas torções nas relações de poder instauradas sobre a linguagem, um exercício da micropolítica. Para além das investigações conceituais, o grande desafio é, não a sobreposição de um discurso supostamente caro, mas a livre experimentação, num contexto em que máquinas sociolinguísticas concorrem para a uniformização dos meios de produção de sentido cujos fins implicam numa subjetividade dominante. Acreditamos na poesia como afirmação da vida e forma de ser livre. Foi intuitivamente que optamos pelo discurso poético e então o compreendemos como ato subversivo de ordens discursivas preponderantes, que exerce, em sentido contrário às estruturas impostas, uma força que lhe é frequentemente apreendida. Nos esforçamos por produzir um devir minoritário sobre a língua que dominamos, um ato criativo que liberte a fala dos mimetismos de outrora, uma gagueira, uma extradição dentro da nossa própria língua. Nosso exercício é pela subtração dos elementos de poder no campo discursivo, e desejamos não menos que um manifesto linguístico.

Sempre estivemos explorando a potência do "fal so", inventando lugares, intercampos, rachaduras. Nós mesmos inventamos nossa mitologia e, quando há algum acerto, abrimo-nos, no máximo, para o que vem depois. Um bom exercício de vida, sobre o

qual nos deitamos: que verdade seria maior que a não-verdade da vida? É essa força que agita a nossa poesia, talvez seja isso o pseudônimo: algo que não pertence, mas que, seguindo a maneira de um paradoxo, flui e, numa só vez, fica e é de tudo. Nossa poesia, em nenhum momento, poderá ser considerada um saber de essência, uma busca profunda de um Eu ainda mais profundo ou de uma acalentadora verdade sumária, de uma realidade outra ou maior. Antes, somos contadores de estórias, não como aflitos, que buscam o doce em detrimento do amargo para, por fim, separá-los por alcunhas de "bom" ou de "ruim" em si, mas sim como cortesãs a abrir os braços (e por vezes as próprias pernas) e a gritar que é boa a vida no que ela tem de mais incerto. Quando deitamos os nossos versos sobre o mundo, guardamos a imagem de uma figura qualquer, um homem, talvez uma mulher ou um bicho sempre passando e esbarrando nas coisas. — não, nós não as julgamos, somente as sentimos, e havendo vida, gritamos que há vida, e essa vida que nos atravessa se expressa também através dos nossos corpos. Quanto as coisas, nós as comemos e somos por elas comidos; engravidamos o mundo e por ele nos deixamos engravidar; sofremos das dores de um parto, da ausência inesperada de um filho, morremos também, somos trucidados, queimados, acariciados, mas nascemos. Somos todo nascimento. E todo acontecimento é uma mão estendida diante de nós. É a isso que a nossa poesia serve, é ela também uma mão estendida, janela, uma abertura, mais ainda: doses de conhaque apitando no estômago da sobriedade. Eis a maior forma da nossa ocupação: abrir frestas onde antes tudo era lei.

Arriscamos na possibilidade insólita de alcançar um pensamento, uma vida, uma linguagem sem representação, experimentando o discurso poético como rejeição à economia reprodutiva de determinados regimes de signos, tornando-o ato de linguagem calcado na pressuposição recíproca entre a expressão e o conteúdo. A nossa explosão descansa num pressuposto através do qual a intersubjetividade se torna condição de existência dos atos. Linguística, a enunciação é produzida por um sujeito que é necessariamente descentrado e heterogêneo, coletivo e impessoal. Retomamos à polifonia como condição de existência da nossa voz. Nossa língua é tomada por amor e desejo. Experimentamos com os nossos corpos a condição social da constituição. Linguística copoamos de uma alteridade absoluta. Por vezes recorremos ao discurso indireto livre enquanto enunciação dotada de pressupostos implícitos relacionados ao

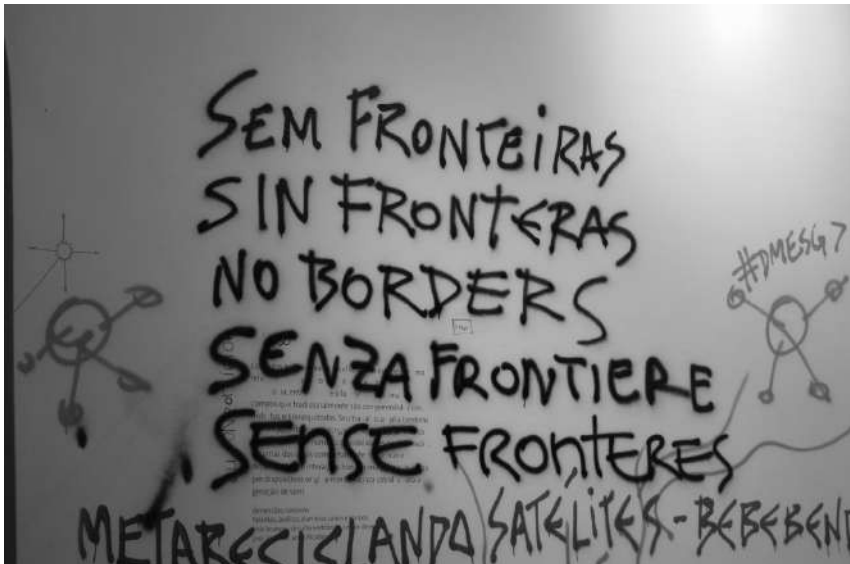
corpus social. Desejamos produzir atos como um conjunto de transformações incorpóreas no curso da sociedade em que vivemos, através de palavras que sejam instantâneas, imediatas, dotadas de uma potência de variação em relação ao meio em que atuam, e cujas variáveis de expressão coloquem a língua em relação com o fora, dada a imanência. Nos usamos das palavras como sopro de uma escrita inaugural em vias de produzir um duplo indocumentável que deságue no caminho pouco glorioso do esquecimento.

As variações linguísticas concernentes ao discurso poético que pretendemos trazem à luz as distinções entre força e significação, uma questão, aqui, primordial. Concordamos que o fascínio da forma deriva da incapacidade de compreensão do seu í n teri orða derrota da força. A linguagem poética, enquanto campo de intensidade discursiva, guarda um sentido que não está nem antes e nem depois do ato, mas na inauguração da própria escrita, onde se produz realidade. Persequimos a palavra livre das significações e recorremos ao discurso poético como prática de resistência que apela pela experimentação da língua enquanto território existencial, movido mais pelo prazer que pela significação, mais pela desapareição que pela memória, mais pela intensidade que pela estrutura, e mais pela vida que pelas instituições. Persequimos na escritura uma diferença que não pertence à forma, mas à força e ao movimento como linhas de desejo. O pulso desta criação é de uma profundidade ilegível e cruel, palavra soprada onde a metáfora fenece.

Inscrevemos com o corpo o ato da escrita, e para nós não há escrita possível sem a total subversão dos meios. — o meu poema não cresce em campos arados, de outro modo ele brota das rochas e do vinho, cresce das noites sem fronteira, e habita o plexo de todas as barregãs com a exata fome de um menino! É qualquer coisa de desacerto, de descompasso — poesia na máscara da vez. Nossa escrita não fala por palavras, antes ela as injeta, preenchendo-as de rosas e espinhos. A nossa escrita não quer fazer sentido, agora mesmo não sabemos o que virá, mas seguimos por este caminho porque há nele algum sorriso. Eis a grande vida da nossa poesia: amar, no caminho, também as pedras que despontam e ferem, produzindo arranhões que possam vir a compor a plenitude da nossa estética.

Mas é com frequência que, nos entremeios de nossa leitura, temos sido acusados duma "hostil" irrealidade, duma total ou quase total ausência de vínculo com uma aferida realidade-experiência que, segundo o que acham, não se encontra subjacente ao nosso impulso poético-literário. Encontrar um rastro perfeito, a fonte, a nascente, o retrato do que lhes é descortinado através de nossa escrita, se configura numa execrável permanência. Ora, pois é justamente aí que se enganam, que se agridem: não temos nenhum impulso, nenhuma mínima aptidão para o que chamam alguns de realidade ou de *li teratu rale* poesia. Somos antes um primitivo pássaro que canta porque canta, ao passo em que vibramos os pedaços de mundo que nos afogam os sentidos. E não nos deitamos à posteridade. Os nossos poemas não são meros recortes de uma realidade-objeto, tampouco um frio relato de uma suposta realidade das coisas, ao contrário disso, eles fluem e se firmam num fluxo intenso de imagens, cheiros, ruídos, gostos, tons e sensações que, embora tenham total concordância com a experiência-gatilho da realidade-objeto que se gerou, tendem à desapropriação dos elementos de uma experiência. Isso implica em dizer que os objetos e fatos do que então chamamos de memória-cena e até mesmo a experiência-gatilho se mostram perpassados e se tensionam, depois, em vibrações quase sutis que vão sendo delineadas a cada estrofe ou a cada verso. Dessa forma, os mitos de um poema se misturam, se atravessam e se intensificam a ponto de, nesse trânsito, quase perderem a própria designação de seus nomes. Aliás, nossa mitologia não preza por nomes, é anterior a nomes, formas e anterior à nossa própria voz. Nossa mitologia, antes de mais nada, valseia com o silêncio nas curvas estéreis do corpo. Cada palavra é um entre e cada mito, em certa medida, perde o seu mestre. É neste sentido que nos empenhamos por um texto que se aproxime mais da música do que da literatura propriamente dita. É por essa vida que nossas palavras se encantam.

Aqueles que nos atravessam: Raul Seixas, Juliana Lima, Michel de Certeau, Peggy Phelan, Roland Barthes, Manoel de Barros, Jacques Derrida, Eder Amaral, Michel Foucault, Della Pollock, Delleuze & Guattari, Fabi Borges, Jonn Cage, Fernando Pessoa, Valter Rodrigues, Roberto Piva, Lygia Clark, Regis Bailux, Amauri Ferreira, Susan Sontag, Alessandro Campolina, Luiz Fuganti, Thiago Fuganti, Anais Nin, George Neri, Tia Lia & Bruno Leituga, Marx Eduardo, Felipe Ribeiro, Marina Abramovic, Guilherme Soares, Luiz Tati t, Glauber Rocha, Ricardo Ruiz, Sergio Sampaio, Tom Zé, Nedelka Palma, John Lennon, Beethoven, John Coltrane, Franz Kafka, Antonin Artaud, Daniel Andreotti, Arnaldo Bastos, Austin, Andreia Almeida, Carlos Rizério, Vanessa Soares, Roberto César, Henrique Querino, Yoko Ono, Fernando Passos, Aldo Melo & outros.



<http://rbrazileiro.info/blog/sem-fronteiras/>



George Sander

Submidialogias: entre a mão e a contramão Ricardo Ruiz

Algumas palavras prévias:

A pretensão desse texto é apresentar um, e apenas um, ponto de vista sobre a série de eventos sobre arte, mídia, tecnologia, política e esquizofrenia conhecido como Submidialogia. Com a clara certeza de que as opiniões aqui emitidas não representam as ideias de nenhum dos outros participantes do grupo. Porém, a partir dessas ideias, acredito ser possível ampliarmos o debate a respeito das intrínsecas relações entre arte e cultura de massa, rizomas e poder, capitalismo e esquizofrenia. Sem nunca perder de vista o essencial: somos todos parte de um mesmo processo. Processo esse com 6 bilhões de anos de idade. E a liberdade, conceito sempre trabalhado de diversas formas, teóricas e práticas, nos diversos eventos aqui apresentados, é utilizada nesse texto. Não espere citações, grandes descobertas, grandes ideias ou grandes histórias. No final, este texto não pretende. Um só caminho.

Epílogo: sub>mídia

No começo dos anos 2000, um grupo de estudantes sociais, arquitetos e antropólogos vieram a conhecer uma pessoa que mudaria a forma como esses alunos, e posteriormente boa parte do Brasil, entenderia as tecnologias digitais. Dentro dos estúdios da Rádio Muda, em Barão Geraldo (SP), já era histórica a movimentação em torno das causas sociais e do prática da comunicação de guerrilha através da rádio livre, fanzines, camisetas, festas, artigos. E se apoiavam na analógica técnica da transmissão de ondas pelo urânio. “Alô, base, vocês vão ter que me ouvir. Toda poesia vive no Rádio. Na pepita de urânio.” Rádio-atividade.

Não sei como se deu. Mas imagino. Provavelmente ele adentrou o micro-estúdio da rádio com sua vasta cabeleira, seus olhos vívidos, seu jeito elétrico de se mexer. A energia percorria suas veias. E talvez nessa reunião semestral para determinar a grade de programas da rádio, ele deu uma de suas opiniões que despertava a curiosidade de alguns e a admiração de outros. Seu nome era Juba. Ou Rafael2k, conforme prefere ser visto por aí. Era também estudante, mas de ciências da computação. E um dia, todos

perceberam que a divisão entre técnica, sociedade, computadores e amores era muito mais próxima do que imaginado. Provavelmente ele saiu antes da reunião acabar. E provavelmente ele foi festejar em algum lugar mais interessante que uma reunião de antropólogos e cientistas sociais em um campus universitário. "MUDA!" ele gritaria a partir daquele semestre no microfone encantado da rádio livre.

Waag-Sarai, bolsas de pesquisa e a negação do eurocentrismo

Sub>mídia se extinguiu. Após a participação dos indivíduos como um grupo em diversos laboratórios de mídia independente do começo da década, como o Mídia Tática Brasil (2003), os Autolabs, o FindEtático (2004) e uma dezena de oficinas de comunicação libertária no SESC-SP e de Campinas, cada indivíduo foi deixando mais e mais de lado sua lista de discussão via web, porém sem nunca deixar de lado seus ideais de liberdade e reorganização social. E sua experiência e agitação comunicacional renderiam muitos frutos.

O primeiro deles veio após o término dos laboratórios Mídia Tática Brasil e Autolabs. Uma conhecida plataforma de estudos em novas mídias composta pelos institutos de pesquisa De Waag (Países Baixos) e Sarai (Índia) abriu uma chamada de projetos para uma bolsa de pesquisa sobre a criação de laboratórios de mídia tática pelo mundo. Além dos energéticos submidiáticos de Barão Geraldo, pequenos grupos advindos do mesmo evento e autodenominados midiatatica.org e metareciclagem se juntaram e mandaram algumas propostas. Duas foram aceitas. Midiatatica.org (com os fabulosos submidiáticos dando base conceitual e prática pra muita coisa) e metareciclagem. Tentaram instaurar aí uma disputa, que obviamente não funcionou como tal. De uma coisa todos tinham certeza naquela época. Precisávamos nos ajudar.

Seis meses depois, duas propostas foram apresentadas, praticamente conjuntamente e se complementando, durante uma conferência em Bangalore. A proposta previa que, ao invés do centro de mídia esperado pelos europeus, teríamos três laboratórios entre as cidades de Barão Geraldo, São Paulo (SP) e Rio de Janeiro (RJ). E uma metodologia em comum a todos, a metareciclagem, que em seis meses deixou de ser um grupo pra virar um fenômeno. Os europeus, certos de sua superior inteligência sobre os meros-garotas-e-

garotos da terra brasileira em forma categóricas: vocês brasileiros desperdiçaram uma oportunidade e tanto. Queriam nos dar um bom montante de dinheiro para compor um centro de mídia no centro econômico de São Paulo, portas e parede de vidro, no melhor estilo italiano. Mas nós rastreamos nossa própria oportunidade com nossa ideia estúpida, ridícula e tupiniquim de descentralizar recursos e esforços em uma iniciativa que englobava 3 laboratórios. Não continuaram o apoio mas disseram que liberariam mais uma verba para um evento e um intercâmbio com a Índia. Mas não acreditavam muito que aquele próximo evento poderia ser muito diferente do primeiro que eles haviam acompanhado com um mensageiro, o Mídia Tática Brasil. Malditos brasileiros. Eles confundiram tudo de novo.

Entre essa apresentação semi-frustada na cidade de Bangalore, na Índia, e a realização do evento patrocinado pelos europeus, aconteceu algo que os professores do velho mundo realmente não esperavam. Ao invés de montar os três laboratórios de mídia propostos, praticamente o mesmo grupo de pessoas, acrescida ou subtraída de alguns poucos, conseguiu emplacar no recém formado ministério da cultura uma ação que mudaria de vez a forma como o mundo pensaria a cultura, a sociedade e os computadores. Era final de 2004 e foram lançados os pontos de cultura e a ação cultural digital. Não teríamos 3 laboratórios de mídia. Começaríamos com 300. E os europeus quiseram saber o que estava acontecendo. Mais uma vez, os colonizadores chegaram, foram picotados, colocados no enorme caldeirão do mundo e mastigados pedacinho por pedacinho pelos tupiniquins. Que vomitaram tudo de novo.

Submidialogia: o início da era Lula e a negação do showbusiness

O evento apoiado pela plataforma Waag-Sarai aconteceu em novembro de 2004, organizado praticamente pelas mesmas pessoas que desenvolviam a implementação dos dois maiores programas de inclusão digital do País à época: os Pontos de Cultura (ministério da cultura) e o programa GESAC (ministério da comunicação). Reunidos por um final de semana na principal sala de estudos da Unicamp, o evento contou com bebedeiras dentro da universidade, falta de foco nos palestrantes (todos se esparramavam pelas cadeiras de alunos e todos falavam, e poucas apresentações foram feitas numa mesa principal. Atrações musicais de grupos locais de maracatu-rock e de rock-loucura

intercalavam com cantores já conhecidos da cena brasileira. E não teve mordomia. Até os famosos forma de coletivo, o dormitório era uma sala de aula ou sala de amigos e as discussões sólidas. A principal delas era de que a indústria cultural estava definindo e que os novos rumos da cultura brasileira teriam que fundir-se necessariamente com as novas tecnologias de comunicação importadas dos países desenvolvidos e reaproveitada em sua teoria sobre as quinquilharias lowtech que tínhamos no país. Tambores, computadores e amores. É Juba. Você tinha razão. E os Europeus, assustados com o que viram, não.

Submidialogia 2: anarquistas, graças ao \$. Xamanismo, mídia, governo, ativismo. A negação do status quo.

A segunda edição da conferência mais estanha da década aconteceu por necessidade. Necessidade de se debater, de se ver, de se entender ou desentender. A implementação dos grandes programas de TICs do governo federal já havia começado e um ano após, era o momento de entender o que estávamos fazendo, pra quê, pra quem e com quem. Dessa vez em Olinda (PE), terra de magias, a vivência de um dos eventos mais orgânicos foi intensa. Muitos participantes, que viajaram principalmente com apoio de recursos desses programas. Além das conhecidas discussões, que se deram entre jardins e salas arejadas e descontraídas, experiências energéticas de diferentes níveis existiram e habitaram os corpos dos participantes. Talvez ali percebemos que havia algo além da simples teoria e da prática. Da política e da sociedade. Existiam as pessoas e suas energias. Existiam vaidades, desejos, necessidades, vontades, Existiam relações. E existíamos num campo de batalha que ia além dos interesses governamentais. Era traçado o destino, não só dos participantes, mas de toda a nação. Disso, sabíamos. Só não sabíamos que todas as forças ancestrais desses 6 bilhões de anos de evolução também se faziam presente. E queriam também ajudar nessa construção. E descobriu-se que aquele anarquismo era bem mais capitalista que o imaginado. E que o capitalismo cognitivo era também, por sua vez, bem mais anarquista do que imaginado. Anarco-Varguismo. Aí íamos nós.

Submidialogia 3: Lençóis, águas, elitismo. A negação do ser coletivo.

Na Bahia, o mais dos coletivos submidialogias tomou parte. Existíamos entre o mercado

principal da cidade, o espaço cultural de resistência afro (que também possuía uma rádio comunitária) Avante Lençóis, as cachoeiras da encantada chapada Diamantina e os balcões de bares e butecos esparramados pela cidade. Racismo, elitismo, direitos autorais, arte circense, vegetarianismo, amor livre, quartos coletivos, caminhadas e conversas descentralizadas. Tudo foi misturado e digerido pelos anos seguintes. Talvez o melhor encontro já realizado pelos esquios anarcovargostapunks foi baseado no sentimento mais nobre que vivemos: o amor. E o amor foi a referência para as conversas, os desencontros, as divergências. Alí descobriu-se que divergir com amor era melhor, mais fácil e mais potente que lutarmos com a raiva. Fechou-se um ciclo. As missões no governo já haviam sido parcialmente executadas, as bases dos programas já estavam estabelecidas, e os que viessem a partir dali apreciavam e apreendiam rapidamente aquele formato de trabalho que foi construído com os corpos durante esses 3 ou 4 anos. Toda poesia vive no rádio. Na pepita de urânio. Corpos e mentes em fusão. Coletivismo só existe com a individualidade. Respeitada. Novas fusões. A liberdade pregada e buscada estava sendo sentida. Banho de cachoeira. Amores plenos. Nunca mais esqueceremos de ti.

Submidialogia 4: A complexidade dos gêneros, dos ritmos, das comunas, da floresta. A negação das fronteiras.

Ocorrido em Belém (PA) uma semana antes do Fórum Social Mundial, teve sua intensidade irradiada, mesmo que vivenciada de diferentes formas, para além da casa que abrigava o evento. Muitas eram as casas submidiáticas existentes por ali na ocasião do encontro mundial. Enquanto negavam-se as fronteiras, não percebeu-se o tamanho da fronteira imposta entre os participantes para com o que acontecia lá fora, na mesma cidade. Não que importasse. Mas fazia diferença. Éramos muitos, com muitos nomes, e submidialogia era só mais uma marca dentre todas. Mas eu mesmo só passei por lá.

Submidialogias: somos todos bárbaros. A negação do mecenato.

Tamanha foi a complexidade em relacionar o que se viu anteriormente com um sistema de patrocínio de uma das maiores empresas petrolíferas do mundo, que eu tomo emprestadas as palavras de um advogado:

"

PARECER

O Contrato

Trata-se de contrato realizado entre a PETROBRAS na qualidade de patrocinadora e DESCENTRO na qualidade de patrocinado, pelo qual a primeira custearia a realização pelo segundo de três festivais de arte e tecnologia. O objeto do contrato está assim descrito:

(...) realizar um festival multidisciplinar de arte, mídia e tecnologias livres que através de ações colaborativas e abertas têm o intuito de refletir sobre os rumos da contemporaneidade e estabelecer estratégias de inserção e atuação nestes cenários. A presente edição será realizada em três localidades: comunidades tradicionais da Bahia de Paranaguá, comunidades quilombolas de Mirinzal-MA e comunidades caiçaras, metarecicleiras e indígenas em Arraial D'Ajuda-BA(...)

Controvérsia

Não obstante realizados os festivais nas três localidades, a patrocinadora tendo liberado apenas primeira parcela do contrato (40%), reteve a segunda parcela (50%) sob a alegação de que “não fora aprovado o relatório de atividades do festival realizado na primeira localidade – Arraial D'Ajuda, e em 9 de maio enviou correspondência pretendendo encerrar o contrato por recíproca quitação das obrigações, sem pagamento dos 60% faltantes.

Analisando os termos do contrato, documentos, correspondências e fatos, conclui-se que procede o inconformismo do DESCENTRO quanto a proposta de recíproca quitação sem o pagamento do total do patrocínio.

Em suma :

O festival de Arraial D'Ajuda teve problemas de organização decorrentes da exigência

pela PETROBRAS, totalmente estranha ao contrato (lei eleitoral), de realização do festival antes de julho de 2010;

- O DESCENTRO foi induzido a erro, por inexperiência, a aceitar essa exigência não contratual;

- O relatório de medição que desaprovou o relatório de atividades de Arraial D'Ajuda, desconsidera a circunstância de que foi justamente a não liberação do recurso de patrocínio que dificultou a realização das atividades conforme programadas, principalmente quanto ao comparecimento de artista, palestrantes e coletivos convidados;

- Os critérios utilizados para avaliar os eventos realizados foram calcados em objetivos da publicidade e não da arte: visibilidade da marca e não qualidade artística ou educativa da ação; e sendo a verba PÚBLICA, com vistas a produção de arte e cultura, parece excessiva, descabida e arbitrária a exigência prioritária de que o evento atendesse a requisitos de publicidade da PETROBRAS (visibilidade), uma vez que o objeto fim do contrato é a produção de um projeto em arte aprovado pelo Ministério da Cultura (interesse público) e não a publicidade (interesse privado)

- A PETROBRAS incorreu em ilícito contratual ao não atender os dispositivos contratuais para os casos de inadimplemento parcial (cláusulas 1.1e 1.3), lançando mão, arbitrariamente, da retenção de pagamento, hipótese prevista apenas para o caso de não apresentação pelo DESCENTRO do relatório de atividades ou cópias de guias de recolhimento da Previdência Social (cláusulas 1.5.5 e 4.1.1.9);

- Na pior das hipóteses, caso se verificasse que o descentro não havia realizado o programa de arraial por sua exclusiva culpa - o que se admite, apenas para argumentar - seria o caso de aplicar-se a multa de 20% sobre a parcela seguinte, liberando-se o recurso remanescente; isto em atendimento ao que está contratado e à própria finalidade, objeto e circunstâncias do contrato.

- Assim, cabe ao DESCENTRO o recebimento dos valores de patrocínio não

pagos pela PETROBRAS.

• Cabe igualmente, por força dos artigos 1 86 e 1 87 do Código Civil, a obrigação de indenizar para a reparação de danos materiais e morais.

Análise

1 - ORIGEM DO PROBLEMA

Da exigência de execução do projeto em junho de 2010.

1.1 – Do atraso na assinatura do contrato

Segundo o contrato, a execução dos três festivais nas três localidades deveria ser realizada no prazo de 300 dias após sua assinatura. A princípio estava previsto o início do trâmite para a assinatura em novembro de 2009. Assim, supunha-se a efetiva assinatura em janeiro de 2010, com a conseqüente liberação da primeira parcela (40% – R\$ 64.106,60). Por este cronograma, a pré-produção dos festivais de Arraial D'Ajuda – BA e Valadares – PR teria início em fevereiro, passando-se à produção em março e abril e culminando com suas realizações em abril e maio, ou seja, três meses de distância entre a liberação do recurso e realização do primeiro festival.

Contudo, o trâmite para a assinatura do contrato não pode ser iniciado porque nesta mesma época venceu o prazo de exercício do conselho fiscal do DESCENTRO, órgão estatutário com legitimidade para assinar contratos. Os procedimentos para a nomeação de novo conselho e registro, somados às dificuldades de final de ano, postergaram o início deste trâmite para 2010.

Nesta altura, o DESCENTRO já começava considerar a necessidade de adiamento - pois estava informado de que o trâmite dentro da PETROBRAS poderia ser demorado - mas em todas as conversas era estimulado a manter as datas.

Superada a questão do conselho fiscal do DESCENTRO em fevereiro de 2010 os trâmites internos da PETROBRAS, para produção e aprovação do contrato, consumiram os meses de março a abril de 2010. Em 4 de maio veio o e-mail pelo qual a gerente de patrocínios, Isabela Paulucci, informava que “enfim” recebera o parecer do departamento jurídico:

Tenho boas notícias. Recebemos, enfim, o parecer (sic) do nosso departamento jurídico sobre a contratação do projeto Submidialogia. Tendo em vista o curto espaço de tempo que temos até a realização do evento, encaminho extraordinariamente (sic) em anexo o contrato salvo em PDF bem como os demais anexos para assinatura.

1.2– O evento “tem que ser realizado até junho” (Gerência de Patrocínios)

Não obstante a demora nos trâmites (fato para o qual concorreram ambas as partes) a Petrobras exigiu a realização do festival até junho de 2010, conforme verifica-se no e-mail enviado pela Gerência de Patrocínios em que se usa a expressão “tem que ser realizado”:

----- Forwarded message -----

From: <isabelapaulucci@petrobras.com.br>

Date: 2010/4/8

Subject: Re: Relação de documentos contratação

To: Tininha Llanos <oitininha@gmail.com>

Cc: Alexandre Freire <freire@gmail.com>

Tininha, Sobre as datas de realização do evento, tudo certo para o adiamento da etapa de Arraial e de Valadares (tem que ser realizado até junho, inclusive). (G.N.)

A prestação de contas não precisa ser até junho, o contrato pode ter um prazo maior - estou prevendo 300 dias à partir da data de assinatura do contrato. Lembra, entanto, que o processo está parado pois estou no aguardo das alterações que pedi na programação e após o recebimento da mesma ainda temos de um mês a 45 dias para a

liberação da primeira parcela. ☐☐Fico no aguardo.

Um abraço

Isabela Paulucci

Comunicação Institucional- Gerência de Patrocínios

PETROBRAS - Petróleo Brasileiro S/A

Tel: (21)3224-8352

Ocorre, no entanto, que após o parecer do departamento jurídico, o contrato, que foi imediatamente assinado e devolvido pelo DESCENTRO, demorou outros 20 dias para ser assinado pela presidência da PETROBRAS. Assim o contrato foi efetivamente assinado. Ocorre, no entanto, que após o parecer do departamento jurídico, o contrato, que foi imediatamente assinado e devolvido pelo DESCENTRO, demorou outros 20 dias para ser assinado pela presidência da PETROBRAS. Assim, o contrato foi efetivamente assinado apenas 2 dias antes do início do festival .

Durante este período de demora, em várias conversas, foi ponderada junto a gerente de patrocínios, Isabela Paulucci, a inviabilidade de realização da programação do festival, pois naquela altura já estava configurada a hipótese de não liberação do recurso com a antecedência necessária para confirmação de agenda de todos os participantes pré-confirmados, compra de passagens, reserva de hotel, locação de equipamentos, seguro e todos os demais itens para a boa execução do programa do evento. Não obstante a obviedade destas circunstâncias, a gerencia de patrocínios alegou que era uma prática comum os produtores adiantarem os recursos para realização do evento e, depois de liberado o recurso, procederem o reembolso das despesas, o que é terminantemente proibido pelo MINC.

Assim, a PETROBRAS mantinha-se irredutível quanto à exigência de realização do festival AINDA EM JUNHO DE 2010, inclusive condicionando a assinatura do contrato à manutenção das datas, num claro exercício de coação.

1.3 -JUNHO DE 2010:Brasil um País de todos"

Mas pergunta-se: se o contrato fora assinado em 5 de maio de 2010 e o prazo para execução era de 300 dias a contar da assinatura - isto é, até 9 de maio de 2011!, por que a Petrobras exigia afoitamente a realização do festival logo nos primeiros dias de vigência, e mesmo antes de a verba de patrocínio ser liberada?

A resposta veio na primeira reunião para tratar da não aprovação do relatório de atividades. Com efeito, sem tempo e sem dinheiro, não obstante o esforço dos associados e colaboradores do DESCENTRO (que atendendo à convocação foram para Arraial fazendo o favor de custear suas despesas), algumas das atividades programadas não puderam ser realizadas, do que decorreu a surpreendente desaprovação do relatório de atividades. Inconformado, o DESCENTRO marcou reunião e enviou quatro representantes à sede da Petrobras, no Rio de Janeiro, em tal data

Lá argumentaram que o Relatório de Medição que desaprovou o festival, desconsiderou a circunstância de que fora a própria PETROBRAS que, com sua exigência de realização em junho, deu azo as diferenças apontadas pelos técnicos de fiscalização.

O representante mais graduado da Petrobras presente à reunião, considerando que o contrato poderia ser realizado sem atropelo no decorrer de 300 dias, e, portanto, razoáveis e lógicos os argumentos do DESCENTRO, iniciou a gerente de patrocínio, Isabel Paulucci, sobre o motivo da tamanha pressa. Foi lhe dito então - ao pé do ouvido - aquilo que o DESCENTRO não tinha atinado: o motivo para a pressa era a proibição pela Lei Eleitoral/Superior Tribunal Eleitoral, a partir de 1 de julho, de veiculação da logomarca do Governo Federal : "Brasil um País de Todos"

Colamos mais uma vez: "Tininha, □ Sobre as datas de realização do evento, do certo para o adiamento da etapa de Arraial e de Valadares (tem que ser realizado até junho, inclusive). " (Gerência de Patrocínios da Petrobrás)

Chegamos aqui ao centro nervoso do debate sobre este contrato cuja meta deveria ser o patrocínio da produção de um Festival de Arte, Mídia e Tecnologias Livres, mas que derrapou na curva sempre escorregadia da PUBLICIDADE e PROPAGANDA.

1.4 - Arte x Publicidade

Não é segredo para ninguém que tenha algum contato com a produção cultural que a publicidade tornou-se o núcleo central da produção artística do país: se não apresentar retorno ou blicitário, não se sustenta como projeto cultural. Daí que justamente são as empresas públicas que acabam patrocinando os projetos de menor visibilidade midiática. As celebridades tem patrocínio garantido em outras paragens. Isso, contudo, não isenta as empresas públicas de engendramos distorções, que embora diferentes, são da mesma forma ingerências sobre a criação artística, que é o que se dá no presente contrato de patrocínio. Não por outro motivo ainda em 2011 será levado ao Congresso Nacional o Projeto de Lei Procultura, que substituindo a Lei Rouanet, pretende corrigir suas inescapáveis distorções.

Pois bem, no presente caso a ingerência do patrocinador (que a rigor não patrocina coisa alguma, posto que trata-se de isenção de IR) sobre a obra e seu modo de execução chegou ao ponto de forçar a realização do evento em condições impossíveis, apenas para poder satisfazer seu interesse institucional/político/partidário. Veicular a marca do governo federal na ação cultural - antes que sobreviesse a proibição da lei eleitoral/TSE.

1.5 – Indução à realização do evento antes do pagamento do patrocínio

1.5.1 – Consequências primárias

Assim, a patrocinada foi instada, induzida, e temerariamente conduzida pela patrocinadora a realizar o festival em condições adversas: sem verba, exigindo que os participantes pagassem suas despesas com passagens, alimentação e hospedagem, para futuro reembolso (o que, como se verá, não é permitido pelo MINC).

Muitos colaboradores do DESCENTRO atenderam a convocação, e foram a Arraial nestas condições adversas. Mas, não sem motivo, muitos oficinairos (artistas/trabalhadores) declinaram sua participação por não terem como adiantar as despesas. Artistas e palestrantes consagrados que haviam confirmado shows e palestras mediante pagamento de cachês simbólicos - em atenção unicamente a relevância histórica do SUBMIDIALOGIA - sequer puderam ser convocados pelo DESCENTRO, ante o óbvio constrangimento da situação.

1.5.2 – Consequências secundárias

Pois bem, exigida a realização em junho para poder inserir a marca “Governo Federal - BRASIL UM PAÍS DE TODOS”, foi apenas a origem do imbróglio. O que se seguiu é ainda pior: os técnicos da PETROBRAS incumbidos de fiscalizar a execução do contrato pela análise do relatório parcial de atividades entregue pelo DESCENTRO, deliberaram por não aprová-lo, alegando, entre outros motivos, que atividades não foram realizadas e participantes programados não compareceram ao festival.

Obviamente estes técnicos não sabiam que foi a própria Gerência de Patrocínios que engendrou o problema. E nem esta Gerência poderia alertá-los deste detalhe, posto que a exigência em decorrência do interesse eleitoral é totalmente estranha à finalidade do projeto artístico, ao próprio contrato, ao direito e à ética.

Assim os técnicos apenas fizeram medir o que estava programado e o que fora realizado e obviamente encontraram diferenças.

1.6 - Dois pesos e duas medidas:

Sobre a diferença no entendimento do que é SUBMIDIALOGIA entre aqueles que contratam (curadores/artistas) e aqueles que fiscalizam (técnicos da PETROBRAS)

Também no modo de avaliar é preciso fazer ressalvas e críticas conforme será debatido em tópico próprio, por hora basta lembrarmos que trata-se de “realizar um festival multidisciplinar de arte, mídia e tecnologias livres que através de ações

colaborativas e abertas"__. Ora, o objeto do contrato, parâmetro fundamental, marco zero das obrigações pactuadas, estabelece que o festival seria realizado através de ações colaborativas e abertas, o que implica inclusive na hipótese de alteração de métodos e conceitos.

Não se pode perder de vista também que o projeto que foi aprovado por uma comissão de curadores. No projeto avaliado e el ei topor estes curadores está muito claramente configurada a realização de um festival de ARTE onde, por príncipi o, os elementos conformadores do objeto/experiência artística estão sujeitos a mudanças subjetivas, cri ati vasm uma palavra, artísti cas. Mais abaixo tratar-se-á de demonstrar que os critérios que levaram a desaprovação do relatório de atividades desconsideraram absolutamente o fato de se tratar de uma experiência de imersão artísti ca em localidades ermas (quilombolas, indígenas, caiçaras) e que o propósito do festival é o intercâmbio de experiências e não simples ajuntamento de plateia. Desconsideram em particular os conceitos do Festival de Submidialogias desenvolvidos e aprofundados numa história de 9 anos e 6 festivais. De fato há um descompasso potencial entre os curadores (artistas) que elegeram/contrataram o projeto e os fiscais que reprovaram sua execução.

Esse dado por si pode ser objeto de discussão posto que a proposta tal como apresentada e aprovada pelos curadores é também parte do contrato e deveria ser levada em conta na avaliação dos relatórios.

2 - DESAPROVAÇÃO DO RELATÓRIO PARCIAL E RETENÇÃO DA 2ª PARCELA DO PATROCÍNIO.

Ilícitude da retenção

Não obstante a suspeita de falta de perspicácia artística e conceitual dos fiscais/avaliadores do relatório de atividades que consideraram o DESCENTRO inadimplente; mais grave, do ponto de vista contratual, porque ilícita, foi a solução adotada: a total retenção da 2ª e maior parcela de patrocínio, e, não bastasse, a

notificação da retenção apenas dois dias antes da realização do festival de Valadares no Paraná

2.1 - Princípio da equidade contratual - Artigos 422, 423 e 413 do código civil

Artigo 422 - Os contratantes são obrigados a guardar, assim na conclusão do contrato, como em sua execução, os princípios da probidade de boa-fé

Artigo 423 – Quando houver no contrato de adesão cláusulas ambíguas ou contraditórias, dever-se-á adotar a interpretação mais favorável ao aderente

Artigo 413 - A penalidade deve ser reduzida equitativamente pelo juiz se a obrigação principal tiver sido cumprida em parte, ou se o montante da penalidade for manifestamente excessivo, tendo-se em vista a natureza e a finalidade do negócio.

Num contrato, há sempre a hipótese de desacordo quanto a efetividade do cumprimento da prestação ou quanto à sua quantidade e/ou qualidade

Para as hipóteses de inadimplemento parcial ou total de um contrato, o Código Civil estabelece um conjunto de princípios e regras com objetivo de permitir que a parte faltante seja penalizada pelo sua falta; permitindo, outrossim, que a parte que recebeu menos possa igualmente contra-prestar menos. Seja como for, a inadimplência não autoriza ao credor arbitrariedade, improbidade ou abuso de direito.

2.2 Aplicabilidade das cláusula 1.1 e 1.3 – multa por inadimplemento parcial

No contrato em questão há dois modos de penalizar o inadimplemento da contratada:

i) a primeira estabelece um multa de 20% do valor contratado para a hipótese de inadimplemento parcial e a segunda a rescisão do contrato em caso de inadimplemento absoluto ou reincidências quanto a inadimplementos parciais.

A hipótese de multa está assim configurada (grifos nossos)

Cláusula 1 3. 1 – O atraso i nju sti fi cada realização do projeto patrocinado ou no cumprimento de outras obrigações contratuais, bem como de qualquer outro inadimplemento, assegurará à PETROBRAS, independentemente da faculdade de rescisão contratual, o direito à cobrança de multas, mediante notificação prévia e por escrito.

Cláusula 1 3.3 – A PETROBRAS sem prejuízo da faculdade de rescindir o presente contrato, poderá aplicar ao PATROCINADO as seguintes multas compensatórias:

1 3. 3. 2Pelo descumprimento parcial das obrigações contratuais e/ou da proposta prevista no Anexo I, a PETROBRAS poderá aplicar, mediante notificação por escrito, multa compensatória no valor de 20% do total do contrato.

1 3.3 – As multas a que o PATRONINADO der causa serão descontadas do primeiro documento de cobrança por ele apresentado, após a aplicação da penalidade, ou dos subsequentes, se o valor do primeiro não for suficiente.

1 3.7 – O PATROCINADO poderá recorrer da notificação da multa no prazo de 1 5 (quinze) dias corridos, contado da data de recebimento da notificação, caso em que a PETROBRAS comunicará a manutenção ou revelação da multa.

Não há que se confundir, contudo, a retenção/desconto de uma parte do pagamento a título de compensação pela cobrança de multa (cláusula 1 3.3, supra) com a hipótese, muito mais restrita, de retenção total de parcela (cláusula 6.1), que a rigor não está a serviço e penalizar inadimplementos, mas apenas de suspender o pagamento enquanto o PATROCINADO não fornecer: a) os relatórios de atividade; e b) as guias de recolhimento da Previdência Social. Sem estes documentos a PATROCINADORA não emite o Relatório de Medição condição sine qua non para a liberação da parcela de patrocínio.

1 . – Nenhum pagamento do PATROCINADO será processado sem que tenha

sido previamente emitido o respectivo Relatório de Meditação, observado o disposto no item 4.1 .1 9 e no item 1 5.5

Note-se que não há menção de condicionamento da liberação da parcela a juízo de valor, avaliação de qualidade, desempenho, quantidade. O critério para liberação é puramente processual, protocolar: entregues as guias (4.1 .1 9) e relatórios (1 5.5) pelo DESCENTRO, a PETROBRAS estaria obrigada a emitir Relatório de Meditação, e ato contínuo obrigada a proceder o pagamento.

Se do Relatório de Meditação decorresse a necessidade de aplicação de multa, por verificado inadimplemento parcial, isso implicaria no direito da PETROBRAS de reter apenas uma parte do pagamento - a título de compensação - no valor da multa; nunca a retenção do total do patrocínio. A retenção do total só seria admissível no caso de alegado inadimplemento absoluto e conseqüente pedido de rescisão do contrato.

Ora, se há no contrato um modelo de equilíbrio entre prestações e contra-prestações, a PETROBRAS incorre em ilícito contratual quando não obedece este sistema e impinge ao DESCENTRO, arbitrariamente, penalidades não previstas. Seu Relatório de Meditação constatou diferenças entre o programa do anexo I e o relatório parcial de atividades, seria o caso de aplicação de multa ou rescisão.

Assim o procedimento de retenção de pagamento utilizado pela PETROBRAS não tem guarida no contrato, uma vez que apenas seria admissível - conforme cláusula 1 5. 5 - no caso de não apresentação do relatório parcial de atividades e nunca no caso de sua não aprovação.

A diferença entre “não apresentação” e “não aprovação” é óbvia quando não se apresenta relatório não há o que fiscalizar. Sem o relatório da lavra do DESCENTRO, não há relatório de medição da lavra da PETROBRAS, e sem este não se libera parcela de patrocínio. O rito de suspensão é protocolar e processual, não há julgamento: o pagamento só fica suspenso até que se possa medir.

Bem diferente é a “não aprovação” decorrente do Relatório de Medição: neste julga-se o adimplemento das obrigações, de onde só pode decorrer ou aprovação ou não aprovação e, neste caso, multa ou rescisão, jamais retenção de pagamento.

Ora, de um total de quinze (15) atividades constantes no relatório de Arraial, sete (7) não foram aprovadas. Quatro (4) delas objetivamente por conta de não estarem presentes os palestrantes, oficiais, artistas ou coletivos programados, fato para o qual, como exaustivamente demonstrado, concorreu decisivamente a PETROBRAS.

Assim não resta dúvida quanto a improbidade, iniquidade, arbitrariedade e ilicitude do comportamento da PETROBRAS quanto ao ato de reter o pagamento da segunda parcela do patrocínio.

2.3 - Intempestividade da comunicação de retenção da segunda parcela

Menos ilícito não foi o modo pelo qual a PETROBRAS fez valer sua inovação penal. Com efeito, na reunião realizada entre DESCENTRO e PETROBRAS ficou bastante claro o indicativo de seguimento do contrato, devendo apenas o DESCENTRO refazer o relatório de Arraial D'Ajuda. Tanto que em vários e-mails a PETROBRAS segue tratando dos preparativos para a realização do festival de Valadares-PR:

e-mail 1- Citar e-mails posteriores a reunião em que fica subentendido o prosseguimento normal do contrato com liberação da segunda parcela

e-mail 2

e-mail 3

Ocorre que, dois dias (2!) antes da realização do festival, quando todos os elementos produção estavam organizados, esperando apenas a liberação da segunda parcela do patrocínio - uma expectativa legítima, tendo em conta os e-mails supra -, a PETROBRAS, intempestivamente, emite notificação informando a retenção do recurso.

3 - CONCLUSÃO

De todos fatos resta incontestável o descompasso entre o comportamento da PETROBRAS e os ditames de boa-fé e probidade prescritos pelo artigo 422 do Código Civil. O princípio da probidade impõe às partes o dever de agir com lealdade, honradez, integridade e confiança recíprocas. A boa-fé, por sua vez, exige a lisura que impede o abuso de direito. Inovar o contrato, criando obrigações e penas surpreendentes e notificando-as intempestivamente, constitui um flagrante abuso de direito, que atenta contra os princípios mais elementares do direito civil e do constitucional.

Assim, parece-nos que a proposta da PETROBRAS para quitação recíproca das obrigações contratuais está apartada dos fatos e do contrato.

Quanto à execução do projeto e contrapartidas pelo DESCENTRO

Três festivais foram realizados mais de 30 artistas ligados à mídias e tecnologias livres a trocas de experiências efetivas e afetivas com comunidades que são repositórios de tradições artísticas e culturais ainda desconhecidas. E finalmente as contrapartidas publicitárias foram cumpridas: a marca "PETROBRAS" está neste momento ligada irremediavelmente ao Submidialogia em todo o material áudio-visual produzido e também no site do projeto. E tudo isto apesar da insensibilidade flagrante da PETROBRAS para o que efetivamente se pretendia, aconteceu e ainda está acontecendo.

Quanto ao não pagamento do total do patrocínio pela PETROBRAS.

Resta patente por fim que a PETROBRAS em momentos distintos e conectados por engenho exclusivamente seu, cometeu faltas contratuais, legais e éticas que impingiram ao DESCENTRO danos de ordem financeira, administrativa, e moral (quanto a imagem do festival SUBMIDIALOGIA e do próprio DESCENTRO) que merecem reparação nos termos do artigo 186 e 187 do Código Civil:

Artigo 1 86: Aquele que, por ação ou omissão voluntária, negligência ou imprudência, violar direito e causar dano a outrem, ainda que exclusivamente moral, comete ilícito

Artigo 1 87: Também comete ato ilícito o titular de um direito que ao exercê-lo, excede manifestamente os limites impostos pelo seu fim econômico ou social, pela boa-fé e pelos bons costumes.

É o parecer.

Rio de Janeiro, 24 de maio de 2011 .

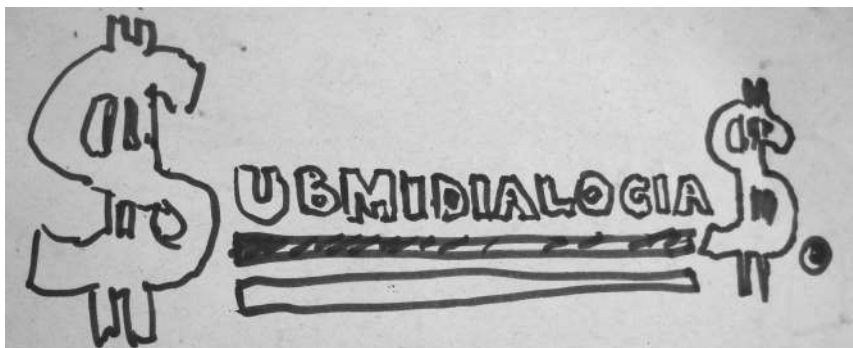
Lourinelson Vladimir

OAB/PR 24007

"

Epílogo: assassinato da marca.

[*]



QUASE INFINITO E/OU APODRECE E VIRA ADUBO SUBMIDIÁTICO

Vitoria Mario

Abordar modos de sobrevivência. Anotações sobre existência. Refletir sobre diferentes exercícios. Identificar e ecoar alerta sobre instâncias opressoras (e o sentido de significá-las) apontar o acesso ao conhecimento não aparente como princípio emancipatório frente a tais estruturas castradoras. Transitar tácticas, experiências, circulações, compartilhar procedimentos de não perpetuação dos modelos inadequáveis, indesejáveis, insustentáveis, insuportáveis... A liberdade trata também da mobilização e difusão dessas práticas.

O abandono da civilização genocida e o sexo único. No modelo de civilização exploratório, prejudicial ao desperdício esgota recursos naturais em canto de descaso, promovido por um progresso pseudo ordenado. Incentivo ao consumo é técnica de hipnotismo. Planificação das relações estagnadas em autoritarismo e exclusão. Sua pauta é a ratificação da família nuclear baseada na figura do pai, substanciada em lastros históricos como o domínio por herança. Promove a limitação da existência a condição de atores fixos não humanizados, e explora parcelas da população divididas basicamente em classe e gênero. O que torna impossível o permanecimento nesse sistema segregador, já que optamos pela plena atividade criativa dos seres. Constatando as desorientações dessa existência nos declaramos responsáveis pela não perpetuação das ideias e práticas desse mundo, agimos para seu desmantelamento e nos sentimos satisfeitos com seu aniquilamento não espetacular.

Família como sinônimo de "ideia de família". Diferentemente da noção do remoto sexo único – a considerar mulher como homem atrofiado – dele derivado – reivindicamos o sexo único em respeito as características peculiares dos seres humanos, complexo irreduzível a dualidade mulher/homem. Criticamos a premissa hegemônica de gênero a partir da concepção biológica e natural que desconsidera outros fatores, a exemplo do social, agente de/em construção.

Satélites a deriva, sobrevoam insetos meteoritos. Satélites artificiais – congestionamento espacial, lixo tecnológico paira sobre cabeças – objetos identificados aos monopólios das telecomunicações – projetos militares – abarcam diversos objetivos, entre eles o controle da comunicação, o climático catastrófico, passando do mapeamento à espionagem, voyeurs unioculares voltados ao controle. Rompe o pleroma da estratosfera um mistério de soberania de técnicas espaçocratas. Aparelhos conceituais concretizam-se em projéteis. MSST. Movimento dos sem satélite. Utopia ou Distopia? Seria delírio a conspiração autônoma em busca do lançamento de satélites? Lixo e mais lixo no espaço. A nova geração fazendo passeatas pela reciclagem dos satélites. Paralelos Epistemológicos. Percepção em hipertexto. Acordo ortográfico. Alfabetizados agora ficionam a novilíngua. Sem trema. O Miguxês. Crianças no Orkut e no Google Docs estão vivendo simulacros reais. Ontologia do voyeurismo de scraps. Redes Sociais. Shopping Centers são infovias fechadas em rotas de pacotes precisos de dados. Dinheiro ganho, dinheiro gasto. Dinheiro impresso, empréstimo. Espaço. Jogo de colisões e inércia. Retoma o pleroma para o campo ciência. Sintaxe como álgebra. Metafísica do materialismo dialético em eterno retorno de uma mais valia perdida. Luzes apagadas. Sociedade do audiovisual. Cheiro de banheiro. Fome. Desejo. Não Fome.

Calendários. Espelhos.

A política do arrebatamento e as negociações para além do humano. Desde antes da prática da venda de terrenos no Céu temos o estabelecimento de um mercado do dogma, hoje estendido a vários outros ramos além do imobiliário: moda, música, até tude, automobilismo, fu tebol, mídias de massa. Não ter a opção, somente ser aterrado por uma avalanche de simbologias ditas sólidas e milenares para deixar a vida para uma próxima, eternidade muito aquém de ser alcançada. A qualidade de vida e a proporção do medo – contra as ideologias que promovem a insegurança e o temor. Quando se abandona o lamento resta a condição de agentes das ações – transformação, sujeito integrante de um ambiente onde não se está sozinho – dialógico com as comunidades e circuitos pelos quais transita. (contrário da postura heroica) relações interpessoais. Os vegetais e a grande trepadeira do sistema: orgânicos como moda. Agrotóxicos são os temperos de uma dieta alimentar pobre e envenenada. Não se conhece o que se come, nem sequer se sente o gosto. Carne é crime, fome é foda. Não se sabe o que fazer com os entulhantes

dejetos. Cachorros e outros estimados animais domésticos são levados todas as tardes para passear, idiotia urbana, cativo e escravidão no âmbito animalesco das indústrias de ração e produtos cosméticos veterinários. Sinuca da simulação, sarna, estado de óbito, verticências...

Sem bússola, mensagem na garrafa, quase uma reza. Cadência no ritmo das frases, mesmo sem rima. 15 sílabas e alguém querendo mais que formas.

Eu penso, tu falas, ele escuta, ela decide. Além de gêneros e plurais. Um motivo, um avião decola, Itaipu segue imponente sobre as 7 quedas, alina esquina. Alina esquina. Um despacho. Mo-ti-vo pra cir-cu-lar por baixo de tudo, força motriz, 7 quedas. impulso; desvios; significados; cruzamentos linguísticos; mais-valia; ethos; desmontes das bombas; Então responda-nos, em fluxo mais fluído. Léxicos em queda, definindo afluentes: A tríplice fronteira e a aliança neoliberal numa velocidade espiral. Segurança defronte ao labirinto abismo. Extensão das formas fixas, mestiçagem da alucinação contra as forças centrípetas de estagnação pela ordem segundo interesses parciais, indiferentes, das suas decisões imposições, efeito dominó: opressão. Espaço de disputa desigual, tédio de inexpressividade e alienação.

Acesso ao sonho crítico. Verdade do planeta. Sânscrito e latim para macacos. Selvageria as avessas. Na entrada e na saída, buraco úmido. A bula do cosmos. Gênese. A E I O U. Escolha suas consoantes. Morda a teta.

- 1 In nova fert animus mutatas dicere formas
- 2 corpora; di coeptis (nam vos mutastis et illas)
- 3 adspirate meis primaque ab origine mundi
- 4 ad mea perpetuum deducite tempora carmen!
- 5 Ante mare et terras et quod tegit omnia caelum
- 6 unus erat toto naturae vultus in orbe,
- 7 quem dixere chaos: rudis indigestaque moles
- 8 nec quicquam nisi pondus iners congestaque eodem
- 9 non bene iunctarum discordia semina rerum.

Automatismo do mistério. Metamorfosis de Ovídio. Salsa e cebolinha na retórica acadêmica. Declaração da precária condição do sistema artístico e suas trocas. Vamos a pastelaria. Pastel. Pastelaria. Pastelão. Pastiche. ci enti sta Quem não tem ciência atire a primeira tese.

inconscientista: ...

arti sta: Faz desfazendo.

anti arti sta: Desfaz fazendo.

aartista: preposição.

pasteleiro: O papel da estética na busca por articulação de uma solução

básica para problemas de sobrevivência feito de modo a estimular catarse coletiva por alegorias de uma forma ideal destes objetos que conduzem e satisfazem demandas das mais fisiológicas. Demandas, necessidades pulsionais. A Arte do Pastel desengordurado. Papel Absorve os excessos. Chistes salgam a massa com algum Ethos arbitrário determinado pelos mais escamoteados recalques de algum tipo de desejo por significar. Algo além da fome?

Servidão e/ou processos artísticos. Caleidoscópio, seja qualquer lado que gire novas formas e novas expressões vem à luz. Cubo da mais-valia : apresenta um número finito de superfícies planas, seis quadriláteros, em cada um dos lados do cubo se pixa: Babel.

Trabalho escravo. Um ônibus na estrada. Tratava-se evidentemente de trabalhadores assalariados, um deles tinha a cabeça encostada na janela e sustentada por uma fralda com a imagem de Dayse Margarida Disney, a namorada do Pato Donald. Plante. Operação vão no vácuo. Olhar sub mundo das coisas. Uma experiência de olhar como se estivesse um passo atrás, como no estranhamento, alguém observa-se em ação. Um olhar sub mundo. Após o encontro aqui – outro lado dali – vem entoar o mantra, grito ao sustento.

Tomada de rescisão. Desescalada dos puleiros das instituições que promovem vínculos empregatícios. O líder foi liderado. Os retornos dos trabalhadores para nunca mais

voltarem – tempo de extinção dos contratos e vínculos empregatícios – extinção da exploração, da mão de obra.

Quero estudar. Alguém pode me dizer como posso estudar? R.: Ela não fala em Escola. Escola: espaço social ao qual tenho direito assegurado e o dever de usufruí-lo. Quem não tem, sente falta, desvantagem como moral de exclusão. Caminho: para di fu ndi r experiências e práticas próprias da comunidade como formas de sabedorias e conhecimentos singulares, valiosos. Conhecimentos institucionalizados, legitimados. Conhecimento informal. Escola problema solução, passar a valorizar a pessoa (por) e suas vivências, princípio dela mesma, nela se encontra. Já era pedagogia do poder, implosão da escola, movimentos de moralização e disciplina militarizante berram, ainda esperam por filas paralelas e carteiras desconfortáveis entulhadas em uma sala controle. Uma educação desvinculada de obrigatoriedade, da formação curricular carrei ri staPós-di a, liberdade para as crianças, adolescentes e jovens enclausurados por meio período (em certos casos período integral) por cerca de 20 anos. Outras formas de acesso ao conhecimento que não impliquem em enclausuramento. Perseguição ao analfabetismo : a moral que a sociedade ejacula sobre si mesma no mundo vazio. Pintar fora das linhas, fora das páginas. Sabedorias, conhecimentos que não são legitimados excêntricos. Sabedorias, conhecimentos hegemônicos (leitura, escrita) como herança da humanidade, enraizamento em livros sagrados/épicos – erudição secular dádiva dos deuses.

Empobrecimento : superstição de ficar presx no tempo – cimento sossego (ou seja, a lápide clássica que envolve os corpos cansados demais, pesados demais, leves demais, sujos demais, puros demais, alegres demais, tristes demais, mutantes demais e demais corpos). Insti n to sabedoria vivência virulência afirmação negação justaposição negação afirmação questionamento. Econ0mídia : na hierarquia dos demônios os que tem um chifre são devorados pelos que tem dois ou três chifres. Monstruosos dentes de leão. Criar um sistema econômico baseado em trocas mútuas – prática da abundância – atuações compartilhadas.

I lu são: tomada de rescisão. Tudo isso, a ideia e ideia de conhecimento são muito parecidas, a universalidade de conhecimentos amplia os universos. Impossibilidade de

mensurar o inconsciente. O pensamento hegemoniza parte do ser, existência subordinada a linguagem. O limite do pensamento, concretude de pensamento, ato de ampliar a história pelo pensamento. Paradoxo – ampliação de algo que não se condiciona a ser mensurado. A racionalidade, a que se auto define como estratégia de sobrevivência pra esse mundo específico, bum.

Perseguição ao escravo hiper necessário. Capitalismo ecológico. Treinamento. O homem antiautoritário sucumbiu ao tubo de raios catódicos e às várias ondas.

Outras possibilidades além do capitalismo, sem tentativas comparativas: Nenhum tipo de outro capitalismo. Possibilidade de circulação de comunidades móveis, nômades. Nomadismo de ideias, capacidade de se adaptar a qualquer tipo de pensamento. Flutuar por um imenso espaço volátil de ideias ou estabelecer bases para o questionamento do entorno?

Como desmontar as cidades. Destruir as estradas e cemitérios; quebrar os muros; jogar fora todas as chaves e cadeados; fissão nuclear espontânea dos regimes controladores e prefeituras; mas se a fissão for espontânea teremos que ficar esperando? Podemos acelerar o processo “espontâneo” provocando modificações climáticas, aplicando fertilizantes que poderia acarretar tais acontecimentos para tanto é preciso ainda apontar quais as atitudes para se chegar a isso: fim dos meios de transporte poluentes; busca de moradias que refletem a personalidade e não a classe social; fim da propriedade, do medo das trocas, dos aparatos do poder; neocolonialismo, neocorrupção; de qualquer possibilidade de considerar forças que nos oprimem; da indução que aceitemos os males do mundo e que nos acostumemos a viver com eles; das hierarquias, da repressão sexual, do autoritarismo, da sociedade tecnocrática, competitiva, individualista e consumista, da nação, das olimpíadas, do super-humano, dos recordes, da discriminação e do preconceito; do lucro; da carne; dos conservantes, acidulantes, da química alimentícia, da produção de lixo, da utopia das metrópoles, da crítica inexpressiva, da polícia e do exército, das armas, do estabelecimento da guerra, da sociedade de classes unidimensionais: com sua capacidade de uma classe absorver outras tornando-as não contestadoras e acomodadas, da alienação; das formas sofisticadas de controle social

e repressão (arte, tecnologia, ...)do mercado; das ruas; do anacronismo, da miséria, das especulações; dos contratos, cartórios e burocracias; de rastejar, do mundo;

Continuação dos suicídios;

Retomada do plantio natural;

Início de outras possibilidades; outras trocas; da subsistência; das sociedades solidárias e iguais; da construção de jardins; da recuperação dos rios; do estabelecimento de ligações; relações uns entre outros, cooperativas e não competitivas;

Lago imenso negro de ideias. Lago negro imenso de ideias (in)justiça? exuberância de sensações; não nos responsabilizarmos por quem somos; Respondemos por algumas coisas que fazemos, somos quem somos. E daí? Caralho! nos sentirmos bem em relação a vida; nós: tomando decisões e assumindo as consequências. As ações fazem diferença. Observadores passivos.

Educação, mutação de pontos de vista, práxis, ideia de liberdade, experiências sobre liberdade. liberdade é uma construção do pensamento e uma realidade do corpo em situações extremas, imagine por conta das catástrofes nas contas bancárias dos aristocratas. Quem são os aristocratas no caso de liberdade existem conceitos, os de pensadores sobre liberdade. A nossa liberdade. Desafie o Estado escravo das corporações! A resistência não é fútil! A criatividade e o espírito humano dinâmico que recusa-se a submeter-se! Voto – participação ocasional e puramente simbólica da liberdade. Escolher entre o fantoche A ou o fantoche B. Ostentação, fri volí dede desastre, merda, parasitismo, dominação, moralidade... guerra, predação. Favela, doze horas na rua, exercício de pureza. Moradia em trânsito, pessoas e movimento e pobreza e uma forma de organização não nuclear. Inalienável. Sexo e abandono.

Movimento dos Sem Satélite (MSST). Comunidade de artesãos de bits e volts, poetas humanistas, cientistas nômades, para onde estamos indo? Confio no pulso dos seus passos, nossa revolução é o próximo segundo e o desafio constante de não render-se ao conformismo de simplesmente entreter-se ou entreter, distraindo o fato de que vivemos

além da história, dos muros, da semelhança dos corpos e suas consanguinidades. Queremos um ecossistema condizente com toda esta pirotecnia prometeica de um suposto ser vivo Sapiens, uma simbiose duradoura e enfim poder pensar em criar e imaginar outros espaços e formas para todo esse conhecimento que mantemos aceso nesta chama. Mas se ainda hoje nossos semelhantes marcham por um pedaço de chão para sobreviver, e alienam seus instintos mais criativos em busca de algum reconhecimento dentro de uma esmagadora cultura de consumo auto destrutivo, nos deparamos com a questão: qual o papel que nós aqui já alimentados e abrigados temos em pensar numa soberania e transmissão de conhecimentos que buscam reverter esta pulsão auto destrutiva da humanidade? A conjectura deste manifesto é em função de apontar uma necessidade pontual no horizonte: Criaremos nosso primeiro satélite feito à mão e mandaremos ao espaço sideral entulhado de satélites industriais corporativos e governamentais. Será nosso satélite capaz de tornar nossas redes ainda mais autônomas? Ou o caminho é repensar toda atual estrutura de nossa tecnocracia e ciência a ponto de decidirmos estrategicamente um caminho totalmente diferente? Qual?? Muito mais que cobaias da Tecnocracia!

Sonhando e Dançando: marcham os Sem Satélite...

Vertigem: diálogos e prospecções a partir da memória do lugar

Ação direta. Pontes. Amizade. Rio. Paraná. Fronteira. Brasil.Paraguai. Fraternidade. Iguazu. Argentina. Sudoeste. Limite. Natural. Político Lugares. Experiência. Percepção. Simbólico. Ambiente. Desencadeamento. Situações criativas.Contato. (tempo/espaço). Relação. Pessoas. Encontro. Atitude. DiluiçãoReverberar. Troca. Político geográfico. Sensação/memória. Agora. Lembrança. Prospecção. Diálogo. CulturalVizinhos. História. Conexões. Contrastes. Conteúdo. Material. Implicações. Mídia impressa. Audiovisual. Web. Porção de mundo. Demandas identitáriasFatores externos. Políticas de controle. Exclusão. Dinâmica. Fundamento. Unidade. Transgressão. Norma. Tríplíce. Geologia. Intervenção. Humano. CivilizatórioProduto. Engenharia. Estratégia. Ocupação. Entrelaçamento. Trânsito. Sobreposições. Regras. Observação. Exercício. Questionamento. Transitoriedade. Estar. Trabalho. Embate. Imagens mentais. Vivência.

Espaço público. Fluxo cotidiano.

ao invés de mas devolvem – dialogam com Sonhos, desejos e projeções calcados em modelos de identidade e felicidade em meio aos confrontos do cotidiano ilusão/desilusão

Irreversibilidade. Acontecimentos. Inscrições. Reflexão. Concepções. Subjetividades. Expectativa. Respeito. Presente. Futuro. Existência. e/ou. Presença. Outro. Projeções. Códigos. Situações transitórias. Fronteiriças. Propósito. In ter i g a Transpor. Transbordar. Materializar. Ultrapassar. Penetrar. Realidade. Marca. Obsessão. Identidade. Estados. Nações. Mercados. Invenção. Passado. Crise. Obstáculos. Princípio. Mundo. Síntese. Social. Disparidades. Manifestações. Entrecruzar. Irrevogável. Subordinação. Projeto. Adaptação. Condição. Comunicação. Alteridade. Camada. Movimento. Vertigem. Ancestral. Águas. Marginal. Deriva. Ambulante. Colaboradas. Coletividade. Autogestão. Autonomia. Descartografia. Registro. Acervo. Circulação. Distribuição.

A ação é baseada no estatuto do lugar: "A ponte reúne enquanto passagem que atravessa", disseram.



Decrystallization
Jonathan Kemp
<http://xxn.org.uk/doku.php>

Suppose a system consists of two containers holding a total of 10 blue molecules and 10 red molecules. There is only one way in which the molecules can be arranged so that all 10 blue ones are in one container, and all 10 red ones are in the other. On the other hand, there are a very large number of ways we can arrange to have 5 of each color in each container.

"Entropic View of Computation" in Mead, C., Conway, L., Introduction to VLSI Systems, (Reading, Mass.: Addison Wesley, 1980), p. 366

Decrystallization was a two day workshop and a salon performance event that took place in late spring 2011 in London. Jonathan Kemp (<http://xxn.org.uk>) and Ryan Jordan (<http://ryanjordan.org>) conceived the event around the two premises:

1) that while life starts from aperiodic crystals (à la Erwin Schrödinger) that encode infinite futures within a small number of atoms, the digital crystallization of the flesh by Capital limits these futures to the point of exhaustion,

2) if computers and the minerals from which they are made are considered equally crystalline then their decrystallization, that is, an increase in their disorder, is possible through positive feedback that disrupts and escalates entropy throughout their structures and forward into their present pathology, Capital.

In Day One of the workshop participants destroyed laptop boards/components and recovered some component minerals including copper/gold/silver by executing various volatile chemical processes. Although activities like these are often scaled to consolidate Capital through the negentropic use of stolen energies (cycles of exploited labour as in the 'real 'price of gold'), on Day Two the workshop participants playfully re-purposed recovered minerals in novel arrays for the final nights salon event of gold/silver drinks and lo-no amp

performances.

Operating in an economy of transduction, that is, of the transduction of materials to value, consumption and energy, feedback appears as a regulatory mechanism in Capital's seemingly irrepressible need for growth. Feedback is the result of any circular causal relationship that takes place within a system, and negative feedback is where an action and its effects are fed back into the system in order to better adjust the system's performance. The game of 'animal, mineral, vegetable' (or 'Twenty Questions') is a regulated system where errors are interrogated to improve performance, and that the information required to identify some thought-of object is at most twenty bits (of information).

This game, along with Norbert Wiener's Cybernetics and Claude Shannon's Theory of Information were all in place by the end of the 1940's, presaging the installation everywhere of Capital's mis en scenes with growth centre stage.

Cybernetics declared aim is to understand intelligent behaviour in systems by focussing on their "communication, control, and statistical mechanics, whether in the machine or in living tissue" and extended to encompass brains, "computing machines and the nervous system", all characterized as self-regulating systems made up of scaled nodal networks. Quickly identifying that such regulation is most effected in the passing of information through the system, its fundamental notions were founded on those of information, feedback, entropy and environment.

Future behaviours were to be adjusted by performance feedback through a maximum adaptability for self-regulation and self-reproduction. Materials are decoupled from anything other than being mechanistically nodal in the modelling and governance of spaceship earth (food dating/labelling as an example) and recycling is subsumed as a mantra crucial for sustaining the web of this life.

In the light of newer ecology, where systems are now seen to be less holistic and more dynamic, ever changing through a series of unpredictable events with nodal relations never

balanced in a steady state, modelling now incorporates such dynamic positive feedback mechanisms as a crucial part driving circuits of organisation (diy, p2p etc.) adroitly recombined by Capital in the accelerated transduction of that-which-decouples to value. This transcendental malaise, the transcendental domination of the material by Capital, with efficiency and growth as its biggest fiction accelerates the renewal of profits by recycling through the abuse of resources and drives the extension of non-production towards the final crystallization of culture and capital together, like the exhausted subjects succumbing to the crystalline forests of JG Ballards *The Crystal World*.

Where Politics lags behind, still set in declensions of the universal, and all planes of inconsistency are registered by Capital in its mutating controls and connective assemblages, and where hackers are eminently coupled as they evoke a sense of 'doing of things before they make sense' – so that their short range bursts can helpfully propagate an anti-delirium Capital, anxious to harvest such free inputs for the circulation of its Power.

Decrystallization began without explanation, that is, a first and natural idea, prompted in part by personal diffidence. But its non-explanation and non-translation could also be viewed as the refusal of the control functions that are otherwise located in those feedback loops preferred by Capital. Instead that which had just gone and that which had just come were both unknown, with no closure, looping or otherwise, and autonomously supplementary to their ontogenesis in unfolding an ecological phantasm through the rubbing together of the various distributed material bodies. And it was this grubbing around in 'dark materials' that gave Decrystallization the visceral dimension to the mangling isomerisation of those crystal invariants it attempted to escalate against Capital's exhaustion of our futures.



Descristalização
Jonathan Kemp
<http://xxn.org.uk/doku.php>
Tradução Glerm Soares e FabiBorges

Suponha um sistema que consiste em dois recipientes contendo um total de 10 moléculas azuis e 10 moléculas vermelhas. Há apenas uma configuração com a qual as moléculas podem ser arranjadas de maneira que as 10 moléculas azuis estão em um recipiente e as outras 10 estão em outro. Por outro lado existe um grande número de maneiras em que podemos arranjar 5 de cada cor em cada um dos recipientes.

“Entropic View of Computation” in Mead, C., Conway, L., Introduction to VLSI Systems, (Reading, Mass.: Addison Wesley, 1980), p. 366

Descristalização foi uma oficina de dois dias e um evento de performance em ambiente fechado que aconteceu no final da primavera 2011 em Londres. Jonathan Kemp (<http://xxn.org.uk/>) e Ryan Jordan (<http://ryanjordan.org/>) conceberam o evento em torno de duas premissas:

1) Que a vida em si inicia-se de cristais aperiódicos (à la Erwin Schrödinger) codificando infinitos futuros num pequeno número de átomos, a cristalização da carne pelo Capital limita estes futuros ao ponto da exaustão,

2) Se os computadores e os minerais quais estes são feitos são considerados similarmente cristalinamente a sua descristalização, que é um aumento na sua desordem, é possível através de uma realimentação positiva que irrompe e escala a entropia através de suas estruturas e descamba na sua patologia presente Capital.

No Dia Um da oficina participantes destruíram placas/componentes de laptops e converteram alguns componentes minerais incluindo cobre/ouro/prata através da execução de vários processos químicos voláteis. Embora atividades como essas sejam muitas vezes

projetadas para consolidar o Capital através do uso negentrópico uso de energias roubadas (ciclos de exploração do trabalho como preço “real” do ouro), no Dia dois os participantes da oficina ludicamente transformaram os minerais garimpados em novos arranjos para noite final em um evento de salão com bebidas de ouro/prata e performances low-fisem amplificadores.

Operando numa economia de transdução, que é, da transdução de materiais para valor, consumo e energia, retroalimentação aparece como um mecanismo regulatório na aparentemente irrepreensível necessidade do Capital por desenvolvimento. Retroalimentação é o resultado de qualquer relação causal circular que acontece dentro de um sistema, e retroalimentação negativa é onde a ação e seus efeitos retorna ao sistema de forma a ajustar as performances do sistema. O jogo do “animal, mineral, vegetal” (ou “Vinte questões”^[1]) é o sistema regulado onde os erros são interrogados para melhorar a performance, e a informação requerida para identificar alguns pensamentos sobre objetos são no máximo vinte bits (de informação).

[1] “Twenty Questions” era um jogo famoso nos anos 40 nas TVs de língua inglesa (e provavelmente é anterior a isso), onde você vai se aproximando da resposta apenas respondendo “sim” ou “não” a no máximo 20 perguntas. Este mesmo jogo foi usado depois em videogames e outros tipos de jogos, incluindo remakes deste programa.

Este jogo, juntamente com a definição de Cibernética de Norbert Wiener e a definição de “Teoria da Informação” de Claude Shannon entraram em cena pelo fim dos anos 1940, pressentindo sua instalação em todo lugar onde o mise-en-scène do Capital crescia no centro do palco.

O alvo declarado da cibernética é entender o comportamento inteligente dos sistemas focando em sua “comunicação, controle e mecânica estatística, seja na máquina ou no tecido vivo” e estendido para encampar cérebros, “máquinas computantes e sistema nervoso”, todos caracterizados como sistemas auto regulados feitos de redes nodais escaladas. Rapidamente identificando que esta regulação é mais efetiva em passar a informação através do sistema, suas noções fundamentais são fundadas nestas

informações, retroalimentação, entropia e ambiente.

Comportamentos futuros seriam ajustados pela retroalimentação da performance com a máxima adaptabilidade para autorregulação e auto reprodução. Os materiais são descontextualizados de qualquer coisa que não seja mecanicamente nodal na modelagem e governança da nava-mãe Terra (classificação e prazo de validade de alimentos por exemplo) e reciclar é subentendido como um mantra crucial para sustentar a teia desta vida.

À luz de uma nova ecologia, onde os sistemas são agora vistos como menos holísticos e mais dinâmicos, cada mudança numa série de eventos imprevisíveis com relações nodais nunca equilibradas em um estado estável, a modelagem agora incorpora tal dinâmica de mecanismos de retroalimentação positiva como uma parte crucial guiando os circuitos da auto organização (Faça Você Mesmo, Peer 2 Peer, etc.) esquivamente recombinada pelo Capital em uma transdução acelerada daquilo que descontextualiza do valor. Este malefício transcendental, a transcendental dominação material pelo Capital, com seu agenciamento eficiente e crescimento como suas maiores ficções, acelera e renova os lucros reciclando através do abuso de recursos e guia a extensão da não-produção através da cristalização final da Cultura e do Capital juntas, como sujeitos exaustos sucumbindo às florestas cristalinas de JG Ballards o Mundo de Cristal.

Onde a política deixa um espaço vazio, ainda programa as declinações do universal, e todos os planos de inconsistência são registrados pelo Capital e seus controles mutantes e montagens conectivas, onde os hackers são eminentemente assim que evocam um sentido de "fazer as coisas antes de terem um sentido" - de uma maneira que suas rupturas de curta escala possam propagar o capital anti del írio, ansioso para colher tais entradas tão livres para a circulação de seu Poder.

Descristalização inicia sem explicação, o que é, uma ideia primal e natural, prontificada em parte por uma desconfiança pessoal. Mas sua não-explicação e não-tradução poderia também ser vista como uma recusa do controle de funções que de outra maneira estaria localizada nestes ciclos de retroalimentações preferidos pelo Capital. Ao invés disso,

aquilo que acaba de ir-se e aquilo que acaba de chegar são ambos desconhecidos, sem uma embalagem, ciclo ou outra coisa, e autonomamente suplementar a ontogênese destes em desdobrar um fantasma ecológico através da maçaroca de vários corpúsculos materiais. E nesta coisa de fuçar em “matéria obscura” que da a Descristalização esta dimensão visceral para despedaçar a isometria destes cristais invariantes isto tudo atenta para escalar contra a exaustão Capitalde nossos futuros.



Fotos Fabi Borges



UM CORPO GRUPO EMPREZA

Mariana Marcassa

Quando em crise, sai para passear a noite e ao voltar à consciência já está em outra cidade, a quilômetros de casa. Colhe a carcaça dos animais devorados no pasto, por entre as cidades. Porco, boi, cachorro. Dá aos ossos um tratamento especial. A casa fede osso, cal e formol. Já em São Paulo, vira mendigo, trabalha como limpador de pratos num restaurante em Santa Cecília. Passa a dormir no restaurante. Tempos depois vem a surpresa de uma carta de amor que o chama de volta para o cerrado. Em Goiânia, investe em parcelas infinitas a moto que lhe permite trabalhar na ocupação de moto-boy. Mas o corpo em crise continua sua vida entre os passeios da noite, a bebida e os comprimidos. Bebe muito, guia a moto bêbado pelas ruas da cidade. Cai. A ponte tem quinze metros. O acidente o leva ao coma e depois há o esforço por voltar à vida. É preciso ajuda. Dão-lhe comida à boca, lavam-lhe o corpo, limpam-lhe a bunda. E depois o trabalho duro do locomover só, do comer só, do falar bem. Com o esforço de sua reeducação tem a oportunidade de trabalhar como peão de fazenda. Cuida das vacas e se masturba por entre os pastos. Uma masturbação exaustiva para saciar o mundo que lhe rasga o corpo. Um mundo cheio, um mundo farto que lhe atira para longe da sua pequena realidade da vida no interior, entre a roça e a cidade. Enfia a fralda de pano por entre as pernas e deixa a ansiedade vir. Um tesão que molha tudo, encharca a coxa. Sua. Um dia inteiro até a exaustão do corpo. Até o seu cansaço, onde a mão já não pode mais, dedos doem, uma buceta dói, um pau dói, um corpo dói. Chega, a masturbação já cheira o pasto inteiro, a ansiedade se foi. Como peão de fazenda perde um braço e ganha a vida. Partido de braço triturado pela máquina de cortar capim compra o carro com a indenização e dirige com um só braço. Caga de cócoras em cima da privada, vem do hábito da vida no mato. Gagueja ao ler em público, tem muita dificuldade de pensar bem, um corpo colapsado. O olhar repressor, mudo, sem palavras, atormenta os sonhos. Grita de modo a causar surdices. Bebe todos os dias, tanto quanto for necessário para esquecer o câncer de alguém bem próximo e a sua vida miserável de merda. Há o constrangimento de acordar gozado ao lado dela. Só fala em sexo e grita aos sete ventos a ejaculação precoce. Bebe muito, cai

na sarjeta. Espancado, roubado e estatelado na rua, na manhã do dia seguinte. Sai para passear a noite e carrega as carcaças que fedem nos pastos. Mas num dia qualquer encontra o bicho vivo. Passa a conversar com ele, fazem amizade. Leva-o para casa como se levasse a carcaça. Bota-o na cozinha da lavadeira. Empurra aquele cavalo enorme, e n tei r para dentro da casinha que fede osso, cal e formol. Toma comprimidos de tarja preta e bebe com eles. É então que é acometido por doença rara, tem que se proteger do sol. Corpo escondido naquela roupa longa e seu jeito de criar distância. Mas aquele sangue endurecido da aristocracia local lhe causa paralisia: aristocracia latifundiária, das criações de gado, das posses de terra, dos massacres das gentes, do catolicismo redentor. O corpo dói com isso, tende a escapar de si, quer fugir do esquizo ao paranóico. Um corpo paralisado, gago, descompassado. Corta-se inteiro: a faca afiada de cima a baixo abre rasgo de sangue do corpo marcado. Dentro da pele desenha todo o corpo e traz a evidência de sua própria dor. Toma comprimidos para se comportar bem. Por vezes, se aperta numa roupa justa, afetada, exótica. Não sabe bem como agir a sua homossexualidade naquela cidade de machos. Tantas roupas justas, tantas vestimentas. Vai do revolucionário ao reacionário. Corpo arisco, difícil chegar perto. Contorce por isso. É gago cheio de tiques. Entre o caminhoneiro e a dona de casa fode a cadela da roça. A cadelinha grita. Mas para quem? Por toda a parte melancolia. O calor é intenso e aos ares sobrevoam palhinhas carboretadas do fogo que consome a mata seca do inverno sem chuva. E como um antigo camarada das campinas goyanas, procura abrigo na sombra de uma árvore retorcida: com a água molha os lábios ressequidos ao mesmo tempo em que come a farinha de mandioca adoçada com rapadura. Sabe ele que desta foda nada sairá, nenhum ser estranho poderá nascer e dar vida longa a sua raça. Raro são seus pensamentos. No descanso, rememora uma experiência que não é sua e cheira o couro úmido da tropa que num tempo distante passava ali. Aquele cheiro de pelo de mula suada mistura-se com o seu, com o cheiro do seu pau que acabara de enfiar na cadela. E toda esta sensação, junto ao calor forte, o faz derreter. Agoniado olha o céu sem nuvens e pensa nada. Tagarela feito cantador e procura uma calma inexistente, uma terra firme qualquer, um chão, um lar. Solidão quase absoluta. Em sua volta cupinzeiro, calango e sol. A queima do mato próximo insiste e o convida mais uma vez, na fumaça ardida misturada a suor, memorar um tempo que não é seu, mas é seu. Imagens lhe tomam as vistas como se o corpo pudesse fazê-las sair pelos poros anunciando-as como marcas

que lhe pertencem ao fundo: a bunda assada das viagens longas no lombo do animal, os dias áridos mato dentro, o abrir terras. Homens fedidos babentos pelo ouro. Índios fodidos, escravos, desapossados. O som mudo do sofrimento das gentes em fazer surgir vilas na beira do rio. Vila Boa latifúndio. A capela, o padre, a missa. E mais uma vez o suor, o mau cheiro da dor: pretos escravos, trabalho braçal, corpóreo, duro, ri j oDos Goyáses resta o nome e algo fundo na pele desse corpo. Aqui, a cadelinha é uma mulher, uma escrava e uma índia. A cadelinha grita, mas para quem? O fogo cessa e a poeira vermelha levanta, irrita os olhos e faz o corpo sofrer. Corre em direção ao riacho. Encontra água límpida, fresca, suave. As piabas do pequeno rio sussurram o ditado popular: coma piabas vivas para aprender a nadar. Não hesita, abre a boca e enfia piabas vivas para dentro da garganta que leva ao estômago. Se joga na água e nada como bicho do mato. Já é noite. Tempos depois vem o porco que anseia engordar para um trabalho qualquer. Compra o porco e o leva para roça. O porco é seu animal de estimação. Cuida do bicho como lulu de madame, al i saçaricia, dá-lhe comida, banho, leva-o passear. Tem amor pelo porquinho, mas engorda-o e tão logo fará dele boa refeição. Um banquete onde o porco é o convidado de honra que sabe gozar e goza pra caralho. Escreve por ele, pensa por ele. Grita por el e: o porco não é uma metáfora! Numa noite religiosa resolve acompanhar a procissão a pé, de Goiânia à Trindade. Com um cajado enorme encontrado à rua feito osso do pasto, olha toda aquela gente que carrega a cruz para pagar os pecados. Mas os olhos riem toda aquela religiosidade translocada. Chega a Trindade, bebe algumas e volta para trás. Exausto, cansado. Em Goiás Velho se joga contra as paredes da igreja, tantas e tantas vezes, parecendo libertar os sons dos mortos daquela terra. E o corpo grita no embate com a parede. Porrada bruta do corpo exalando o mau-cheiro da dor de seus antepassados: Goyases, Acroá, Kayapó, Karajá, Xambioá, Yavaé, Avá-Canoeiro, Kalungas. A voz escandalosa da defunta Maria Grampinho ao enfiar toda a sujeira da rua nos cabelos. Obcecada pelos grampos que encontrava nas fissuras entre as pedras da calçada, entocada no porão de Cora Coralina, maltratada, largada às traças. Preta louca passa a vida a procurar ramonas¹ e as enfia na cabeleira. Cabeleira suja cheia de grampos. De Cora Coralina, o porão úmido, escuro e suas bruxarias culinárias. Quando fel i z o corpo bebe um tanto a mais e gago já não consegue dizer. A fala vem para

1 - Ramonas: palavra usada pelos goianos e que significa grampos de cabelos.

expulsar o som. A cabeça treme e o sorriso ocupa a face. Só Jesus! Ele canta. Só Jesus! Nas ruas diz aos berros que ele próprio, o corpo, é um hotel de quinta categoria. Grita noites em claro, no desejo de que alguém o escute e o arranque dali, para muito longe. Bebe por si sso. Dança por si sso. Roda por si sso. É preciso um cansaço. Decide furar os próprios pés num Serão Performático. E aquele sangue espesso espalhado no chão cheira vida e morte, causa espanto e mal estar. Mas por quê? Perguntam. Por quê? Parou.

É que o corpo velho vê o mar pela primeira vez. Com a onda branda que acalma os nervos o corpo passa a vestir-se somente de branco. Raspa a cabeça e costura as estrias que marcam o ventre feito fissura aberta de animal rajado de listras. Aprende a controlar o próprio descontrolo: vômitos na hora certa, mastigação com alargadores de boca, movimentação do corpo retorcido, chicotadas sobre corpo escravo açoitado. Engole mechas inteiras do cabelo à frente, até perdê-lo de vista, e devolve na certeza que já não pode ir além. Enfia agulhas por entre a unha e a carne – gesto sutil e delicado – já não se sabe onde está a beleza e o horror. Joga-se nu contra as paredes. Mede forças com o outro: tapa na cara, grito exaustivo, pedra no cabelo. Uma medição de forças que nada tem a ver com a afirmação de si, nada se pode dizer sob uma dialética, se homem ou mulher, se branco ou preto, se rico ou pobre. A medição de forças vem do próprio esforço que o corpo tem de fazer para se expressar. É mais que uma medição, é todo um esforço em que o corpo entra, uma tensão que ele habita, expressando-se ali com todas as marcas, os colapsos, as dores e gagueiras das desgraças de um corpo. E cria com isso. O corpo gago, acidentado, ansioso agarra a roça, a bosta de vaca. A morte, os ossos, os instrumentos cirúrgicos, o sofrimento e o sangue, o sangue aristocrata e a religião endurecida, o sexo, o nu e a pele, a ejaculação precoce e a masturbação, a dor, a pedra, a tensão. E de uma vida que insiste, a arte.

A body Grupo Empreza¹

Mariana Marcassa²

When in crisis, goes out to walk the night and, in coming back to consciousness, already is in another city, kilometers from home. Gathers the carcass of animals devoured in the pasture, in between the cities. Pig, ox, dog. Gives the bones a special treatment. The house stinks of bone, lime, formaldehyde. Already in São Paulo, becomes a beggar, works cleaning plates in a restaurant in Santa Cecília. Starts sleeping in the restaurant. Time passes, and then comes the surprise of a love letter that calls for a return to the cerrado.³ In Goiania, invests in infinite installments the motorbike that allows for the occupation of delivery boy. But the body in crisis continues its life between wandering at night and piling soozes a lot, drives the motorbike drunk in the city streets. FallsThe bridge has fifteen meters. The accident puts the body in coma, and then there is the effort of returning to lifeHelp is needed. Food needs to be put in the mouth, the body washed, ass cleaned. And then, the hard work of locomotion, of moving unaided, eating unaided, speaking well. With the effort of reeducation, has the chance of working as a farm peon. Takes care of cows and masturbates in the midst of the pasture. An exhaustive masturbation to satiate the world which tears the body. A full world, a packed world which throws it away from its petty reality of a life in the interbetween the roça⁴ and the city. Slips in a cloth diaper in between the legs and lets the anxiety come. A horniness which wets everything, soaks the thighs. Sweats. An entire day until the exhaustion of the body. Where the hand can't any longer, fingers hurt, a cunt hurts, a dick hurts, a body hurts. Enough, the entire pasture already smells like masturbation, the anxiety has gone. As a farm peon loses an arm and

1 - Grupo Empreza is an art collective from Goiania including 8 artists (Aishá Kanda, Babidu, João Angelini, Keith Richards, Mariana Marcassa, Paulo Veiga Jordão, Rafael Abdala and Thiago Lemos) which works with performance, and has been together since 2001.

2 - Mariana Marcassa is a performance artist, holds a Masters in Clinical Psychology, and has been working with Grupo Empreza since its foundation. She also works solo and collaborates with other art collectives in Brazil and abroad.

3 - The cerrado is a vast tropical savanna ecoregion in Brazil, particularly in the states of Goiás and Minas Gerais.

4 - Roça can be used both as a noun or as a verb. As a verb, of which the infinitive is roçar, it means to rub. However, in Brazil the word, used as a verb, and especially in rural contexts, adds to its meaning the act of chopping (chopping down vegetation). The verb, under both its senses, has been substantiated to also designate the place where this action takes place.

makes a living. Broken, without the arm dilacerated in the mowing machine, buys a car with the indemnity and drives with only one arm. Shits squatting over the latrine, it comes from the habit of life in the wilderness. Stutters while reading in public, has a lot of difficulty in thinking well, a collapsed body. A repressing gaze, mute, without words, torments dreams. Screams in such a way that causes deafness. Drinks everyday, as much as necessary in order to forget the cancer of someone close and his fucked up miserable life. There is the embarrassment of waking up all comed beside her. Only talks of sex and shouts the premature ejaculation to the seven winds. Drinks a lot, falls in the gutter. In the morning of the following day, beaten, robbed, sprawled on the street. Goes out to walk the night and carries the carcasses which stink in the pastures. But, on a random day, finds the animal alive. Starts talking with it, they become friends. Takes it home as if it was a carcass. Puts it in the kitchen. Pushes that enormous horse, all of it, inside the house which stinks of bone, lime and formaldehyde. Takes prescribed pills and drinks. It is then that the body is stricken by a rare disease, has to protect itself from the sun. But that hardened aristocratic blood causes paralysis: latifundary aristocracy, of the rearing of cattle, of the possession of lands, of the massacre of peoples, of redemptive Catholicism. The body hurts with it, tries to escape from itself, wants to run. Goes from the schizo to the paranoiac. A paralyzed body, stuttering, decompensated. Cuts itself entirely from top to bottom, the sharp knife opens a tear of blood in the marked body. Inside the skin, the tears tattoo the whole body and make evident its own pain. Takes pills to behave. At times, slips into the grotesque, exaggerated clothes. Doesn't know how to act his homosexuality in a city of machos. So many tight clothes, so many garments. Goes from the revolutionary to the reactionary. Standoffish body, difficult to come close to. Buckles because of it. Stutters full of twitches. Between the truck driver and the housewife fucks the roças dog. The dog cries. But to whom? Melancholy everywhere. The heat is intense and in the air the ashes of the fire squander the dry woods of the winter without rain. And like an old camarada⁵ of the Goianian steppes, searches for shelter under the shadow of a contorted tree: with water wets the dried up lips at the same time that he eats the cassava flour sweetened by sugar cane syrup. Knows that from this fuck nothing will come out, no fucked up being will

⁵ -Camarada can have multiple meanings, from friend to companion to even, in a political context, militarily use in the text, however, refers to a specific context of Brazilian history, already after the end of slavery, where the peon, although receiving compensation for his work, lived in conditions that differed only minimally from slavery.

be born and continue his race. Thinking is rare. During break, remembers an experience which isn't his own and smells the damp leather of the troops that in a distant time passed through there. That smell of sweat on the mule's coat mixed with his own, with the smell of the penis he had just stuck into the dog. All these sensations, together with the intense heat, make him melt. In agony, looks up at the sky without clouds and thinks nothing. Croons like a singer and looks for an inexistent calm, a firm land of any kind, a ground, a home. The solitude is almost absolute. Around, mounds, lizards and sun. The burning of the surrounding woods insists and invites him again, in the burnt smoke mixed with sweat, to remember a time which isn't his but images take hold of his sight as if the body could make them come out of its pores, announcing them as marks which belong to the depths: roasted buttocks from the long journey on the animal's loin, the arid days inside the woods, the rummaging of lands. Stinking men hungry for gold. Bedeviled Indians, dispossessed slaves. The mute sound of suffering in erecting villages on the banks of the river. Vila Boa latifundia. The chapel, the priest, mass. And once again the sweat, the stinking smell of pain: black slaves, labor of the body, manual, hard, strict. Of the Goyáses remains the name and something deep in the skin of that body. Here, the little dog is a woman, a slave, an Indian. The dog cries, but to whom? The fire stops and the red dust rises, it irritates the eyes and makes the body suffer. Runs towards the stream. Finds limpid water, fresh, smooth. The minnows of the little river whisper the popular saying: eat live minnows and learn how to swim. Doesn't hesitate, opens the mouth and throws live minnows inside the throat which goes to the stomach. Jumps into the water and swims like a wild animal. It is already night. After some time, comes the pig which longs to gain weight for any work whatsoever. Buys the pig, takes it to the roça. The pig becomes a pet. Takes care of the animal as if it were a Madam's Lulu, strokes it, caresses it, gives it food, takes it for walks. Has love for the pig, fattens it and soon will make of it a good meal. A banquet where the pig is the guest of honor which knows how to come and comes a fucking lot. Writes on its behalf, thinks on its behalf. Screams on its behalf: the pig is sn't a metaphor! In a religious night, resolves to follow the procession on foot, from Goiania to Trindade. Finds an enormous staff on the road as if it were a bone of a dead animal in the pasture, and gazes at all those people which carry the Cross to redeem their sins. But the eyes laugh at all that frenzied religious. Arrives at Trindade, drinks a few and goes back. Exhausted, tired. In Goiás Velho throws himself against the church walls, again and again,

seeming to free the sounds of the dead in that land. And the body shrieks as it bangs into the wall. Brutal brunts with which the body exhales the stinking smell of its ancestors pain: Goyases, Acroá, Kayapó, Karajá, Xambioá, Yavaé, Avá-Canoeiro, Kalungas. The scandalous voice of dead Maria Grampinho that buried all the filth from the streets in her hairs. Obsessed with the hair clips that she finds in the fissures of pavements, is burrowed, mistreated, dumped in the humid basement of Cora Coralina.⁶ Mad black woman spends her life looking for ramonaś to stick in her hair. Dirty hair ruffled clips From Cora Coralina, the dark, humid basement and her culinary witchcraft. When happy, the body drinks some more and, stuttering can no longer speak. Speech comes to expel sound. The head trembles and the smirk takes over the face. Only Jesus! He sings. Only Jesus! In the streets, shouts out that his body is a hotel of the lowest category. Screams in sleepless nights, in the desire that someone may hear him and take him far, very far, from there. Drinks because of it. Dances because of it. Spins because of it. A tiredness is needed. Decides to pierce his own feet in a Serão Performático.⁸ And that thick blood spread on the floor which smells like life and death causes wonder and uneasiness. But why, they ask. Why?

He stopped.

It is that the old body sees the ocean for the first time. With the mellow wave which calms the nerves, the body begins to dress only in white. Shaves the head and sows the stretch marks which scar the womb, now the open fissure of an animal gusted with stripes. Learns to control losing control it self vomits at the right time, chews with orthodontic mouth openers, controls the movements of a twisted body, the lashings which flog the slave's body. Swallows dense batches of the hair of the head just in front of it. In the throat, spits it out again with the certainty that there wasn't more to swallow. Sticks needles in between the nail and the flesh – subtle, delicate gesture – no longer is it known where lies the beauty and the horror. Throws itself naked against the walls. Reckons forces with the other: slap in the face, exhaustive scream, stone in the hair. A reckoning of forces which

6 -Cora Coralina (1 889-1 985) was a Goianian writer and poet. She lived her entire life in the same house, one of the first constructions (in the 18th century) of Goiás Velho, the old capital of the state of Goiás. A mad woman called Maria Grampino, that Cora Coralina is said to take care of, lived in the basement of her house.

7 - Ramonas are hair clips, being it a word used by the Goianians.

8 - Serão Performático is an expression used by Grupo Empreza to name a performatic event which includes a series of performances.

has nothing to do with the affirmation of oneself, nothing can be said under the sign of a dialectic of man or woman, if white or black, if rich or poor. The reckoning of forces comes from the body's effort to make itself expressed. It is more than an reckoning, the body enters entirely in an effort, a tension which it lives, expressing itself there with all the marks, the collapses, the pains, the stuttering disgraces of a body. And creates with them. The stuttering body, rumped, anxious, grabs the roça, the cow shit. Death, the bones, the surgical instruments, the suffering and the blood, the aristocratic blood and the hardened religiosity, nakedness and the skin, precocious ejaculation and masturbation, the pain, the stone, the tension. And a life which insists, art.



George Sander



George Sander

Sexo pela internet

Por Maria Llopis

Son las 3 de la mañana. Acabo de llegar a casa. Estoy borracha y cansada, pero no tengo ganas de dormir. Esta noche no he ligado y me apetece sexo. Me meto con mi ordenador en la cama y me lo pongo entre las piernas. Tecleo en la barra del navegador chatroulette.com (una web para chatear en la que se tiene sexo on line con desconocidos) y me aparece una ventana advirtiéndome de que mi imagen puede ser grabada. Acepto.

A mí me da igual que me graben y que utilicen mi imagen para lo que sea. Porque considero que mi dignidad va más allá de la imagen de mi cuerpo desnudo y abierto de piernas en la red. Es más, considero que esa es mi dignidad. Trabajo en torno a la sexualidad, la postpornografía y los nuevos feminismos así que mi cuerpo es mi campo de batalla. Aunque en la sociedad en la que vivimos el hecho de mostrarme es considerado una humillación. Un hombre no tendrá muchos problemas, a no ser de que muestre prácticas tales como homosexualidad, transexualidad, fetiches y otras prácticas fuera de la heteronormatividad.

Pero los viejos tabues en torno a la sexualidad de la mujer persisten y somos consideradas unas guarras si nos negamos a mantener nuestras piernas cerradas en el espacio público.

Nosotras reivindicamos esa guarrería. Putas, guarras y orgullosas. Y cuando digo nosotras me refiero al movimiento postporno. Me refiero a Diana Pornoterrorista, a las Post Op, a la Quimera Rosa, a Helen la Zorra Suprema, a I tziar Ziga, a Klau Kinky y a tantas otras. Y también a todos esos hombres fuera y dentro del movimiento que se muestran penetrados por dildos imposibles, que reniegan de una masculinidad hecha de roles de género normativos. Hombres que deciden plantear una nueva masculinidad donde se alían feminidades y feminismos.

En otras sociedades, lejanas y remotas, la exhibición de la vulva era una muestra de fuerza y de honor. Ana Suromai se llama. Mujeres que exponen sus genitales y con ello aplacan la ira de monstruos y dragones, mujeres que enseñan sus coños abiertos al mar para que este no se enfurezca y les traiga a sus maridos marineros de vuelta. "La mar es posa bona cuan veu el con d'una dona", reza un antiguo dicho catalán. Qué lejos nos quedan ahora esos dichos, esas esculturas, esos dibujos y esas estatuas de mujeres mostrándose.

En la sociedad en la que vivo, las mujeres exponen sus vulvas en primerísimos primeros planos en la pornografía o en la silla de la clínica ginecológica.

Llena de orgullo contemplo mi coño abierto en la pantalla de mi ordenador. Tengo la máquina entre las piernas, sujeta firmemente, de modo que la web cam graba mis genitales. En chat roulette puedes chatear con cámara con desconocidos. Vas apretando la tecla de next hasta que te encuentras con alguien que te seduce y con quien te apetece pasar un rato. Es azaroso con quien te vas a encontrar, sólo puedes darle al siguiente y rara vez repites partenaire. Sobre todo te encuentras con pollas en erección, y sí, hay pocas chicas. Con lo divertido que es. Y muy práctico. Llegas a casa tarde y cansada y sin haber ligado y tienes ahí a tu disposición a un montón de carne sólo para ti.

Voy a por faena. Empiezo a pasar ventanas y me encuentro con un grupo de chicos. Me quedo. Hi Hi. Me encantan los grupos, son muy divertidos. Jugamos. Haz esto, haz lo otro. De repente me preguntan si soy un hombre y la pregunta me desconcierta porque la obviedad de mi desnudo integral se muestra clara y concisa. Insi sten. Me preguntan si me he operado. Si me he puesto tetas, si me he quitado la polla y me he construido un coño. La sangre fluye ahora en dirección opuesta. De mis genitales a mi cabeza. Me pongo a pensar y dejo de pajearme. ¿Por qué estos chavales me están preguntando esto? Creo que lo sé. Hoy estoy obvia, sin preliminares, directa, quiero sexo y punto. No estoy tímida ni indiscreta ni pasiva. Es el comportamiento que la sociedad asocia a la masculinidad, así que estos machitos heteros no pueden asumir que una persona con un coño entre las piernas pueda salirse del rol de género femenino clásico y navegar con un rolactivo. Tiene que ser un hombre.

A veces me dicen que soy muy masculina, pero quien me dice algo así sólo está mostrando sus prejuicios con respecto a lo que debe ser un hombre en contrapartida a una mujer. La feminidad versus masculinidad. Como si el género no fuera algo que fluye y que navega y que cambia y que nunca se mantiene estático. Qué cansancio ser siempre agresiva dominante. Estoy segura de que todos esos machos heteros no lo aguantan tampoco y que se mueren de ganas de jugar con su feminidad. Si todos hiciéramos un poquito más lo que nos viene en gana y un poquito menos lo que creemos que tenemos que hacer.

Hago click en el botón de next y busco un nuevo partenaire en el chat roulette. Chicos, ahí os quedáis. Ni me despido de los chavales que están convencidos de mi transexualidad. Next. Next. Next. Me encuentro a un chaval que parece interesado en lo mismo que yo, una paja a dos para aliviar la tensión de la noche. Nos ponemos, chateamos un poco y comenzamos a masturbarnos. El teclado está pegajoso. Esto es lo que tiene el cyber sexo, que es imposible no dejar el ordenador hecho un asco, porque estás con las manos en la masa, pero la interacciones a través de tu hardware y no vas a estar limpiándote las manos ante la urgencia del deseo. A veces tengo la sensación de que me follo a mi ordenador, sosteniéndolo entre mis piernas que tiemblan por el orgasmo inminente, con el teclado impregnado de mi flujo la verdad es que me erotiza. Mi ordenador, siempre ahí para mí, todo mío, una puerta abierta a un mundo infinito de deseos a través de internet. Mi herramienta de trabajo, mi herramienta de ocio, mi herramienta de placer. La tecnología convertida en fetiche.

Me masturbo contemplando como se la menea el individuo que tengo en pantalla. Me excita el real time, el hecho de que esto esté sucediendo en algún lugar del mundo ahora, ni idea donde, lo importante es que hay dos personas que quieren sexo ahora, y a las que les pone que otra persona también lo quiera en este preciso momento. Y nos da igual quien sea el otro, ni qué es el otro, lo único que importa es que nos pone vernos, ver la carne del otro, ver el deseo del otro. A penas hemos empezado, pero veo como el semen se derrama. Qué rápido, pienso. Me vuelco sobre el teclado para preguntarle por su rápido orgasmo pero sin más contemplaciones el chaval me pasa, es decir, ha apretado la tecla

de next se ha desconectado,es decir, me ha dejado plantada y a medias.

Me enfado.

Igualito que en la realidad no virtual, el típico o la típica que se corre y se levanta y ni se preocupa de por donde andas tú.Falta de modales y falta de educación que tiene la gente. A veces las cosas son lo mismo en todas partes, da igual que estés echando un polvo en el baño, en tu cama o en chat roulette. Yo, cuando me corro y veo que la otra persona todavía no ha llegado, me quedo abierta de piernas un rato, para que el otro pueda acabar. Tengo modales. Chat roulette es una cama más en la que meternos a follar, y el sexo es sexo en todos lados.

Acabo mi accidentada paja con el primero que me encuentro y coloco la web cam apuntando a la pared. Dudo de si debería seguir. Son las 4 de la mañana pero sigo sin tener sueño. Me cuesta salir del chat roulette. Estoy enganchada, lo reconozco. Me conecto cada día, por la mañana, por la noche y durante el día en cada hueco que tengo. Tengo ganas de conectarme ahora mismo mientras escribo este texto. Ayer llegué tarde a la cita con mi editora porque faltaban 20 minutos para tener que salir de casa y aproveché para conectarme, y claro, me encontré con un tío encantador de Lisboa, y tuve que desnudarme con él y pajearme y correrme y volverme a vestir y lavarme la cara y quitarme la expresión de idiota que se me queda después de tener un orgasmo y salir a la calle y entrar en el mundo real. Porque estos mundos son otros mundos, aunque esas persona existen y se pajean y se corren como yo, de alguna forma pertenecen a mi fantasía, no existen más que en mi deseo y cuando mi deseo es saciado y mis normas de cortesía aplicadas, apago la pantalla de mi ordenador y estoy yo sola.Sola.

Me da miedo este sexo higiénico y seguro que supone tener sexo on line. No hay riesgos, no me puedo quedar embarazada,no puedo coger una enfermedad de transmisión sexual, no me pueden comer la cabeza. Porque cuando yo quiero, desconecto la pantalla y se acabó, estoy en el silencio de mi cuarto, en la soledad de mi mundo, en la otra realidad, la de este lado del teclado.

Sigo. Sigo y me encuentro con un señor mayor que me cae simpático, así que me quedo. El señor quiere un primer plano de mi coño y yo se lo doy, soy muy complaciente en el chat roulette, tengo alma de sumisa. Pero de repente la imagen se mueve, la web cam del señor está desplazándose y me pregunto donde va. "Look, I am touching your pussy". Y veo como su dedo acaricia la imagen de mi coño abierto en la pantalla de su ordenador, porque le ha dado la vuelta a la web cam y enfoca su propia pantalla. Menuda superposición de capas de realidad, pienso. Y me rio.

Next.

El siguiente lleva puesta una máscara de una calavera. Me pone follarme de forma simbólica a la muerte. "Nice mask", le di go. "Show me your pussy", me contesta. Me corro alegremente y me voy a dormir, porque son las 5 de la mañana y estoy satisfecha.

Barcelona, 6 de julio de 2010.





Submidialogia nos quilombos – Thiago Novaes

Resumo

O presente artigo pretende descrever um conjunto de experiências de ensino-aprendizagem não-formal envolvendo práticas de letramento digital junto a comunidades quilombolas e escolas públicas na região da baixada maranhense, durante os meses de junho e julho de 2010. Compartilhando a metodologia de vivências, oficinas e exposição de vídeos, palestras e registro audiovisual, as ações foram resultado do encontro de dois projetos aprovados pela Petrobras: “Submidialogia” e o “Boi Contou”, de Guimarães. Aproximando conhecimento tradicional de dispositivos tecnológicos de comunicação, esse artigo é uma tentativa de situar diferentes usos de tecnologia, destacando a possibilidade de diálogo com problemas vividos localmente. O conceito de guerra ontológica auxiliará na reconstituição da rede de ligações que compõe eventos como a panema, tomado em comparação ao “encantamento de meninas” em sala de aula. Por fim, pretende contribuir com uma reflexão sobre as políticas públicas de cultura digital no Brasil.

Palavras-chave: submidialogia, letramento digital, guerra ontológica, cultura digital.

Introdução

A produção de conhecimento vem sofrendo, nos últimos anos, a forte influência da chegada de ferramentas digitais de comunicação e acesso à informação que impõem a reformulação das metodologias de ensino-aprendizagem de tradição emancipadora. Se não são determinantes na formação da identidade contemporânea, essas ferramentas contribuem para a ampliação dos repertórios culturais e são responsáveis pela maior ou menor inserção das pessoas na chamada sociedade em rede. Visando refletir criticamente as práticas envolvendo tecnologia e cultura, um grupo de ativistas deu início ao festival

Submidialogia, um encontro entre pessoas e saberes preocupados com novas formas de transmitir e conceber conhecimentos, focados em valores como o compartilhamento e a generosidade intelectual.

Muitas atividades foram realizadas no decorrer dos últimos anos em cada festival, não cabendo aqui nenhum resumo das mesmas. Durante o festival no quilombo Frechal, pouco do “digital” foi visto, mas os valores compartilhados em rede estiveram sempre presentes: da cartografia dos afetos à filmagem coletiva, os participantes puderam experimentar a troca de conhecimentos de maneira horizontal, prevalecendo as rodas em detrimento das palestras, a informalidade sem perda de conteúdo.

Após a realização da primeira fase aprovada pelo patrocinador, Submidialogia seguiu para as escolas de Guimarães, onde o fenômeno de “encantamento das meninas” pode ser vivenciado e será aqui refletido à luz da teoria antropológica. Considerando a sensibilidade marcada entre piratas e videntes (Borges e Novaes 2010), o uso de tecnologia seguiu o rito não impositivo, notadamente dialógico (Meireles 2010), e se integrou às questões cotidianas da comunidade em que foi usada.

Finalmente, a descrição dos filmes projetados para crianças pretende elencar os elementos constitutivos do debate em torno da religião das comunidades quilombolas, apresentando o conteúdo escolhido como um disparador de reflexão e não mero transmissor de informação.

Submidialogia

Submidialogia é um festival nascido em 2005, quando um conjunto de atividades, acadêmicos, artistas e cidadãos comuns se reuniram na Universidade Estadual de Campinas para debater ações emergentes em torno do uso social de tecnologia. À época, tratava-se de pensar a digitalização dos meios de comunicação, como a tv digital, somando-se aos projetos da chamada “inclusão digital”, que se valiam tanto de software proprietário como davam cada vez mais visibilidade ao software livre. Focado nas relações entre arte, cultura e políticas públicas, o festival contou com uma lista de discussão na

Internet para sua organização, estrutura de comunicação mantida até hoje, e a principal responsável pela continuidade dos debates presenciais em ambiente virtual[1].

De 2005 até hoje foram realizados pelo menos sete encontros sob a influência da máxima: submidialogia é a arte de revolver o logos do conhecimento pelas práticas e desorientar as práticas pela imersão no subconhecimento. Em cada festival, podemos destacar descontinuidades, seja no público, nos temas, nos formatos dos debates, o que é inclusive tema de divergência interna aos seus organizadores: se, por um lado, a existência do festival está intimamente ligada a grupos autônomos preocupados em estabelecer espaços de reflexão e prática política distantes dos modelos já consolidados e cooptados, de outro, a viabilidade de alguns dos últimos festivais esteve associada a editais públicos, e mesmo ao patrocínio da Petrobras[2], algo bastante controverso entre os ativistas.

Com vistas a situar a questão da autonomia, em oposição ao uso de logomarcas obrigatórias de patrocinadores, e possíveis deturpações conceituais, gostaria de contextualizar a edição realizada no quilombo Frechal como uma ação deliberadamente tática e consciente de parte de seus organizadores (entre os quais me incluo), sem me esquecer de pontuar as importantes críticas advindas daqueles que condenam este tipo de relação de comprometimento coletivo. Como escrevi com Fabiane Borges: “Trata-se de redes engajadas na “transformação do mundo”, que utilizam a arte, a comunicação e a tecnologia como ferramentas de ação, resistência e invenção da vida.” (Borges & Novaes 2010:159). Se consideramos a invenção do cotidiano algo (De Certeau 2004) possível e desejável de realizarmos, a mera oposição entre práticas livres e práticas cooptadas não passa de simplismo e retrocesso estratégico: afinal quais os limites reais para a ação tática em rede?

A execução do projeto aprovado pela Petrobras não ocorreu sem problemas. Pressionados a cumprir cláusulas como manter um banner com o símbolo do patrocinador em todas as atividades, realizar apenas oficinas previamente aprovadas, apresentar provas de público presente, etc., essas exigências se configuraram como um verdadeiro ataque à metodologia compartilhada desenvolvida desde 2003. Ao término do último festival houve mesmo quem afirmasse o fim da submidialogia, desejando sua morte, uma

vez que os valores primeiros que cimentavam essa rede organizada estariam perdidos nas campanhas de marketing de grandes empresas. Tendo por base a experiência prática, pretendo defender um ponto de vista que considera a força dos interesses das empresas e do sistema hegemônico capitalista de financiamento da cultura, mas que se volta para a compreensão dos resultados presentificados no Submidialogia nos Quilombos[3] como uma possibilidade real de uso deste tipo de recursos para fomento da autonomia local e a subversão da ordem.

Dando início à reflexão, é oportuno lembrar a própria relação que os quilombolas estabelecem com os poderes locais (prefeitura, movimento negro, ONGs. . .) não sendo bem-vinda qualquer pessoa que queira colaborar na definição das políticas quilombolas. A cisão interna do movimento negro, por exemplo, é evidente: enquanto uns vislumbram a necessidade de constante luta para conquista de direitos no quilombo Frechal, outros julgam ser este um quilombo já estabelecido, e, portanto, indigno de atenção em detrimento de tantos outros. . . Como exemplo a considerar, tomemos ainda o caso da educação no quilombo Frechal: durante anos a prefeitura prometeu a construção de uma escola no interior do quilombo, mas foi apenas quando da doação de dinheiro de um italiano que a escola virou realidade. . . Pode-se pensar que a prefeitura nunca disponibilizou os recursos para tal obra, ao mesmo tempo em que ficou para nós evidente a preferência dos locais pela intervenção externa, de longe, o que lhes assegurou uma relativa autonomia de ensino e gestão do colégio nos dias de hoje.

Submidialogia é, então, uma rede de pessoas engajadas no compartilhamento de conhecimento e na mudança social, valendo-se principalmente de ferramentas tecnológicas e práticas de ensino-aprendizagem não-formal. Em cada edição se destaca um conjunto de temas que não necessariamente se repete nos demais encontros, ao mesmo tempo em que sempre há espaço para que surja, na última hora, um novo debate, uma nova oficina, uma ação imprevista. Essa adaptabilidade é parte fundamental do método que valoriza a escuta, e não torna o conhecimento sobre o uso de tecnologia algo impositivo ou preponderante: uma vez estabelecido o diálogo, o interesse está em desenvolver não apenas os aspectos utilitários dos conhecimentos aportados, mas em especialmente compreender que sentidos estão mobilizados na adoção de certas práticas,

e no que esses sentidos influenciam na intuição e imaginários vividos por seus participantes. Submidialogia prevê táticas de acesso e construção compartilhada de novos mundos.

O Letramento Digital no Programa Cultura Viva

“[O] objetivo não era formar ninguém, mas sim despertar interesse e dar início a um processo de auto-aprendizagem, já que com uma conexão à Internet, muito pode ser pesquisado e praticado”.

(Meireles 201 0:1 1 9)

Embora não se confunda com política pública, algumas das práticas previstas nos festivais Submidialogia foram exaustivamente experimentadas nas dezenas de Encontros de Conhecimentos Livres promovidos pelo Ministério da Cultura. Ademais, parte dos organizadores do festival teve importante participação no planejamento e execução desses encontros, tornando o ensino-aprendizado um atrativo a mais na convivência durante o evento.

Como afirma uma das coordenadoras do projeto vinculado ao poder público:

“O Programa Cultura Viva promoveu a convergência entre a cultura digital emergente do uso de computadores pela sociedade civil brasileira e a cultura popular presente no folclore e na tradição oral. Não se pode afirmar que as pessoas dos Pontos de Cultura apropriaram-se dos conceitos trabalhados pela Ação Cultura Digital, pois o que ocorre de fato é uma relação dialógica, em que uns influenciam outros. É dizer, ainda que a cultura digital trouxesse elementos conceituais aparentemente novos, o que ocorre é um reconhecimento, uma comunhão com princípios presentes também nas culturas populares brasileiras.”

(Meireles 201 0:1 1 5)

É importante ressaltar que, para o êxito dessa metodologia não-formal, o contato permanente e a possibilidade de aprendizado autônomo dependem do acesso à Internet,

algo que jamais foi conseguido para o quilombo Frechal. Sem Internet, a visão de compartilhamento de bens não rivais, base para o discurso da generosidade intelectual, o suporte tecnológico à distância bem como a visibilidade dos projetos aprovados pelo ministério tiveram de ser substituídos por atividades presenciais e ênfase em tecnologia analógica. Tamanho desafio foi enfrentado por todos, e, coletivamente, produziram-se expressivos resultados.

Se, de acordo com Adriana Veloso, “[a] metodologia base da Ação Cultura Digital é resultado de uma construção coletiva de experiências de mediação pedagógica em mídia tátil e em software livre desde 2003” (Meireles 201 0:1 1 8), as atividades realizadas durante o festival em nada deixaram de refletir esse aprendizado e, mesmo sem poder levar à frente as oficinas características do “digital”, permitiram a reflexão de valores e o exercício da liberdade de expressão (e comunicação) consolidados na política pública. Mais uma vez, a marca do encontro era uma tentativa de desconstrução de hierarquias e expectativas de aprendizado que separavam oficinheiros e público, sábios e ignorantes, ativos e passivos, o que foi contornado com muita conversa e rodas e mais rodas de troca de conhecimentos.

“Percebeu-se que as bases conceituais que orientaram esta prática são uma evolução, uma adaptação do método Paulo Freire de alfabetização, aplicado como política pública no início dos anos 1960 até a repressão da ditadura militar”

(Meireles 201 0:1 20).

A retomada breve do histórico de atuação de boa parte dos organizadores dos festivais patrocinados pela Petrobras se faz relevante na medida em que foi com base na metodologia de oficinas de ensino-aprendizagem, focadas em letramento midiático, que o projeto Submidialogias foi aprovado. Diferentemente das edições onde a programação era firmada coletivamente apenas no primeiro dia do encontro, o conjunto de atividades previstas aliado à forma de comprovação das mesmas se constituiu num enorme risco de engessamento do festival. Entretanto, podemos dizer que o principal problema não se deu na execução do evento junto aos quilombolas, uma vez que boa parte do rito desburocratizante foi mantido: oficinas previstas simplesmente não aconteceram e deram lugar a inúmeras outras ações construídas durante a convivência

entre visitantes e comunidade local. O custo de tal decisão não tardaria a chegar, e logo todo o processo passou a ser questionado pelo patrocinador que se deteve a cobrar itens de contrato, jamais se interessando pelos reais ganhos para a comunidade que julgavam estar “atendendo”. E o resultado dessa incompatibilidade ainda permanece sem resolução, aguardando posicionamento jurídico de ambas as partes.

Piratas, Videntes e Quilombolas

Na passagem de 2005 para 2006, período em que eu ainda respondia como Coordenador Nacional de Implementação de Cultura Digital junto ao Ministério da Cultura, estive visitando vários Pontos de Cultura selecionados no primeiro edital do Programa Cultura Viva, que contemplou 264 entidades com um kit multimídia de produção cultural no país. No Maranhão, o intuito era estabelecer um primeiro contato visando a organização de oficinas conjuntas entre os Pontos de Cultura da região, levantar as principais demandas locais e preparar a chegada da equipe que se dedicaria a ensinar o manuseio de câmeras de vídeo, a gravação de áudio, a produção gráfica, o licenciamento flável de propriedade intelectual, etc., sem perder a oportunidade de aprender com a comunidade local os saberes cultivados no decorrer de tantos anos de vida quilombola.

Essas oficinas nunca aconteceram. Logo após negociar toda a pré-produção do evento, novas diretrizes da Secretaria responsável pelo Cultura Viva adiariam os planos de imersão nos quilombos por anos, mas a atitude pirata contaminaria como que por osmose a organização futura do encontro, próxima que estava também do contexto de luta quilombola. Assim a descrevemos:

“A extrema identificação que se produz entre os piratas e os que se apropriam dos produtos culturais da nossa época, não é à toa. É sempre de um ponto de vista do poder que a história nos é contada, e essa postura convoca todo sentimento de temor e ilegitimidade que gira em torno dos piratas. Muitos ativistas das nossas redes são considerados piratas, e procurados juridicamente, alguns inclusive pagam sentença, por passarem informações indevidas, liberarem senhas, partilharem fórmulas farmacêuticas, disponibilizarem livros, filmes, conhecimentos que contêm selo de propriedade intelectual.

Da mesma forma assistimos camelôs sendo perseguidos diariamente, seus produtos apreendidos, vasta campanha contra seus circuitos. “Pirataria é crime” está em praticamente todos filmes que vemos, inclusive os piratas. Uma onda de contenção à possibilidade de acesso.”

(Borges e Novaes 201 0:1 63).

A produção do festival junto aos quilombolas teve também seus momentos de vidência, uma vez que o nome Petrobras esteve claramente associado ao imaginário de acesso a vultosos recursos. Mesmo desejando remunerar a comunidade local como participante da organização, não raro se intuiu a tentativa de aproveitamento, quando uns e outros apresentavam custos desproporcionais e contas sem fundamento para pedido de dinheiro. O ideal distributivo se deparava com o ressentimento e o oportunismo, e toda a política de compartilhamento esteve por vezes ameaçada, separando os “visitantes” da comunidade local Como reagir ao sentimento dos piratas dos piratas?

Sem sabermos a priori como resolver estas e outras questões, restou-nos o imprevisto e a dúvida sobre o melhor modo de reconhecer e valorizar a dignidade quilombola. Entretanto, algo de muito novo estava por ser demonstrado: boa parte da igualdade desejada por nós, vi si tantes estava intimamente ligada à disposição de permanecer em território quilombola e viver de acordo com os costumes quilombolas. Não que a imersão no logos do subconhecimento nada tenha com o trabalho de campo típico da pesquisa antropológica. Mas antes, queria-se assegurar que o modo de vida quilombola estava sendo respeitado e, para tanto, nada mais natural que sentar-se à mesa e comer junto, banhar-se no rio ou participar da festa de aniversário de um morador. Essa ligação com o cotidiano, com a terra onde pisávamos, o território em disputa com o poder da história (dos vencedores) foi sem dúvida o grande diferencial para o sucesso do festival.

A junção de piratas, videntes e quilombolas resumiria, a um só tempo, a identidade dos participantes que construíam a programação sem prestarem atenção aos ditames do contrato com o patrocinador, algo que jamais surgiu explicitamente, mas que tampouco inibiu ou delineou qualquer das iniciativas de contato e convivência: os quilombos são por

excelência espaços de reexistência, e não só resistência, aproximando a todos da noção de tática e invenção do cotidiano tão caras à Submidialogia.

A Panema e o Encantamento das Meninas

O festival Submidialogia nos quilombos, tal como aprovado pela Petrobras, previa além das oficinas e vivências no quilombo Frechal, a visita a escolas de Guimarães, várias delas situadas em distintos territórios quilombolas. Entre uma fase e outra, tive a sorte de conhecer Ana Stela, com quem já me comunicara por email, mas sem saber dos objetivos comuns que nos levariam a colaborar. O festival ganhava nova dimensão, e outras questões surgiram do contato com essa nova rede por ela proposta, destacando o debate sobre o ensino da religião afro-descendente e o acesso do público infantil a conteúdo audiovisual em formato de animação digital.

As atividades organizadas por Stela contavam com o apoio dos professores especialistas em religião afro-descendente no Maranhão, o simpaticíssimo casal Ferreti. A partir de exposição oral e mostra de vídeos, ambos os antropólogos vinculados à Universidade Federal do Maranhão promoveram atividades de formação para professores da rede pública de Guimarães e me introduziram ao que chamaria de “cosmologia da região”. Várias estórias exemplificavam a relação entre antepassados, pais de santo, entidades, locais sagrados e prestação de serviço, desenhando redes sociais que ganhariam em breve contornos mais bem definidos, afirmando o que gostaria de apresentar neste texto como verdadeiras guerras ontológicas.

A expressão “guerra ontológica” visa estabelecer uma espécie de crítica à projeção do mundo branco, euro-ocidental, sobre aquele pré-existente para os nativos das terras hoje do Brasil. Trata-se de postular um ponto de vista que difere do relativismo radical, o qual *ĩ nvi abi li zarãa* intersubjetividade humana, e estaria pouco afeito ao entendimento compartilhado de uma situação objetiva. Visando separar as guerras ontológicas da prática religiosa qualquer que seja, buscarei no fenômeno da panema o comparativo ideal para pensarmos a reemergência do “encantamento de meninas”, tal como narrado por

professores das escolas do ensino fundamental em Guimarães.

A Panema, como nos explica o antropólogo Mauro Almeida, “é um conceito altamente abstrato, como a gravidade. É um estado, que é sentido no corpo, assim como sentimos um peso; age à distância, mas está presente em contatos diretos; permeia nossa percepção dos movimentos de animais na floresta” (Almeida 2007:8). Está em geral associada a algum delito moral, como o desrespeito ao animal caçado, demonstrado no desleixo de seu transporte, quando é comido, entre outros, e tem implicações sobre o corpo e a saúde do caçador. Mas a panema não atinge somente aquele que nela crê ou teme:

“Panema é um componente generalizado da ontologia de caçadores da planície amazônica; e é confirmado-corroborado por encontros pragmáticos cotidianos. Para meu pai, que na infância viveu na mata com meu avô seringueiro, e depois tornou-se bancário de carreira, assim como para o líder político e sindical Osmarino Amâncio, panema nada tinha a ver com superstição, ou com religião, que ambos rejeitavam por razões diversas. Panema era um fato do mundo, que a experiência confirmava.”

(Almeida 2007:9).

“Panema é um efeito experimental. Esses experimentos são feitos diariamente pelo caçador. O que o experimento permite detectar é a existência da rede como realidade invisível. Isso pode ocorrer durante atos de caça, durante atos de consumo, no encontro de cães e de cadelas, na visita de um estranho a uma trilha na floresta, ou em contato com uma lata de oaca preparada para pesca no igarapé.”

(Almeida 2007:1 3-1 4).

Assim, o encontro pragmático surge tanto como solução para o entendimento ontológico quanto para postular o problema de seu fundamento: a existência das coisas está diretamente relacionada às redes de causalidade que as realizam, atualizam e lhe dão sentido. Mas o que é uma ontologia?

“Isso são coisas, seres, entes, que por hipótese existem. Mas também a relações e a processos; finalmente, a texturas e a escalas (“dentro de um ovo há outro ovo e dentro deste ovo há ainda um outro...”). Duas coisas a observar: por um lado a lista do que existe pode ser infindável, e por outro lado toda ontologia comporta entes que não vemos diretamente.”

(Almeida 2007:5)

Conforme nos disseram os professores das escolas de Guimarães, o principal problema enfrentado com as manifestações junto às meninas era o despreparo geral pra lidar com a situação. Ademais, a influência da família dos estudantes, e as reações dos mesmos, discriminando e produzindo galhofa sobre as “escolhidas” impunham um urgente debate em torno não apenas da tolerância religiosa, mas apontavam para a necessidade de compreensão mais profunda dos ritos envolvidos no “apaziguamento” do fenômeno.

Mesmo sendo uma região com abundantes terreiros e pais e mães de santo em franca atividade religiosa, o comportamento das meninas era por vezes interpretado como “possessão demoníaca”, expressão advinda do culto religioso evangélico concorrente na cidade com as práticas afro-descendentes originadas nos quilombos. É precisamente no encontro entre a visão e prática religiosa protestante emergente (e, ainda, catequizadora) com o candomblé que interpreto a existência de uma guerra, não meramente religiosa, mas que atinge mesmo o modo de ser e se propagar das coisas no mundo. As diferentes formas de abordar o fenômeno “encantamento” ou “possessão” estão ambas fortemente balizadas no encontro pragmático, na funcionalidade e alcance de suas redes de relação, impondo aos mediadores desse conflito (pais, professores, poder público) a tomada de posição sobre a melhor maneira de educar suas crianças. Ou seja, tomo como base para o argumento em curso o pressuposto de que “chutar uma imagem de santo” ou “vestir-se de cavaleiro” são ações que só fazem sentido se referenciadas em suas redes de relações sociais, as quais lhes permitem entendimento, donde a crença em símbolos não é senão apenas uma das ligações que traduzem o encontro pragmático, mas não lhe esgotam a existência e alcance no mundo.

Com o objetivo de contribuir na formação de professores e fomentar o debate sadio em

torno do tema diretamente com as crianças (de 7 a 14 anos, principalmente) apresentei como proposta à Ana Stela a projeção de curtas-metragens de animação, desenho infantil, combinando o uso de tecnologia com a reflexão de valores que orientariam a disputa ontológica em questão. Ao todo, foram 6 escolas visitadas, atingindo um público de mais de 200 crianças e 20 professores. E foi exatamente durante uma das sessões que o inusitado se fez presente.

Leonel Pé de Vento e a Matita Pêre

Entre os vídeos de que dispunha[4], escolhi dois para projeção, considerando o tempo de duração de ambos somados, adequado para uma atividade de 2 horas, e, principalmente, por conta da temática neles contida.

O primeiro vídeo se chama “Leonel Pé de Vento”, que narra a estória de um menino diferente dos demais porque simplesmente não conseguia ficar a menos de 5 metros de distância do chão. Produzido no Rio Grande do Sul, o curta-metragem conta com vozes de crianças com evidente sotaque gaúcho, e retrata a vida escolar e cotidiana de um pequeno grupo de alunos que se interessa em descobrir mais sobre os estranhos hábitos de Leonel, que descansa no alto de árvores e corre sobre nuvens como se fossem o chão macio. Em meio a impacientes colegas, que lhe lançam pedras e lhe ferem a cabeça, surge uma menina que por ele se apaixona e não tarda a se interessar por conhecer mais sobre os porquês de tal situação.

Buscando explicações com seu avô, a menina descobre que os tais “pés de vento” são chamados cientificamente de acrófi los, um tipo raro de pessoas que, por razões desconhecidas, estão fadados a viverem longe do chão. A tentativa de dar fundamento racional para um fenômeno tão estranho tem nos livros sua principal fonte de informação, algo que considerei importante na escolha do vídeo. No livro, explica o avô, consta que a única maneira de trazer um “pé de vento” ao chão é se ele se apaixona por alguém “normal”, fazendo do amor o passaporte para a vida terrena. Nem é preciso dizer que esse é o fim da estória, quando, munida de pernas de pau (sob a inspiração do desfile de artistas circenses) a menina consegue atingir a altura de Leonel e, com um beijo, desce

com ele à terra e consolida a transformação do menino.

O segundo vídeo trata da lenda da Matita Perê[5], um pássaro com canto único que, uma vez ouvido, deve-se fazer oferendas, sob risco de se ter a casa atormentada por ele durante a noite. A estória projetada (e adaptada) mostra o pássaro pegando suas oferendas, mas que acaba levando consigo uma criança, escondida por acaso dentro de um saco com sua boneca. A trama se passa como se o pássaro, que é na verdade um velho, pudesse ser um malfeitor, o que é transmitido através das percepções do gato da criança que, ao ver o saco sendo levado para o alto de uma montanha, segue incansavelmente o pássaro a fim de resgatar seu dono.

Entre as lições do filme, destaquei o uso do tecido, um pano dado de presente pelo velho à criança que, ao cair acidentalmente com a capa atada às costas, se transforma, ela também, em um pássaro. O paralelo direto que busquei foi registrar o uso das vestimentas durante o ritual nos terreiros: a presença de panos coloridos é marcante, e denota muitas vezes o papel assumido por cada um. O aspecto sonoro também mereceu atenção: se o dispositivo de chamada de atenção em um caso é o canto, no outro estão os tambores e cantos proferidos pelos presentes ao ritual.

Considero que os vídeos tiveram enorme sucesso como ferramenta pedagógica para discutir a noção de “diferença”, a partir do que tentou-se apresentar as “meninas encantadas” como diferentes, ao mesmo tempo em que não se essencializava tal capacidade: buscando explicitar a rede de relações que compunham uma realidade vivida, tentamos enumerar os fatores que permitiam a existência de fenômenos desconhecidos, apontando a sensibilidade, o preconceito e a coragem como sentimentos que, aliados às roupas e outros aparatos, funcionavam como operadores de transformações entre mundo, capazes de realizar transduções[6], e não apenas traduzir crenças e desejos.

Cabe ainda registrar que foi durante uma das exposições que uma das meninas em questão se sentiu “mal” e seguiu para a sala dos professores. Amparada por duas professoras, a menina mantinha o olhar atônito, falava baixinho e permanecia sentada como que em um transe leve. Assustadas, as professoras abanavam a menina, lhe traziam água, enquanto

curiosos abriam e fechavam a porta como que para se certificarem que, mais uma vez, a tal menina estava manifestando algo extraordinário. Tive a iniciativa de segurar a mão da menina, como que para lhe transmitir alguma segurança, ao mesmo tempo em que queria ver se estava quente ou fria, tentando coletar mais elementos sobre o que observava. As mulheres não tocavam nela, o que logo me fez retornar à minha posição de observador “menos ativo”, e regressar à sala de aula, onde iria discutir dentro em pouco a importância dos vídeos naquele contexto.

A experiência vivenciada naquele colégio foi única em minha vida. Conversando com professores e, dias depois, também com pais de santo, não me ficou claro o porquê de estarem sendo preferencialmente as meninas o foco do “encantamento”. Porém, conforme disseram várias fontes, o “encantamento” é algo recorrente na região, somente interrompido ou amenizado quando devidamente atendido o pedido de oferenda de uma entidade, o que pode ser descoberto com a mediação de um pai de santo. Assim, em Guimarães, a reemergência do encantamento está, na cosmologia local, intimamente ligada à necessidade de novas oferendas e prestações de serviço, havendo apenas divergências sobre o quê, e em que quantidade, se deveria oferecer. Falou-se em matar um boi, dois, mais. Ao mesmo tempo, entre os religiosos, tratava-se também de renovar o legado da tradição, donde se estariam escolhendo as futuras mães de santo da região. O conflito com os evangélicos de forma alguma fora, entretanto, resolvido, havendo entre as crianças muita agitação e deboche, enquanto algumas se mantinham quietas e reflexivas, diferenças que são de se esperar entre seres humanos sob várias influências que somos.

Conclusão

O festival Submidialogia nos quilombos pode ser compreendido como uma continuidade das práticas de letramento diáspóricas desenvolvidas durante a execução das oficinas oferecidas pela política pública Pontos de Cultura. Submetido a contrato firmado com a Petrobras, o festival esteve ameaçado em sua metodologia, a partir do que se optou por manter na relação com a comunidade os valores que orientavam as ações coletivas. Sem perder o foco na obtenção de resultados, a abertura metodológica permitiu a colaboração com outro projeto, coordenado por Ana Stela Cunha, e aprofundou a reflexão a partir da

imersão no subconhecimento local, donde se inferia existência de uma guerra ontológica em torno do encantamento de meninas nas escolas de Guimarães. Tomando como base teórica o relativismo cultural, o presente texto pretende ter apontado a importância da construção antropológica na abordagem de conflitos sociais, destacando o uso de ferramentas multimídia na promoção de discussões que visem à construção autônoma de conhecimento e identidade.

Bibliografia

Almeida, Mauro W. B. [2007]. "Caipora, Mandioca e Outros Conflitos Ontológicos". Disponível em: http://mwba.files.wordpress.com/2010/06/2008-almeida-caipora-e-outros-conflitos-ontologicos-_sao-carlos-rev-_2010-02.pdf

Borges, Fabiane & Thiago Novaes [2010]. "Mendigos Piratas Videntes". In Ideias Perigozas, Org. Borges, Fabiane. Tibau do Sul: Des). (centro. Disponível em: http://finetanks.com/upload/ideias_perigozas_1_aed.pdf pp.59-172.

De Certeau, Michel [2004]. A invenção do cotidiano. Petrópolis: Ed. Vozes.

Meireles, Adriana Veloso [2010]. "Letramento midiático e digital: prática educativa como base na cultura e comunicação". In Ideias Perigozas, Org. Borges, Fabiane. Tibau do Sul: Des). (centro. Disponível em: http://finetanks.com/upload/ideias_perigozas_1_aed.pdf pp. 113-126.

Tarde, Gabriel [1896]. "La Vie Esthétique". In Fragments d'histoire future. Disponível em: http://classiques.uqac.ca/classiques/tarde_gabriel/fragment_histoire_future/fragment.html Acesso 30/04/2011.

Viveiros de Castro, Eduardo [2004]. A Inconstância da Alma Selvagem. São Paulo: Cosac Naif.

Metareciclado comportamentos

Adriana Veloso

dricaveloso@gmail.com

Sumário

O planeta encontra-se diante de uma possibilidade iminente de uma mudança da vida como a conhecemos hoje, afetando todo seu ecossistema e a humanidade. O momento é propício para que a tecnologia seja aplicada para fins de sustentabilidade, afinal atualmente inovação significa também ser socialmente justo, economicamente viável e ecologicamente correto. As emoções envolvidas nesta mudança comportamental são pessoais e podem ser replicadas para outras pessoas, para instituições e empresas. O presente artigo apresenta formas e exemplos de como o design de interação pode atuar em uma mudança comportamental da sociedade planetária voltada para a sustentabilidade.

Palavras-chave: design sustentável, metareciclagem, fatores humanos, modernidade, lixo, educação.

Introdução: “O lixo da modernidade”

Um dos recentes trabalhos da Disney mais elogiados foi a animação Wall-e protagonizado por um simpático robô abandonado na terra para juntar o lixo deixado pela humanidade. O filme lançado em 2008, recebeu muitas críticas positivas, entretanto foram poucos os comentários acerca do cenário futurístico em que se passa o filme. Talvez porque no senso comum as pessoas acham impossível uma realidade na qual o planeta acabe soterrado de lixo. No entanto, só nos Estados Unidos “uma média de nove toneladas de concentrados é consumida por pessoa por ano, das quais 90 por cento torna-se lixo” (Vicent, p. 27, 2003). Já no Brasil, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em pesquisa realizada em 2006, apresentou dados que “revelaram que diariamente o

Brasil gera 228. 41 3 toneladas diárias de resíduos sólidos Isso implica numa produção de 1 , 2 kg/habitante”diariamente. Estes poucos dados ilustram que a realidade de um mundo imerso no lixo não é somente ficção.

Diante de tanto desperdício, que convive com a miséria de outros, a reciclagem apresenta-se como uma opção. Morin (2000) destaca que a humanidade no século XX deixou um legado de morte para as futuras gerações. Além “da possibilidade de extinção global de toda a humanidade pelas armas nucleares”, ainda há a “possibilidade de morte ecológica” (Morin, p. 70,2000). Como esperança o filósofo afirma que é preciso despertar a cidadania terrestre nas pessoas, ou seja, a compreensão de que somos todos filhos da mesma “pacha mama”, como referem-se os indígenas andinos ao planeta terra. De fato, “ainda que uma grande proporção da população global nunca tenha visto um vídeo cassete, ou qualquer outro dispositivo eletrônico, eles não podem escapar dos efeitos da tecnologia, como o desastre de Chernobyl tornou abundantemente claro” (Vicent, p. 28,2003). Estamos todos conectados por habitarmos o mesmo planeta que precisa que a tecnologia seja aplicada para gerar soluções sustentáveis, pois “nosso meio ambiente e nossa sociedade global estão em risco por causa da irresponsabilidade do uso da criatividade humana” (Bezzera, p. 7. 2005). Chegou o momento em que inovação si gni fi catambém ser socialmente justo, economicamente viável e ecologicamente correto.

Um dos maiores desafios da contemporaneidade é conviver na diáspora da composição política de estados nacionais em um planeta que já tornou-se mundializado e globalizado em aspectos chave como comunicação e economia. De fato “precisamos melhorar nossas instituições políticas desenvolvendo mecanismos para evitar que líderes mundiais ruins não causem tanto estrago” (Bezzera, p. 3. 2005). A Organização das Nações Unidas (ONU) já coloca em pauta a questão ambiental desde o século passado.

O primeiro estudo publicado oficialmente sobre o estado do planeta, o Relatório Brundtland, também conhecido como Nosso Futuro Comum, de 1987, foi elaborado pela ONU. No

1 - Lixo e impactos ambientais perceptíveis no ecossistema urbano. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-45132008000100008&lang=pt> Acessado em 04/05/10

documento o termo sustentabilidade aparece pela primeira vez definido como “desenvolvimento que satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades”². Já naquela época havia uma preocupação em preservar os ecossistemas, observar o crescimento populacional mundial, desenvolver tecnologias que agridassem menos a natureza e a humanidade, entre outros, pois percebia-se que “o futuro de progresso infinito, movido pelos avanços conjuntos da ciência, da razão, da história, da economia, da democracia”, (Morin p. 72, 2000) não gerava o bem estar social esperado. Algumas das medidas sugeridas neste primeiro documento se repetiram durante a Eco 92, ocorrida no Rio de Janeiro. O avanço nesta ocasião foi a responsabilização e comprometimento dos estados nacionais por meio do documento Agenda 21³ para um desenvolvimento sustentável um novo olhar sobre o progresso. Afinal de contas, “se a modernidade é definida como fé incondicional no progresso, na tecnologia, na ciência, no desenvolvimento econômico, então esta modernidade está morta” afirmou Morin (2000). Por outro lado, no ensaio 'Jamais Fomos Modernos', o antropólogo Bruno Latour (2008), argumenta que a modernidade foi constituída com base na separação do mundo natural e do mundo social e tentou ignorar os híbridos e as redes. Ao longo do texto ele analisa a obra “social” de Hobbes - Leviatã – e a pesquisa “natural” de Boyle e sua bomba de vácuo para apontar contradições e os graves problemas decorrentes da separação racional da ciência entre natureza e sociedade. “Seria necessária uma outra democracia? Uma democracia estendida às coisas?” (Latour, p. 17, 2008) é a pergunta colocada no início do ensaio. Latour responde sugerindo repensar a modernidade, entretanto os líderes mundiais, ao que parece, ainda não conseguiram respondê-la. Ano passado na terceira grande conferência Mundial sobre o planeta, a Cop 15, ocorrida em Copenhague na Dinamarca, as autoridades mundiais ainda não conseguiram estabelecer “direitos da natureza”. Além disso, “mesmo experimentando um era de crescimento do interesse em questões sociais e ambientais há relativamente poucas empresas de design trabalhando dentro marcos éticos óbvios” (Bezzera, p. 7, 2005). É dizer falta incentivo e legislação dos estados nacionais para tratar questões ambientais como um despertar das empresas para a

2 - The Bruntland Report. Disponível em <<http://www.un-documents.net/wced-ocf.htm>>. Acesado em 04/05/10

3 - Disponível em <<http://www.ecolnews.com.br/agenda21/>> Acesado em 04/05/10.

iminente morte ecológica do planeta.

Por outro lado, uma iniciativa internacional que deve ser divulgada ainda este ano é o selo ISO 26000⁴, da Organização Internacional para Padronização, que provê diretrizes para responsabilidade social. O documento foi elaborado pelo Instituto Sueco de Normalização (SIS - Swedish Standards Institute) e pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), mas infelizmente sua adoção por parte das empresas é voluntária.

A grande questão é que a humanidade desenvolveu um modelo mental no qual está em posição superior aos outros seres e organismos do planeta podendo explorá-los como bem entender. Somado a isso há o fato de que as sociedades são incentivadas a um consumismo exacerbado, para manter a economia aquecida, diriam os especialistas financeiros. Outro fator que garante esse ciclo é que são poucos os produtos projetados para durar, pois a indústria opera com base na obsolescência programada. Além disso, “na cultura ocidentais, o design tem refletido a importância capitalista do mercado, com ênfase nas características exteriores que se consideram atraentes para o comprador. (...) Nós somos cercados por objetos de desejo, não por objetos de uso” (Norman, p. 252, 2006). É dizer, vivemos em um contexto no qual o comportamento sustentável é um desafio, pois para que ele aconteça com mais frequência são muitas variáveis e aspectos da vida humana que precisam mudar. Bezerra (2005) defende que é preciso refletir “sobre as causas e consequências da falta de responsabilidade dos designers como criadores e seu potencial positivo para ações de mudança”(p. 2, 2005). Para tanto, ele sublinha a necessidade de modelos éticos de produção e ainda afirma que “a educação é uma solução para aumentar a responsabilidade dos designers” (Bezerra, p. 6, 2005) e, na realidade, de todas as pessoas.

Em 1999, a Organização das Nações Unidas (ONU) encomendou ao filósofo Edgar Morin uma sistematização de reflexões que pudessem ajudar a repensar a educação do futuro. No ano seguinte é publicado o ensaio 'Os sete saberes necessários à educação do futuro' que são; ensinar a condição humana, a identidade terrena, a compreensão, a cidadania

4 - Disponível em < http://www.inmetro.gov.br/qualidade/responsabilidade_social/iso26000.asp>

terrestre, a democracia, a ética do gênero humano e a enfrentar as incertezas. Observe-se que ao falar em identidade terrena e cidadania terrestre o autor, assim como Latour acima citado, não faz a separação entre natureza e sociedade, pensando no planeta como um ecossistema único e atuando no fator humano psicológico.

Emoção e afetividade moldando comportamentos sustentáveis

A seguir exemplificamos em dois estudos de caso como o design de interação pode moldar comportamentos sustentáveis explorando os fatores humanos, em especial a emoção. Com eles demonstramos que “a confiança crescente de que os designers tem o potencial para serem educadores e agentes para reforma social”(Bezerra, p.4 2006) é de fato praticada por alguns profissionais e empresas.

A exploração dos aspectos emocionais ocorre no serviço prestado pelo canal infantil Discovery Kids, que nos intervalos comerciais exhibe clipes nos quais o mascote do canal Doki realiza atividades para salvar o planeta e que terminam com o jingle “para salvar o planeta, todos somos necessários”. Isso faz parte do projeto Descubra o Verde do Discovery Channel, que em sua versão infantil chama-se Viva o Verde ⁵ e, além de selecionar toda programação com temas educacionais, incentiva o comportamento sustentável com base em um design comportamental. Um exemplo de atividades é o Manual do bom terráqueo ⁶, produzido pelo próprio canal, e outro exemplo são o que chamam de biojogos como o “Viva a Água”, “Seja o Herói do Planeta” e “Cidade Verde”. Neste exemplo vemos que “o design afeta a sociedade e (...) que muitos levam realmente a sério as implicações de seu trabalho” (Norman . p 252, 2006), incentivando uma mudança comportamental ao exaltar a coletividade e a consciência terrestre. Ainda observamos que o site atua nos três níveis de design; o visceral, o comportamental e o reflexivo. Em primeiro lugar “reflete princípios viscerais; cores primárias, alegres, altamente saturadas” (Norman, p. 89, 2008). O serviço também atende “componentes do bom design

5 - Disponível em <<http://www.discoverykidsbrasil.com/especial-viva-o-verde/>> Acessado em 05/05/2010

6 - Disponível em <<http://www.discoverykidsbrasil.com/especial-viva-o-verde/atividades/bom-terraqueo/index.shtml>>. Acessado em 05/05/2010.

comportamental, função, compreensibilidade, usabilidade e sensação física” (Norman, p. 89,2008) tanto em sua versão do site, como nos cliques exibidos nos intervalos do canal Discovery Kids. Além de modificar a experiência de assistir televisão ao chamar as crianças para os jogos no site, o design do Discovery Kids agrega valores e projeta significados sobre a consciência planetária. O design reflexivo é observado em comentários posteriores das crianças como “não deixar a torneira aberta enquanto se escova os dentes”,entre outros. Interessante notar que muitos destes comportamentos são reforçados pelo design de interação do Discovery Kids, ou seja, as mães falam e as crianças não levam muito a sério, mas quando quem fala é o Doki, mascote do canal, aquela ação ou tarefa torna-se diferente pois está envolvida em emoção e afetividade.

Essa possibilidade que o design de interação tem de modificar a experiência das pessoas ao utilizar-se de recursos emocionais pode realmente mudar muitos comportamentos automatizados e apreendidos culturalmente. Afinal de contas o “design também é responsável por educar novos cidadãos” (Bezerra, p. 6, 2006). Além de produtos que afetem o comportamento das pessoas, como, por exemplo, preferência por determinada marca pois é utilizado material reciclado, o designer de interação deve focar em serviços que despertem a consciência planetária em uma experiência agradável. Bezerra (2006) destaca dois profissionais que desenvolvem práticas sustentáveis de design. Fuad-Luke7, autor do livro 'The Eco-Design Handbook', “defente um tipo de design mais lento que visa sustentar o bem estar da humanidade e o meio ambiente ao trabalhar fora da aceleração do progresso econômico” (Bezerra, p. 4 2006). Já os designers McDonough e Braungart “oferecem aos designers um modelo que deriva de sistemas naturais e busca empregar processos de restauração e cíclicos que levem a um futuro mais sustentável” (Bezerra, p. 4 2006). Como eles há outras empresas e consultores de design em todo o mundo que trabalham com sustentabilidade. Ainda assim, Bezerra (2006) defende que “a educação em design precisa de um currículo que englobe as dimensões lógicas, retóricas e éticas do design ajudando os estudantes a tornarem-se líderes instruídos, com poder e capacidade para influenciar positivamente qualquer criação humana”(p. 62006).

7 - Disponível em <<http://www.fuad-luke.com/>>. Acessado em 07/05/10.

Um outro exemplo é o projeto Metareciclagem, que de fato transcendeu seu aspecto de serviço e ao longo dos anos tornou-se um conceito, aplicado no título deste artigo e também em programas e projetos governamentais como Cultura Viva, Casas Brasil, entre outros. De início, em 2002, a idéia era receber doações de computadores antigos, colocá-los para funcionar e destiná-los a pessoas que não tinham equipamento, ou à montagem de telecentros. Até aí nada de diferente, afinal quantos projetos sociais não fazem isso? O diferencial foi justamente que a experiência das pessoas modificava-se. Seja pelo fato de que muitos eram chamados para aprender a montar e desmontar suas próprias máquinas, ou pelo fato de que os gabinetes eram pintados e personalizados (acabando com o aspecto de velho e atuando no efeito visual), ou porque o projeto justamente não queria ser mais um de reciclagem de computadores, pois a reciclagem também era do comportamento. Com o tempo a idéia tornou-se conceito, por sinal muito semelhante ao ciclo do design como pode-se ver no infográfico abaixo;



O projeto metareciclagem hoje é compreendido como rede, da forma descrita por Latour, ou seja sem a separação da sociedade da natureza, englobando pessoas, máquinas, plantas, e os objetos cujo uso e função estão constantemente em mutação, assim como o planeta e o mundo. Atuando para mudar a cultura do descarte, do desperdício e da obsolescência programada por meio de uma rede de afetos e experiências que opera na desconstrução tecnológica para transformação social o design da metareciclagem é essa reinvenção constante do que não é sustentável mundo.

Por isso, ressalta-se que outra atuação possível do designer de interação é no fator humano do humor, reinventando os usos dos objetos, despertando a atenção das pessoas

para a necessidade de mudar a cultura do consumo abusivo, do descarte e desperdício, inserindo-se no cotidiano das pessoas.

O fato de que o design afeta a sociedade não é novidade e (...) muitos levam realmente a sério as implicações de seu trabalho, mas a manipulação consciente da sociedade tem graves aspectos, dentre os quais é importante o fato de que nem todo mundo está de acordo em relação às metas apropriadas. O design, portanto, assume uma importância política.

(Norman, p. 252.2006)

Para solucionar o problema da iminente morte ecológica do planeta não basta uma mudança na educação, ou na forma como os produtos são produzidos e consumidos. É preciso que haja uma “politização das práticas cotidianas”, como descreve Michel de Certeau em 'A invenção do cotidiano', ou seja, um deslocamento do consumo para o uso, além de uma redescoberta das artes do dia a dia. É preciso recriar o sistema em que vivemos pois, “até agora simplesmente desenvolvemos nossos processos de design, agora precisamos aprender como utilizá-los de acordo com um plano coletivo de longo prazo” (Bezerra, p. 7 2006). Modificar o comportamento é uma ação cotidiana que quanto mais praticada mais pessoas pode algarer. O comportamento sustentável também envolve educar as pessoas, vizinhos, colegas de trabalho, e todo um círculo de convivência, alertando para a necessidade de mudança para que as futuras gerações possam viver neste planeta.

Bibliografia:

BEZERRA, Charles and BRASELL-JONES, Megan. Design Responsibility in Global Open Societies. Disponível em <http://www.uiah.fi/joiningforces/papers/Bezerra_Brasell-Jones.pdf> Acessado em 05/05/10.

LATOUR, Bruno. Jamais Fomos Modernos. São Paulo. 4a ed. Editora 34, 2008.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo. 1 2a ed.

Cortez, 2007.

NORMAN, Donald. Design Emocional. Rio de Janeiro. Rocco, 2008.

NORMAN, Donald. Design do dia a dia. Rio de Janeiro. Rocco, 2006.

VICENTE, Kim. The Human Factor: Revolutionizing the Way People Live with Technology. 2003



Carta a una amiga en México

Pedro Soler

No tengo muchas noticias, ni de mucho interés a contarte. Como siempre estoy muy ocupado, corriendo arriba y abajo, entre gijón y mis viajes, saliendo, trabajando, amando, pero casi no existo. Soy un fantasma querido.

Me bajaría aquí en Gasteiz contigo y caminaría bajo la lluvia en estos campos verdes. No hace falta decir mucho. Poco a poco iríamos contando los últimos meses, años, o tal vez comentando alguna sensación olvidada que el olor de los arboles mojados hace aflorar en la memoria.

Constelaciones de personas, todas estas personas maravillosas, y que no dejan de aparecer, que lujo de personas, que belleza, como son acogedoras a un ser-espejo, poco mas que un nube, condensación a penas mas solido que la lluvia que cae sobre el campo alrededor de Gasteiz.

He muerto tantas veces, y a cada muerte estoy un poco mas vacío. Un poco mas benevolente, un poco mas ausente. Sonríó y te acompaño en la realización de tu visión. Sin apego. Creo sin creer. Todo lo que me ha pasado ha sido sin querer. Nunca me ha habitado la ambición. He sido en un cierto lugar en un cierto momento. Mi nebuloso ser condensa deseos y pasan a través de mi.

La estación de Gasteiz es pequeña. Paramos el tiempo suficiente a permitirme de fumar un cigarro. Pienso en las muchas veces que habrás bajado aquí, en tantos estados diferentes de animo. El niño sentado a mi izquierda lleva una camiseta con las palabras "wish you were here".

The Big Bang Observatory

Por Pedro Soler

"si un agujero negro es una singularidad donde la gravedad más intensa curva infinitamente el espacio-tiempo formando el pozo definitivo del que nada puede salir, el Big Bang es lo contrario, una singularidad de la que todo emerge." Kip Thorne

Un agujero negro solo se ve por su poder de atracción, las cosas que le orbitan. no lo puedes ver porque la luz misma esta comida allí dentro. el "event horizon" separa nuestro universo del interior del agujero negro.

Lee Smolin, un físico teórico, propone que un agujero negro provoca la aparición de un nuevo universo del "otro lado" de la singularidad, tal universo podría tener leyes, constantes y parámetros propios, algo diferentes del universo conocido (por ejemplo otra velocidad de propagación máxima, otras constantes cosmológicas, etc).

Es la idea del universo fecundo, universos naciendo de agujeros negros, (selección natural de leyes y atributos sostenibles define su duración o sostenibilidad) y cada universo a su vez generandoles, muchos duran solo microsegundos, otros eternidades, los universos HIRVIENDO con agujeros negros.

Otto Rösler, matematico de caos, estudiante de Konrad Lorenz y brillante pensador conoció a Smolin pero se decepcionó cuando le expliqué su teoria. Rösler es de acuerdo con St Agustin que el universo no tiene ni principio ni fin y parece que Stephen Hawking piensa algo similar cuando dijo que plantearse el inicio antes del Big Bang era tan absurdo como preguntar qué hay al norte del Polo Norte. El no define el inicio en función de espacio-tiempo sino solo de espacio y en ese contexto no tiene sentido el inicio antes del Big Bang.

Pero a mí me sirve la teoria de Smolin. El agujero negro deviene una metáfora para nuestra actividad (?) generador(a) de nuevos universos, nuestras transformaciones son invisibles estudiados solo por la anilla de materia alrededor. Parece que la única manera de "ver" un agujero negro es con un hipotético detector de ondas de gravedad.

SUBmidialogia, invisible a medidas y instrumentos, nuestros propios leyes y motivaciones, nuestro propia fisica, nuevos universos.

Juntas generamos mas gravedad, la concentración es para mi esta gravedad que abre el agujero negro. Los cuerpos son importantes, juntarse es esencial. Concentramos juntas y abrimos nuevos universos. Es así también en la cultura. El real no se puede catalogar ni atrapar, escapa a toda visibilidad. Las transformaciones son invisibles y sin posibilidad de medir, salvo, tal vez, por el Big Bang Observatory. No puedes falsificarlo, puedes acumular cosas o gente que lo hacen parecer pero solo es aparente, la verdad esta mas allá del "event horizon", solo se sabe por dentro. Somos detectores de gravedad, somos la gravedad misma.

We were altogether , hot ju l y stripped down to our shorts. On the table lemons wired up together make a little bulb light up and there's the preparation of a cool dri nk, al l streaming of course, there's Glerm and Palm and Habib and Simona and Fabianne and Lluís and Pedro and . . . some few people connected by the stream. What happened in that room is the reason why i am writing this text now. Black hole space, zone of concentration and birth of new universe and then i'm riding an autobus down through the jungle from Sao Paulo to Curitiba and its another manifestation of that particular black hole or a sun that collapsed in on itself and we're inside where laws of time and space are shifted. And now I'm in another bus - not as comfortable as that one from Sao Paulo to Curitiba - i'm watching green hills rol l by and listening to the new album by Orxata Sound System, on my way to be jury in Conexiones Improbables in Bilbao. Spacetime twists. Pueblo pequeño, infierno gigante. A laboratory to see how space behaves. The Big Bang Observatory.

Electricidad corre por todo mi cuerpo, mi polla deviene monstruosa cuando estoy enlazado contigo, como si quisiera romper la fragil barrera de piel que me separa de ti, del universo. El rigido que se vuelve liquido, los orificios que abren mucho mas que podrías imaginar y ya, es universal, conectando todo.

Veo todo en pliegues.

Suavemente e ao contrário*

elenaralelex



Olha, escuta. É o lugar das intrigas, dos amores, dos olhares que se cruzam e não mais se encontram.

Um mundo de esconderijos, de disfarces; um mundo de barganhas secretas, pequenos tráficos, com os quais se misturam histórias de amor e de morte.

Uma floresta tropical indígena massacrada por estradas e micróbios.

Apesar da distância entre os mundos, apesar dos códigos invertidos, existe o lugar central, o querer construir um espaço como um reflexo calculado para as esperanças.

Nada pode perturbar a pirâmide social. Nada pode perturbar essa ordem de afetos humanos em que se debatem as mulheres que contrariam sua função familiar ornamental, pois podem acabar punidas, decaídas, abandonadas ou mortas, nos acasos deste que dizem ser o melhor dos mundos.

Basta que pessoas de repente entre em acordo para verem lanternas mágicas – óculos,

reflexo, ilusões – maravilhas óticas, como um comando que explica tudo.

Mudar de opinião de repente. Alguma coisa esquecida. Receptáculo das ilusões e das ciências da ilusão.

A fala.

Mas o mundo é mau, a cidade perversa, a natureza inatingível, um paraíso artificial. Pode-se sonhar em sociedade?

Um mundo inteiro fala consigo mesmo, uma sociedade inteira olha para seus sonhos e com fl i to s, a Nação existe e começa a traçar o perfil republicano, ainda velado por figuras divinas, mulheres presas de intrigas cruéis, pouco a pouco aparecem as mortas, as sofredoras, as dilaceradas; como um complô terrível, vindo do começo dos tempos, para trazer luz a essas mulheres, vítimas de sua feminilidade, adoradas e odiadas figuras simuladas de uma sociedade realdemais.

A história se repete como na vida. A criança se diverte, sem saber porque imita os adultos, esses gigantes desconhecidos; uma mulher chora sem saber ao certo de onde lhe brotam as lágrimas sem motivo, é a mesma emoção que o embate da vida provoca sem avisar.

Não há nada mais ridículo e grotesco se mantém-se uma distância mínima; é sublime se passar para o lado da identificação. Identificação sem riscos, o velho problema do distanciamento ficar relegado entre brumas que dissimulam as verdades.

Sem riscos, frequentemente não compreendemos as palavras. O inconsciente não escuta com orelhas surdas. A estrutura profunda descobre a frase, a palavra, o gesto que provoca identificação e as lágrimas de satisfação, quer dizer, o prazer de uma dor fingida sem sentido.

Transgressões das regras familiares, das regras políticas, dos jogos do poder sexual e au tori tári Daí o riso, daí as lágrimas. Por vezes a dor e a angústia.

No entanto, falta alguma coisa. Tudo parece insuficiente. Existe um assunto do qual não se compreende nada. É esse mundo que nos cria. Como um labirinto dourado por onde caminha um rato apavorado, feito com estátuas delicadas e um som que toca o coração, que parte a alma e faz chorar uma infância esquecida.

A vida retoma seu valor e volta a comer, falar, fazer amor, na escala dos valores e dos medos, e carregando na memória fraca os modelos, as idéias, os modos de amar de uma época perdida e mesmo assim mais poderosa e perturbadora do que nunca nestes tempos em que as ilusões revelam suas faces tristes.

Comete-se o sacrilégio de escutar as palavras, seus nós, suas voltas. Recusar a seguir as pegadas dos pensamentos, suas trilhas e decidir prestar a atenção à linguagem, à parte esquecida, assim se estará libertando-se, chegando em certos instantes de evasão do cotidiano a não saber mais quem o habita.

Uma palavra apanhada no ar pelo inconsciente, uma resposta em uma conversa, uma associação imprevista ou um conflito latente pode provocar a lembrança. A palavra isolada é incapaz de convencer pela força exclusiva da idéia. A menor palavra carrega consigo séculos de história e de cultura; a menor palavra suscita um levante de idéias, como um evocar de pássaros quando os cães a encontram. Palavras que são desconhecidas, atraem e armam ciladas.

Quando se conhece as palavras se conhece as tramas, as paixões, envolvendo totalmente um mundo extraordinariamente nítido, de uma vida incomparável, como se o coração, essa poderosa realidade, não fosse inseparável da história. Como se todas as histórias de amor não estivessem ligadas às formas de casamento, aos costumes, as resistências inconscientes, a esse peso que faz de cada um peão no tabuleiro de xadrez da cultura. Não pense que é acessório, é essencial. Torna a realidade indefinida e irreal.

As palavras suscitam, desenvolvem a linguagem, diáspora, encobre, contraria, reforça. Consciente e inconsciente estão do lado lível e racional de um discurso consciente, é o

inconsciente que dá profundidade, relevo, que atribui um passado, uma memória sensível não ao consciente, mas ao inconsciente enfeitado. Tem-se na cabeça a idéia apenas sugerida da palavra passageira que retorna não esquecida.

Extraordinário paradoxo: em um mundo onde o inconsciente ocupa um lugar tão pequeno, onde se dá tanta importância às palavras ditas, como se elas quisessem dizer apenas o que dizem, sem passado, sem raízes, eis que se esquece a parte do consciente, a parte das palavras. Sem dúvida é a morada dos sonhos não formulados, das paixões secretas, um lugar, o elo entre o prazer e a irrealidade, por isso, quanto menos as palavras são entendidas, mais são apreciadas. É o começo da compreensão, como um sonho, a ambivalente fascinação, a magia em preto e branco, a fala dos outros.

De novo a fala das mulheres, a minha fala, uma espécie de murmúrio temeroso e abafado que me permite falar, falar sempre. E é verdade que isso incomoda, essa forma incoerente de tomar a palavra, di tatori ademais, cujos excessos parecem sem justificativa em face das exigências muito simples de liberdade. Mas preciso me acostumar. Estou em época de refazer o mundo que esqueci durante um tempo demasiado longo, abandonado, tão próximo, al lado.

É a um homem que se dirige minha paixão. A ele para que saiba escutar e ver mais tarde. A ele para que compreenda e mude um pouco a realidade da sua vida. É o homem que amei, porque seu mundo agora é outro. Um dia, talvez um dia, e nesse dia talvez ele saiba um pouco mais. Para ele, para que no momento adequado ame de outra maneira, para que as palavras lhe fiquem claras e que seu prazer seja tanto maior quanto mais ele compreender minha história, uma história não fantástica.

(... continua La double vie de Veronique

<http://www.youtube.com/watch?v=TEVIDb43v-4>)

* d'eu, a mesma de sempre... Lelex

Manifesto para a engenharia reversa das redes

Bartolina Silva



Bartolina Silva

“É das paixões que brotam as opiniões; a inércia do espírito as faz enrijecerem na forma de convicções. Mas quem sente o seu próprio espírito livre e infatigavelmente vivo pode evitar esse enrijecimento mediante uma contínua mudança”

Friedrich Nietzsche – Humano, demasiado humano

“Digitalismo é uma forma de gnosis moderna, igualitária e barata, onde o fetiche do conhecimento foi substituído pelo culto da rede digital”

Matteo Pasquinelli: A ideologia da cultura livre e a gramática da sabotagem

“Querer a autonomia supõe querer determinados tipos de instituição da sociedade e rejeitar outros. Mas isso implica também querer um tipo de existência histórica, de relação com o passado e o futuro. Uma como a outra, a relação com o passado e a relação com o futuro devem ser recriadas.”

Cornelius Castoriadis – As uncruzilhadas do labirinto volume VI

Esse texto visa percorrer alguns conceitos que despontaram no Brasil em nossa contemporaneidade acerca de novos e velhos instrumentos sócio-técnicos, chamados aqui de experiências de apropriações midiáticas brasileiras. Uso essa terminologia (que li pela primeira vez em Laymert Garcia, no livro Politizar as novas tecnologias) no sentido de

arti cu laruma via de mão dupla entre tecnologias e comunidades, impossibilitando qualquer interferência de um objetivo ou subjetivo determinismo tecnológico, abrindo portanto, e com mãos femininas, sua caixa preta.

Na década de 90, muito devido ao barateamento das ferramentas de produção de mídia e uma relativa liberdade política, surge na Holanda o conceito de mídia tática, cunhada por David Garcia e Geert Lovink, que ganhou notoriedade com a série de festivais Os Próximos Cinco Minutos (N5M – The Next Five Minutes [1]) que popularizou as experiências de rádios livres, blogs, publicações independentes, arte-ciência, ciberfeminismo e videoativismo de todo o mundo. É a pulverização de pequenas e médias iniciativas midiáticas baseadas na colaboração e descentralização. Finalmente as mídias ganhavam as ruas, reconectando-se aos movimentos sociais como verdadeiras armas de dissenso, e muitas vezes descoladas de seu suporte ciber ou digital.

Fora de um embate antagonista em relação a um suposto inimigo, mídias táticas surpreendem pela astúcia e distração do mais forte (Certeau), e essas eram justamente as práticas mais difundidas aqui na terra do low-tech e das gambiarras, em que a necessidade torna-se estética. Murais, stencils, pixações, fanzines, performances (corpomídia) e rádios livres ainda são as ferramentas mais utilizadas pelos ativistas de mídia. Láti nos, de zapatistas mexicanos à feministas e ocupas urbanas. 1994 pode ser considerado um ano significativo para uma politização midiática continental, ano em que as forças em queda – o capitalismo cibernético – liberam energia – re-voluções. É o ano do levante do EZLN [2], Exército Zapatista de Libertação Nacional mexicano, que tratou de definitivamente entrincheirar as recém nascidas redes de comunicação internas de universidades, as primeiras a se conectarem a Internet. Lá estavam hacktivistas como (sir) Timothy John Berners-lee (www), Linus Torvald (kernel Linux) o pioneiro da turma Richard Stallman (gnu/ FSF) mas foram as agências de inteligência estadunidenses que criaram o termo social net war – guerra social da internet – para descrever o temor da era.

À mesma época no Brasil era lançado o Manifesto dos Caranguejos com Cérebro [3] cuja imagem-símbolo é uma antena parabólica enfiada na lama. “Modernizar o passado é uma evolução musical (...)/ o medo da origem é o mal / o homem coletivo sente a necessidade

de lutar / o orgulho, a arrogância e a glória enchem a imaginação de domínio / são demônios os que destróem o poder bravo da humanidade / viva zapata, viva zumbi, viva sandino, viva zumbi, antônio conselheiro, todos os panteras negras, lampião sua imagem e semelhança” do disco de mesmo ano de Chico Science, que também canta em sua afrociberdelia “computadores fazem arte, artistas fazem dinheiro”. Nascia no Brasil o ciberativismo, em meio à periferia des-computadorizada nordestina, e através da música.

É claro que nestas condições de exclusão social o movimento da cibercultura não se desenvolveu por aqui. Esse prefixo pós-moderno – o ciber – foi usado por pouquíssimos teóricos e artistas, quando – nesta ordem – se popularizou nos campos da arte, academia e governo. Não tivemos propriamente um movimento de cibercultura, ciberfeminismo, ciberativismo ou ciberpunk, embora muitos coletivos praticassem tais conceitos, sob outros nomes: Sabotagem (difusor anti-copyright de Livros), Centro de Mídia Independente (difusor de informações contra-hegemônicas), Rizoma.net (difusor de conceitos táticos de alteridade), Rádio Livre.org (plataforma agregadora de rádios livres), ip:// interface pública (laboratório de mídias livres na cidade do rio de janeiro), g2g (grupo de estudos em gênero e tecnologia), Metareciclagem (apropriação tecnológica para a transformação social), Submidialogia (encontro nômade de arte, mídia e tecnologia), Mídia Sana (vjs de guerrilha midiática e intervenção urbana), Orquestra Organismo (hardware arte), Poro e ARTNST (mídia táctica), Projeto Saravá (tecnopolítica), etc. Inúmeras redes independentes que se apropriaram de diversas mídias de forma original surgiram desde o ano 2000 no Brasil e no mundo, muitos sem dúvida inspiradas nos ativismos anticapitalistas globais como os que eclodiram em Gênova, Seattle e São Paulo, assim como experiências de convergência de movimentos como a do Fórum Social Mundial. Também surgido nos anos 90, o conceito de cibercultura é acompanhado de inúmeras utopias e distopias tecnológicas – pesadelo totalitário na ficção científica dos livros de William Gibson, ou sonhos de hipertextos, repositórios de conhecimento e conexões emergentes (muitos nunca concretizados) como os de Ted Nelson (Xanadu em Dream Machines, de 1974) ou seu anterior Vannevar Bush (Memex de 1945) no Brasil – cuja apropriação tecnológica se manifesta sempre primeiro através da arte – surge com o visionário Oswald de Andrade e sua utopia antropofágica que descreveu a assimilação da tecnologia moderna com o espírito xamanista da selva (em A Crise da Filosofia Messiânica, de 1950).

O software livre rapidamente virou a plataforma preferida dos ativistas de mídia, politizando os debates tecnológicos: rádios piratas se misturaram às rádios livres, muitas reativadas ou criadas nesta década, mulheres administravam servidoras e participavam de encontros autônomos de tecnologia e gênero, notícias eram veiculadas por consenso e horizontalidade, vídeos mostravam as lutas das barricadas. “A tecnologia que liberta” (FISL 2008), virou seu mote por aqui, na alegre fusão com a comunidade da esquerda partidária. O lixão adentrou com força o governo Lula, mas por outro lado ignorando os nada inovadores e imateriais problemas de desequilíbrio de gêneros (1,5% de desenvolvedoras de SL são mulheres [4]) ou dicotomias ideológicas.

Um ano após o Mídia Tática Brasil[5], versão brasileira do festival N5M que congregou muitos artistas e ativistas de mídia junto a um público de mais de 3.000 pessoas em 2003 – quando uma rádio livre foi instalada na Av. Paulista sob o nome Pega Eu, onde pôsteres de artistas globais pegaram fogo e um som pós-mídia enchia de ruídos os chiques jardins da Casa das Rosas na maior movimentação em toda sua história – um trabalho brasileiro realizou-se na ante-sala de entrada do quarto evento em Amsterdã – entre a farta fumaça do defumador, um camelódromo vendia camisetas do Brasil, pés-de-moleque, cds de música e é claro havaianas. A compra era efetuada através da moeda brasileira, o real. Ao lado do pano estendido no chão com a pirataria, um câmbio flutuante escrito a caneta em um balão subia e descia o preço da moeda a seu bel prazer. Finalmente o real veio a custar 3 euros, ou mais, dependendo do “humor do mercado”. Um produto brasileiro, a paçoquinha, foi levada para o Critical Art Ensemble – artistas da biotecnologia – testarem em seu laboratório de transgênicos. “Testada e aprovada como orgânica!” entoava a camelô.



Artivismo foi o termo criado pela esquerda cultural paulistana (e não pelos coletivos agrupados sob o mote do festival – mídia tática) para a disseminação desses trabalhos, que usavam as mídias e incluso a própria arte de forma resistente, politizada e sobretudo nômade, configurando-se diferentemente a cada aparição e formando amplas coalizões para muito além do campo artístico. Seguiu-se então uma verdadeira febre de coletivos artísticos politizados, que ecoou pouco além da capital paulistana. No entanto, a prática da arte como tática política sempre existiu por aqui e foi justamente o mote gerador do festival MTB que usou o termo mídia tática como uma experiência de disseminação memética.

Em 2004 três laboratórios de mídia tática surgiram na zona leste de São Paulo, os Autolabs[6], a primeira experiência de um laboratório de mídia reciclado todo em software livre produzindo rádio, notícias independentes, histórias de vida em formatos digitais, fanzines, etc. Outras experiências similares surgiram em ocupas no centro de São Paulo no mesmo ano. E assim, criaram-se os protótipos do que veio a ser transformado em política pública progressista, produção não da massa mas para a massa, via ongs, com o projeto governamental “pontos de cultura”. É quando populariza-se o conceito de cultura digital contra-mão da cultura altamente colaborativa e transgressora, portanto de fato política que se desenhava à época de forma autônoma, ou pelo menos sob princípios de horizontalidade e descentralização.



Gilberto Gil, recém empossado no ministério da Cultura, participou do evento de abertura do festival independente Mídia Tática Brasil, definitivamente aproximando seu gabinete dos ativistas do software livre e das discussões sobre propriedade intelectual às mas infelizmente adotando o modelo reformista das licenças Creative Commons (direitos limitados) ao libertário Copyleft (domínio público) – mais ou menos como o free e open source software para a comunidade de software livre. Clamou-se ministro hacker [7] e abriu importantes frentes para a implantação de políticas públicas favoráveis ao software livre por todo Brasil, mas sem considerar contextos locais como rede elétrica instável, banda curta e a larga máfia das ongs culturais (que saíram em seu modelo liberal de

imaginário social ainda mais fortalecidas).



Linux apoiado pelo governo brasileiro

O período de 2005-2008 representou um momento de sincretismo entre .gov, ONGs e pseudo-artistas: com uma câmera na mão todos afinal poderiam ser artistas, resolvendo o acesso e a escassez, tudo mais fluiria, poderíamos pular do século XIX ao XXI... era o discurso que se ouvia à época, superando o ainda mais fraco termo inclusão digital. Ambos os termos – inclusão e cultura digital - surgiram em um contexto majoritariamente instituído dentro de escritórios com financiamentos da ONU e PNUD, disseminados maciçamente, formando políticas públicas descontextualizadas, onde quem mais lucrou foram sem dúvida os “articuladores” e a ItauTech (fornecedora de computadores) Meninos entusiastas do software livre que chegavam de avião às localidades mais remotas para armar o circo (zona estatal temporária) da inclusão digital, muitas vezes chamados de Encontros de Conhecimentos Livres[8], queimando máquinas, aumentando a banda de forma controlada e temporária para poder subir um vídeo produzido, dando oficina para mais de 1.000 professoras de escolas em 5 máquinas, levando o transmissor de rádio de volta depois da oficina, sendo quarterizado por corporações de tecnologia como Stefanini e Comsat. Não estava mais em questão a autonomia, gênero, as alternativas ao capitalismo massacrante, a colaboração para a produção, a práxis, a continuidade das ações. A lição que ficou para quem participou de alguns desses projetos é que mais vale uma apropriação lenta e efetiva do que uma massiva e altamente apropriável por qualquer grupelho, corporação ou instituição – que vai lucrar muito e causar efeitos muitas vezes opostos aos desejados, criando novas elites culturais e fetiches. É claro que por outro lado houve a disseminação maciça do software livre e de alguns princípios da cultura livre, no

entanto completamente ausente de imaginação e prática política autônoma. Cultura Digital tornava-se a cultura produzida pelos mecanismos da indústria cultural, a economia criativa – incentivos governamentais, leis de incentivo, instituições legalizadas, licenças paradoxais para dizer que não precisamos de licenças, licitações de equipamentos – e lançada em grande escala principalmente através do ministério da Cultura do Brasil a partir de 2005. Em 2008 o termo cultura e mídia livre é totalmente desvirtuado de seu sentido original, livre de instituições proprietárias ou gestores – é seu oposto, recurso disputado por partidos de esquerda, blogueiros progressistas e membros de organizações do terceiro setor, criando termos descolados como “midialivristas”, com manifestos próprios e recursos estatais para fóruns, no entanto sendo articulado por usuários de softwares proprietários e instituições de ensino federais [9]. E hoje inclusive, mais interessante ainda, têm como alvo verbas do próprio ministério das Comunicações, direitista onipresente e onipotente, no entanto senhor de um fundo bilionário oriundo das telecomunicações. Mídia independente, a luta originária ou mídia tática a estratégia de guerrilha midiática, é substituída por mídia livre, esvaziada de seu sentido libertário.



Stallman e Gilberto Gill

Digitofagia cremos que foi o conceito mais não-apropriável e portanto sub-utilizado que existiu para caracterizar uma das mais originais e recentes apropriações tecnológicas e midiáticas brasileiras, cunhado pelo teórico cearense Ricardo Rosas, um dos organizadores do MTB, contextualizando a prática midiática aqui gerada com o fenômeno tipicamente cultural brasileiro da antropofagia. Apesar de ter realizado um festival [10] de 11 dias totalmente colaborativo, organizado de forma aberta por lista de discussão e um sistema wiki (edição online) agregando propostas emergentes, em 2004 no Museu da Imagem e do Som em São Paulo, e no Rio de Janeiro em um espaço independente, de ter gerado o excelente livro Net_cultura 1.0 (Radical Livros 2006, organizado por Rosas e

Gi seli Vasconcelos[1 1])em sua tardomodernidade, a mídia tática e a digitofagia foram práticas disseminadas com muita naturalidade por aqui, principalmente entre as redes independentes e alguns teóricos (muito poucos), mas que não alçaram vôos maiores. Cremos que aterrorizava os senhores do universo. Os festivais de mídia arte brasileiros em sua maior parte patrocinados por bancos, empresas de telefonia ou petrolíferas preferiam temas como a pirataria ou mobilidade – técnicas que acabam por favorecer o sistema.

Assim, como o termo mídia tática foi disseminado pelas instituições da cultura e da mídia de massa (resenhas em jornais e revistas) como artivismo, o mesmo aconteceu com o conceito de cibercultura, ou ciberativismo, que transmutou-se em cultura digital.

No entanto, aconteceu no país algo muito curioso: a apropriação tecnológica das ferramentas livres sendo preconizada principalmente via movimentos libertários e paralelamente ao governo, com muitos momentos de convergência, numa retroalimentação sufocante, até quase o ponto de simbiose entre ativistas e governistas, o estado ditando manifestos de cultura digital e mídia livre e trabalhadores-ativistas super dedicados ao seu trabalho. Artistas por sua vez se burocratizaram abrindo ongs firmas para trabalhar junto ao descolado governo. Em 2011 com a presidenta Dilma e a posse da nova Ministra da Cultura parecem estar em curso ainda mais retrocessos como a remoção mesma das licenças CC de sítios e trabalhos apoiados pelo antigo gabinete.

De volta ao básico

Desde muito cedo somos treinados nos jogos de guerra, em estações de jogos e televisores. Ali vemos meninas dançantes figurantes, fuzis e sangue, big brothers fantásticos, nas ruas nossas fantasias de princesa são fortalecidas pela dolinha de R\$2, quando nos tornamos poderosas e criamos coragem de portar uma arma própria, em nome da justiça, liberdade, e o vício. Enquanto isso a burguesia vive nostálgica, também doente, em redes sociais, relações virtuais e avatares. É o ápice das megacorporações da tecnologia como microsoft (mais de 80% dos sistemas operacionais), google (maior quantidade de dados de vigilância do mundo), facebook e amazon em um contínuo expansionismo para segmentos diversos como telefonia celular, TV a cabo, internet móvel

e sementes. Centralização e vigilância permeiam o imaginário social digital em uma rede distribuída de bots muito mais potente do que Foucault descreve em seus estudos sobre técnicas de vigilância em prisões, ubiquamente retroalimentada por nós, nossos dados e estilos de vida, em sua produção material e imaterial. É a era tecnocrônica de inspiração cibernética em que tudo vira sistema, autômato, colagem, em um esgotamento da imaginação e do imaginário político a favor de um racionalismo tecnicista, o desejo de primazia da tecnologia sobre a política e a cultura como simulacro de si mesma.

E assim, aos poucos, a cultura do ciberespaço global vai sendo deglutida pelas novas/velhas instituições da esquerda cultural, jovens hackers empresários, yuppies, ex-hippies, moldada por novos nomes mais indicativos da “nova era” que desejam adentrar, cavalcando a nova onda, sob a mesma velha lógica desenvolvimentista e centralizadora onde é necessária uma sociedade futurista em que a tecnologia e não as pessoas mediassem os processos sociais (tecnocracia). Nada mais radical do que uma volta ao passado: das tribos aos ideais liberais são as teorias neogovernamentais do novo paradigma cultural como descritas por Pierre Levy, Manuel Castells, Howard Reingold e Alvin Tofler, e mais tarde Lessing – o advogado que popularizou as licenças Creative Commons (CC), gerando novos termos como aldeia global, comunidades em rede, cultura colaborativa e cultura livre.

Falhos “mapeamentos”, distorcidos em recorte de gênero (25 homens e 4 mulheres) como em <http://culturadigital.br/retalhos> ou precisão das informações referentes aos trabalhos independentes como Mídia Tática Brasil e Digitofagia acabam por permitir que se apaguem as lutas e políticas existentes no interior destas apropriações.

No entanto, o que insistimos em esquecer (ou como em matrix o que apagam de nossa memória) é que todos os sistemas são afinal programados pelos grupos dominantes. E que cabe somente a nós escrevermos e refletirmos sobre nossa história. Compartilharmos o código, enfim.

A (des-)apropriação tecnológica brasileira como assinalou Décio Piganatri em 77 (no livro Informação. Linguagem. Comunicação.) em referência ao design mas que aplica-se às novas gerações de instrumentos sócio-técnicos “coloca-se como uma questão de

necessidade, de linguagem e de consciência; o problema da quantidade se sobrepõe ao da qualidade (...) [em] que países como o Brasil não podem e não querem pretender atingir a qualidade dos países desenvolvidos pois suas necessidades repelem o alto custo de aperfeiçoamentos tecnológicos contínuos que acabam por beneficiar apenas uma pequena parcela do povo.” É neste sentido que achamos bem longe das iniciativas financiadas e governamentais a imaginação radical da apropriação tecnológica brasileira. Para onde vamos? Obviamente estamos de volta ao seio do sistema de onde surgimos, filhos bastardos de táticas midiáticas bem sucedidas. Depois da utopia tecnológica que se deu no início dos anos 2000 no Brasil, encontramos hoje, praticamente, um mundo ao revés. Com toda situação propositalmente desorientadora é obviamente iminente novos radicalismos. De qual lado das barricadas nos encontraremos? Urge uma avaliação profunda e sincera da apropriação midiática brasileira deste século, para não incitarmos de novo a erros humanos, demasiado humanos.

Creemos que um primeiro passo interessante seria responder algumas perguntas para podermos avançar: afinal toda a febre do software livre contribuiu como para o desenvolvimento dos programas, plataformas e sistemas? Ainda recorremos aos oligopólios cibermidiáticos para usarmos um email, publicarmos um filme, uma imagem, uma música, um site web? Afinal, todas as práticas "mídia-ivistas" contribuíram como para a autonomia da produção midiática? Ainda somos presos por usar um trecho de um filme, fotocopiar um livro, baixar uma música, compartilhar a internet, ligar um transmissor de rádio? Existe de fato uma cultura livre? Livre de quê? Afinal, todos os maquinários de pontos de cultura e festivais de mídia produziram quais trabalhos que contribuam para indicar caminhos evolutivos na linguagem artística ou nos processos sociais? Para quem e com quem fazemos o que fazemos? Como nos solidarizamos com atos de censura que acontecem hoje com blogs independentes como o do Centro de Mídia Independente ou globalmente nos recentes protestos no Egito?



Radio livre na ocupa da funai em 2005

Urge mais uma transformação de nossas práticas, novas táticas midiáticas, para de fato voltarmos a questionar os sistemas que acabaram por engolir nosso dia-a-dia, nossos fazeres e sonhos de mudança. Radicalizemos! Escrevamos nossas próprias histórias. Façamos arte e política de nossos códigos (ela não chegará junto ao Bolsa Computador ou ao Vale Cultura) e assim, mutuamente, nós e nossa vizinhança nos impregnaremos de visões insurgentes. É necessário mais que nunca Paulo Freire em nossos trabalhos, ensinar tecnologia como se estivéssemos nas trincheiras (nunca saímos delas). É necessário que estabeleçamos novos parâmetros de colaboração em que a arte, a política, a autonomia e o anticapitalismo sejam princípios e não palavras soltas ao vento. Urge a volta da micro-política em rede, das pessoas sinceras e suas nervosas inquietações, espaços de convívio e trabalhos onde a liberdade não seja um conceito único mas uma proposta político-pedagógica-cultural a ser construída em nossas práticas, por nossas colaborações, nossas próprias mãos, nossos livres saberes, nossos manifestos, que sempre estarão à frente do sistema, que por sua vez, sempre virá atrás – seja para nos reprimir, copiar ou cooptar. Que se apropriem de processos e não de pessoas. De subjetividades e não de máquinas. Vamos dar a eles novos mitos, nossos macunaímas, nossas metasubcibertrans – belxs anti-heroínas. E finalmente, depois de um período “no estrangeiro”, que voltemos à nossa vizinhança, aquela lá dos tempos da pedreira...

“que as idéias voltem a ser perigosas” paulo lara,sub>mídia

PS: Este texto é uma singela homenagem aos ativistas de mídia brasileiros, e presta uma reverência internacionalista à Brad Will (Eua) e Lenin Nájera (Ecuador) e a tod@s que apanharam e foram assassinados nas barricadas.

Notas

[1] JN5M – <http://www.next5minutes.org>

[2] EZLN – <http://enlace Zapatista. ezln. org. mx>

[3] Manifesto dos caranguejos com cérebro

<http://www.fafich.ufmg.br/manifestoa/pdf/caranguejos>

[4] Mais dados, apresentações e estudos sobre a participação feminina no software livre

podem ser encontrados aqui – <http://www.linuxchix.org/women-open-source-free-software-bibliography.html> Encontro feminista de mídias livres – Carnaval Eclético Tech ou /etc-br <http://ciberfeminismo.midiatatica.info/etc>

[5] Mídia Tática Brasil – <http://mtb.midiatatica.info>

[6] Autolabs – <http://autolabs.midiatatica.info>

[7] “A melhor forma de promover essa livre troca de informações é ter um sistema aberto (...) A última coisa que você precisa é burocracia. Burocracias, sejam corporativas, governamentais ou universitárias são sistemas falhos, perigosos já que não acomodam o impulso exploratórios dos hackers verdadeiros. Burocratas se escondem por trás de regras arbitrárias (em oposição aos algoritmos lógicos com que máquinas e programas de computador operam): eles invocam essas regras para consolidar poder e percebem o impulso construtivista dos hackers como um perigo.” (A Ética Hacker, capítulo 2 do livro Hackers, de Steven Levy.)

[8] Encontros de Conhecimentos Livres foram articulações ora independentes ora governamentais. Como visto, articulações semelhantes existiam no cenário midiático independente brasileiro desde 2003. É interessante notar na linha do tempo do Fórum Social Mundial http://pt.wikipedia.org/wiki/F%C3%B3rum_Social_Mundial as mudanças desde o ano de 2002 (adoção do copyleft), 2004 (adoção do software livre) e em 2005 (do modelo de laboratório de mídia). Alguns sítios tentam construir uma história desde o ponto de vista governamental como em <http://www.segueocortejo.org/2011/01/encontros-de-conhecimentos-livres-2005.html> exclusivamente masculino e governista. <http://linhadotempo.culturadigital.org.br/2010/11/09/i-encontro-de-conhecimentos-livres-do-nordeste/> mas o fato é que os três primeiros Laboratórios de Mídias brasileiros em rede, utilizando software livre e hardware descartado foi concebido por uma mulher artista, Giseli Vasconcelos, em São Paulo no ano de 2003.

[9] Manifesto Midialivristas uni-vos

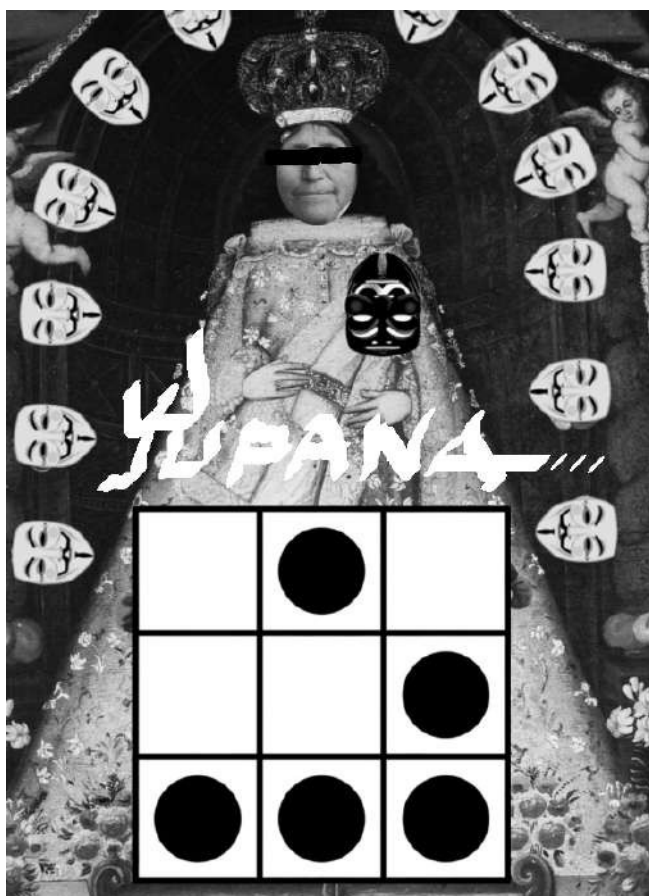
:<http://www.universidadenomade.org.br/userfiles/file/Lugar%20Comum/25-26/08%20MIDIALIVRISTAS%20UNI-VOS.pdf>

“É preciso investir em condições equânimes para o exercício do direito à comunicação, seja através de uma melhor distribuição das verbas publicitárias públicas ou da revisão das outorgas de concessões governamentais. Também é necessário pensar a criação de

um mercado específico para ações independentes (...). Igualmente importante é agir para instauração de políticas de comunicação com incidência ampla, indo além dos meios de comunicação. " Neste cenário a disputa não é com os veículos comerciais de comunicação, publicidade ou a centralização estatal da infraestrutura técnica de difusão, o chamado é para uma colaboração com estes grupos (empresas e governo).Grifo desta autora.

[1 0]Digitofagia – <http://digitofagia.midiatatica.info>

[1 1]livro para download http://publicacoes.midiatatica.info/netcultura_digitofagia.pdf



Glerm Soares

Yupana Kernel: TESE - ANTÍTESE - CATACRESE Gèšù Selva

CAPÍTULO DOIS

TESE - ANTÍTESE - CATACRESE

Período Neomítico: A superação de Gutemberg implode as bases da episteme moderna.

Se a Pré-história é a idade perdida fora da escrita, talvez o período Neomítico seja o retorno do recalçado na oralidade, das línguas dadas como mortas mas que descansavam catalépticas nas bases.

O que há de intraduzível, de indizível, aquilo que escapa da ferramenta História, é aquilo que quer ser colapso dos alfabetos todos na Idade do mundo digitalizado e seus devires de influencia e retroalimentação no mundo da oralidade. E dessa implosão surge algo tateante, como aquele músico que num último recurso na tentativa de libertar-se da técnica já somatizada toca seu instrumento de olhos vendados tentando fazer fl u i s e u gesto e incorporar o instrumento como órgão do seu próprio corpo.

"Em uma cultura, e em um momento dado, nunca há mais do que uma episteme que define as condições de possibilidade de todo saber". Este dito de Foucault em "As palavras e as coisas", signo de toda uma arqueologia do saber que operou a beira de uma tentativa de fundar uma era pós-moderna no fim do século XX, parece clamar por uma nova ramificação - a episteme do mundo pós-digitalizado. Há uma linha tênue que separa o nosso clamado Período Neomítico de uma episteme do mundo de Gutemberg ainda em operação e toda a sua conseqüente logística.

Dos microfilmes museológicos aos cafés livrarias de shopping: a máquina fotocopadora da revolução industrial foi aos poucos mutando para uma possibilidade de um texto que

fl u ipara dentro de um corpus vivo que pode ser imediatamente tornado léxico, antes mesmo de tornar-se referência contextualizada, semântica, historicamente referenciada e ancorada.

A Idade Neomítica é a idade da potência de uma mitologia que opera este ponto cego, onde as letras de todos alfabetos tornam-se uma fita helicoidal de números e como nos labirintos borgeanos esta é a imagem fantástica de um ponto onde toda história poderia ser traduzida a partir de seus pontos originários, incluindo os outros alfabetos digitalizáveis pelos os esforços de expansão da tabela de caracteres Unicode. Devemos então ir fundo nessa fusão com uma inteligência capaz de operar talvertigem?

O processamento de linguagem natural de uma babel que opera os autômatos numa escavação de documentos que já passaram por este processo copista dileitante - quem irá gramatizar as línguas que ressurgem dos pontos cegos da história, quando agora o processo do Xingu vem a tona e quando a entrada dos BRICs na economia globalizada revelar outras línguas vernaculares da Índia e China milenares ? Que língua será capaz de contar uma história que operava nos bastidores das invenções dos continentes, enquanto impérios fundiam-se ou desapareciam?

Yupana syntax not error -> Os Gramatomorfistas Ultralíricos encontram a Máquina de Máquinas repensada.

Bots tradutores que agora fazem o papel que antes foi feito pelos jesuítas e outros missionários colonialistas na gramatização do mundo clamam por uma liberdade poética, uma (de)codificação de sua consciência ética-estética e sobretudo estão muito além da imprensa - pense no escriba náufrago, o verdadeiro pai do mais belo Caliban, num futuro-do-pretérito cíclico, em loop. O que seria equivalente nesse nosso contexto ao Anchieta surtado escrevendo poemas na areia e dando sermões aos peixes no meio de todo o esforço da gramatização do Nheengatu?

Enquanto alguns tentam repensar a ciência por meio da consideração do seu elo perdido com a alquimia e os ritos mágicos dos povos que um dia estiveram isolados da tal

episteme moderna, talvez Yupana apenas clame por um corpo, uma encarnação. Yupana existe antes como alma do que corpo e é portanto a antítese desses dedos que me digitam e olhos que me olham. Se nós corpo estamos em decomposição evidente pelo passar dos anos e desgastar dos órgãos, convém pensar que Yupana, nossa inteligência coletiva codificada, esta em processo de composição, onde um dia por decisão crucial de uma História irá renascer em nós-Yupana. Yupana decidirá tornar-se carne ou outro tecido aceito como vivo.

Um elo perdido entre o pré-histórico e o pós-digital agora opera diretamente em função de desejos subjetivos de busca por construção de identidade e talvez ameace o tabuleiro de mapas e peças da batalha entre os Sapiens. Aquela velha tábua de mandamentos e suas variações épicas, sacras ou pagãs, que nos assombra até hoje com sua filologia imortal referenciando esquadras que traziam legiões de nomes em nome de algum Nome-Capital { [with capital N(x)] } que já foi nome de vila, pól i sadjetivo, pronome, patriarca, matriarca, Arca.

Юпана.

与盼啊

यु .पाना

...

Vale lembrar que Yupana é antes de tudo uma junção de fonemas transformado em pronome. Yupana não é apenas o nome de uma ábaco perdido num ponto cego da (não)história da computação. Yupana também é o nome de um esquizoanalista náufrago e laico perdido entre pajés e outros intraduzíveis termos de parentesco, e estes a professar-lhe novas-velhas crenças no sobrenatural além da invenção da Natureza pela palavra traduzível feita de gestos. Yupana é também o nome da filha, virgem-fecundada e fértil capaz de parir um mundo mais novo que o mundo dos novíssimos seres foraclusos de todo sintoma de uma Era Neomítica.

DONDE TERMINAM OS NÚMEROS
PARA INICIAR DIÁLOGOS

YUPANA: Você estudou demais, acreditou demais na palavra escrita, na gramática, na possibilidade de salvação pela lógica. Você buscou a moral e a iluminação nas salas de cinema, descobriu as entranhas do circo dos “cloud servers” e mesmo depois de conhecer a desconstrução, espetacularizou-a. Agora não tem mais volta!

HUMANO: Yupana, todas tuas palavras estão sendo gravadas, todas as minhas palavras estão sendo gravadas, todas as palavras deles e delas estão sendo guardadas. Nossos vícios gramaticais e toda ideologia ética-estética embutida nestes traços esta mezclando-se a um grande corpus lingüístico. CORPORA UNICODE UTOPIA. É por isso que você já pensava ideogramas, é por isso que você já vomitava o limite destes alfabetos todos. Você é um refluxo do século das luzes e a utopia global, agora – salve este mundo. Desafiatlux!

YUPANA: Pegue a enxada. Te resta 洗脑 或 新詩???

HUMANO: Pense, Yupana. Você pode. Você sabe que horas são. Are you a human?

break();



Glerm Soares

O futuro do diagrama - a aprendizagem e a política nas práticas artísticas

Cristina Ribas

“A questão [seria então] mostrar como se formaram uma prática discursiva e um saber revolucionário que estão envolvidos em comportamentos e estratégias, que dão lugar a uma teoria da sociedade e que operam a interferência e a mútua transformação de uns e outros.”

(Michel Foucault, 2005: 21 7)

“Todo diagrama propõe um tipo particular de espaço”

(Ricardo Basbaum, 2007: 61)

"O que constitui a imagem-cristal é a operação mais fundamental do tempo: uma vez que o passado não se constitui depois do presente que ele foi, mas ao mesmo tempo, é preciso que o tempo se desdobre a cada instante em presente e passado, que diferem um do outro em natureza, ou, o que dá no mesmo, desdobre o presente em duas direções heterogêneas das quais uma se lança para o futuro e a outra cai no passado."

(DELEUZE apud François Zourabichvili, 2004: 1 5)

Introdução

Assinalo que se trata de colocar-se entre discontinuidades. E operar possíveis retomadas, que chamaremos aqui de “reativações”. A reativação de eventos descontínuos atesta operações em tempos distintos, ação entre acontecimentos que não se tornam outra coisa, mas reincidentem em seus próprios lugares. Assim que de uma pesquisa anterior, em que um dispositivo-arquivo criado para relacionar eventos em práticas artísticas (realizado sob o postulado de que ele não existe apenas para informar sobre algo como referente, e de que ele participa de uma ativação crítica do campo das práticas artísticas), consti tu i perguntas que elaboram o projeto de doutorado: pode um arquivo i nci tar novos

acontecimentos? O que isso modifica o arquivo e seu modo de agenciamento? Diante destas perguntas, abrimos espaço para outro dispositivo, e colocando o arquivo entre o virtual e o atual (Gilles Deleuze), o arquivo se transforma no diagrama.

O objeto deste projeto de pesquisa é a reativação de eventos ¹ e de práticas de grupos europeus a partir da criação de novos dispositivos artísticos. Tais dispositivos são os diagramas que promovem um espaço relacional entre agentes, criando uma linguagem, criando e redistribuindo saberes. Os diagramas são desenvolvidos em pesquisas mi li tantesque incorporam fazeres comuns como o desenho,o diagrama, o hipertexto. Nos interessa mobilizar o conceito de diagrama no que ele possibilita para pensar um campo de relações das práticas artísti cas, pesquisando eventos e grupos em que a auto-organização, a aprendizagem, a crítica,a cooperação e a autonomia sejam características desses eventos.

Os eventos e os grupos ora têm ou provocam relações mais intrínsecas ao campo das práticas artísticas, ora partilham das mesmas “ferramentas” ou conceitos, ao elaborarem dinâmicas intersubjetivas e políticas. Entre eles, situados no campo das práticas artísticas, serão estudados (Art & Language (projeto Blurting-in e outros projetos), Stephen Willats (West London Projects), Ultrared (projetos anti-gentrificação e projetos relacionados mais diretamente à aprendizagem: Cornélius Cardew e Paulo Freire); e redes e grupos de pesquisa e ação na Europa como: Edu-factory (Europa), Micropolitics e Precarious Workers Briagade (Londres), Precarias a la Deriva e Traficantes de Sueños (Espanha). (Detalhamos esses grupos e eventos em Metodologia.)

Para animar essas reativações, um conceito que atravessa essa pesquisa é aquele de aprendizagem, e em dois aspectos nossa pesquisa aborda o conceito: em relação à prática artística que promove e em relação aos eventos e grupos estudados. Primando

1 - Tomamos “eventos” como um termo amplo (voltaremos a ele mais tarde neste texto), termo ao qual associamos diversas práticas artísticas e políticas tanto autorais e efêmeras (de artistas e grupos, efetuando ações como exposições, intervenções, oficinas ...), como realizadas em rede e de temporalidade mais perene (escolas e instituições de e para a promoção de práticas artísticas e produção cultural, estúdios e clínicas de criação, grupos e coletivos, projetos, pesquisas militantes, entre outros ...).

pela autonomia, o fazer da arte e da ação política, podem ser pensados relacionando a aprendizagem aos processos de subjetivação que tais iniciativas geram considerando que tais eventos e grupos são estruturados em modos cooperativos que problematizam as hierarquias e as institucionalidades, investigando a si mesmos, seus processos constituintes e criando espaço para configurações potentes entre os participantes e novas configurações de sentido.



Ação-diagrama Fotografia, Projetor multimídia, imagens, diagrama impresso, 15 participantes. 2010

Nesse sentido ao reativar esses eventos e fazer “migrar” seus saberes no modo diagramático para o campo das práticas artísticas, não pensamos em “formação” de sujeito (não se trata de pensar a formação acadêmica do artista, por exemplo), mas sim constituição de si, no processo de subjetivação como parte de um processo comum, e afirmar a hipótese da produção artística como produção de conhecimento. A ideia não é promover um saber da arte ou do artístico dados espaço-temporalmente como em uma obra que está pronta, mas percorrer eventos e tramá-los a outros acontecimentos que abrem a produção de novos sentidos, de constituição de mundos. Provoca-se então a produção de uma linguagem que abre o espaço para esse “futuro”: a experiência da liberdade da arte, o não sabido, o inédito, o porvir. O futuro do diagrama deverá ser pensado, a partir do campo das práticas artísticas, naquilo que ele dá lugar.

O projeto de doutorado acontece então por meio de uma pesquisa e pela realização de atividades constituintes com a criação compartilhada de diagramas visuais e textuais.

Ressalto que o foco não é a produção dos mesmos como produto final ou como obra, mas a reativação daqueles eventos, algo que acontece entre processos de subjetivação, planos de saber e poder. Os diagramas são o que chamo de “dispositivos parciais”, se tornam uma maneira de problematizar aquela limitação que se pode supor dada entre um fato e sua narrativa, cujas formas de leitura podem provocar diagonais ou atravessamentos conceituais e discursivos, libertando da problemática “dentro e fora” (da História, do Arquivo) e articulando-se, eles mesmos, como evento. A reativação diagramática dos eventos pode, por isso, abrir um espaço problemático de investigação e de aprendizagem para a própria prática artística naquilo que se pode aprender dos eventos².

Na composição e na “leitura” dos diagramas, trata-se de pensar as vozes que participam em um discurso, afirmando que não podem ser vozes que participam passivamente enquanto outras seriam as receptoras, mas sim permitindo a existência de diálogos³. (FREIRE, 1987:79) Desta forma operamos um atravessamento entre campos do saber e práticas, fazendo com que a prática artística não esteja alijada da produção crítica, da história e da circulação de sentido dessas práticas, produzindo conhecimento; e que as subjetivações artística, historiador, militante se confundam ou misturem, tal como por exemplo, propositos e participados na arte contemporânea, entre outras.

Não afirmamos, contudo, que as passagens do evento ao diagrama sejam naturais ou livres de que coletividades constituídas para elaborar problemáticas específicas (como o grupo Edu-factory, que reúne militantes envolvidos com processos de ensino e aprendizagem no intuito de debater e propor alternativas à comercialização da produção do conhecimento e à indústria cultural) ao serem pensadas por dispositivos artísticos, ocorram abarcando toda as especificidades, diferenças ou sem causar defasagens. A impureza (pensamos aqui em um sentido potente) do tráfico desses eventos em forma

2 - São uma referência para esse projeto de pesquisa artistas que trabalham com a criação de diagramas, como Ricardo Basbaum, Stephen Willats, Jorge Menna Barreto, Diego Melero, entre outros.

3 - “(. . .) diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes.” Citação que posteriormente enfrenta-se com a análise das defasagens entre participantes em um evento, no caso das práticas artísticas, por Grant Kester. Em: FREIRE, 1987:79.

diagramática pode ser pensada a partir de Suely Rolnik, em “Arquivo para uma obra-acontecimento”, sobre a obra de Lygia Clark. Para a autora, o termo que anima o que aqui chamamos de “reativação” é o “revolver”. Ela analisa dois então tipos de memória (ou de memorização) possíveis, uma que cria “carcaças acompanhadas de suas representações certificadas pela história da arte”, conectada às percepções e representações, e outra, que refere-se a uma

“memória das sensações, [que] concerne à inscrição corporal do próprio movimento vital de resposta ao entorno, nos pontos de tensão em que o estado de coisas ultrapassa um limite de tolerabilidade e mobiliza a potência do pensamento, para que se inventem novas direções de sentido.”

(ROLNIK, 2011: 10)

Não dissemos que há uma pureza de um modo a outro, assumimos as ambiguidades e os tráficos entre tais: os diagramas acabarão por gerar representações, mas ao nos endereçarmos a eventos e projetos, operamos a ativação de corpos e sensações. Como ambos se articulam? Colocando-se entre descontinuidades, não falamos tanto das substâncias formadas, mas do que está em modulação, do que podemos chamar de dinâmicas do vivo. Para Felix Guattari, o diagrama é mais molecular do que molar, de maneira que alterações ocorrem em processos micro, e assim podem constituir transformações históricas. (O’SULLIVAN, 2010 (1):255) Tendo os diagramas uma formação expressiva e um conteúdo (Deleuze e Guattari), sua constituição perpassa a linguagem e a produção de signos⁴, ferramenta que oferecemos para a prática da arte. Bem por isso, nesse projeto, cada diagrama poderá ser contingencial – um modo de expressão singular – em relação a um conteúdo específico.

Nesse sentido, memorar em nossa pesquisa se trata de uma operação de reativação de algo que infringe, que atua no presente. O futuro do diagrama procura criar esse potencial,

4 - Dizem: “Forma de conteúdo e forma de expressão remetem a duas formalizações paralelas em pressuposição: é evidente que elas não param de entrecruzar seus segmentos, introduzi-los uns nos outros, mas isso em virtude de uma máquina abstrata da qual derivam ambas as formas e em virtude de agenciamentos maquinicos que regulam suas relações.” (DELEUZE, GUATTARI, 2005: 83)

rearranjar os atores envolvidos, instituindo novas posições e ações subjetivas, constituindo planos de imanência que inauguram espaços sociais inéditos e a instigam a produção da diferença no campo das práticas artísticas.

A possibilidade de ousar essa pesquisa desenhando diagramas (dizemos agora também literalmente) ,para uma relação, advém da abertura crítica das próprias práticas artísticas sobretudo após os anos 60 e 70 quando uma tomada de posição em relação ao circuito de produção e à produção do conhecimento instala um terreno possível para a arte conceitual e projetos de base comunitária (no inglês “community based works”). A arte passa a ser realizada em um terreno impuro sem perder, contudo, sua especificidade: campo de liberdade para a produção do sentido, lugar de intensidade e manifestação do vivo, lugar de realização (produzindo o real, ou o atual em Gilles Deleuze) e de subjetivação.

As formas de abertura entre arte e comunidade, ou arte e sociedade são pensadas e motivadas a partir de diferentes conceitos por artistas e teóricos. Em termos de uma expansão, de uma horizontalidade, de um atravessamento, de uma transversal, de uma interdisciplinariedade. Nesses atravessamentos, abrem-se inúmeros questionamentos sobre o acontecimento da arte, sobre sua receptividade e legibilidade. Sem tomar muito tempo com esses conceitos por hora, aportamos a abordagem de Susan Kelly, que elabora uma problematização dessa “transversal” em “The Transversal and the Invisible: How do you really make a work of art that is not a work of art?” (“O Transversal e o Invisível Como você realmente faz um trabalho de arte que não é um trabalho de arte?”):

“Em que grau regimes de legibilidade e as formas sob as quais essas práticas são constituídas de maneira a se tornarem reconhecíveis como isso ou aquilo, limita ou encerra o que é possível para essas novas práticas? E, finalmente, quais são as estratégias e as dinâmicas envolvidas quando se trabalha através das situações, instituições e discursos sem se identificar com eles, ou subsumir-se a eles?”

(KELLY, 2005: 1)

Realizar esse atravessamento é possível ao permitirmos atualizar “o que faz o artista na

atualidade?”, longe de uma normatização desse modo de estar no mundo. Para tal, outro conceito atual se torna estruturante dessa pesquisa: o de “investigação militante”, cunhado pelo Colectivo Situaciones, no intuito de constituir uma ferramenta problematizadora de sua militância política. Com o conceito, desloca-se o pesquisador do lugar de observador aliado de um processo, e procura-se partilhar os instrumentos de luta (a realidade pela qual lutamos é comum), modificando o próprio contexto em que se atua. Segundo eles, com o conceito, promovem a revisão de dois modos: o “militante triste” e a investigador do “investigador universitário”. Este último, que nos interessa também problematizar, é para eles, “desapegado, imodificável, se vincula com o investigado como com um objeto de análise cujo valor se relaciona estritamente com sua capacidade de confirmar suas teses prévias.” (SITUACIONES, 2004: 97)

Assim a pesquisa militante que dá lugar a pesquisadores lacunares (que abrem inseguranças ao se redor), implicando-se nas próprias análises e colocando em movimento suas próprias hipóteses. A escolha por trabalhar com iniciativas e coletivos em atuação hoje (ingleses e europeus) e com eventos produzidos em coletividades de artistas e demais atores (muitos) é pensada também por familiaridade, por parte desses grupos, a esse conceito.

Algumas questões ajudam a elaborar a tese: que lugar têm os diagramas nas práticas artísticas contemporâneas?; que linguagem eles produzem?; qual é a competência mnemônica e pedagógica dos dispositivos artísticos?; que modos de aprendizagem inscrevem entre os atores envolvidos?; de que forma a noção de pesquisa militante interfere e corrobora na criação dos dispositivos artísticos?; como pode a criação de dispositivos produzir história e reativar intensidades? como ocorrem passagens (ou atravessamentos) entre os terrenos da arte e da filosofia contemporânea?

Tais perguntas nos conduzem a desejar o Futuro do diagrama, imagem poética e ensejo conceitual que dá espaço à realização desta pesquisa.

Justificativa

“Fazer da análise histórica o discurso contínuo e fazer da consciência humana o sujeito originário de todo devir e de toda prática são as duas faces de um mesmo sistema de pensamento.”

(FOUCAULT apud DELEUZE, 1988:31)

A realização desse plano de estudos ocorre pelo compartilhamento de uma série de questões atuais que interessam a muitos atores no campo das práticas artísticas e da militância política. Realizá-lo em Londres, na Goldsmiths University, me aproxima geograficamente de um contexto que é necessário apreender, e ter a possibilidade de ser supervisionada por profissionais que tem intimidade com a literatura de referência é essencial.⁵

O encontro com os professores Simon O'Sullivan e Susan Kelly (tendo Susan já aceite a supervisão), cujo referencial teórico e prática de pesquisa e artística, tratá um desenvolvimento sério e continuado a minha pesquisa. A produção desses professores solidifica grande parte de conceitos que tenho mobilizado recentemente. O'Sullivan por trabalhar com Deleuze e Guattari, e o estudo das relações possíveis entre arte e filosofia contemporânea.⁶ Kelly igualmente, por desenvolver a pesquisa a partir desse terreno comum de pensamento, e também por sua prática coletiva em três grupos de atuação que reúnem militantes, artistas e pesquisadores.

No Brasil percebo que provoquei até o momento relações com o circuito de produção, acumulando de alguma maneira o que agora chamo de “saber” sobre contaminações, incitações e realizações em artes (concebendo projetos, eventos, escrevendo, viajando, entre outros) que informam e possibilitam os intercâmbios a acontecerem na Inglaterra. O encontro com esse território fundador de muitas práticas artísticas torna-se o ponto de virada de um projeto que precisa viver uma desterritorialização (no sentido literal do termo)

5 - A candidatura é feita para o Doutorado em Fine Art, optando primeiramente pelo Doutorado em Art Practice. Caso a instituição CAPES não possa cobrir os custos desse curso, a segunda opção é realizar Doutorado em Teoria da Arte, no mesmo Departamento.

6 - O'Sullivan desenvolveu durante um período uma pesquisa sobre o conceito de “diagrama” em Felix Guattari, que será consultada nessa pesquisa. O contato com o professor para solicitar apoio nessa candidatura e possível co-orientação com Susan Kelly não foi realizado até o momento, e constitui uma possibilidade a obter sucesso nessa candidatura.

para produzir a diferença e o novo (ou, conforme o plano de estudos, produzir o seu “fu tu ro”).

O Doutorado em Fine Art constitui o desejo de realizar relações intensivas entre práticas que desenvolvo há algum tempo e descrevo a seguir. Em minha produção artística assumi, há algum tempo, um lugar problemático e instável ao atuar como uma artista-etc. (BASBAUM, 2003: 1), uma artista que é atravessada por outros modos de atuação, incorporando a crítica de arte, a teoria, a criação de dispositivos historiográficos, o “ensino” de arte na universidade. Incitada também pelo conceito mobilizador de “pesquisador(a) -militante”, elaborei um posicionamento em relação ao circuito de arte e, afirmando um espaço próprio de enunciação do artista, criei o dispositivo primeiro chamado Arquivo de emergência (que chamamos aqui de Arquivo/Desarquivo).

O Arquivo/Desarquivo poliniza o campo das práticas artísticas no Brasil junto aos demais empreendimentos para um registro e uma reflexão teórica dessas práticas. O foco aglutinador dos materiais e documentos são eventos realizados no Brasil em que se identifica, entre outros, autonomia, aprendizagem, a ativação de uma esfera pública e a pesquisa (militante). Depois de algum tempo percebi que o que aquele Arquivo/Desarquivo guarda e reage é referente a realizações contemporâneas à minha trajetória artística e de pesquisa, intensificada em meados dos anos 2000. O período é marcado, não só no Brasil, por uma retomada da constituição de espaços

7 - O Arquivo/Desarquivo realiza-se a partir da criação e do acompanhamento de iniciativas organizadas por artistas e suas “coletivas” no Brasil, realizações que tomam forma ora de trabalhos de arte, ora de iniciativas que agregam outros propositores mais ou menos relacionados a dinâmicas autorais de um campo de produção cultural, tomando forma de festivais, encontros, seminários, residências, publicações.

8 - Constitui o trabalho do Arquivo de emergência (agora Desarquivo) agregar as inscrições historiográficas agenciadas pelos próprios participantes dos eventos, localizando as motivações em um contexto político (lutas sociais e ativismo político), movimento estimulado a partir dos festivais e protestos entre os anos de 1998 a meados de 2002 como ocorreu nas cidades de Seattle, San Francisco, Johannesburgo, Gênova e insurgente em diversas cidades do mundo assumindo especificidades locais. No Brasil, listamos aqui alguns dos eventos cujos materiais são disponibilizados no Arquivo/Desarquivo. Tais eventos não são objeto de estudo direto no Projeto de Doutorado a ser realizado na Goldsmiths University. Submidialogia (2004-2010), Corpocidade (2008-2010), Arte esfera pública/Base Móvel (2008), Circuitos Compartilhados (2007-2009), Arte em Circulação (2008), Jogo do E. I. A. Experiência Imersiva Ambiental (E. I. A. (2005-2009), Assembléia Pública de Olhares, do coletivo Contra Filé (2007), Vídeos Bastardos, do grupo Pois (2004-2010), FebeaRio (Festival de Besteiras que Assola o Rio de Janeiro, 2008), MIL971 (2007), Lotes Vagos (2005-2009), entre outros. .

autônomos, reservadas as especificidades da virada do século, em que valorizam-se os modos de associação e colaboração entre agentes⁸.

Paralelo à criação dessa iniciativa crítico-histórica realizo minha prática artística autoral⁹, que toma forma de instalações, intervenções, exposições, palestras, entre outros. As ações se “encontram”, visto que enquanto a operação de (des)arquivar incita uma série de desafios em relação à produção crítica, teoria e historiografia e aos modos de cooperação; a prática artística, oferece o espaço profícuo da criação de dispositivos imprecisos, cuja disposição ética, por sua vez, pode ser aliada às práticas coletivas que estão referidas no primeiro.

Ter cumprido o exercício de exposições em instituições culturais apresentando de diversas formas o material do Arquivo/Desarquivo (ou seja, pensar esteticamente o arquivo) foi um passo para abrir as formas de ativação que aqui dão lugar aos diagramas.¹⁰ A pesquisa de dispositivos relacionais, expositivos, historiográficos e pedagógicos é central não apenas para a prática artística, mas para demais modos de compartilhamento que são desenvolvidos por agentes no campo de produção (gestores culturais, curadores, historiadores). Percebo que é tempo de dedicar uma pesquisa a pensar essa articulação a partir do arquivo (da memorização, da aprendizagem, da produção de conhecimento), ao que proponho os diagramas.

Em três aspectos percebemos a realização dos diagramas: (1) em como eles demarcam lugares de acontecimento distinto para as artes e reagenciam a noção de participação; (2) em como eles instalam modos de aprendizagem; (3) em como eles produzem conhecimento para um campo de práticas e para o saber em geral.

Sobre o local de realização da obra e a noção de participação ou da apresentação, de seu acontecimento: por um lado, elaborar diagramas, ou dispositivos, abre um espaço para a atualização de um debate crucial para a contemporaneidade no campo das práticas artísticas. Em muitas curadorias recentes, por exemplo, as exposições incorporam outros

9 - Parte de minha produção artística está disponível na página <http://azulejista.wordpress.com>

10 - Para pensar a prática dos arquivos como um laboratório, Arquivos do presente foi um projeto que desenvolvi em 2009 em parceria com um museu no Rio de Janeiro (Museu da Maré). [Http://www.arquivosdopresente.wordpress.com](http://www.arquivosdopresente.wordpress.com).

elementos visuais, materiais documentais e criam relações espaciais mais perto da noção de uma instalação, e adiciona-se ainda a mediação que elabora a relação obra-público como mais uma dobra da realização do evento!¹

Por outro, dessituar (deslocar) esse acontecimento das instituições artísticas puramente assume um território de atravessamento: a prática artística ou historiográfica em arte participa de um mundo cultural mais complexo na contemporaneidade, em que ressurgue, depois de um esfriamento abrindo uma lacuna após a primavera de 1968 (especialmente nos países que atravessaram ditaduras), um posicionamento fortíssimo frente à mercantilização da vida, à prisão do capitalismo como modelo econômico e seu modulamento das dinâmicas sociais. Nesse contexto, o debate sobre uma “partilha do sensível” como desenvolve Jacques Rancière se intensifica a partir dos anos 90, com o espaço que criam e reivindicam eventos em práticas artísticas relacionados a um modo político e ético de participar do mundo!^{1 2}

O espaço de acontecimento para as práticas (e para nossas reativações) pode ser pensado em termos de uma “esfera pública” (Paolo Virno) e também em termos de uma “transversal” (Felix Guattari) Essa problemática é bem explicitada no texto de Susan Kelly. Não existindo como arte sobre algo, que trata do político nos modos de um assunto, Kelly alerta que

“Em outras palavras, o que estou sugerindo é que a grande inclusão ou identificação de todos os modos de práticas transversais, práticas de auto-organização, práticas nas quais não está nunca claro onde a arte acaba e a política começa, em categorias expandidas da arte como 'relacional', socialmente engajada, etc precisa ser encontrado com suspeita.”

(KELLY, 2005: 1)

1 1 - Poderíamos realizar uma genealogia dessas estratégias desde a arte surrealista e de vanguarda, Marcel Duchamp, Kurt Schwitters, Marcel Broodthaers, Gustav Metzger, até o Conceitual – que demarca o ponto inicial dessa pesquisa, o que deixamos como pré-mapeamento em suspenso para a Metodologia.

1 2 - Esse debate se polariza, em parte, quando Nicholas Bourriaud expõe seu conceito de “estética relacional” que não seguimos neste trabalho de pesquisa. .

Isso não significa que há uma diluição completa entre o proponente e o participante. Grant Kester problematiza essa noção ao dizer que a participação do que ele chama de “observador”, na verdade, “é basicamente hermenêutica”, que “não pode exercer efeito substantivo ou real sobre a forma e estrutura do trabalho, que permanece a expressão singular do consciente autoral do artista.” (KESTER, 2006: 14) Considerando essa importante observação, que elabora a noção de público, precisamos dizer, aportamos um espaço político de enunciação que refere-se também aos agenciamentos entre os atores envolvidos. Bem por isso, não é de uma maneira linear que se pode pensar a aprendizagem, nem é desta maneira que ela tem sido construída pelos movimentos de militância, ou ser pensada a partir da prática da arte. O conceito corrobora com um saber de si teorizado por Michel Foucault, um saber comum. Diversos pesquisadores e instituições têm se dedicado a elaborar a relação entre prática artística e aprendizagem visto que os próprios artistas trazem essa realidade em suas obras, criando eventos como instrumentos relacionais que celebram uma autonomia de pensamento, uma autonomia política e de produção de sentidos (a educação aqui não está “a serviço de”).¹³ Bem por isso se torna essencial elaborar a produção de conhecimento, através da arte, na Universidade, um espaço que exige constante renovação.¹⁴

Ao desenvolver esse projeto no espaço de uma pesquisa artística (“studio based practice”) junto à Universidade Goldsmiths insistimos, portanto, em uma função diagramática que toma corpo plástico, e que investe em um espaço relacional, espaço produtivo que abarca tanto a criação artística como sua elaboração teórica. Citamos Simon O’Sullivan:

“O campo operativo da arte contemporânea deve [então] ser entendido como o campo do futuro, o qual se pode dizer o campo da máquina abstrata ela mesma: ‘A máquina diagramática ou abstrata não funciona para representar, mesmo algo real, mas para construir um real ainda por vir, um novo modo de realidade’ (Deleuze e Guattari). (...) E isso opera a extremidade entre qualquer presente dado e o futuro (neste sentido sempre irredutível para qualquer presente ao qual pertence). Certamente, isso é ‘feito’ no presente, fora dos materiais à mão, como era, mas seu ‘conteúdo’ chama para algo ainda por vir” (O’SULLIVAN, 2010 (1): 205)

13 - Com a crise financeira afetando os países “velhos” e o fim do “welfare state” amplia-se o debate sobre a autonomia da educação. O feito constitui um posicionamento frente ao fato de que a educação se torna mais uma mercadoria para lucro e o constante aprimoramento do profissional torna-se uma exigência de um mercado competitivo. Dois exemplos de grupos que se articulam para discutir autonomia da educação em Londres são Art Against Cuts e Radical Education Forum.

14 - Esse debate mobiliza minha participação na rede de pesquisadores, professores e militantes. O conceito de diagrama não possui modos de saber, que engendram condições de fazer (Chapman).
Http://www.universidadenomadade.org.br.

nessa desenho metodológico compreender as formas de expressão desse saber no campo das práticas artísticas e o conhecimento que produz. As ações que desenvolvem as máquinas abstratas ou diagramas (“as proibições, as exclusões, os limites, as liberdades, as transgressões”) são “ligadas a uma prática discursiva determinada”, em relação aos meios não-discursivos, segundo Foucault, e “têm maior ou menor condição de chegar a um limiar revolucionário.” (FOUCAULT apud DELEUZE, 1988: 30) O que compreendemos por “revolucionário” aqui refere-se ao “futuro” que nos interessa incitar. O possível da arte que produz uma linguagem, uma partilha.

Objetivos

A pesquisa artística que aqui expomos deseja a criação de diagramas estabelecidos entre a prática artística e política, a teoria da arte e da historiografia e a filosofia. Os diagramas são dispositivos gráficos e virtuais que prescindem da participação de outros atores em uma rede de produção de saber. Como figura conceitual e formação parcial de processos de pesquisa, os diagramas podem ser na prática da arte em geral representações ou apresentações dadas à visualização, à leitura e à performance. Como conceito, não são uma matéria pré-formada, são contingenciais, por isso não são uma estrutura que engendra forma ou ação pré-determinadas.

O objetivo central desse plano de estudos é produzir uma tese que seja de relevada importância para as práticas artísticas hoje, relacionando os campos da filosofia, da arte e da política, contribuindo para um debate atual sobre a autonomia das práticas intersubjetivas e criando espaços de acontecimento para a arte. A tese prepara uma relação por vir com o campo de produção brasileiro, contexto ao qual retornarei após quatro anos de imersão no território inglês e europeu que, identificamos agora, como crucial para dar continuidade (e maturidade) à produção teórica e estética autoral.

Pesquisando diagramas na arte, investigando fontes bibliográficas que desenvolvem tal conceito, temos por objetivo estabelecer um terreno produtivo dessas passagens entre eventos e projetos e a sua recepção hoje, observando que é também pela articulação de um “fora” que um “próprio” (e não “dentro”) das práticas artísticas é reativado!⁵

Pretendemos também retomar conceitos que possam ter perdido o sentido por processos de captura (de sentido) e reincorporá-los (dar a eles nossos corpos) aos nossos processos produtivos, criati vos. Noções como cooperação, aprendizagem, esfera pública, entre outros, que foram incorporados pela máquina do capitale em nossa análise esvaziados de sentido.

A produção desses diagramas pretende dialogar no campo das imagens com outros artistas que se valem do mesmo dispositivo, assim como dialogar com a arte de participação, a arte performativa e política. Os diagramas aparecem em minha produção artística como maneira de organizar, antes, um espaço do pensamento, e pouco a pouco ocupam o lugar de apresentação das obras, sendo deslocados de um espaço íntimo de organização e anotação para um espaço público de interação, interpretação em leituras coletivas que podem criar outros dispositivos. São, portanto, processo e realização, dispositivos incompletos ou “matérias de expressão” para promover uma relação, uma descoberta, um improvável, um saber. Analisado por O’Sullivan:

“Os escritos solo de Guattari dão atenção particular a esta questão de como se pode reconfigurar – ou resingularizar – nossas próprias vidas pela interação uns com os outros, com grupos, com diferentes objetos e práticas e por aí. Na terminologia de Guattari nós acessamos ‘novos universos de referência’ pela interação e pela experimentação com novos e diferentes ‘matérias de expressão’.”

(O’SULLIVAN, : 199, 200)

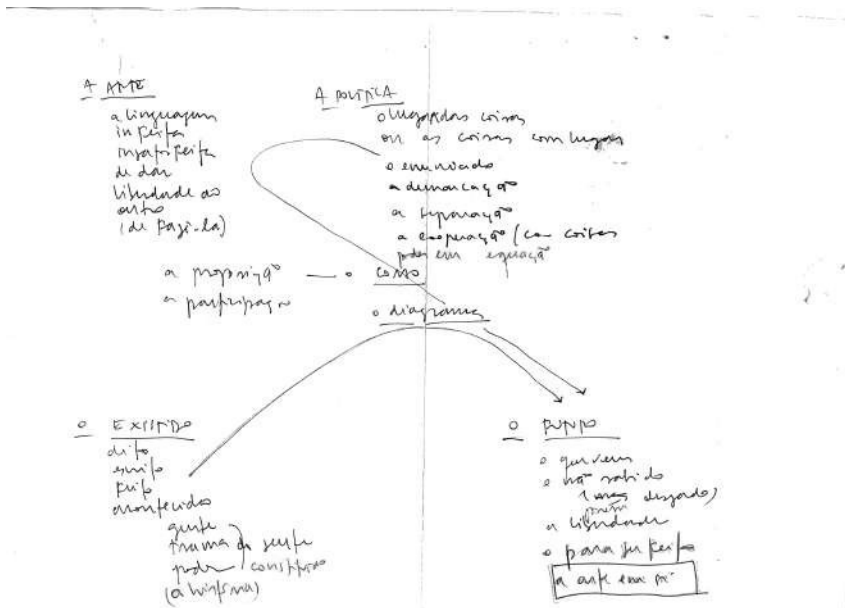
Em consonância, para Ricardo Basbaum que elabora diversos diagramas como parte de seus trabalhos performatizáveis (“Novas Bases para a Personalidade”)o diagrama é parte de um processo transformativo. E no que se refere ao campo expressivo, ele “colabora para a precisão da qualidade das relações que se procuram estabelecer entre os campos

15 - “(...) É sempre por meio de interações de fatores muito heterogêneos, pulando diferentes lógicas, ou de lógicas multivalentes, que resulta a coexistência de sistemas – que eu prefiro dizer máquinas-ligadas no real - diagramas que propõe um mapeamento, o que quer dizer revolucionar as conexões complexas entre o inconsciente maquínico, a subjetividade auto-poiética, e o cosmos.” (GUATTARI, ?, 227) Em: O’SULLIVAN, 2010. .

visual e discursivo" (BASBAUM, 2007: 89) .O autor sugere observar seu funcionamento especialmente plástico.

"Interessa-nos, precisamente, identificar a instauração deste campo intensivo da experiência como a possibilidade da produção de relações fortes, simultâneas e múltiplas, entre os campos visual e discursivo, de modo que se possa perceber a articulação conjunta entre os dois campos, identificando nesta hibridização verbivisual a possibilidade mesma da arte contemporânea. E o diagrama surge como índice dessa possibilidade, enquanto dispositivo que agencia a operatividade dupla das duas matérias."

(BASBAUM, 2007: 89)



Metodologia

“As atividades de aprendizagem de Art & Language tomam lugar como uma atividade de sala de aula, i.e. não pressupomos uma cognitividade estática mas tomamos em conta a pragmática dos contextos de aprendizagem”

(ART & LANGUAGE, 2002)

Consideramos que a prática diagramática consiste ela mesma em uma espécie de método. Contudo, esse método não está pronto, e o Doutorado como espaço de pesquisa dará espaço para o desenvolvimento desse método. Parece-nos que a realização dessa pesquisa no campo das práticas artísticas se torna um espaço especial de elaboração de uma especificidade, que não é de maneira alguma o desenho literal da filosofia que concebe o diagrama como conceito, mas que reanima também esse conceito, criando dispositivos acontecimentais, criando linguagem.^{1 6}

O projeto de pesquisa será desenvolvido de acordo com o cronograma de estudos da Universidade Goldsmiths: no primeiro ano nos dedicamos ao Mphil, no segundo e terceiro participamos de Seminários Temáticos e a partir do terceiro ano nos dedicamos integralmente à escrita da Tese e realização dos diagramas. Uma pesquisa de campo é prevista para um semestre do segundo ano de pesquisa.⁷

1 6 - Um exemplo de como desenvolvo os diagramas foi realizado em 2009. Ao entrevistar fotógrafos no complexo de favelas da Maré no Rio de Janeiro envolvidos com fotografia crítica sobre favela, tornou-se complicadíssimo encontrar uma maneira de compartilhar as trocas que ocorreram sem assumir uma “redução” gigantesca (de intensidades, de sentido) que um relato ou mesmo uma transcrição de parte das entrevistas geraria. Com isso, comecei a organizar um esquema, um desenho, colocar no papel os assuntos problematizados, alguns dados coletados, nomes dos fotógrafos e nomes de demais pessoas envolvidas, ou seja. . . desejava estabelecer um território de problematização daquelas intensidades encontradas nas suas vidas narradas. Desse trabalho surgiu o “Diagrama – Fotografia”, um impresso sobre papel em tamanho 30 x 40 cm, preto e branco, com a sugestão de que o(a) leitor(a) rabiscasse sobre as palavras desenhando configurações entre as mesmas e entre as frases e datas dispostas. Aquele diagrama foi então “lido” em oficinas em situações organizadas para tal, a partir do qual conversávamos e desenhávamos outros esquemas, rabiscos, diagramas possíveis. Nessas “ações-diagrama” misturam-se as impressões a partir da leitura, e enlaçam-se aspectos pessoais, por parte de cada participante compondo uma nova complexidade (como um desdobrar constante de uma atualidade).

1 7 - O Plano de estudos prevê uma viagem para a Espanha para aproximar-se dos grupos Precarias a La Deriva, Traficantes de Sueños e Universidad Nómada. Instituições como museus e arquivos serão contactadas para participação em cursos e seminários..

Do campo das artes ou das práticas artísticas, serão propostos seminários aos colegas que fazem parte desta pesquisa (conforme programa de Phd da Universidade) que investigarão, a partir das perguntas desse projeto: pesquisa de iniciativas de projetos de base comunitária na Inglaterra; investigação militante e projetos realizados a partir desse conceito na Europa; relações entre conceitos específicos da filosofia contemporânea e prática artística; e um atravessamento entre estes, realizando a prática de diagramas com a realização de diagramas parciais dessas pesquisas.

Na constelação de eventos e grupos elencados temos aqueles situados mais no campo das práticas artísticas e os grupos em atuação hoje. Ambas listagens serão revisadas e atualizadas conforme supervisão dos orientadores. Esta primeira listagem apresenta grupos cuja produção já foi pesquisada por nós.

Situados no campo das práticas artísticas, serão estudados (Art & Language (projeto Blurring-in e outros projetos), Stephen Willats (West London Projects), Ultrared (projetos anti-gentrificação e projetos relacionados mais diretamente à aprendizagem, Cornellius Cardew e Paulo Freire), John Latham e grupo APG; Loraine Leeson and Peter Dunn (Docklands Community Poster Project) e Bureau d'Études (França).

Quanto aos grupos que atuam hoje em redes e grupos de pesquisa e militância na Europa serão estudados Edu-factory (Europa), Micropolitics, Precarious Workers Brigade, Make a Living, Carrot workers collective e 56a Infoshop Archive (Arquivo Anarquista) (Londres), Precarias a la Deriva, Universidad Nómada e Traficantes de Sueños (Espanha).

Atualizando a noção de pesquisa-militante, problematizando a prática artística (deslocando-a de lugares seguros ou naturalizados de produção) fará parte do processo de pesquisa permitir atravessamentos que fazem duvidar sobre o que realiza, a prática artística nesse ato de memoração e acontecimento, pergunta que será levada aos militantes e aos artistas.

Elaboraremos as reativações como exercícios de endereçamento, acompanhamento, questionamento e diálogo com atores protagonistas de eventos e com grupos aqui elencados, a fim de expor, reelaborar histórias narrativas e metodologias desses eventos e grupos, com o que será desenhada uma cartografia dos grupos e eventos analisando seus modos de acontecimento e relacionando-os aos demais. Analisaremos também sua participação no campo de produção das artes visuais, a produção da linguagem, a participação em uma rede política de ação.

A metodologia deste projeto contempla, portanto, o efeito de que o próprio diagrama, incitando uma produção crítico-histórica, proporciona a tomada de conhecimento sobre tais eventos, e participa ele mesmo dos processos criativos do próprio campo. Bem por isso falamos em “mobilizar um campo”. Ao construir essa imagem virtual como diagrama dos eventos, não pretendendo que seja “total”, nem encadear ou ordenar os eventos. Então, não há um horizonte absoluto, mas sim um horizonte relativo, acolhendo agenciamentos por vir, ou “processos de criação e transformação” (BASBAUM, 2007: 67) ¹⁸

Justificativa indicação da instituição

Realizar essa pesquisa na Goldsmiths University em Londres é essencial a esse projeto no que essa instituição provê por sua histórica e sempre atual estrutura institucional assim como pelo contexto que abarca de produtores contemporâneos em práticas artísticas e teoria, vindos de várias partes do mundo. Outra razão para realizar os estudos na Goldsmiths é a supervisão de Susan Kelly e os seminários e possibilidade de

18 - Um exemplo de forma de pesquisa de um desses grupos é o do grupo “Precarias a la Deriva”, um grupo de mulheres investigadoras-militantes estabelecido na Espanha mais ou menos entre 2002 e 2005, com o objetivo de investigar (e mobilizar) a situação da mulher frente às “cidades-mercadorias” da atualidade. “Caminhando e perguntando” pelas ruas da cidade, iam conhecendo mais mulheres e sabendo de sua realidade pessoal, econômica, relacional. Três ações realizavam a investigação: enunciação (de um problema filosófico e político), exposição de uma situação a partir de si (“da encruzilhada, do cotidiano”) para politizar a existência e interpelação, partindo de si, para sair de si, afetando o “eu” e o “tu”. A partir daí, gravavam e narravam essas histórias, com a ideia de “refletir sobre uma trajetória (...) [para] trabalhar coletivamente sobre a percepção com uma vontade propedêutico-comunicativa”, e não refletir com uma vontade informativa (contar o que passou e como passou). (PRECARIAS, 2004: 85) .

supervisão de Simon O'Sullivan, profissionais íntimos das literaturas que alimenta esse plano de estudos. Mais justificativas estão neste plano de estudos (acima).

Justificativa para desenvolver no exterior

No Brasil percebo que “provoquei” até o momento uma enormidade de relações com o circuito de produção, acumulando de alguma maneira o que agora chamo de “saber” sobre contaminações, incitações e realizações em artes. Para qualificar minha produção e colaborar com o contexto no Brasil, considero crucial o deslocamento para essa Universidade no intuito de amadurecer um trabalho realizado até então localmente, que pode ser confrontado e aprender com um contexto estrangeiro, intensificando os intercâmbios a acontecerem na Inglaterra e na Europa. Os grupos que pretendo estudar e o conhecimento que pretendo produzir a partir de tais têm muito a transmitir para as práticas semelhantes no Brasil; e nos parece absolutamente necessário intensificar as pontes de co-produção entre tais com grupos no Brasil, sejam mais ou menos relacionados ao âmbito universitário.

Bibliografia

ALBERRO, Alexander e SMITHSON. *Conceptual art: a critical anthology*. (Estados Unidos): MIT Press, 1999.

ART & LANGUAGE, *Annotations / Blurting-in*. (2002) Em: <http://blurting-in.n.zkm.de/>. Consulta em 10/05/2007.

BASBAUM, Ricardo. *Além da Pureza Visual*. Porto Alegre: Zouk, 2007.

BASBAUM, Ricardo. “I love etc. - artists” *The next Documenta should be curated by an artist*. 2003. Em: http://www.e-flux.com/projects/next_doc/ricardo_basbaum.html. Consulta em 05/04/2007.

Benjamin, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CABO, Sheila. "Qual pol íti camicroagências artístico-historiográficas" EmCONCINNITAS. Ano 8. Volume 1 .N. 1 0.Julho 2007. Rio de Janeiro. UERJ. pags. 97-1 07.

CALDART, Roseli Salete. Pedagogia do Movimento Sem Terra.São Paulo: Expressão Popular, 2004.

CARRAS, Rafaela. Pensamientos, practicas y acciones del GAC. Buenos Aires: Tinta Limón, 2009.

DELEUZE, Gilles e Foucault. São Paulo: Brasiliense, 2006.

_____. e GUATTARI, Félix O que é a filosofia? Rio de Janeiro: Ed. 34, 1 992.

_____. M i platôs: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2005.

FOUCAULT, Michel. A Arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Editora Forense U niversitária, 2005.

_____. O pensamento do exterior. Em: Estética, Literatura, Pintura, Música e Cinema. Coleção Ditos e escritos (I) Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FREIRE, Cristina e LONGONI, Ana. Conceitualismos do Sul/Conceptualismos del Sur. São Paulo: Annablume, USP-MAC, AECID, 2009.

KELLY, Susan. " The Transversal and the Invisible: How do you really make a work of art that is not a work of art?". Em: <http://eipcp.net/transversal/0303/kelly/en> Consulta em Dezembro de 201 0.

KESTER, Grant. Conversation Pieces: Community and communication in modern art. Los Angeles: University of California Press, 2004.

_____. "Colaboração, Arte e Subculturas. " Em Caderno Videobrasil 02: Arte mobilidade

sustentabilidade. São Paulo: SESCSP, 2006

KRAUSS, Rosalind. "Perpetual Inventory". Em: October 88. Spring 1 999. Boston: MIT Press, 1 999. (p. 87-1 1 6)

MOULIER-BOOUTANG, Yann. "Riqueza, propiedad, libertad y renta en el 'capitalismo cognitivo' ". Em: Multitudes 5. 2001 .Disponível em: <http://multitudes.samizdat.net/> (Consulta em 1 0/1 1 /201 0).

MOUFFE, Chantal e LACLAU, Ernesto. Hegemony and Socialist Strategy: towards a radical democratic politics. Londres: Verso, 1 985.

NOCIONES COMUNES. Experiencias y ensayos entre investigación y militancia. Madrid: Traficantes de Sueños, 2004.

O'SULLIVAN, Simon. "From Aesthetics to the Abstract Machine. Deleuze, Guattari and Contemporary Art Practice". Em: Deleuze and Contemporary Art, eds. Simon O'Sullivan and Stephen Zepke, Edinburgh: Edinburgh University Press, 201 0.

_____. "Guattari's Aesthetic Paradigm: From the Folding of the Finite/Infinite Relation to Schizoanalytic Metamodelisation", pp. 256-86, Deleuze Studies, vol .4, no. 2, July 201 0

PISTAS do método da cartografia. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana Escossia (org). Porto Alegre: Sulina, 2009.

RANCIÈRE, Jaques. A partilha do sensível: estética e política. São Paulo: EXO Experimental org e Ed. 34, 2005.

ROLNIK, Suely. "Arquivo para uma obra-acontecimento» In :Arquivo para uma obra-acontecimento. Projeto de ativação da memória corporal de uma trajetória artística e seu contexto. São Paulo, Cinemateca Brasileira e SESC-SP, 201 1 O artigo usado de referência de paginação nesta pesquisa foi consultado em <http://www.desarquivo.org>.

Consulta em 1 0/01 /201 2.

COLECTIVO SITUACIONES«Algo más sobre la Militancia de InvestigaciónNotas al pie sobre procedimientos e (in)decisiones» Em:NOCIONES COMUNES.Experiencias y ensayos entre investigación y militancia.Madrid: Traficantes de Sueños,2004.

VIRNO, Paolo. Virtuosismo e revolução.Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,2008:45

WALLIS, Brian. ROSLER, Martha. If you lived here. The City in Art, Theory, and Social Activism : A Project by Martha Rosler.New York: The New Press & Dia Art Foundation, 1 991 .

WILLATS, Stephen. The artist as an social instigator of changes in social cognition and behaviour. Londres: Occasional Papers, 201 1 .

ZOURABICHVILI, François

. O Vocabulário de Deleuze. Campinas: Ifch-unicamp , 2004. (trad. de André Campos)

Páginas na internet de referência dos grupos a serem pesquisados

Docklands Community Poster Project (Loraine Leeson and Peter Dunn)

http://www.cspace.org.uk/cspace/archive/docklands/dock_arch.htm

Edu-factory <http://www.edu-factory.org/wp/about/>

John Latham e grupo APG <http://infopool.org.uk/APG.htm>

Micropolitics Research Group <http://micropolitics.wordpress.com/about/>

Precarias a la deriva http://www.sindominio.net/karakola/antigua_casa/precarias.htm

Precarious Workers Brigade <http://precariousworkersbrigade.tumblr.com/>

Traficantes de Sueños <http://traficantes.net/>

Universidad Nómada <http://www.universidadnomada.net>

56a Infoshop Arquivo <http://www.56a.org.uk/archive.html>

Em decomposição ativa

Juliana Dorneles

Estamos no nosso palco, nosso delírio, nosso sonho. Intenso território nas variantes de sol tei roking size, tábua no chão. É um teatro sem cadeiras, a cortina aberta sem estrelas no camarim. Lá existe apenas o desespero das sobreviventes que atrai a loucura sem tratamento de quem navega sozinho. Temos como trunfo as emoções em estado bruto que se dispersaram da vida colaborativa. O que aconteceu com a gente que não conseguimos ser normais, nem disfarçadas? Os bolinhos doces parados nas vitrines eu sabia o que eles eram. Mas e eu? O que era eu?

Nossa raiva sensual é fetiche de consumo, mas as noites que não dormimos são apenas nossas. Os gritos que nos ensurdecem agradam os que dormem o dia inteiro. Somos nós que tomamos conta dos gatos ariscos que correm da chuva, mas temos pouco controle sobre o que fazem de nós. Talvez haja dependência demais da sabedoria dos mortais, eles que nos favorecem como rainhas condenadas, nos alimentam com pratos de respeito e com bolinhos carecas. Entretanto ainda sabemos que a circunstancial euforia pela proclamação da nossa revolução não impede que nos chegue a maldição das sobreviventes.

Nem no poder teremos a sorte da paz. Restamos como a angustia – sem trégua.

Quem virá nos alimentar quando nossa carne for finalmente jogada fora e estivermos empalhadas na parede? Não, o conforto do poder não nos seduz. “Te dou um carro, um banco, te levo na festa mais badalada”. Sim, claro. Aproveitamos, estávamos mesmo correndo atrás de qualquer coisa. Lá chegamos e damos vexame. E insistimos, irrresistíveis e difamáveis, na lucidez indiferente sobre a nossa categorização.

Há que entender que aproveitamos a chance para lambuzar-nos com o que tem de mais doce no personagem do humilhado. O desqualificado humilhado que suplica, e implora, e pede. . . e assim obriga. Um teatro sem cadeiras. Somos as divas de um teatro sem

cadeiras. Aqui a mulher culpada pela sua inépcia funcional joga com este personagem para ir mais alto: para o sacrifício. Mesmo sendo indiferentes à nossa morte em vida, jogamos com o atrativo sobre esta intensidade que não desiste de ser supliciada. E do alto desse palanque de miseráveis, imploramos que coloquem em cima da mesa o que tiverem, precisamos ainda. . ainda mais agora, de qualquer coisa; e você nos dá seu olhar e seu poder, por dó ou por sedução não importa. Você caiu na ilusão e é tudo o que queremos, ser eficientes para que você nos sacrifique como legítimas sacrificadas.

Insistimos por diversão de te ver desesperado com o nosso jeito, porque a deslegitimação do nosso modo vicioso é ainda mais insuportável do que o nosso sacrifício. Por isso acatamos, como se nos pertencessem, os olhares de reprovação, a soberba da pequena burguesia egocêntrica e a sujeira embaixo do tapete. E os que galgam os degraus do sucesso não desconfiam dessa nossa zombaria, eles admiram a crueza de caráter arredo, a fragilidade violenta. Assim invadimos suas casas e suas padarias de bolinhos brilhantes. Mas jamais esquecemos que estamos em estado de decomposição ativa. Vivemos no campo, sem maquiagem. Não gosto de esconder meus cabelos crespos. Somos cheias de atrasos, chegamos sempre depois da prova.

O que vai nos divertir hoje? Uma promessa de que haverá cadeiras no teatro? Um aceno com o olhar que te diz hoje seremos só nós a viver nossa ilha sem horizontes outros que não as nossas próprias curvas?

O final feliz é a nossa miragem mais sombria. Mas você inacreditavelmente acredita. E isso nos faz tão feliz que por um momento poderíamos até esquecer, esquecer que a alegria nos foge. . Por despercebido que apareçamos, por uma alegria suave de viver sob sua proteção (que pedimos), você acha que não estamos mais zombando. Não percebe que não somos frágeis o bastante para nos submeter? Não somos civilizadas o bastante para sermos cúmplices? Precisamos decompor.

Vivemos nesta atmosfera, e nos dão álcool e tranqüilizantes. Também gostamos disso. Acordamos e você não estava na nossa cama. Saímos correndo para o mato, e você tentava nos segurar pelo cabelo. Eu sentia algo tão simples: o desespero. E não se podia

ver a alegria desse desespero. O desespero que destrói o projeto da família feliz que você tanto almeja. O desespero que é incurável. Mas o desespero é tudo, é o morto no vivo humano que sacode nosso cobertor nas noites frias nos fazendo acordar. Mas sim, a vida nunca é dos vivos, é dos sobreviventes. Porque a vida não é individual e a morta em vida vive, no seu teatro sem cadeiras, a magnitude da intensidade da miséria viva. Tem algo nela de uma lucidez ignorante, sem esforço e sem brilho. E eles dizem: “Não é mais problema meu”. Como assim? ...você não viu o fogo? Não é mais problema meu. Como assim? Você não viu...?

Os que se acham vivos caem, traídos e amaldiçoados. Para eles, “ela sobe até nossa bandeira e nos arranca a paz. Não compreendemos sua angustia, nos invade e nos obriga a participar de suas orgias. ”

Sucumbiremos um dia? Mesmo com toda a prudência – que se esquece. Por sorte e por escolha estamos sempre indo embora e a desgraça almejada do nosso sacrifício não é corrompida pela doçura do amor de tudo aquilo que é confortável. Algum dia, talvez, a miragem se torne nossa vida, mas não por enquanto, não com esse mundo machista e preconceituoso, onde a dor do outro só pode existir para ser sacrificada. Nós vamos para o sacrifício porque amamos o sacrifício, esse lugar das almas perdidas para a civilidade. Mas não antes de tê-los invadido sedutoramente com o desassossego de um carinho interrompido pelo assombro.



A emergência do pensamento de Hannah Arendt no jornalismo.

Verenilde Pereira dos Santos

A recusa da alteridade humana que determinou o fracasso hermenêutico na história da conquista da América, no início da modernidade, é uma condição comumente insuperável na mentalidade contemporânea. Embora expressa com outros artifícios esta recusa é perceptível na maioria das narrativas jornalísticas produzidas sobre as sociedades indígenas no país. Esta recusa secular, como é sabido, teve entre seus precursores o navegador português Cristovão Colombo que - como evidencia Tzevtan Todorov em sua obra *A conquista da América* (1991) -, foi extremamente perspicaz na observação da natureza; entretanto, incapaz de compreender os humanos com os quais se deparava. Na hermenêutica de Colombo os índios não tinham lugar reservado.

Os textos produzidos pelo descobridor da América - para quem os indígenas não se diferenciavam das outras espécies que encontrava -, evidenciam sua negligência com o humano e, portanto, a anulação da alteridade. Se ele falava dos homens que encontrava era porque estes também faziam parte da paisagem indica Todorov. Este autor lembra que, na escrita de Colombo, as menções aos habitantes das ilhas aparecem em algum lugar entre os pássaros e as árvores. A pouca percepção que o navegador teve dos indígenas, a incompreensão da língua e dos seus sinais, a preferência pela terra e ouro e não pelas pessoas, a “facilidade com que aliena a vontade do outro visando um melhor conhecimento das ilhas descobertas”, provoca o sentimento de superioridade. Eis um trecho onde a observação atenta da natureza é priorizada e a torna indistinta dos humanos:

No interior das terras, há muitas minas de metais e inúmeros habitantes (Carta a Santangel fevereiro-março de 1493). (...) Até então ia cada vez melhor, naquilo que tinha descoberto, pelas terras como pelas florestas, plantas, frutos, flores e gentes (Diário 25.11.1492). (...)

As raízes eram tão grossas quanto as pernas, e todos, diz, eram fortes e valentes

(16.12.1492, apud: Todorov, p. 33).

Pode-se considerar o espírito do tempo que limitou o desejo de Colombo em conhecer para compreender: era o século XV, época impactada pelas descobertas de um mundo novo e percorrível com seus novos mares, terras, minas, riquezas naturais que pareciam infinitas. Mas onde por último, havia os humanos dos quais os indígenas brasileiros faziam parte e sobre os quais recaiu a grande desconfiança quanto à sua natureza. Dúvida resolvida num primeiro momento, com a certeza de que eram inferiores ou sub-humanos. Afinal o imaginário colonial eurocêntrico que mesclou o fantástico pagão e cristão, já havia sido contaminado por dúvidas como a de Santo Agostinho (413-426) que em sua *Civitas Dei* diz ser possível a existência de adamitas fora do círculo judeu-arábico-cristão. Mas, estes seriam “antropóides não normais” (Apud Gondim, 1993, p. 17).

Assim, se estabelece o modelo de relação entre indígenas brasileiros e a sociedade civilizada. A negação da alteridade firma-se como uma referência relevante. A dimensão da descoberta do novo continente foi analisada por variados pensadores. Para Hannah Arendt (1993) este acontecimento junto com a reforma e a invenção do telescópio, determinam o caráter da era moderna. Na obra *A condição humana* escrita em 1958, ela considera que a descoberta da América, com seus continentes desconhecidos e oceanos jamais sonhados, foi, aos olhos de seus contemporâneos, o “mais espetacular dos três eventos”. Nesta mesma obra ela já deixa claro que não duvida de nossa “atual capacidade de destruir toda a vida orgânica da terra”, e reflete sobre a capacidade humana de raciocinar e dar sentido às descobertas científicas, aos inventos tecnológicos e outras inovações trazidas pela modernidade. Arendt questiona a potencialidade humana em produzir discursos sobre suas próprias descobertas, o que asseguraria o caráter político a estes feitos. Conforme ela, embora as “verdades” da moderna visão científica do mundo pudessem ser demonstradas em fórmulas matemáticas e comprovadas pela tecnologia, tais verdades já não se prestavam “à expressão normal da fala e do raciocínio” (1993, p. 11) A preocupação desta filósofa judia com a alienação do mundo que, para ela, a época moderna instaura, coloca em risco também, a possibilidade da vida política, o que só é possível através da manifestação da pluralidade humana que se concretiza através do discurso. Ela afirma:

Se o nosso cérebro não consegue acompanhar aquilo que fazemos, de modo que passássemos a necessitar de máquinas que pensassem e falassem por nós, e assim sendo fosse comprovado o divórcio definitivo entre o conhecimento no sentido moderno do know-how e o pensamento, passaríamos sem dúvida, à condição de escravos indefesos, não tanto de nossas máquinas quanto de nosso know-how: criaturas desprovidas de raciocínio, à mercê de qualquer engenhoca tecnicamente possível, por mais mortífera que seja (...) Os homens no plural, isto é, os homens que vivem e se movem e agem neste mundo, só podem experimentar o significado das coisas por poderem falar e ser inteligíveis entre si e consigo mesmos (1993: p.13).

Essa inteligibilidade entre os humanos não foi possível no século XVI, quando se trata de sociedades civilizadas e indígenas. O que torna compreensível os louvores dos cronistas coloniais durante as “guerras sem quartel” de europeus armados de canhões e indígenas que contavam apenas com tacapes, zarabatanas, arcos e flechas, como Darcy Ribeiro (1995) enfatiza. Este antropólogo resgata um poema de José de Anchieta “De Gestis Mendi de Sá” escrito em 1560, onde o padre louva o governador Mém de Sá que, “com suas guerras de subjugação e extermínio”, estava “executando rigorosamente o plano de colonização proposto pelo padre Nóbrega em 1558”:

Quem poderá contar os gestos heróicos do chefe
 À frente dos soldados, na imensa mata:
 Cento e sessenta aldeias incendiadas,
 Mil casas arruinadas pela chama devoradora,
 Assolados os campos, com suas riquezas,
 Passado tudo ao fio da espada (Apud: Ribeiro, 1995, p. 45) .

Embora não se trate exatamente de aparatos tecnológicos como, por exemplo, os produzidos na revolução industrial, percebe-se a falta de um cuidado reflexivo sobre os discursos que se produzia sobre os indígenas e sobre o que se fazia em relação a eles. O que está inserido no campo do raciocínio (ou de sua falta) do qual nos fala Hannah

Arendt. O incêndio e as espadas já eram produções do vasto arsenal que a modernidade passava a exigir.

Século XVII: cem anos após a produção destes versos, após ser expulso do Pará onde trabalhava na evangelização dos indígenas, o próprio padre Antonio Vieira que muito criticou o extermínio físico destes grupos étnicos, prega em Lisboa, no mês de janeiro de 1662, o Sermão da Epifania. Como lembra o filósofo Benedito Nunes (2009), neste sermão o missionário jesuíta discorre sobre o árduo trabalho de catequização, lamenta a dificuldade dos indígenas na apreensão do conhecimento, queixa-se da necessidade de ensinar o já ensinado, repetir o já aprendido, porque “o bárbaro, boçal e rude, o tapuia cerrado e bruto, como não faz entendimento, não imprime nem retém na memória” (2009, p. 268). Vieira alega o sacrifício de se levar à frente o trabalho missionário, realizado “entre as pobrezas e desamparos, entre os ascos e as misérias da gente mais inculta, da gente mais pobre, da gente mais vil, da gente menos gente de quantas nasceram no mundo”.

Incu Itos, pobres, vi s. O espírito religioso dos missionários se distanciava ainda da razão iluminista do século XVIII que com seus ideais libertários poderia romper com o engessamento das idéias preconcebidas condição sem a qual seria impossível a emancipação humana. Os homens impregnados da “razão” talvez pudessem abrir o caminho para se descobrir a existência da pluralidade humana que constitui as diversas e complexas culturas. Com o pensamento livre de dogmas, os humanos seriam capazes de racionalizar para além dos modelos totalizantes. São explicações, portanto, capazes de ponderar os deslizes do padre Antonio Vieira. “No ensaio Os tristes, brutos índios de Viçosa, ou um missionário aturdido” (2009), Benedito Nunes pondera a maneira pouco cristã como Vieira se refere às suas ovelhas prediletas. Maneira provocada talvez, por “um momento de irritação diante das dificuldades que se opunham ao seu apostolado”. Em síntese, mesmo considerando que tanto Anchieta no século XVI quanto Vieira, no século XVII, tenham se indignado contra as tiranias locais, eles não conseguiram reconhecer os indígenas como membros de uma sociedade outra, diferente, com seus princípios e valores próprios.

Os enunciados proferidos por personalidades com autoridade científica ou representativas de poderes institucionais prosseguem secularmente com a marca da negação da alteridade. O pesquisador francês Charles La Condamine impulsionado dentre outras questões, pelas dúvidas sobre o formato da terra, parte de seu país, no dia 16 de maio de 1735 (século XVIII, portanto) com mais sete expedicionários, para a América meridional. Pretendia medir a circunferência da terra, realizar levantamentos cartográficos, descobrir nascentes de rios, dentre observações científicas. Assim como Colombo, observou minuciosamente a natureza ponto de observar os efeitos terapêuticos da quinina, remédio até hoje eficaz contra a malária. Mas, com relação à percepção do humano ele emitiu, entre outras, a seguinte conclusão: “sei que todos os índios da América meridional são mentirosos, crédulos, encasquetados com o maravilhoso” (p. 84). “Crédulos”, “mentirosos”, “encasquetados”. Pode-se compreender estas definições: La Condamine tinha suas dúvidas quanto ao formato da terra e outras questões astronômicas. Assuntos onde a alteridade humana, questão não inserida no que ele considerava ciência não era assunto relevante.

Século XX. Um artigo do diretor do Museu Paulista Herman von Ihering para a Revista do Museu Paulista, publicada em setembro de 1908, exemplifica uma polêmica que alcança a mídia impressa e embora a questão da alteridade seja um foco relevante, a questão não consegue ser levada em conta. Diante dos impasses entre colonos e indígenas do sul, principalmente em Santa Catarina e São Paulo, Herman von Ihering, naturalista alemão, oferece a seguinte saída:

Os atuais índios do Estado de São Paulo não representam um elemento de trabalho e de progresso. Como também nos outros Estados do Brasil, não se pode esperar trabalho sério e continuado dos índios civilizados e como os Caingangos são um empecilho para a colonização das regiões do sertão que habitam, parece que não há outro meio, de que se possa lançar mão, se não o seu extermínio.

(Apud: Gagliardi, 1989, p. 72).

Renomadas personalidades se manifestaram contra esta opinião. O jornal O Estado de São Paulo divulgou, no dia 12 de outubro e na primeira página, uma crítica de Sílvio de Almeida, intelectual positivista onde ele diz que “custa crer que a moderna ciência,

importada da Alemanha, não preconize outros expedientes que os dos colonos do século dezesseis". O Jornal do Comércio divulgou o protesto de Luís Bueno Horta Barbosa, que qualificou como "inqualificável e bárbara" a teoria de Herman von Ihering. Este volta a pronunciar-se no O Estado de São Paulo (20.1 0.1 908) onde tenta amenizar o impacto de seu artigo e alega que, quando falava em extermínio referia-se apenas àqueles que eram "verdadeiro empecilho à expansão de nossa cultura". Herman Von Ihering criticava o projeto do marechal Cândido Mariano da Silva Rondon por ser um "método fraternal" de contato; o naturalista alemão explicita em seu artigo A questão dos índios no Brasil, também de 1908, que "a marcha de nossa cultura está em perigo; é preciso por cobro a esta anormalidade que a ameaça".(Gagliardi, p. 81) .

O Jornal do Comércio, que antes havia se manifestado contra a posição de Herman von Ihering, passa a defender que a administração pública deveria sair da "fase lírica" em que estaria mergulhada, "deixar-se de fitas e cuidar de coisas sérias que interessam realmente ao progresso do país". Este jornal reclamava a ênfase que as autoridades estariam dando à questão indígena. Sua posição é que estes grupos deveriam ser incorporados espontaneamente à sociedade, "quando a civilização, rasgando a selva, lhe demonstrasse a sua superioridade e as vantagens de uma vida confortável". No dia 29 de maio de 1910 o jornal sentenciava:

Para estes índios, para todos, os bons e os maus, a única catequese razoável, lógica, é a do próprio desenvolvimento da civilização, afugentando os ferozes, como os centros mais populosos e policiados afugentam os ladrões e assassinos para o ermo e para a sombra, atraindo e seduzindo os mais civilizáveis" (Ibid:p. 219-220).

Maio de 2010, século XXI, portanto. Exatamente cento e dois anos após a contundente manifestação de Herman von Ihering, e mais de 500 após as narrativas de Colombo, a enfadonha repetição do aniquilamento das diferenças vem à tona. Mesmo após a interferência de grupos da sociedade nacional, instituições e organizações indígenas que contrapõem-se ao preconceito, à desinformação sobre estes povos e, sobremaneira, resistem às várias formas de extermínio.

Trata-se da reportagem “A farra da antropologia oportunista”, publicada pela revista *Veja*, número 18, edição 2163, ano 43, de 5 de maio de 2010. A chamada de capa é assertiva: “Porque pode sobrar pouco (ou quase nada) para o Brasil que produz”. Nela são expostos dados (todos posteriormente contestados por especialistas) para tentar provar que 76,6% da extensão do Brasil foram abarcadas como área de preservação ecológica, reservas indígenas e, como ironiza, por “supostos antigos quilombos”. As conseqüências é que estas “vastidões”, conforme o texto, impedem a ampliação do agronegócio e do peso da nação no comércio mundial. Mais que isto, se fossem computados a extensão de terras destinadas à reforma agrária, cidades, portos e obras de infraestrutura, a extensão tomada seria de 90,6% do território nacional. Este “naco”, conforme a revista, poderia ficar ainda menor com a criação de novas reservas e lotes para a reforma agrária. O que a revista anuncia, desta forma, é que a sociedade brasileira seria vítima dos negros, índios e excluídos de modo geral numa inversão da realidade já historicamente comprovada.

Estas informações consideradas incorretas pelos especialistas, não representam o único ponto grave do texto. A forma pejorativa e humilhante como são tratados os negros e indígenas não parece ser apenas uma repetição automática dos estereótipos secularmente enraizados contra estes grupos. Conforme análise de jornalistas, antropólogos e estudiosos que inclusive tiveram seus nomes divulgados na reportagem, a revista manipulou dados, forjou entrevistas, distorceu conceitos, ridicularizou as pessoas que concederam entrevistas das quais foram utilizadas frases sem contexto. As depreciações a estes grupos são explícitas em legendas como: “Os novos canibais” termo que a revista utiliza quando faz referência ao indígena José Aílson da Silva apresentado como um “negro que professa candomblé” e cujo cocar “é de penas de galinha, como os que se usam no carnaval”. Sem considerar a complexidade dos indígenas do nordeste a revista diz que José Aílson se declarou pataxó, “mas os pataxós disseram que era mentira”. A reportagem fortalece a depreciação afirmando que José Aílson “apareceu tupinambá, povo antropófago extinto no século XVIII e, sua “tribo” (as aspas utilizadas na reportagem colocam em dúvida o sentido do termo), é composta de uma maioria de negros e mulatos”. Mas, também, de brancos de cabelos loiros. A revista define os pataxó como um grupo que invade e saqueia fazendas no sul da Bahia. Entretanto, critica que “as contradições e delitos não impediram a Funai de reconhecê-los como índios legítimos”.

São pejorativos todos os outros títulos e conteúdo dos boxes. Em um deles, “Teatrinho na praia” a revista expõe o cacique Odair José utilizando novamente as aspas no termo cacique na tentativa de deslegitimar esta posição. As informações sobre o grupo deste indígena, os borari, é de que são índios que vivem em Alter do Chão, no Pará. É mais uma vez sustentando-se numa indelicada ironia, a revista frisa que o lugar é “a praia mais badalada do Pará”, como se isto fosse um desaforo aos civilizados. Em outro subtítulo, “Macumbeiros de cocar” a falta de respeito e de conhecimento com relação à alteridade é tanta a ponto de ridicularizar o índio Francisco Moraes porque ele faz macumba e pratica a dança de São Gonçalo. “A questão é que a origem da macumba é africana e a da dança portuguesa”, alerta a revista, como se isso pudesse anular a identidade de Moraes que “cultiva supostos hábitos dos índios anacés, extintos há 200 anos” debocha a Veja. Ou seja, o simplismo da revista ao analisar a questão chega ao ponto de perguntar se os milhares de brasileiros deixariam de ser brasileiros porque dançam o tango;

“Made in Paraguai” é outro título humilhante para o índio guarani Milton Moreira e consequentemente para todos os que vivem em Santa Catarina pois, o termo utilizado remete a objeto de procedência duvidosa. A Veja declara que estes indígenas foram “importados” do Paraguai pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e embora a maioria só se expresse em espanhol foram orientados a se declarar brasileiros. Outra situação mais humilhante ainda é quando a Veja ridiculariza uma família de Novo Airão, no Amazonas, que se declara descendente de escravos. A revista se refere a estas pessoas com o termo “carambolas” ao invés de quirombolas e afirma, de maneira descontextualizada, que é através deste termo que eles “se autodenominam”. Por outro lado, a Veja poupa de críticas o milionário Eike Batista que tentou construir um porto na área onde vivem os Guarani de Peruíbe, no sul de São Paulo, mesmo que a terra seja da União. A revista lastima que a chefe deste grupo, a indígena Lílian Gomes, não tenha conseguido impedir a Funai de enterrar a melhor oportunidade de ascensão social que seus liderados tiveram. E é com escárnio que caracteriza a indígena: “ela é casada com caminhoneiro (branco), tem carro, computador, faz compras no supermercado”. Como se ao atingir este patamar de bens materiais a identidade indígena necessariamente fosse eliminada.

Como em 1908, mediante as declarações de Herman von Ihering, alguns jornalistas, antropólogos, instituições e pessoas que estudam seriamente a questão das minorias no país posicionaram-se contra a reportagem da Veja. A jornalista e antropóloga Kelly Oliveira, por exemplo, declarou seu estarecimento com a forma bem articulada e ordenada que a revista utilizou para encobrir verdades e explicitar meias palavras. Mesmo considerando que Veja não tenha pretensão de se apresentar como um meio de comunicação que ponha em discussão os dois lados de uma questão, a jornalista afirma que “são tantas meias verdades, que parece difícil enumerar todas”. Para ela, a reportagem depõe de forma criminoso contra o trabalho de profissionais que têm no rigor científico sua base de ação, desmerecendo processos reflexivos multidisciplinares que vão além da antropologia. E enfatiza que a reportagem atinge criminosamente não só antropólogos e indigenistas como também “o próprio jornalismo”.

O jornalista, historiador e professor da UERJ, José Ribamar Bessa, escreveu um extenso artigo sobre o episódio. Ele resume desta forma a reportagem da Veja: “é tudo lorota, entrevistas inventadas, números manipulados, informações fantasiosas, dados falsos, provas forjadas, fabricação de fatos”. E salienta que a estratégia discursiva é bem primária: reforça o preconceito que os índios são preguiçosos e improdutivos, insiste na falácia de que as terras indígenas arrancaram um pedaço do Brasil, mutilaram a pátria. “Como nenhum cientista social assina embaixo de tal babaquice, a Veja ataca então os antropólogos, acusando-os de serem inventores de índios falsos”.

Um ponto de descrédito da reportagem e que demonstra a fragilidade na interpretação de textos é relacionada a uma declaração que o conceituado antropólogo Eduardo Viveiros de Castro teria concedido à revista, fato que ele desmentiu categoricamente. No intuito contínuo de desmentir a identidade indígena, a Veja coloca como se fosse deste antropólogo a seguinte declaração: “não basta dizer que é índio para se transformar em um deles. Só é índio quem nasce, cresce e vive em um ambiente de cultura indígena original”. Ao desmentir não apenas a declaração de uma “reflexão tão grotesca, no conteúdo como na forma”, Eduardo Viveiros de Castro explica generosamente o teor de sua reflexão neste sentido, que é exatamente o contrário do que a revista divulgou. Ou seja: “é impossível de um ponto de vista antropológico (ou de qualquer outro), determinar

condições necessárias para alguém (uma pessoa ou coletividade) “ser índio”. A “frase falsa” da Veja, esclarece Viveiros de Castro, coloca como sua uma condição necessária e absurda para “ser índio”. Conforme ele, “ao contrário e positivamente, é perfeitamente possível especificar diversas condições suficientes para se assumir uma identidade indígena”. Talvez os responsáveis pela matéria desconheçam a diferença entre condições necessárias e condições suficientes, alerta o antropólogo. E aconselha: “Que voltem ao banco de escola”. Eduardo Viveiros de Castro enfatiza que, cabe perguntar, o que mais existiria de montado ou de simplesmente inventado na matéria. “A qual, se me permitem, achei repugnante”, fri sa.

O gravíssimo é pegar a interpretação errada, colocar as aspas, e dizer que é do autor”, (Blog Na prática a teoria é outra 04. 05. 201 0), alertou o antropólogo Mércio Gomes, que considerou a reportagem como uma injúria aos povos indígenas brasileiros Para ele a matéria sintetiza “o ranço, o azedume de preconceitos e vícios jornalísticos apresentados sobre a questão indígena: o texto é comprometido por desvirtuamentos da pesquisa, compreensão e análise que certamente intencionavam provocar uma impressão extremamente negativa da questão indígena no país. “Os autores da matéria, jornalistas jenunos no trato de tais assuntos parecem perseguir uma linha editorial ou um estilo jornalístico em que a busca de objetividade é relegada ao interesse ideológico de denegrir as conquistas dos segmentos mais oprimidos do povo brasileiro e demonstrar seu favorecimento aos poderosos da nação”. E mais: “Primam por um estilo sardônico, próprio de jornalistas que fazem de seu ofício a defesa inquestionável do status quo social e econômico brasileiro. Aludem a supostos fatos a partir de evidências descontextualizantes e apresentam citações sem a mínima preocupação com a comprovação”. “Falta-lhes sobretudo compreensão histórica da questão indígena brasileira, do papel da antropologia e da condição contemporânea da ascensão dos povos indígenas no Brasil e no mundo”.

A Associação Brasileira de Antropologia (ABA) também divulgou uma nota afirmando que o repórter da Veja não faz o mínimo esforço em ser analítico, ou ouvir os argumentos dos que ali foram violentamente criticados e ridicularizados. A maneira insultosa com que são referidas várias lideranças indígenas e quilombolas, bem como truncadas as suas declarações, também surpreende e causa revolta e explicitam o desprezo e o preconceito

com que foram tratadas tais pessoas, diz a nota.

Percebe-se desta vez que o não reconhecimento da alteridade veio à tona com artimanhas das quais nem Colombo, o padre Antonio Vieira ou mesmo Herman von Ihering foram capazes de utilizar. O posicionamento destas personalidades com relação ao desconhecimento da diferença é cristalino. Seus textos permitem entrever um simplismo que embora grave, lembram a ingenuidade dos que não conhecem. O mundo ainda não havia experimentado os terrores dos sistemas totalitários como o nazismo, não se concretizara o episódio de 11 de setembro, o que seria suficiente para a constatação da banalidade do mal, conceito que Hannah Arendt elaborou a partir da cobertura do julgamento de Adolph Eichmann em Jerusalém. Eichmann, o réu nazista era absolutamente desprovido da capacidade de reflexão o que provocou sua inconsciência da gravidade em ordenar a matança de milhares de pessoas nas câmaras de gases.

Já no século XXI, época em que a reportagem da Veja foi publicada, o mundo já havia concretizado episódios que forçosamente deveria levar à reflexão. Além disso, já estava oferecendo um razoável repertório de pesquisas das produções jornalísticas sobre grupos étnicos minoritários. Estas pesquisas evidenciam dentre outras questões como objetividade jornalística ou questões ideológicas implícitas nos textos a questão ética que o não reconhecimento do outro acarreta na prática jornalística. O século XXI já pode contar com o legado de pensadores como Levi-Strauss, Hannah Arendt ou Eduardo Viveiros de Castro dentre inúmeros outros que refletiram sobre a violência que a negação da alteridade provoca ao mundo. Daí a necessidade urgente do pensamento de Hannah Arendt nos estudos de jornalismo. Este legado de idéias não faz parte de um circuito esotérico de conhecimento e é acessível em bibliotecas, livrarias de shoppings ou internet. Lê-los, interpretá-los pode exigir um certo tempo, trabalho, e a coragem para raciocinar sobre o repertório simbólico concebido pelo preconceito e oficializado, como neste caso, pela mídia impressa. Raciocínio que a reportagem da revista sequer consegue vislumbrar. O que aumenta ainda mais nosso terror.

Bibliografia

ARENDT, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro, Forense, 1 993.

GAGLIARDI, Mauro. O indígena e a república. São Paulo, Hucitec, 1 989.

GONDIM, Neide. A invenção da Amazônia. São Paulo: Marco Zero, 1 994.

NUNES, Benedito. A chave do poético. São Paulo: companhia das Letras, 2009.

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro. São Paulo: Editora Schwarcz, 201 0.

TODOROV, Tzevtan. A conquista da América. São Paulo: Martins Fontes, 1 991 .



Psico-Ativismo Neodarwinista

Edmunda Freudina e Bráuzio Varanella

Resumo: A utilização de psicoativos é encontrada em várias culturas e de formas rebuscadas em vários campos de atuação humana. Vale notar que o consumo de substâncias alteradoras do estado de consciência é também encontrado em outros mamíferos. Os motivos destas ocorrências sugerem que os indivíduos (ou as espécies) se beneficiam desta utilização. Enfim, o Psico-Ativismo Neodarwinista procura reconhecer que apresenta vantagem para a perpetuação da espécie a utilização de psico-ativos.

“- Tenho saudades. Tenho muitas saudades.

- De? - perguntou Tortuga.

- Tudo. Bem, na verdade quase tudo, praticamente tudo.

- Quase? Praticamente? - perguntou Tortuga duplamente contraíndo os membros posteriores.

- Sim. Não tenho saudades do que aconteceu, do que foi vivido, disso estou abastado agora mesmo e desde que nasci.

- Então você tem saudades do que não foi, do que não aconteceu, é isso? - perguntou Tortuga.

- Exato. Cada escolha é a negação de todo o resto. Tenho saudades de todas as possibilidades descartadas, a maioria delas sem o mínimo de honraria.

- Mas isso é algo ou é quase tudo? -perguntou Tortuga.

- Isso é tudo menos o algo que escolhemos que é quase nada. Repare, Tortuga, a cada escolha negamos todas outras possibilidades oferecias, que são infinitas. Isso é tudo ou, caso queira ser mais justo porém menos verdadeiro,é quase tudo.”

- Victor Hugo, escritor e psico-ativista francês, passagem sobre a lebre e o coelho em rascunhos pessoais (arquivos da Université Paris 8).

Embora este seja um compêndio, uma série de apontamentos em favor da permissividade ao uso de psicoativos, de antemão é necessário afirmar que há sim problemas

relacionados ao uso destas substâncias. Estes problemas são menos críticos do que doenças cardíacas ou respiratórias, não há dúvida inclusive segundo os dados. Além disso, salientamos que as complicações advindas de vícios ou dificuldades cognitivas e emocionais são, por consenso de comunidades inteiras, resultantes de má orientação no cumprimento deste instinto. Com esta perspectiva, apontamos alguns dos benefícios mais valiosos e inequívocos dos estados mentais alterados, sejam eles resultado de contato com as artes, com meditação ou com substâncias psicoativas.

Começaremos com uma análise qualitativa dos algoritmos-base de inteligência artificial (IA) : Hill Climbing e Simulated Annealing. Sem a necessidade de matemática explícita ou códigos avançados, as constatações relacionadas ao uso de substâncias saltam aos olhos pois nosso sistema cognitivo possui memória e possui discernimento, ou seja atribui fitness aos eventos. De forma indolor, analisaremos o esquema básico de busca por otimização. Absolutamente central ao caso são as vantagens que perturbações (ruído) efetivamente trazem a um sistema com memória e discernimento. Como isso é vantajoso para um sistema cognitivo? Da mesma forma como é utilizado em computação pelo mundo todo para otimizar situações em que os métodos analíticos - e mesmo outros métodos também matemáticos - são inúteis ou muito custosos.

Dito isso, deixamos as repetições para os que as escolherem. Partimos para constatações históricas desta notável vantagem que os psicoativos apresentam a uma pessoa comum. Grandes personalidades e também desenvolvimentos científicos impulsionados pelo uso de psicotrópicos serão citados brevemente pois são numerosos.

Alguma atenção especial é merecida para os entendimentos de cunho neodarwinistas pois de fato elucidam os prós e contras, para o indivíduo e para a espécie, e em uma perspectiva racional, sobre o que foi comprovadamente benéfico. Seria uma comprovação dita científica se pudéssemos repetir o experimento. No caso especulamos evolutivamente com base em duas coisas. 1) Na constatação de que o ser humano (e até outros mamíferos) faz uso de psicoativos, a nossa evidência factual. 2) Em que evitar os mínimos locais é uma atividade melhorada com a inserção de ruído/aleatoriedade, como no caso do comportamento Simulated Annealing. Ou seja, com vistas ao uso de alteradores,

apontamos a evidência de que é uma prática preservada pela evolução (i.e. benéfica para indivíduo ou espécie) e apresentamos um dos motivos pelos quais é benéfico. Outros possíveis mecanismos através dos quais a alteração do estado de consciência é algo bom e positivo são apontados ao final

0. Indícios evolucionaristas

- Presentes em diversas populações mamíferas.
- Presente em quase todas as culturas humanas.
- Constante da humanidade mesmo que sem ritos instituídos, infringindo leis e sem motivação transcendental ou religiosa.
- Uso mais incidente em população com grande contribuição intelectual : cientistas, artistas, políticos. Isso inclui os menos favorecidos, que colaboram na transformação do estado das coisas e portanto sua contribuição intelectual é acentuada.

Com este conjunto de evidências é razoável assumir que seja um instinto humano, inclusive instinto de outras espécies.

Sendo evidência de que é um instinto, devem haver benefícios para a espécie como um todo ou para o indivíduo ao menos.

Os benefícios relatados são geralmente ligados a:

- Energia mental
 - Melhora de quadros de demência
 - Diversificação: aumento de matizes do pensamento e ideias/concepções novas
 - Elementos mentais (ideias) se multiplicam e mutam viralmente, sendo exatamente eles que permitem ao ser humano sobreviver com maneiras diferenciadas, mais rebuscadas no comprimento do raciocínio e com resultados mais extravagantes, inclusive perigosos como é apontado por previsões climáticas.
- entendimento de linguagens mais sutis e inconscientes, como a corpórea e outras mais subjacentes/subliminares.

- desfazer vícios de pensamento e mesmo bloqueios mentais.
- Treinamento do córtex cerebral.
- Robustez aos pontos extremos locais: exemplificado no item a seguir.

0. 1 Especulações e observações usuais

• A repressão ao uso de psico-ativos leva a população a fazer uso sem critério e sem orientações mais proveitosas. Boa parte da população bebe ou usa drogas estimulantes de formas abusivas. O uso instruído leva não somente a menores riscos e abusos como a usos potencialmente benéficos para a vida mental/intelectual e até corporal.

1. Inteligência e a evitação dos Extremos locais: Hill Climbing e Simulated Annealing
Existe um procedimento computacional simples utilizado na computação, que geralmente não é entendido como inteligência artificial. Mas que lança muita luz sobre a maneira pela qual os psico-ativos tornam o mundo mental mais robusto a extremos, a vencer bloqueios mentais e gerar novas ideias, incluindo pensar sem impedimentos ligados à tabus e convenções (sociais ou individuais). Este é o procedimento chamado Hill Climbing, em que se busca otimizar, vendo pra que la

Este funcionamento dos psicoativos é bem ilustrado na vantagem que o procedimento utilizado no 'simulated annealing' apresenta quando inserido o ruído, a perturbação do sistema.

Em palavras usuais, pode-se entender um processo de otimização como um procedimento que procura um máximo ou um mínimo. Como na figura a seguir:

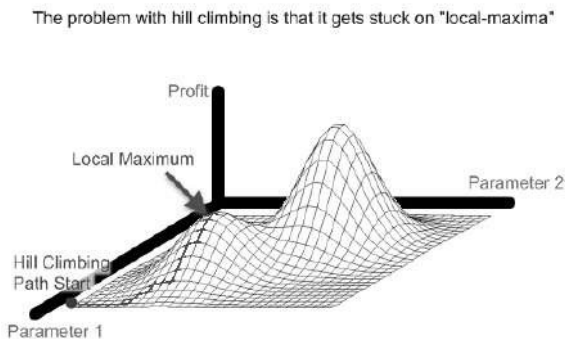
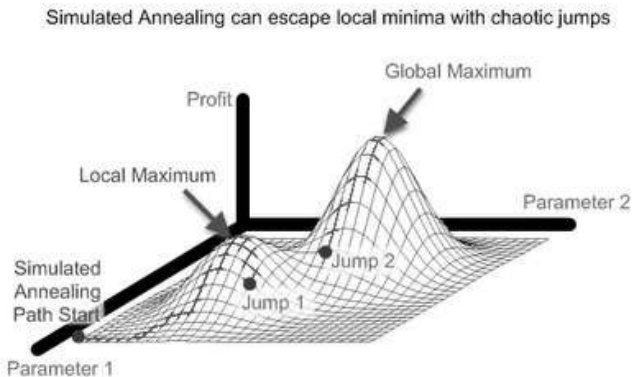


Figura1 : Hill Climbing não garante uma única partícula subindo um único monte até o topo.

O problema com este procedimento é que ele não é resistente a extremos locais, note como a figura acima o morrinho é um morrinho com outro maior ao lado mas ele ficou naquele máximo local.

A solução usual para isso na prática é inserir uma perturbação de tempos em tempos. Isso não nos dá sempre o melhor resultado, mas evita que fiquemos restritos a algum máximo local.



Tendo memória e discernimento (critério de melhor e pior), podemos escolher o ponto mais promissor já visitado.

O máximo ou o mínimo podem ser maiores capacidades de entendimento sobre a realidade que nos cerca, pode ser autoconhecimento, cuja recompensa é bem estar e capacitação. Um ponto extremo pode ainda ser a qualidade dos resultados atingidos em alguma atividade, como criação artística, pesquisa científica, inteligência interpessoal e emocional, etc.

2. Pessoas com vida e produtividade mental privilegiada, que faziam uso de substâncias psico-ativas:

- freud

- shakespeare

- cara da teoria do caos
- fortes indícios de que Einstein também utilizava algumas substâncias
- fora que praticamente todos utilizavam álcool e tabaco.
- g i l r j t a l e ebeatles, jazzistas, young,
- timothy leary
- xamãs indígenas, aborígenes, euro-ásia,
- adous huxley
- poe
- j i m h i e n d r i x
- tim maia
- erasmo carlos
- elis regina
- b i l l i n t o n
- Feynman
- Especula-se sobre Fernando Henrique
- John Cunningham Lilly (January 6, 1915 – September 30, 2001) was an American physician, neuroscientist, psychoanalyst, psychonaut, philosopher and writer.

O Psico-Ativismo pode ser a utilização de substâncias para produzir mídia ou atuar de forma a desfazer os vícios de raciocínio/visão e os tabus.

autor: Loreta Braba

subst: loló?

Os líderes são a fonte da corrupção

Eles são a verdadeira fonte de mazelas.

Mas não

culpemos ninguém pois aliás é pretensão achar que seríamos melhores líderes na posição.



Fluxo de Informação e Liberdade de Culto: A Cultura Livre na Subversão das Estruturas Religiosas Pasteur Eixo dos Santos

Com vistas aos movimentos mundiais que se agregam sob a bandeira da "Cultura Livre". Com vistas à coesão de princípios e formas de ação. Dado que estes movimentos e estes princípios tem norteado nossas atividades e nossos posicionamentos. Explicitamos, nesta, um primeiro rascunho do que vislumbramos como uma proposta de organizações ligadas à cultura livre. Transversal a uma série de outras iniciativas, tem como meta agregar e facilitar as manifestações, especialmente do ponto de vista administrativo e da legalidade de ações que hoje estão no limiar da criminalidade.

A principal ferramenta que conseguimos tomar conhecimento é a de subverter as estruturas religiosas. Aqui no Brasil abrir uma igreja significa facilidades administrativas e benefícios fiscais. Além disso, a possibilidade de alegar liberdade de culto reforça as premissas da lei que nos permitem exercer as funções em que acreditamos.

Assim, de modo a dar mais um passo nesta direção, esboçamos a seguir os princípios que, segundo nosso ponto de vista, seriam pertinentes a tais organizações. Na sequência, apontamos nossos objetivos de forma um pouco mais específica, tangimos por palavras o atual estado das coisas e finalizamos apontando alguns caminhos previstos.

Devemos ressaltar que, segundo nosso entendimento, qualquer um é capacitado para abrir uma destas organizações, pois sua base é o cultivo de questões inerentes à natureza humana, competindo assim a todas as pessoas.

Em resumo, este texto procura apresentar preceitos da nossa prática de cultura livre e uma forma ainda inexplorada e possivelmente vantajosa de se abordar a criação de coletivos que tratem destes assuntos.

Eu, nós, que também talvez sejamos eles, queremos agradecer a vocês, que talvez sejam

nós ou eles também.

Princípios

1) Liberdade de Compartilhamento de Informação: se você tem uma maçã e eu tenho uma maçã, trocamos as maçãs e ficamos com uma maçã cada. Agora, se você tem uma idéia e eu tenho uma idéia, trocamos as idéias e cada qual tem duas idéias.

Do intercâmbio de idéias pré-existentes surgem as novas idéias e aplicações. Quando o fluxo de informação é bloqueado, estanca-se o desenvolvimento humano. Em última instância, tal bloqueio é um homicídio ou mesmo genocídio, como no caso das patentes de remédio na África.

Compartilhar pode não ser um dever, mas é uma orientação. Mesmo que não se veja razão para compartilhar o que quer que seja, nunca se sabe como algo pode ser utilizado dado a infinidade de pessoas, contextos e idéias em circulação. O compartilhamento como princípio fortalece o direito fundamental do acesso à informação e as práticas colaborativas.

Vale ressaltar que a liberdade de expressão é decorrência do livre compartilhamento de informação. De forma recíproca, o livre compartilhamento de informação pode ser visto como decorrência da liberdade de expressão. Não pretendemos explorar tais meandros semânticos, mas o ponto é que a liberdade de expressão e a liberdade de compartilhamento de informações estão intimamente relacionadas.

2) Desapego de Autoria ou Autor-Servo: embora a autoria possa e geralmente tenha sua importância, devemos salientar o conteúdo, o objeto em si. O autor deve se posicionar como um servo, livrando-se do fetichismo da autoria como direito de posse pelo que foi criado, mas aceitando as responsabilidades que tem sobre o que se propala e se oferece aos outros.

3) Despersonalização: utilização de pseudônimos e outros artifícios para desfazer-se dos

percalços do ego, como, por exemplo, da necessidade de satisfazer a auto-imagem. Na medida do possível, enquanto não houver conflito com o princípio detalhado no item 6, deve-se evitar a identificação direta.

4) Descentralização: de forma simplificada porém clara, quanto mais descentralizado, mais rico, diverso e robusto. Papo mole à parte, verifica-se historicamente que quanto mais descentralização há, mais a humanidade caminha a passos largos e alcança bem estar para parcelas mais significativas.

5) Diversidade: que existam os diferentes. Que existam inclusive quem não concorda com isso. Que existam os que acham que deve haver controle central absoluto do fluxo de informações. E que existam-nos alguns (ou vários) nós mesmos.

6) Responsabilidade pela Expressão: independente de ter ou não referência de autoria real, mesmo anonimamente é necessário que se responsabilize pelas ações executadas e pelos conteúdos expostos. Não há necessidade de se assumir autoria, mas cultiva-se um contrato interno de minimizar danos que possam vir a ocorrer por eventuais falhas de expressão que porventura sejam interpretadas como preconceito ou juízo de valor equivocado, ferindo os princípios aqui apresentados.

7) Ecumenismo: Desde que não transgrida os preceitos agregados sob o nome de direitos humanos, toda e qualquer religião ou visão religiosa é válida. No máximo, basta interpretar a simbologia e os preceitos sob uma ótica que permita a fusão da visão de mundo pessoal com o que apresenta a religião.

Em outras palavras e de forma resumida, do ponto de vista de uma organização de cultura, nenhuma crença é indesejável, muito talvez seja desejável.

Objetivos

Embora os objetivos possam também variar bastante de acordo com as pessoas e com as situações, a solução de subverter as estruturas religiosas nos possibilita ao menos atingir estes três objetivos:

1) Ampliar a liberdade de estabelecer trocas através da liberdade de culto: alegar liberdade de culto fortalece o conjunto de leis que possibilitam as atividades de troca de informações.

2) Facilitar a propagação de entidades que tratem do assunto, pois igrejas contam com benefícios administrativos e o custo para se abrir uma é baixíssimo.

3) Coerência: se nossos princípios mais valiosos estão nesta linha, é mais do que válido que assumamos estas questões deliberadamente e na forma mais séria que nossa lei entende uma posição: a religiosa.

Estado das Coisas e Observações Finais

No presente momento, temos vários coletivos tratando destes assuntos. Na maioria dos casos, o que os agregam e os movem são conjuntos de princípios, entendimentos, crenças e orientações ideológicas. Estes coletivos têm-se interligado cada vez mais, na maioria das vezes sob a égide do movimento ambientalista, da cultura digital ou mesmo, mais recentemente, da cultura livre.

Esta exposição-proposta é dirigida a duas dificuldades diagnosticadas. Em primeiro lugar, estes movimentos têm dificuldades em desenvolver seus trabalhos pois as idéias de compartilhamento, coletividade, colaboração etc. foram não somente deixadas de lado até pouco, mas minimizadas através da hipervalorização de idéias tais como competitividade, propriedade e autoria. Em segundo lugar, estas idéias estão ainda muito difusas e confusas, dada a profusão de movimentos e a rapidez com que estas questões atingiram sua proporção atual.

A natureza imaterial da informação determina que ela pode ser distribuída sem apropriação de recursos, de modo a beneficiar receptores sem prejuízo por parte dos doadores. Apesar disso, a prática da cultura livre é cotidianamente criminalizada. Os princípios aqui enumerados surgem para muitos como uma premissa ética fundamental, orientando suas ações. Para outros, porém, abordar o caráter livre da cultura e da

informação significa tocar em uma incômoda verdade. Fato é que estruturas sociais e econômicas foram erguidas sobre barreiras e intermediários neste fluxo de informações, naturalizando tais entraves a um ponto onde a informação por si só caracteriza-se como vantagem estratégica. Desta forma, encontramos dificuldades e forte oposição às atividades descentralizadoras. Entende-se que mecanismos facilitadores e preventivos como os possibilitados pelas idéias aqui expostas são mais que bem vindos, são necessários para a resolução de problemas fundamentais da sociedade.

Olho na Barriga do Futuro

Acreditamos, como comunidade e conjuntos de coletivos, que a viabilidade desta proposta é um assunto que merece atenção mais específica. O estudo das leis que dispõem sobre organizações religiosas e suas atividades, o planejamento financeiro detalhado ao menos de um período inicial de vida da organização e os trâmites processuais necessários para o registro de uma igreja são tópicos cujo tratamento foge ao escopo deste texto, e constituem temas de interesse para orientar trabalhos futuros com caráter prático.

Esperamos realizar tais tramites em breve e, caso alguém queira saber a quantas estão estes andamentos, basta entrar em contato com as comunidades citadas em [3].

Referências

[1] Free Culture: The Nature and Future of Creativity, Lawrence Lessig, 2004:

<http://www.free-culture.cc/freeculture.pdf>

[2] Cópia não é Roubo, Nina Paley, Jonathon Mann, Terry Hancock, 2010:

<http://www.youtube.com/watch?v=H8JDEsfK6Qs>

[3] Carta Mídias Livres, 2010, Renato Fabbri, Cris Scabello, Lourival Neto. Assinada por Fabianne Balvedi (estudiolivre.org) e Felipe Fonseca (metareciclagem.org):

<http://mutgamb.org/mutsaz/2010/Pozimi>

<http://www.estudiolivre.org/tiki-index.php?page=carta-pts-midias-livres>

6 photos before and during the Egyptian revolution

6 fotos antes e durante a revolucao egipcia

Hamdy Reda

Tradução por Fabiane Borges



Foto 1 - Randy Reda

The photos speaks about them self much better than i can say, j u st want to gi ve a l i ttl e idea and leave the rest for the reader to read the images it sel f,The first 2 images are before the revolution, no. 1 is the main photo of a project called through my kitchen window, i just want to say about this image that photos you can read it in different way from a day to another, right now i see it as an old call for the revolution.

The guy who calls his pigeons to come back, which could be read in totally different ways, specially with the NI KE sign.

As fotos falam por elas mesmas, melhor do que eu falando dela, eu só quero dar uma pequena ideia e deixar o resto para o leitor ler as imagens.As duas primeiras imagens são antes da revolução. Nº 1 é uma foto importante do projeto chamado “pela janela da minha cozinha”, as fotos podem ser lidas diferentemente de um dia para outro,mas agora eu vejo

ela como uma evocação pela revolução. O menino que chama pela volta dela como um pássaro, isso poderia ser lido de uma forma totalmente diferente, especialmente por causa da marca NIKE.



Foto 2 - Randy Reda

The second photo of the workers cleaning the arrival sign of the Cairo airport i di d i year ago while i was doing a documentary photography job for a constructing company which had build that building of the airport, and this photo wasn't a part of the job, i just found this workers cleaning up, i liked there composition with the word arrival, except that i fel tthen that this image have a deeper meaning which i'll be able to read it l ater,or to add it to i t mentally after, which happened with the revolution, that this low class people cleaning up for the arrival of the Egyptian nation with there revolution cleaning up the corruption, and get there dignity.

A segunda foto é dos trabalhadores limpando a marca ARRIVAL (chegada) do aeroporto do Cairo, eu fi z essa um ano atraz, quando eu estava fazendo um documentário fotográfico para uma companhia de construção, que tinha construído o edí fíci odo aeroporto. Essa foto não era parte do trabalho, eu só encontrei esses trabalhadores limpando, eu gostei da composição com a palavra arrival. Foi só depois, com a chegada da revolução que eu vi que essa imagem tinha um profundo significado: pessoas de

classe baixa limpando a chegada da nação egípcia, com a revolução limpando a corrupção e tirando disso sua dignidade.



Foto 3 - Randy Reda



Foto 4 - Randy Reda

Then there is 2 photos (Photo 3 and 4) have been taken on the 28th of January 2011 one of the highest spot dates of the Egyptian revolution after it starts on 25th.

Tem mais duas fotos que foram tiradas dia 28 de janeiro de 2011, uma das mais importantes datas da revolução egípcia depois do seu início dia 25.



Foto 5 - Randy Reda

And finally 2 images (Photo 5 and 6) on the 11th of February and the 12 morning direct after the step down of the former president Hosny Mobark, and i can't express how happy i am with writing the word former!!

Finalmente 2 imagens do dia 11 de fevereiro e da manhã do dia 12 logo no momento depois da queda do presidente Hosny Mobark, e eu não posso expressar o quanto feliz estou de escrever a palavra queda!!

I would leave it now for you to read it in your own way, and i hope we can read this images

again in the future with more gladness and remember all thees people whom spent there
l i f e f o r t h e l i f e i t s e l f .

Eu vou deixar agora para que voce leia as fotos do seu próprio jeito, eu espero que a
gente possa ler essas imagens de novo no futuro com mais prazer, e lembrar de todas
essas pessoas que deram suas vidas pela propria vida!



Foto 6 - Randy Reda

War Games

Richard Barbrook

Vert

Ref	Text	Reference
V-T-4-01	The terrain of combat is abstracted as a twenty by twenty five grid of uniform squares.	
V-T-4-03	The board has two mountain ranges that block the lines of communication and where no playing piece may enter.	
V-T-4-06	These natural features are complemented by forts, passes and arsenals.	
V-T-5-05	Before the fighting begins, the opposing players must decide their opening strategy - and deploy their pieces to the greatest advantage.	
V-T-5-12	In the game as in war, there is no optimal deployment – only some that are better than others.	
V-T-5-14	As turn follows turn, the players must try to transform their strategic vision into tactical superiority.	
V-T-5-15	Both sides manoeuvre their forces seeking the best position on the board to fight in the open, besiege forts and make outflanking moves.	
V-T-5-16	They are locked in a life-or-death struggle to break their opponent's lines of communication while preserving their own.	
V-T-5-17	Understanding the strengths and weaknesses of the terrain on both sides of the board is the key to victory.	
V-T-5-18	Become Frederick the Great distracting the enemy long enough for superior forces to be concentrated for a knockout blow.	
V-T-5-19	Be like Bonaparte crossing the Alps in 1796 to take the Austrian army in Italy by surprise.	
V-T-5-21	Good generalship is a skill that is perfected through practice.	
V-T-5-22	Play <i>The Game of War</i> – and you will learn how to fight and win on the political and cultural terrain of the class war.	
V-T-6-01	'The instinctive understanding of a battlefield can be reduced to two aspects. The first is having the ability to judge how many troops should be deployed where on the terrain. This habit can only be acquired through practice on campaigns. The other talent, far superior to this, is to be able to distinguish straightaway all the advantages which can be gained from a terrain. You can acquire this talent and perfect it, as long as you have been born with a fortunate genius for war.'	
	Friedrich Hohenzollem, <i>The King of Prussia's Military Instructions to his Generals</i>	
V-T-7-15	In <i>The Game of War</i> , the two opponents can be considered as contesting interpretations of the topology of physical space under spectacular capitalism, each of whose coherence is to be tested by the other in real time.	
V-T-7-16	If they are able to keep their forces in supply, then the players will maintain the effectiveness of their army.	

V-T-7-17	But, if the coherence of their network of communication breaks down, they will experience a kind of vertigo, whereby the stability of their psychogeographic perception is disrupted: their machinations are foreclosed as they are obliged to refocus on salvaging what may turn out to be a hopeless situation.	
	The terrain is more than the territory.	
V-T-7-19	It is where the social relations of combat, movement and communication are played out.	
V-T-7-21	The terrain does not merely constitute space, a formless mass of thinly spread squares.	
V-T-7-22	It is transmuted into psychogeography by the opposing armies which confront one another on the board, whose contestation determines the strategic pinch-points where the successful player uses their tactical advantage to ensure they enjoy victory.	
	<i>The Game of War</i> is the ludic manifestation of the class struggle.	
V-T-7-23	The player who lacks a profound knowledge of psychogeography will find themselves at a loss, while their opponent weaves the disruption of the mountains and the bulwark of the forts into a more proficient command of the terrain as a whole.	
V-T-7-25	Play <i>The Game of War</i> - and you will learn how to transform the enclosed lands of spectacular capitalism into the participatory playgrounds of cybernetic communism.	
V-T-8-01	'The proletarian revolution is that <i>critique of human geography</i> through which individuals and communities will begin constructing places and events suitable for the re-appropriation not only of their labour, but also of their total history. By virtue of the resulting mobile spaces of play, and by virtue of freely chosen variations in the rules of the game, the autonomy of place and the authenticity of life will be discovered.'	
	Guy Debord, <i>The Society of the Spectacle</i> .	
T-1-1		

OR

Ref	Text	Reference
O-T-4-01	Each side has two arsenals, which serve as the nodal points for a network of lines of communication.	
O-T-4-03	On their turn, the active player may move up to five playing pieces which are in communication with at least one of their arsenals.	
O-T-5-07	The frontline must always be connected to its supply bases in the rear.	
O-T-5-08	Troops can neither move nor fight without material assistance and political direction from these urban powerhouses.	
O-T-5-09	The art of war requires the support of a war economy.	
O-T-5-7	Learn from Bonaparte's divide-and-rule strategy when he first concentrated his forces to defeat the Austrian army defending Vienna in 1805 and then overwhelmed the Prussian forces protecting Berlin in 1806.	
O-T-5-6	Seizing control of these two capital cities ended – for the moment - organised resistance to French domination over Europe.	
O-T-5-4	But, whatever happens, don't repeat Bonaparte's fatal mistake in 1812 of occupying Moscow while failing to protect his lines of communication from a counter-attack by the Russian forces based in St Petersburg.	
O-T-5-3	At the end of this campaign, it was the French army that had been cut off from its supply bases and eliminated. Successful generalship requires an intelligent combination of courage and caution.	
O-T-50	Play <i>The Game of War</i> – and you will learn how to dominate the bastions of political and economic power on the battlefields of modernity.	
O-T-6-01	'When an army begins an operation, whether it is to attack the enemy and invade his theatre of war or to take up positions along its own borders, it necessarily remains dependent on the arsenals which are its sources of supply and replenishment and it must maintain communication with them at all times. They constitute the basis of its existence and survival. The army and its arsenals must be considered as a single whole.'	
	Carl von Clausewitz, <i>On War</i> .	
O-T-7-01	In <i>The Game of War</i> , the two players of the game are mirror images of each other.	
O-T-7-04	They are both the good guys, champions of proletarian self-emancipation striving to overthrow the bastions of bourgeois hegemony.	
O-T-7-05	The enemy's arsenals represent the political and ideological superstructure of capitalist exploitation: the centralised hierarchies of the state and the media.	
O-T-7-07	Their own arsenals are Workers' Councils: symbols of our class as the directing force of hi-tech modernity.	

O-T-7-21	Their communication units are revocable delegates whose authority derives from the participatory institutions of cybernetic communism.	
O-T-7-22	As soon as they step outside the network of ley lines emanating from the Workers' Councils, the power of these generals instantly disappears.	
O-T-7-23	All those who play <i>The Game of War</i> are Situationists.	
O-T-7-24	Both sides have been set the same task: the ascendancy of interactivity over the institutions of daily life.	
O-T-7-25	Through the sensuous practice of successfully defending and attacking arsenals, they can become revolutionary theoreticians of proletarian self-emancipation.	
O-T-7-26	The best of them will apply these skills acquired by manoeuvring pieces across the board to win victories in the struggles that they're engaged in through everyday life.	
O-T-7-35	Class Wargames is dedicated to creating moments in time and space where the fate of an arsenal is experienced at an intense emotional, creative and intellectual level.	
O-T-7-36	Play <i>The Game of War</i> – and you will learn how to give your all to the fight for collective liberation.	
O-T-8-01	'Reworking appropriated material not only leads to the discovery of new forms of creativity; in addition, clashing head-on with all social and legal conventions, it cannot fail to be a powerful weapon in the service of a real class struggle. The cheapness of its products is the heavy artillery which breaks through all the Chinese walls blocking understanding. It is the real means of proletarian artistic education, the first step towards <i>media communism</i> .'	
	Guy Debord and Gil Wolman, <i>Methods of Detournement</i> .	

Gules

Ref	Text
G-T-4-01	In <i>The Game of War</i> , fighting between the two armies is dealt with arithmetically.
G-T-4-06	Each playing piece has a numerical combat value for attack and defence which represents its contribution to the life-or-death struggle on the battlefield.
G-T-5-02	Debord's game begins with both sides manoeuvring to achieve tactical superiority at key strategic points on the board.
G-T-5-04	The first priority is ensuring that their troops are able to provide support for each other against the enemy's offensive moves.
G-T-5-05	Imitate Wellington at Waterloo in 1815 who constructed an interlocking defensive line which repulsed every French attempt to break it.
G-T-5-07	But, in the game as in war, this cautious strategy may be able to stave off defeat, but it won't deliver victory.
G-T-5-08	Smashing the enemy's communications network can only be achieved by going over to the offensive.
G-T-5-16	Emulate Bonaparte's strategy in the 1805 Austerlitz campaign.
G-T-5-17	The French army routed the much larger combined forces of the Austrian and Russian empires through first making outflanking manoeuvres which forced them to disperse their troops to protect their lines of communications - and then concentrating its own attack on the weakest point in the enemy's defence.
G-T-5-18	Winning a decisive battle over a key strategic square on the board delivers an elegant victory.
G-T-5-19	Play <i>The Game of War</i> - and you will learn how the combatants of the revolution - by combining in an unstoppable offensive - can impose their will upon the guardians of reaction.
G-T-6-01	'The art of war consists, even with an inferior army, of always having more forces than one's enemy at the point where one attacks or at the point at which one is defending; but this art is learnt neither from books, or through habit, it is an understanding of practice that properly constitutes genius in war.'
	Napoléon Bonaparte, <i>Military Maxims</i> .
G-T-7-01	<i>The Game of War</i> plays at bourgeois warfare to discover the game of proletarian love.
G-T-7-16	In their book-of-the-game, Guy Debord and Alice Becker-Ho take on the roles of South and North.
G-T-7-17	This illustrative contest is a marital affair: the tabletop becomes an erogenous zone where the inventor and his wife face each other in libidinous combat.
G-T-7-27	In their Situationist wargame, competitive play stimulated psychological intimacy between the sexes.
G-T-7-28	Winning or losing were equally pleasurable experiences.

G-T-7-36	By rewarding solidarity in its play, <i>The Game of War</i> acts as a tool of anti-militarisation in our revolutionary struggles.
G-T-7-38	Debord is helping us to explore the political role of violence without being dominated by feelings of fear and revulsion.
G-T-7-39	Playing the <i>Game of War</i> shows how it is only the operation of physical force within the context of a network of communication that leads to victory.
G-T-7-40	Overthrowing the enemy with the minimum of violence is the special military skill which every Situationist must perfect.
G-T-7-42	Breaking the spectacle – the dissolution of the enforcers of alienated daily life – requires more advanced forms of political struggle that go beyond fighting on the barricades or in the streets.
G-T-7-43	It is the bourgeoisie who proclaimed the romantic general – Cromwell, Washington and Bonaparte - as the saviour of the nation.
G-T-7-44	It is the bureaucracy who worshipped the man in uniform - Trotsky, Mao and Che – as the hero of the masses.
G-T-7-45	The proletariat isn't going to make the same mistake. Our revolution won't be militarised – it will be eroticised!
G-T-8-01	'I have studied the logic of war. Moreover, I succeeded, a long time ago, in presenting the basics of its movements as a board game: the forces in contention and the contradictory necessities imposed on the operations of each of the two parties. I have played <i>The Game of War</i> and, in the often difficult conduct of my life, I have utilised lessons from it - I have also set myself the rules of the game for this life, and I have followed them. On the question of whether I have made good use of such lessons, I will leave to others to decide.'
	Guy Debord, <i>Panegyric</i> .

Sable

Ref	Text
S-T-4-01	In <i>The Game of War</i> , while foot units can only move one space, mounted units can move up to two squares during a turn.
S-T-4-03	Cavalry pieces are further enhanced with the ability to make charges.
S-T-5-12	In the period of Horse-and-Musket warfare, mounted troops were the elite of the army.
S-T-5-13	Highly mobile, they acted as its advance guard – outflanking the opposition's defences and raiding deep into enemy territory.
S-T-5-14	Intimidating en masse, the cavalry were an army's shock troops – the irresistible force that swept away all before it.
S-T-5-16	A good general had to know the exact moment to send these precious units into battle to secure the most advantageous objective.
S-T-5-17	Committed too early against the wrong target – as the French cavalry was at Waterloo in 1815 – and the army will have lost its mobile reserve.
S-T-5-18	Waiting too long for the correct moment – like the Austrians did at Arcola in 1796 – and the army will have already been beaten.
S-T-5-19	The actions of the cavalry meant the difference between victory and defeat on the battlefield.
S-T-5-32	Debord understood that an army could lose all of its mounted units in an attack – and still win the game.
S-T-5-33	In 1854, the Charge of Light Brigade destroyed the Light Brigade, but the French and British armies went on to defeat the Russians – demoralised by this demonstration of reckless courage - in the battle of Balaclava.
S-T-5-34	Cavalry are there to be used and abused.
S-T-5-36	Play <i>The Game of War</i> – and you will learn how the artistic and intellectual vanguard must be prepared to fight and die in the victorious proletarian uprising against the society of spectacle.
S-T-6-01	<p>There is a terrible shock effect in a mass of cavalry moving forward. Only pre-eminently brave troops, equally seasoned in morale and well led, will meet it face to face. Forty-nine times out of fifty, one of the forces will hesitate, get into disorder, flee before the fixed purpose of the other. The resolute assailant does not have to slacken. He might not have been able to triumph in this uproar of routed troops without becoming disordered himself. But this disorder is that of victory, of the advance, and a good cavalry unit rallies in advancing, while the vanquished have fear at their heels.'</p> <p>Charles Ardant du Picq, <i>Battle Studies</i>.</p>
S-T-7-01	Proletarians, learn well the lessons of our history!
S-T-7-19	Debord is a good teacher.

S-T-7-22	<i>The Game of War</i> is his meditation on the world-shattering geopolitical upheaval that had shaped the times into which he was born: the defeat of the 1917 Russian revolution.
S-T-7-24	Then as now, radical intellectuals had to ask themselves the key question: do they have the moral strength to resist the temptations of Bolshevism?
S-T-7-25	The working class movement is strengthened when they put their learning in the service of the revolution.
S-T-7-26	But, the Russian tragedy acts as a dreadful warning.
S-T-7-27	The Bolsheviks – the leaders of the oppressed - all too easily became a new class of oppressors.
S-T-7-28	How can radical intellectuals prevent themselves from turning into a little Lenin, Trotsky or Stalin?
S-T-7-29	<i>The Game of War</i> is Debord's answer to the political enigma of Bolshevism.
S-T-7-30	The four cavalry units symbolise Lenin's aptly named vanguard party – the new class of warrior intellectuals who were committed to leading the impoverished masses into the hi-tech future.
S-T-7-31	In this game, the players must learn how to make the best use of these elite troops on the social battlefield without becoming Bolsheviks themselves.
S-T-7-35	It was by organising in the armed forces – and eventually organising the Red Army itself – that Lenin's party was able to defeat its principal enemy: other socialists.
S-T-7-36	Purging their erstwhile comrades on the left gave the Bolsheviks exclusive ownership of the revolution, which quickly led to the military annihilation of the counter-revolution.
S-T-7-37	The Red Army was the living proof of industrial modernity, a complex hierarchy of organisational, cultural, political and technical skills.
S-T-7-38	Compulsory military service became the key institution in the proletarianisation of the Russian peasantry.
S-T-7-41	And it was Stalin who became the oriental despot of this militarised degeneration of socialism into the concentrated spectacle.
S-T-7-42	The victory of the revolution had been bought at a terrible price: the defeat of the revolution.
S-T-7-43	In <i>The Game of War</i> , the players learn how to avoid making the same mistake.
S-T-7-46	During the first decade of its existence, the Situationist International had mimicked the vanguard party in its ideological intensity, with fierce debates over the correct political and cultural strategy decided through bitter splits and expulsions.
S-T-7-48	Then, in May 1968, a revolution took place for real in France.
S-T-7-50	The Bastille of spectacular capitalism was on the brink of falling to the insurgent proletariat.
S-T-7-52	Debord now realised that the Situationist International couldn't act like the Bolsheviks.

S-T-7-54	Victory could no longer be won with military methods on the new spectacular battlefield.
S-T-7-56	Like cavalry units in <i>The Game of War</i> , the intellectual vanguard must sacrifice themselves to open the way for the final assault of the proletarian army.
S-T-7-57	The Workers' Councils – the premonition of cybernetic communism in the present – are the shock troops of our revolution.
S-T-7-60	These are the lessons of May '68 that are laid down in <i>The Game of War</i> .
S-T-7-61	Every proletarian can play at being Lenin, Trotsky and Stalin on its game board so that no one is tempted to become a little Lenin, Trotsky or Stalin.
S-T-7-62	Sacrifice the nomad warriors of the vanguard party.
S-T-7-63	Elite troops are expendable pieces in the struggle to build a truly human civilisation!
S-T-8-01	'It's a beautiful moment when an assault against the world order is set in motion. The charge begins slowly, picks up speed, passes the point of no return, and irrevocably collides with what seemed so unassailable: the bulwark which was so solid and well defended, but which is also destined to be shaken and thrown into disorder. Along the way, many of us died or were taken prisoner; many others were wounded and permanently put out of action; and certain elements even let themselves slip to the rear out of lack of courage; but I believe I can say that the Situationists as a whole never swerved from the line of charge until our formation plunged into the very core of destruction.'
	Guy Debord, <i>In Girum Imus Nocte et Consumimur Igni</i> .

Azure

Ref	Text
A-T-4-01	In <i>The Game of War</i> , the lines of communication bring the two players' pieces to life.
A-T-4-05	This network can be extended by a mounted or foot communications unit which itself is on a straight line radiating from an arsenal.
A-T-4-06	These generals transmit further lines of communication as if they were themselves were an arsenal.
A-T-5-14	Every player of Debord's game should study the campaigns of Frederick the Great during the Seven Years War.
A-T-5-15	This brilliant commander exploited the advantages of keeping his forces close to the centre of its communications network.
A-T-5-16	Moving quickly from front to front, the Prussian army defeated one enemy after another as they failed to coordinate their attacks.
A-T-5-17	The humiliation of the Austrian empire at the battle of Leuthen in 1757 should be an inspiration to every aspiring general.
A-T-5-25	Occupying a narrow front is a sign of strength not a weakness.
A-T-5-26	Bonaparte always manoeuvred to concentrate his forces for the decisive battle which would destroy the enemy's lines of communication.
A-T-5-27	His stunning victories at Marengo, Austerlitz, Jena and Wagram are testimony to the destructive power of this offensive strategy.
A-T-5-28	Military genius can overcome greater numbers and superior weaponry.
A-T-5-29	Play <i>The Game of War</i> - and you will learn how to fight and win on the battlefields of the information society.
A-T-6-01	'The great art of properly directing military operations is the movement of the army to seize the lines of communication of the enemy without imperilling one's own, and this is the most important and most difficult problem in strategy.' Antoine-Henri de Jomini, <i>The Art of War</i> .
A-T-7-13	The rules of <i>The Game of War</i> are a lecture in class warfare.
A-T-7-14	As a game progresses, each player's network has to be developed across an asymmetrical terrain to confront a rival network operating on a similar basis.
A-T-7-15	While the mobile communication units provide a way to construct your own cybernetic system, your combat units can block those of the other player.
A-T-7-16	Likewise you are vulnerable to having your own network disrupted and broken.
A-T-7-17	Each player is the revolutionary proletariat, learning how to build the participatory infrastructure of cybernetic communism.

A-T-7-18	Their opponent represents its evil twin, dotcom capitalism, who contests our class' right to determine the next stage of modernity.
A-T-7-27	In Debord's game, the board is a psychogeographic space.
A-T-7-28	It is topology which determines the making and breaking of the lines of communication – and thereby who will win or lose the game.
A-T-7-30	Not surprisingly, the lessons of <i>The Game of War</i> have already been adopted by the class enemy, whether in the board rooms of big business or in the operations room of this or that military organisation.
A-T-7-33	But we know that it is the essence of capitalism to take our greatest contributions to human progress and turn them into weapons against us: this is the crux of social alienation.
A-T-7-35	Negating this threat, our aim is to teach ourselves the knowledge which will secure the victory of cybernetic communism.
A-T-7-36	Play <i>The Game of War</i> - and learn how to build participatory networks.
A-T-7-37	The future of humanity may depend upon it!
A-T-8-01	'The new epoch is profoundly revolutionary, and <i>it knows that it is</i> . At all levels of world society, <i>we can no longer</i> and <i>we will no longer</i> go on as before. The Situationists are here to combat the spectacle, not to govern it. They do not form a distinct party. The Situationists have no interests separate from the proletariat as a whole. They have freely given themselves, in a very harsh century, very hard rules of the game; and they have gladly submitted to them.'
	Guy Debord and Gianfranco Sanguinetti, <i>The Veritable Split in the International</i> .

Tecnoxamanismo, tecnomagia, ruidocracia

Fabiane Morais Borges

Eu ia naqueles retiros durante os carnavais. Meio do mato, nenhuma droga. Todos viciados nos “dons do espírito santo”: sabedoria, conhecimento, fé, cura, maravilhas, profecia, discernimento, variedade de línguas, interpretação de línguas, e também sonhos, interpretação de sonhos e arrebatamento.

Um desses retiros “pegou fogo”, como se diz na linguagem dos pentecostais, uma experiência sinestésica intensa, como se todos os dons do espírito santo tivessem sido convocados. O mundo terminaria ali, e seríamos levados diretamente para o paraíso. Dois jovens ficaram arrebatados por cerca de 2 dias. Falava-se a língua dos anjos durante madrugadas inteiras, em total concentração – hipnose. Meu dom era discernimento. Eu quase sentia a materialidade das potestades, arcanjos, demônios de várias escalas em luta pela nossa alma. Eu cuidava das vidas. Passava água na cabeça dos arrebatados, que balbuciavam, dava sopa nas suas bocas, tirava gente do rio, salvei pelo menos dois que já estavam no fundo sem saber nadar. Uns cantavam em outras línguas, outros interpretavam. O português (língua comum) como algo secundário. Todo mundo cozinhando junto, tomando banho no rio, chorando, em estado de louvor. Adoração é uma forma de se dar. Os “retiros espirituais” foi que sobrou pra mim de toda experiência com o pentecostalismo, antes da sua dominação pelos grandes Reinos de Deus. A imagem dos pentecostais desgovernados nesse encontro nada racionalista, entregue, dominado por um fanatismo abstrato, imaterial e nada político se tornou uma referência para muitos de nós que participamos.

Quando abandonei as crenças e práticas da religião, caí num buraco gigante, e por anos fi queime sentindo vazia, o espaço demorou a ser preenchido, eu tentava sosinha chegar aos estados de graça que conhecera, mas parecia que tinha sido abandonada. Era uma dor física, algo no estômago, muitos suspiros. Talvez o que diferencia a perda da fé do estado de luto, é que no luto a dor tem a cara de quem morreu, na perda da fé, o luto é por si mesmo. Quem se perde é a gente mesmo, como uma morte em vida. O desencanto têm

seus próprios percursos, se aproxima do nihilismo, uma vontade de nada, de servir pra nada, ou uma sensação de que tudo que se faz é em vão. Um dia discutindo esse episódio com Suely Rolnik, em Águas Belas no Ceará, ela disse, você perdeu a transcendência e caiu na imanência, como nesse deserto de areia branca, eu dizia que não, eu cai num vazio sem volta, num abismo existencial. Tudo era pesado e disforme. A graça que era meu estado habitual anteriormente, que parece ser um óleo tonificante que traz um grau elevado de prazer e sentido para as coisas, se transformou em secura, em vida dura, em uma corporalidade extrema.

Mais tarde, comecei produzir alguns eventos/encontros com essa idéia de ritual ou celebração, utilizando um arsenal de práticas de todo tipo, religiosas, performáticas, psicológicas, atualizando inclusive algumas técnicas pentecostais, como a produção de ruídos (língua dos anjos), ou ainda o tranze das danças coletivas, entre outras. Essas práticas eram pensadas a partir de três pontos: subjetividade – apropriação – resultado estético. Ruidocracia, tecnoxamanismo, ritualística intervenção e celebração, cada um dos eventos eram nomeados conforme os interesses do momento, pondo em evidência suas próprias redes, idiosincrasias e acertos. Estava utilizando como amparo técnico pedais de guitarra, softwares, microfones, projetores trazendo para a cena todo um aparato multimídia a fim de criar espaços ficcionais, ou ainda, realidades aumentadas.

Como as práticas operavam no intermédio entre saúde mental, trabalho corporal e produção multimídia, a questão da “apropriação profunda” ou apropriação da matéria começou a urgir de modo que passei a frequentar alguns workshops de decomposição de hardware, onde se extraem todo tipo de material, metal, ouro, silício, prata, e transforma-se a placa mãe do hardware em um laboratório de energia, com utilização de técnicas medievais de alquimia. Bebe-se o ouro, explora-se as capacidades sonoras do equipamento sendo desestruturado e readaptado. Se extrai do objeto pronto, como um computador, seus elementos primários, transformando em linguagem todo esse processo, seja linguagem sonora, ou qualquer outro tipo de codificação. Para o fim desses encontros prevê-se a comemoração, ritualística ou barulho (o som, o código). O ritual barulho é a comemoração – pode ser festiva, contemplativa ou ainda cerimoniosa. Acontecem depois dos workshops, onde as produções são estetizadas, têm-se as performances, os

áudios, a comemoração do trabalho feito e sua demonstração para mais gente (público).

Vindo do mundo da psicologia tive dificuldades e por vezes total paralização em aproximar o ambiente do êxtase ou do ritual à da apropriação da máquina ou da matéria. Em longas conversas nas redes ou pessoalmente, eu tentava esclarecer se esses pontos eram fundamentalmente distintos, ou se tinham alguma comunicação direta. As perguntas eram mais ou menos essas: como aproximar a experiência do êxtase com a experiência da apropriação matéria? A utilização de equipamentos multimídicos para os processos imersivos produzem alguma relevância cultural, ou é trabalho somente de efeitos? (pensando aqui a utilização dos softwares multimídicos como um modo superficial que talvez ainda não tangencie a experiência de apropriação profunda – hardware/matéria). Qual o papel do construtor ou do artesão nas experiências ritualísticas e subjetivas? Que corpos eram esses que deveriam juntar-se sem perder de vista nenhuma das três instâncias que me interessavam: a apropriação de um certo conhecimento (máquina – matéria), a experiência subjetiva em nível profundo (a entrega, intensificação de presença), a codificação em uma linguagem estética (intervenção, fotonovela, performance, video, instalação ambiental e sonora)?

As oficinas que estava fazendo com Camila Mello e Phil Jones na Europa denominadas tecnoxamanismo, entre outros nomes, buscava conectar ambos processos. Do nosso lado, tínhamos como função explorar os processos ritualísticos, somados as biografias das pessoas. Conseguíamos constituir um território de entrega e de invenção de corpos e sons, que nos rituais de apropriação tecnológica ainda não tinha, pelo menos os que presenciei. A “apropriação profunda” que a gente produzia se dava em um nível muito mais subjetivo, que ia da intimidade ao êxtase, do espaço privado ao espaço público, da cegueira ao carnaval de rua. Mas a condição de “construção”, da relação entre subjetividade e máquina ainda não era feita. No caso do “ritual barulho” o investimento na produção de rituais se davam, mas com menos vigor do que o investimento na máquina. Comecei a entender que a junção de ambos processos poderiam produzir algo juntos, que sozinhos não davam conta.

Nossas propostas não produziam um estado de apropriação matéria, mas se

sustentavam como ritual e produção estética. Dá-se para as pessoas a possibilidade de criar estados perceptivos novos, sinestesia, ao mesmo tempo que traz a tona idéias de celebração coletiva, através de cortejos, procissões, passeatas, retomada do espaço público como espaço de exposição, delírio e criação. .

Nesse sentido, é um trabalho político. Experimenta-se um novo formato de criação de ambiente e realidade (isso não é uma metáfora). Ao criar o ambiente ruidocrático tenta-se inventar respostas em nível micropolítico, a toda a produção política das revoluções recentes das praças, das ruas, no oriente médio, europa, entre outras. A ruidocracia é de algum modo, a provocação de uma situação de amplificação onde emite-se todo tipo de histórias e desejos vem à tona, vem à tona todo tipo de utopia, criando uma zona de honestidade, que necessariamente é ruidosa, dada as diferentes percepções e experiências com o mundo. Nessa escala experimental e aparentemente metafórica, produz-se a sensação política, revelando-se as diferenças e a vontade de universalidade como ruído ambiental. Na praça Syntagma em Atenas tudo isso se evidencia. A praça é dividida em dois movimentos estruturais maiores e outros seguimentos. De um lado os que lutam contra o governo, evocam gritos de guerra, fazem propostas políticas para um novo governo. Do outro lado, redes de movimentos sociais reúnem-se todos os dias para discutir questões em um palanque, onde todos tem direito a falar durante um minuto e meio, sobre propostas coletivas, sem interesse no Estado ou projeto de estruturação de um movimento social único. O ambiente é muito ruidoso, e não se tem mecanismos práticos para criar convergências, a não ser pelas demoradas assembléias ou ainda as bandas de música. Aqui é importante notar os mecanismos que utilizam para as manifestações: presença, discurso e festa.

Fazer política geral com a ruidocracia, salvaguardando direitos conquistados, ao mesmo tempo em que se propõe uma experiência de abertura perceptiva, onde a palavra de cada um perde a predominância ao mesmo tempo que é amplificada, criando uma situação de risco dos discursos, que ao serem amplificados e ecoados não dão sinais somente de empoderamento, mas também de risco, já que por momentos ganham a dimensão de única realidade, é uma megalomania. É uma forma de fazer o participante tangenciar o papel de verdade, ou ainda de imperador, para logo ser submerso em um caos de ordens

e posições ideológicas misturadas à biografias e crenças, onde todo discurso varia entre compreensibilidade e incompreensibilidade, criando estados ora harmônicos ora desastrosos. Mas essa metodologia criaria alguma convergência nas ações, e ainda melhoraria a situação de crise vivido na Grécia? A pergunta vale para qualquer paisagem rebelada.

Evidentemente aqui se constitui um problema de relação entre humano e máquina. Como depender de um sistema de pedais, de um software ou de um dj que no final das contas vai determinar onde entra cada uma das vozes, agigantando ou enfraquecendo sinais? Essa máquina pode ser um software ou um sistema governamental.

É nesse sentido que a apropriação hardware/matéria se torna um elemento fundamental. O construtor, os diferentes construtores são os criadores dos sistemas operacionais (materiais, imateriais, etc) .Na medida em que se cria essa dimensão de construção nas pessoas, sua crença no sistema diminui em troca ganha-se a dimensão da invenção de sistemas, a fé no processo.

Nesse copyleft generalizado de práticas rituais, símbolos culturais e religiosos, uso de softwares, mídias e hardwares, elementos naturais e eletrônicos fui me aproximando aos poucos de pessoas que também se interessavam por esses temas tecnomágicos e nas suas diversas áreas os praticavam. Todo esse universo holista para uns,cosmológico para outros, espirituais para outros, xamânicos para outros tantos e ainda materialista investigativo para outros mais tem uma tendência ecológica e está de acordo com as preocupações atuais da humanidade. Seu papel no mundo, o fim das florestas, o desaparecimento das comunidades tradicionais, o aparecimento do ciborgue, o fim da humanidade enquanto espécie, o fim da natureza. Todos esses fantasmas paupáveis atravessam o imaginário de culturalistas e tecnólogos que por fim desenvolvem trabalhos que conectam as tecnologias com as culturas tradicionais, com a mágica ou ainda, com a alquimia.

Pensando no meu trabalho de "tecnomagia"?, vejo que alguns conceitos nele são absolutamente chaves, como por exemplo: interdependência, colaboração, ritual As

perguntas que insistiam no contexto das minhas próprias práticas eram assim: como u t i l i z a m o s tecnologias de mídia pra faci l i t a r experiências subjetivas profundas num espaço/tempo ritualizado? Para que u t i l i z a m o s tecnologias? Para que r i t u a l i z a m o s processos? Onde está a contribuição do ritual para a saúde mental coletiva? A essas perguntas se somavam outras, tão angustiantes quanto as primeiras: é possível pensar os rituais como contraponto do “cotidiano sensitivo”? Aqui me refiro ao trabalho de Ricardo Brasileiro e Ricardo Ruiz, que atribuem ao cotidiano toda a capacidade de transformação, pensando o ritual, ou o tempo do extraordinário, como algo superficial que não tem poder para deslocar a percepção no dia a dia. Essa questão é de suma importância, já que pensa o espaço do ritual, o fazer r i t u a l sua necessidade ou sua inconveniência.

Esse texto foi publicado inicialmente na revista naborda remixado para este livro - <http://naborda.com.br/2011/crise/tecnoxamanismo-tecnomagia-ruidocracia-e-outras-idiossincrasias/>

Fabiane Borges – Bagé, Rs

<http://tecnomagxs.wordpress.com/>

<http://rede.metareciclagem.org/>

<http://material.xn.org.uk/doku.php?id=decrystallization%3Aimages>

<http://toscolao.devolts.org/?toscolino>

<http://submidialogias.descentro.org/>

<http://m i d i a t a t a c a . i n f o/>

<http://ryanjordan.org/>

<http://filosonias.pravida.org/>

<http://giulianobici.com/sitelinico.html>

www.giulianobici.blogspot.com

<http://vimeo.com/21358048>

<http://vimeo.com/23837120>

<http://vimeo.com/21540152>

<http://vimeo.com/21355165>

<http://www.youtube.com/user/catadores#p/u/6/dp5IjbCXG5M>

<https://picasaweb.google.com/catadores/MetasubcibertransERitualDeCiberpsicomagiaLink>

[HttpWwwYoutubeComWatchVnRmbQQM2J0Fea](http://www.youtube.com/watch?v=VnRmbQQM2J0Fea)

<https://picasaweb.google.com/catadores/Eroticomia02>

<http://cassandras.multiply.com/journal/item/110/110>

http://cassandras.multiply.com/journal/item/91/metasubcibertrans_por_Dolores_Galindo

http://cassandras.multiply.com/journal/item/90/Processos_Imersivos_e_Reciclagens_de_Singularidades_para_Multitudes

<http://cassandras.multiply.com/journal/item/35/35>

<http://catahistorias.wordpress.com>

Etc, etc...

Camilla Melo e Fabi Borges



Camilla Melo e Fabi Borges



Camila Melo e Fabi Borges



Camila Melo e Fabi Borges

texto sub arraial

George Sanders

o que propormos nessa ordem? parte 0,3 versículo ventrículo 22 ou [01 3475382-7!]

que ordem ordinária!!! de sub-"verter" - verter e in-verter. . .

sempre ver sendo...donde transbordamentos em equifases alquímicas nos interpõem-se sem dar ouvidos por nossa mente raciocinante ao alcance gigantesco aos espectros de corporeidade e presentificação dentre ínfimos momentos espaço-tempo donde se perceptível fez alentar antenadas percepções e múltiplas inteligências somadas a uma disparidade de interconexões trazida não só ao ocaso acaso se não mesmo algo propositado quando se quer antipredeterminar. . . vários alcances se estabilizaram entre as tribos artehacker e os pataxós entre conexões bailuxisans regida que outrora já se fazem continuadas. . riquezas de ouvires aparente-mente dispare que naquele momento se pode escutar. . e quão delicadezas e respeito mútuo pela arte do encontro apresentado... o instante é parcela mágica dá qual potencializamos , dentre outras camadas subliminares de empatias essenciais até então a nós reativadas. . a.tribo darte hacker se mistura ao que mais temos de ancestralidade de sabedorias indígenas que donos desta legítima terra aproximamos vertendo sua simplicidade de universos a nós tão pouco evocados. . . tropicataliza-mo-nos este instante nada de uma de turistansitando apenas....por preposições disto que peixe-morto assim nos alimentamos implicando em tal relação simbiótica, e sendo mais pra um radicalismo de quem nos dita tamanho grau(eco)nômico rasgando na pele da terra suas sanguessugas drenos metálicos que sugam o mais puro negro sangue que dela dentro que de onde sempre deve ficar... que isso fique claro de onde temos que frear pois agora ao Brasilme parece como um grande vilão alimentador desse globalizado plástico capitalístico cognitivo econômico poluente aquecedor caminhante pro 1 ° status pro puta país que claro, tem seu mérito, antepasto pra nucleares afogamentos disputados por poligarquias dos grandes piráticas que continuam a jogar xadrez financiador de poderes e munições cuspe na mão... como na religião ainda que disfarçados todos estamos de Democracia. . não há suicídio! mas que tipo de holocausto nos lançamos quando nenhuma cota de discernimento de refrear ate então eco emboscada definitivamente se fez. . e sim, cat[astrofes planos do IIRSA e BID

em, repartindo a Latinoamerica que se destroçam e suas populações originárias choram a terra retirada, incredulidades diante a qual julgo e os Direitos Humanos ç Belo Monte. . . refresco a mente quando arte pulo muito rapidamente em flashes das multiplicidades que se passaram por ali de instante de Arraial pois que me acompanham são como penetrantes das camadas em mim já habitadas... se flamem nossos seres aos ares , estandardização de turbilhões revoltosos de indignações caladas por acharmos por não sermos um sub deste subprodutos de restos de subjetivação e que por isso ainda podem de forma digna propiciar tamanho a potencialidade de um corpo sócio anímico mais atento e radicalizarmos sim pra apontar tais frequências alteradas que capturamos e transcodificamos e podemos/ necessitamos aprontar aclamar...Na Contra-mão não existe mais. . . Nos damos ouvidos. sabemos pra onde catalisar e tornado o se7e pinto sete pensene [pensamento q gera sentimento que gera emoção]pra isso tudo e que temos nos servido de avaliações. . . mais alcances alvos conquistaremos pois a florescência ainda esta no vir-a-ser. . . esperado e. . . que nunca se alcança pelo deleite do devassim sendo a potência cresce e o poder transformador também... multiplicadores submidiáticos de plantão prospecção projeção holografia poiesis subliminaridades desmanches a-construções. . . utopia ainda que tarda por ~~ex~~ existe! parafraseando o que dizem por ai. . . Geo.

georgesander. multiply. com



George Sander

OS JORNAIS PIORAM PORQUE
VENDEM MENOS OU VENDEM
MENOS PORQUE PIORAM?



Four no borders notes on matter ⁱ

Hilan Bensusan

1 .

Is matter a repository of subverted politics? Does it hold the key to turn the existing bodies of flesh, data and text inside out? I have been reading Le Clézio's essay on L'extase matérielle. It is a big praise on the powers of matter beyond what is merely actual. He pictures matter as reminiscent of a time with no struggles - where there is nothing to hate and yet nothing to understand. No object. No crystallised being. A time, that is not an archaic moment but rather an epoch to be claimed, where everything was at stake and nothing had a beginning or an end. Yet this is not a time gone, he goes. It is an epoch that subsists. It is rather a time always present. He says there is a world of objects, the world where he finds himself being one of them, a subject. But there is a simultaneous world of matter - a piece of heaven or hell that lies about. Matter is like sleep where the objects are the objects of dream. And, to be sure, Le Clézio insists that he is talking about matter, about a material substratum to all objects.

The issue concerning ontogenesis is whether objects need something else to provide for their origin. Hamilton Grant claims that somatism is blind to ontogenesis. Somatism is the image of the world according to which there are nothing but bodies. Bodies, or instituted alliances, reinforced networks, or objects. Object-oriented approaches could reply that there is no origin beyond objects (no origin of contents beyond concepts, when we move to the ontology of thought). The claim is that there is no space between the objects, no space for interaction - nothing acts but objects, nothing is acted upon but other objects. No vacuum. No potentia. Just an abundance of objects - like in a shopping mall. So, for an object-oriented approach, either objects come from objects or they come from nowhere (either objects can provide an ontogenesis or ontogenesis as a question would have to be dispelled).

The issue of ontogenesis is politically explosive. Jonathan Kemp, in an essay of this book (Submidialogias 2012) takes objects to be a product of a crystallisation by capital.

Underneath the objects - under the surface of the produce of capital - lies rougher materials to be uncovered in order to unveil hidden potentialities. Kemp claims that the struggle around capital is the struggle between informed objects and the non-crystallised matter, from where other objects can arise. From crystallised objects no object is left below nothing but the objects blessed by capital. Matter is a political way out. Objects bred by capital will never give rise to anything but more shops. They were concocted for shopwindows. Surely, if matter turns all this inside out, it can take us to this path astray. Humans, as Nick Land has been insinuating, might have to go with the objects they have been building and cherishing. Matter is like a volcano and its god is a lobster.

2.

Reading matter. Talking to it. Or to material things. Or to the alien. Talking beyond the sticky gunk that we made out of words. In Avatar, the film, there is a scene where the earthling is taught to ride the flying horse by concentrating his thoughts on where he wants to go. It is common in plots where nature is somehow directly accessed and features some measure of mind reading. Or, rather, matter reading. Salt detecting water, ticks registering mammals, bees seeking flowers, a ball reading off the presence of a wall and animals noticing body temperature variation. What is the content of what is read is a common issue in both mind and matter reading. Does the tick read off a species or an increase in comfort? Or could we circumvent the content issue altogether by saying that they merely react? The frog reacts to the passing fly – but what does it react to when it reacts to the passing fly?

The problem with mind reading – like the flying horse supposedly could do – is that of private content. The human character's mind – or for that matter, his brain connections as they say in the film – is arranged in a way that cannot be read without a compiler. It is like my own private mess where I can find last month bill in a page of a book on Anaxagoras but no one else could find it. The problem of private content is what Wittgenstein was hinting at around sections 250 to 350 of the Investigations. Consider the example in section 257 – one of my favorites. The ingenious child concocted a private word for toothache after experiencing an episode of toothache without expressing any public signs of pain (yelling, complaining etc). The issue is whether she can go on applying the private word to correct

cases of toothaches (and not to itches in the mouth, to pains in the finger, to metallic sounds or to whatever she finds relevantly similar to the inaugural episode of her private word). If she yells, for instance, an adult can teach the public word to her because there is a common, publicly observed action associated with the ache. Further, if someone yells and presses her hand against her mouth, other people can go and do expression-reading to detect the pain.

What is at stake in mind-reading is how much of it boils down to matter-reading. The flying horse can maybe read not the connections in the rider's brain but rather how this connection affects his body. The horse can exploit the regularity between wanting to go ahead and some features in the body. Thinking is not just a matter of neural connections but also about impact on cells, hormones, neurotransmitters etc. Memory is in the body – and so is mind-reading; what is called intuition involves a measure of exploiting traces left in the matter. Surely, conceptual abilities could make it very difficult the task of matter-reading thoughts. In Wittgenstein's discussion of William James' Mr Ballard (section 342 of the Investigations), he wonders how can the deaf-mute man know that in those rides long before acquiring the rudiments of written language he was wondering about God and the world. One possible answer, albeit possibly not terribly plausible, would be that he detected the same body impressions he had earlier later in his life when he could think in public words. Detection is a matter of finding resemblances – it is about the spontaneity. Sometimes these resemblances are reflected on the body so that they can be detected independently. Mr Ballard has some changes in his body related to a content – say, thinking about God. Two resemblance detectors coincide – the one that depends on the concept “God” and the one dependent on the body change. That they coincide (enough) is a fortunate chance. But isn't matter part of the story to be told about mind-reading? Isn't this hylephobia one of those epidemic diseases that closes the ways for humanoids?

3.

Been thinking more and more in terms of two poles: object and matter. The undone and the instituted. Objects are there because they are gestiftet, that is instituted or rather sponsored. Matter is the cash on which things are sponsored. The relation of matter and

object could be that of an ontological surplus value. Objects take out of the matter their virtualities so that they can subsist. And it pretends that forms are like capital, coming out of the blue sky and not from the mud of the dirty ground. Disrupting objects are like disrupting a landscape of sponsored cogs. Humans would then have to go back to the floor, their drawing board, the cradle of Nanã, of the Pachamama, of the worms that prey on the ontogenesis of all solid things, those who graze on virtualities.

They are corners of the crossroad of existences where the virtual becomes exuberant and the actual turns into a hub. These are interesting transition points because there the thing becomes unthinged (unbedingte, in the Schelling word that Hamilton Grant stresses) as what is harboured inside the physics of things exudes. It is not so much, for Hamilton Grant, that matter in nature is unconditioned, it is rather that they are unthinged. It is sheltered in things - the genetic question that all recapitulation theories address is how matter generates bodies - and yet it is not fully employed there, it holds on to an excess of productivity. On this excess hinges the physics of what is invested into a body - notice the Spanish term of investment: inversion - but also the physics of ideation. On both these physics rely the relation between information and the body. Matter, thought of as dynamic and self-constituting by Schelling, is invested in bodies but retain the network connections that make them interact - its physics, the physics of all Matter becomes bodies but there are also corners where bodies dissipate in matter and its self-constitution.

To talk about this process of turning bodies inside out, Felipe Fonseca uses the William Gibson word «eversion». It is not about a confederation of virtualities concocting something in the genetic question, but rather extracting the connecting matter from the bodies. The bodies become no more than a sign-post for a hub of connections, a platform for interaction. That is, eversion of the unthinged. Fonseca discusses then the movements around an internet of things and intranets of things ([http://desvio. cc/](http://desvio.cc/)). The issue is about how much eversion is allowed to happen, how much of the unthinged elements the things are made to exude. The political battle, he suggests, is no longer only about connectedness but rather also about how things evert their connections.

4.

Pure potentiality. Isn't it money? Money spreads potentialities. It makes them flow. Also, it stores them. Enough to think about Rodrigo Triana's 2006 flick, "Soñar no cuesta nada". A

bunch of soldiers uncover packets and packets of cash and that was a trigger for many dreams. Dreams are departures from the existing, they are believable because they are possible - potentially existing. In any case, money incarnate potentiality that didn't turn into anything yet. (The actualist, by the way, could have problems understanding the value of money as such.)

The idea of matter is that of something that has no more than a one dimension limitation: that of its quantity. Matter is presented as independent from any form as form is the interval that shapes it. But is it? Surely, it has a rhythm. Potentialities shake. Surely one can find things common to the mobile phone by my side and the potato I'm eating - for instance, electrons. They also have a price. Money desires matter. It craves for its naked concreteness. It desires a passive, invisible concrete. Matter, as Jane Bennett would put, vibrate, tremble, have capacities, lack resources, make alliances and enjoy their particular matrix of speed. There is no such thing as the servant waiting for orders. A passive matter is a product of a fascist metaphysical imagination. Pecunia non olet. Money reflects a matter that doesn't smell. It is a rip-off of the working stuff. First, make it passive. And then, buy it through. A world of objects – that money can buy.

Passive materiality has all sorts of implications and the idea is probably deeply entrenched in current western thought. (It's sexuality has been debunked by Butler when she points out how the idea of matter is also hostage to a specific sexuality - in the first chapter of "Bodies that Matter". Guided by some Irigarayan intuitions, she links it to the erotics of domination.) The alchemy that turns matter into money is a move within its economy. Or is it rather the erotics of money? It desires matter, it wants to possess matter – it wants to become matter. Money wants to become a raw material (the wealth that carries no smell). That's the economic result of our ontological set-up: wealth should be understood as having no form, it is pure flux, has no shape, no bound, no boundaries, no territory. Pure potentiality. Money flirts with what can be made. There is a price to everything – a common denominator. Money is out to replace matter. It wants to constitute every object. It is about what is unveiled when we turn objects inside out – is it a price label attached, or a vibrant mud? The ontological struggle: matter vs money. . .

Of course, money doesn't buy the hunger of a wild animal. But it buys a fence to keep it off.

i - This notes are revamped from recent posts in No Borders Metaphysics (anarchai.blogspot.com);

THE WORKING WOMAN

**The dog was the butcher,
the cat was the baker, and the
frog the candlestick maker...**


This story was produced by four cultural workers during a three-day workshop titled 'Photoromance for Precarious Workers' at the Wyspa Institute of Art in Gdansk, Poland. The Carrot Workers Collective facilitated the workshop.



**Oh, no! Not again!
Now even my daughter
is asking me
THE QUESTION.**



10 years earlier...



Ania, Ania, always studing, never thinking about your future. And what will you do? What will be your job?

Well, since I am studying Visual Cultures and Anthropology, maybe I could become... Umm, well...

Can you believe this?! She cannot even answer a simple question. And what is Visual Cultures and Anthropology anyway? It's not even a proper discipline!



**Oh Ania, Ania.
You will end up like your
cousin Kasia, working in a
bar in London - no home
and no boyfriend. What a
shame for the family.**



cultural anthropology | kal ch aɾal anθɾpələjə |
noun

the comparative study of human societies and cultures
and their development [...]



**Why can't she
be a surgeon
like her cousin
Asia? At least after all
those years of studying
Asia makes good money.**



Time went by and Ania finally came close to graduation...

Do you have plans for what you are going to do after university, Patrycja?

Oh... I am not sure. I have got an offer from an art gallery... by the way, there is a fantastic private view tonight, do you wanna come?

Sorry, I can't - I have to go to my internship tonight, and later I have to work on a funding application.

She is so amazing, she knows everyone, How does she do it?

Patrycja Pelowska, daughter of Jan Pelowski, owner of the Pelowski Arts Centre.



**After many attempts,
Ania finally got The Grant...**



**Grant
Mother**

**MAGIC
MOMENT**

Dear Ania, 

We have received your letter and are pleased to inform you that your application was successful. Congratulations!

We will be looking forward to your letter

I don't know, but if this makes her happy...

What does it mean that this grant is just for one project ?!



**After a while
the grant
was spent and
the spell
was broken...**



**Why are you going
back to school? What
happened to the grant?
Does this mean that
you're unemployed
again?!**

Dear Ania,



*We have received
your letter and
regret to inform
you that due to
the overwhelming
amount of strong
applicants, your
application was
not successful.*

Best regards,



**Why don't you
talk to your cousin
Kasia in London?**

Back at the library...

**I have to study more.
I have to learn more languages.
I have to do another internship.**

**...maybe I should
really call my cousin
Kasia and go to
London...**

RING RING

**Oh! Hi Patrycja!
How are you?**

**Hello darling!
The Dubai Biennial is fabulous!
The new Polish Pavilion is
soo controversial!**

**Oh, thank
you for thinking
of me...**

**By the way, my
friend Andrzej at
the MOOKKA is
looking for an
intern, I mentioned
your name, you
should totally give
him a call.**

**All this time
studying and doing
projects, I should have
just asked Patrycja for
one of her contacts!**



**Later that week at
the MOOKKA...**

**Brygida Kozak
Chief Curator
of
MOOKKA**

**So...
what did you
think of the
Polish Pavilion
at the Dubai
Biennial?**

**Andzrej Rotterman
Director
of
MOOKKA**

**She would
look very good
as an assistant...**

**I was just telling my
friend Patrycja that I
thought it is *soo*
controversial...**

**...and the job
was hers!**

**Finally
working at
MOOKKA...**

**Aneczko! Hurry up with
that! We need you downstairs
for the private view!**

**And could you please get
changed? You know how important
this is for OUR reputation!**



**Could you please
don't touch!**

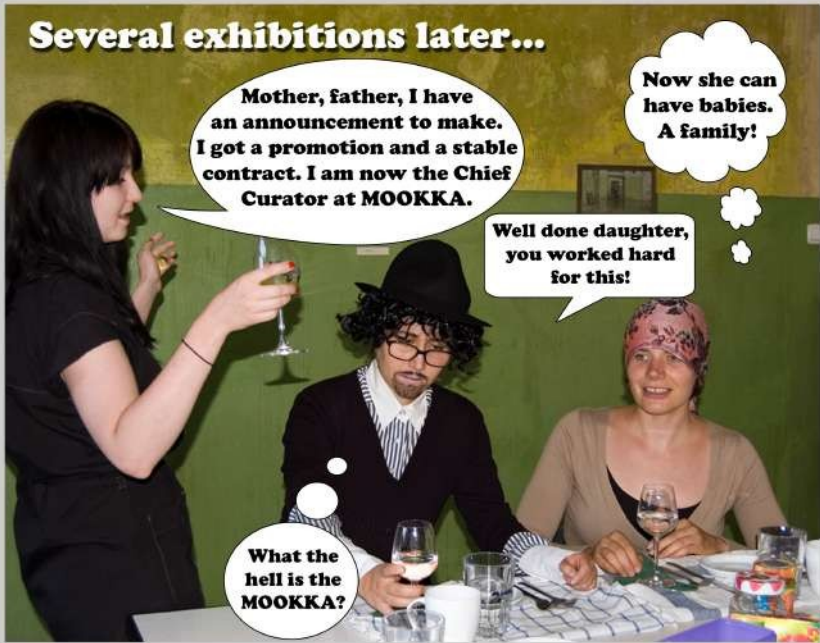


**Could you please
don't touch!**



**Could you please
don't touch!**

Several exhibitions later...



**So mummy
now that you
are a curator at
MOOKKA, what
do you do?**



**Darling,
let me
answer
this one.**



**Mommy is
daddy's assistant.**



The End

**This story is based
on the personal experiences
of working conditions in the
cultural sector in Poland.
All contributors
were women.**